André Lemos
André Parente André Vallias
Alfredo Manevy
Bernardo Esteves André Stolarski

cultura digital.br

Antonio Risério
Claudio Prado
Eugenio Bucci
Franklin Coelho
Guido Lemos

Eduardo Viveiros de Castro
Jane de Almeida Fernando Haddad Hélio Kuramoto
Juca Ferreira
Gilberto Gil Laymert Garcia dos Santos
Ladislau Dowbor
Lucas Santtana Nelson Simões
Marcos Palácios Marcelo Tas

Ronaldo Lemos
Sergio Amadeu
Suzana Herculano-Houzel

ORGANIZAÇÃO
Rodrigo Savazoni
Sergio Cohn

cultura digital.br

ORGANIZAÇÃO
RODRIGO SAVAZONI
SERGIO COHN

azougue editorial
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C974

Cultura digital.br / organização Rodrigo Savazoni, Sergio Cohn. - Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2009.
312p.
ISBN 978-85-7920-008-3

1. Comunicações digitais. 2. Comunicação e cultura.
3. Sociedade da informação. I. Savazoni, Rodrigo. II. Cohn, Sergio, 1974-.

09-3559. CDD: 303.4833
CDU: 316.422

20.07.09 20.07.09 013851

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso não-comercial-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite http:/ www.creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/.

[2009]
Beco do Azougue Editorial Ltda.
Rua Jardim Botânico, 674 sala 605
Jardim Botânico - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22461-000
Tel/fax 55_21_2259-7712

www.azougue.com.br

AZOUGUE - MAIS QUE UMA EDITORA, UM PACTO COM A CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

Ministro de Estado da Cultura

Alfredo Manevy

Secretário Executivo

José Luiz Herencia

Secretário de Políticas Culturais

REDE NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA - RNP

Nelson Simões da Silva

Diretor Geral

José Luis Ribeiro Filho

Diretor de Projetos

Antônio Carlos Fernandes Nunes

Gerente de Projetos Especiais

Alvaro Malaguti

Gerente de Projetos

COORDENAÇÃO EXECUTIVA DO
FÓRUM DA CULTURA DIGITAL BRASILEIRA

José Luis Herencia

Secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura

José Murilo Jr.

Gerente de Cultura Digital do Ministério da Cultura

Daniel Merli

Coordenador de Comunicação do Ministério da Cultura

Álvaro Malaguti

Gerente de Projetos da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa

Antonio Carlos Nunes

Gerente de Projetos Especiais da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa

Rodrigo Savazoni

Consultor da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa

Cláudio Prado

Coordenador Executivo do Laboratório Brasileiro de Cultura Digital

cultura digital.br /

Provocações
Rodrigo Savazoni, *7*

Por uma cultura digital participativa
José Murilo Carvalho Junior, *9*

As jamantas da cultura
Alvaro Malaguti e Antonio Carlos F. Nunes, *13*

/ política da cultura digital /
Juca Ferreira, *18*
Fernando Haddad, *24*
Alfredo Manevy, *34*
Claudio Prado, *44*

/ economia da cultura digital /
Ladislau Dowbor, *56*
Sergio Amadeu, *66*
Eduardo Viveiros de Castro, *78*
Ronaldo Lemos, *96*

/ infraestrutura para a cultura digital /
Nelson Simões, *106*
Franklin Coelho, *116*
Guido Lemos, *124*
André Lemos, *134*

/ arte e tecnologia digital /
André Vallias, *152*
André Parente, *164*
Jane de Almeida, *180*
Lucas Santtana, *188*

/ COMUNICAÇÃO DIGITAL /
EUGENIO BUCCI, *202*
ANDRÉ STOLARSKI, *214*
MARCELO TAS, *230*
BERNARDO ESTEVES, *242*

/ MEMÓRIA DIGITAL /
MARCOS PALÁCIOS, *252*
HÉLIO KURAMOTO, *262*
SUZANA HERCULANO-HOUZEL, *274*

/ CULTURA DIGITAL.BR /
LAYMERT GARCIA DOS SANTOS, *284*
ANTONIO RISÉRIO, *294*
GILBERTO GIL, *302*

EXPEDIENTE, *310*

Provocações

Rodrigo Savazoni

O livro CULTURADIGITAL.BR é uma obra de intervenção. Foi pensado para provocar reflexão e ação em seus leitores. Goste ou não do que vier a ler aqui, participe da discussão sobre a cultura contemporânea conosco no endereço web WWW.CULTURADIGITAL.BR. Lá, o livro continua. Com outros autores, em rede, de forma horizontal. Lá, também, teremos uma interface navegável do livro, para que você possa produzir suas próprias narrativas a partir das provocações que compilamos.

Nosso intento com este trabalho é produzir provocações sobre a cultura digital. Sabemos que as ideias sobre este nosso mundo acelerado ainda não decantaram. O nosso voo é inteiramente percorrido dentro de nuvens, por isso os efeitos da turbulência são permanentes. Neste ambiente, as sínteses são impossíveis. A rota parece infinita. Mas nós resolvemos percorrê-la, com a certeza de que o Brasil encontra-se em posição estratégica e conhece alguns atalhos.

A seguir, você irá encontrar mais de 20 entrevistas, realizadas em São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Brasília. Organizamos uma mostra bastante representativa do pensamento contemporâneo brasileiro sobre cultura digital. Gente do governo, do mercado, da sociedade civil organizada, da academia, que se dispôs a pensar conosco, em conversas abertas, sobre as

mutações em curso. Este livro, sem dúvida, é reflexo da inteligência dos nossos entrevistados.

As lacunas são, evidentemente, de responsabilidade dos organizadores. Muitos nomes que gostaríamos de ter aqui não entrevistamos. Fazendo as contas, daria para fazer, pelo menos, dois outros livros como esse, o que só mostra o vigor brasileiro nesse campo do pensamento. O formato escolhido é muito simples (entrevistas) e, por isso, seria fantástico vê-lo reproduzido em outras publicações.

Esta obra é parte integrante do Fórum da Cultura Digital Brasileira, processo proposto pelo Ministério da Cultura em parceria com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa e a sociedade civil organizada. O propósito do Fórum é articular os cidadãos brasileiros para a construção de políticas públicas democráticas de cultura digital.

Eventos presenciais ocorrerão durante todo o segundo semestre de 2009. O diferencial, no entanto, consiste na utilização de um site de rede social para organizar os debates no plano virtual. Nesse ambiente, os interagentes podem organizar sua rede política de relacionamentos, construir grupos e fóruns de discussão, propor atividades e conversas, produzir um blog, entre outras atividades.

Agende-se e participe, ajudando-nos a construir a cultura do presente.

Por uma cultura digital participativa

José Murilo Carvalho Junior

"O software livre é uma possibilidade dessa meninada reinventar coisas que precisam ser reinventadas."
Luiz Inácio Lula da Silva (Discurso proferido no 1º FISL, POA, jun/2009)

Cultura digital é um termo novo, emergente. Vem sendo apropriado por diferentes setores, e incorpora perspectivas diversas sobre o impacto das tecnologias digitais e da conexão em rede na sociedade. Interessa ao Ministério da Cultura convocar uma reflexão coletiva ampla sobre estas perspectivas, fomentando a participação de todos os interessados em um processo inovador de construção colaborativa das políticas públicas para o digital.

O barateamento do computador pessoal e do telefone celular, aliado à rápida evolução das aplicações em software livre e dos serviços gratuitos na rede, promoveu uma radical democratização no acesso a novos meios de produção e de acesso ao conhecimento. A digitalização da cultura, somada à corrida global para conectar todos a tudo, o tempo todo, torna o fato histórico das redes abertas algo demasiadamente importante, o que demanda uma reflexão específica.

Recente debate na blogosfera em torno de um artigo da revista *Wired – The New Socialism*, de Kevin Kelly – levantou a questão da falta de termos ade-

quados para comunicar os fenômenos em curso no âmbito das redes. A resignificação do termo "socialismo" para se referir aos arranjos inovadores de compartilhamento e colaboração típicos dos coletivos conectados pela internet gerou controvérsia e foi contestada de forma veemente por Lawrence Lessig, jurista norte-americano conhecido por seu ativismo na revisão das leis de direito autoral.

Lessig argumenta que estamos diante de algo totalmente novo, e que não é adequado reutilizar termos carregados com significados anteriores para descrever o cenário atual. Sua preocupação parece estar ligada à noção tipicamente norte-americana que estabelece uma razão direta entre a autonomia dos indivíduos e o poder do Estado, essência da disputa clássica entre direita e esquerda. Entretanto, como argumenta Kelly, o tal "socialismo digital" ("socialismo sem Estado"?!) parece agregar em suas hostes tanto os libertários clássicos que odeiam governos em geral, quanto os movimentos políticos globais críticos ao domínio excessivo da lógica de mercado.

Enfim, existe uma real carência de representação conceitual para os fenômenos surgidos no âmbito da cultura digital. Yochai Benkler, que refletiu criativamente sobre a possibilidade de uma teoria política da rede, enxerga na emergência das redes sociais e da produção dos pares uma alternativa a ambos os sistemas proprietários fudamentados nas lógicas do estado ou do mercado. Este novo "sistema operacional" da cultura seria capaz de fomentar ao mesmo tempo criatividade, produtividade e liberdade, satisfazendo igualmente às demandas tanto de indivíduos quanto de coletividades. Benkler fala de uma 'cultura participativa'.

Com a chegada de ferramentas de colaboração ubíquas, instantâneas e baratas, torna-se possível promover espaços de debate e construção coletiva onde modelos de coordenação pública descentralizada podem criar soluções inovadoras para as questões apresentadas pelo século XXI. Tal implementação tecnológica no ambiente das redes digitais, aliada ao conceito de 'cultura participativa' de Benkler, cria a possibilidade de se aproximar perspectivas que antes pareciam excludentes, convidando à conversa aberta grupos de interesse que se especializaram em confrontos e trincheiras.

O Fórum da Cultura Digital Brasileira

Para que seja possível entender melhor as diversas partes que integram o mosaico da cultura digital, e facilitar a participação do público interessado

em acompanhar e colaborar no processo de construção das políticas públicas e marcos regulatórios que irão formatar o setor, o Ministério da Cultura propõe a realização do Fórum da Cultura Digital Brasileira.

O processo se inicia com o lançamento da rede culturadigital.br, que convida especialistas e redes de coletivos culturais e ativistas a registrar perfil e referências digitais (seu blog, twitter, delicious, youtube, etc.) na rede do Fórum. O espaço se propõe a agregar as pessoas e o fluxo de conteúdos de forma inteligente, organizando a participação e documentando o debate. Eventos presenciais e online durante o segundo semestre de 2009 irão ativar a conversa nos cinco eixos temáticos orientadores propostos: memória, comunicação, arte, infraestrutura e economia. O presente livro cumpre a função de coletar e apresentar insumos iniciais para aquecer o debate, que será consolidado em um seminário internacional a ser realizado em novembro.

Importa sublinhar que o processo do Fórum da Cultura Digital Brasileira acontece em paralelo com importantes debates sobre marcos regulatórios e políticas públicas que afetam diretamente o cenário da cultura digital. A nova proposta de lei para o direito autoral que será apresentada pelo MinC para consulta pública, e a Lei do Cibercrime (lei Azeredo) a ser votada na Câmara dos Deputados, tratam de temas estruturais para a governança do ambiente digital. As conferências nacionais de Cultura e de Comunicação coincidentemente também estarão em curso, o que torna este segundo semetre de 2009 um momento especial de reflexão sobre o futuro que queremos para o país.

A coordenação do Fórum da Cultura Digital Brasileira desde já coloca o ambiente da rede culturadigital.br à disposição de todos que desejarem organizar e documentar conferências livres e/ou outros eventos específicos relacionados aos processos mencionados. Entendemos que o momento é propício para que sejam exercitadas novas formas de se desenvolver consensos e de se construir propostas. A perspectiva da cultura digital efetivada pelo MinC busca introduzir elementos inovadores que facilitem o engajamento e promovam maior e mais efetiva participação dos cidadãos interessados.

As pessoas mais criativas jamais estão reunidas todas em uma só empresa, ou governo, ou organização, ou país. Abrir os processos de construção de políticas públicas na rede, facilitando a colaboração dos interessados, é uma iniciativa quase óbvia neste início de século. Promover a inovação distribuída em questões de governança pode qualificar a democracia, transformar a sociedade.

As jamantas da cultura

Álvaro Malaguti e Antônio Carlos F. Nunes | RNP

O ano de 2009 comemora duas décadas do início de um projeto que viabilizou o uso inovador da tecnologia em território nacional, com a constituição de uma infraestrutura de rede e serviços avançados para servir à comunidade acadêmica brasileira, a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). Trata-se de uma data a celebrar, não só pela trajetória percorrida, mas porque o ano também inaugura uma nova fase da parceria entre a RNP e a cultura, com a entrada do Ministério da Cultura (MinC) no Programa Interministerial de Implantação e Manutenção da RNP.

Entre outras ações, esse programa irá conectar importantes instituição da cultura nacional, como a Biblioteca Nacional, a Funarte, a Cinemateca Brasileira, o Centro Técnico Audiovisual (CTAv) à infraestrutura multigigabit proporcionada pela RNP. E isso é só o começo. Um dos fatores que leva a RNP a participar da construção do Fórum da Cultura Digital Brasileira é a necessidade de compreender as demandas dos cidadãos que vivem a cultura, para então poder pesquisar alternativas e soluções afeitas às necessidades dos criadores do século XXI.

Vivemos um momento de profundas transformações. Desde a década de 1970 experimentamos um mundo caracterizado por um meio técnico-científico-informacional, que se distingue dos períodos anteriores da história em

virtude da profunda interação da ciência com a técnica. Nesse cenário, a informação assume papel essencial nos processos de produção, não só de mercadorias, mas também na organização do espaço, exigindo que o território seja cada vez mais equipado com objetos técnicos que facilitem sua circulação em redes.

Antenas, cabos submarinos e satélites são alguns destes objetos que marcam cada vez mais a paisagem ao darem origem a redes de comunicação eletrônicas.

Neste contexto de interação entre técnica e ciência, a implantação das redes de telecomunicações em alguns países por meio da aproximação entre setores da comunidade acadêmica e governos deu origem às National Research and Education Networks – NRENs (Redes Nacionais de Ensino e Pesquisa). Tendo como principal objetivo a integração das comunidades acadêmicas dentro e fora dos seus respectivos territórios nacionais, as NRENs foram implementadas por meio de modelos e arranjos institucionais que variaram de acordo com cada país, como a Advanced Research Projects Agency Network – ARPANET, nos Estados Unidos, que a história registra como o embrião do que popularmente chamamos de internet.

No Brasil, as primeiras conexões às redes globais de computadores foram estabelecidas em 1988 com a ativação de um enlace de comunicação do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), no Rio de Janeiro, com a Universidade de Maryland (EUA), por meio da rede BITNET (sigla de Because It´s Time Network, uma das primeiras redes de conexão em grande escala), assim como a conexão da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com o Fermi National Laboratory (Fermilab) de Chicago (EUA).

No ano seguinte, em 1989, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) deu início à implementação da NREN brasileira lançando, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o projeto Rede Nacional de Pesquisa (RNP). Durante sua existência como projeto, a rede teve sua capacidade e capilaridade ampliadas, dando um forte apoio no surgimento de provedores comerciais de serviços de Internet.

Dez anos depois da criação do projeto RNP, em 1999, o Ministério da Educação (MEC), por meio da instituição do Programa Interministerial de Implantação e Manutenção da RNP, passa a compartilhar os custos da rede com o MCT. Em 2002, a RNP deixa de ser um projeto e é qualificada como Organização Social (OS), responsável pela prestação de um serviço de inte-

resse público. E chegamos então a este novo marco, que é a entrada das jamantas da cultura, essas que precisam de estradas largas, na rede de altíssima velocidade.

O que podemos fazer com isso?

A aproximação e abertura da rede acadêmica, tradicionalmente um território das ciências exatas, para as ciências sociais aplicadas e as artes é algo que só agora o mundo começa a experimentar. Trata-se de uma aposta que estamos fazendo. Uma aposta por colocar a rede a serviço daqueles novos fluxos capazes de conferir novos sentidos aos fixos instalados no território, re-significando instituições e possibilitando novas interações.

Em outros momentos da história novos meios técnicos originados pelas descobertas científicas renovaram práticas e desenvolveram novas percepções estéticas e éticas. Um exemplo disso é o cinema, surgido no final do século XIX e que se tornou, por excelência, a arte do século XX. No alvorecer deste século, quais as experiências estéticas e simbólicas que uma rede de alto desempenho – novo meio técnico – poderá proporcionar para o campo da Cultura? A resposta teremos de construir coletivamente. E é por isso que estamos aqui.

política da cultura digital /

A tecnologia [deve ser] vista como um processo no qual a técnica propriamente dita não passa de um fator parcial. Não estamos tratando da influência ou do efeito da tecnologia sobre os indivíduos, pois são em si uma parte integral e um fator da tecnologia, não apenas como indivíduos que inventam ou mantém a maquinaria, mas também como grupos sociais que direcionam sua aplicação e utilização. A tecnologia, como modo de produção, como a totalidade dos instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam essa era, é assim, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação. A técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo.

Herbert Marcuse, 1941

Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma dessas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos, em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado.

Pierre Lèvy, 1995

É a linguagem que está a serviço da vida
não a vida a serviço da linguagem

Paulo Leminski, 1977

capacidade
alguma
capaz
áreas
anos
adaptar
acho
Ainda
autonomia
cria
ainda
acesso
conexão
atualmente
brasileiro
autoral
comercial
Brasil
cultural
curiosidade
considerar
apenas
algum
área
cada
colônia
completamente
desafio
comunicação
existência
debate
conteúdos
difundir
desenvolva
Cultura
cultura
direito
dimensão
dizer
diria
desafios
deste
igual
estrutura
Estado
existir
disponibilização
digital
dentro
dessa
humana
dimensões
ganha
exemplo
especialistas
educação
Então
direitos
enfrentar
específica
fato
hoje
grande
discussão
obrigado
lei
exigir
meninos
gente
intercambio
informação
importante
impacto
meio
mudança
maior
ligados
novos
muitos
mundo
internet
linguagem
maneira
meios
padrão
parece
outra
medida
novo
mecanismo
partir
permite
políticas
nenhum
modelo
ora
parte
novas
projeto
primeira
papel
possibilidade
nova
produção
positivo
potencial
pública
peer
rede
precisa
preciso
porque
tecnologia
problema
relação
reprodução
relacionar
questão
reflexão
quadro
populações
social
sobre
pensar
suportes
qualidade
realidade
ser
tecnica
temas
suporte
século
respeito
ter
pessoas
regulação
sociedade
tratado
XXI
toda
todas
vai
uso
vez
trazer
todos
questões
vê
vida

Juca Ferreira

Ministro da Cultura

Como o senhor enxerga o impacto do digital na cultura?

Olha, o digital interfere de muitas maneiras, ora como suporte ampliando a possibilidade de acesso, a possibilidade de conexão, de intercâmbio, ora não apenas como um suporte, como um lastro, mas como um território de produção cultural específica. Esse acesso permite tanto a expressão como uma nova realidade completamente diferente da que é hoje, onde os meios de comunicação de massa são poucos programando para muitos, com sistemas de restrição muito grande. À medida que a internet for ficando cada vez mais acessível para um número cada vez maior de pessoas, o intercâmbio, a interconexão vai ser de tal ordem, que me parece que pela primeira vez se poderá falar de uma comunidade mundial, sob todos os aspectos, porque as diferenças de línguas não serão suficientes para impedir que estas conexões se dêem a partir de afinidades, de interesses comuns. Ainda é inimaginável a repercussão cultural deste fato, já se sente, mas na medida em que a grande maioria da humanidade ainda não tem acesso, podemos apenas antever qual será o impacto na cultura.

E como o senhor vê o papel da cultura nesse processo?

A discussão estava muito técnica a respeito da digitalização, estava muito na área produtiva, vamos dizer assim, na área da economia. E na medida em que a cultura entra, ela vai dar um outro significado, uma outra velocidade de ampliação. E é preciso políticas nesse sentido, para que a gente se desenvolva culturalmente, e o Brasil possa enfrentar os desafios do século XXI. Por exemplo, eu penso nas populações rurais, nas populações dos estados que tem uma infraestrutura menor, mas que tem o direito a ter acesso à informação plena, tem direito a acesso cultural e também potencialização da capacidade expressiva e de satisfação da demanda de informação. As novas gerações já estão bem conectadas, eu passo férias em uma colônia de pescadores na Bahia, deste tamanhinho e já tem duas *lan house* e eu perguntei ao meu filho de oito anos se ganha desses meninos, e ele respondeu que não, que está de igual para igual. Os meninos não sabem ler direito ainda, mas já entram na internet e já têm acesso, e isto em uma colônia de pescador com um grau de conexão muito pequena. Temos que nos preparar para isto. Por exemplo, o Brasil tem que se tornar um grande produtor de animação, trazer conteúdos esses para suportes.

Pensar cultura hoje passa por esses novos suportes, como os Jogos eletrônicos?

A cultura digital já em si cria uma nova realidade cultural, que a gente vai ser obrigado a pensar especificamente. Eu, por força de ter um filho pequeno, assisto um pouco toda essa produção infantil e posso dizer que uma parte dela é de alta qualidade gráfica, o padrão é altíssimo. Eu me surpreendi de ter visto um brasileiro, eu não diria que no mesmo padrão, mais no alto padrão de qualidade, *O grilo feliz*, que era sucesso lá em casa. Eu fui obrigado a assistir acho que 1.537 vezes. E depois soube que o diretor fez manualmente, desenhando no quadro a quadro com a família, parece que demorou nove anos fazendo porque no Brasil não tem esta infraestrutura. O Brasil não está preparado nem está disponibilizando uma infraestrutura para que se desenvolva esta linguagem, se desenvolva esses programas que são atualmente imprescindíveis para a cultura. Eu diria mais, é um meio de comunicação que a escola não deveria ignorar como uma parte de uma possibilidade enorme de educação. Primeiro porque é prazeroso, os meninos tem um sentimento de autonomia, e se você usar aquilo como um mecanismo de fortalecimento da relação com o mundo, da curiosidade, por ali pode fortalecer a leitura, a escrita, a curiosidade com o mundo, a conexão com temas. Ainda o uso é muito precário, a dimensão comercial se instalou mas há produções de qua-

lidade. Esses suportes poderiam ser pensados até dentro de um sistema mais profundo de disponibilização de base cultural...

E como pensar políticas para isso?

Do ponto de vista da política de Estado, estamos caminhando para isso. O Ministério da Cultura tem tido, eu diria ainda timidamente, uma estrutura só para cuidar dessa dimensão, não só para trazer para dentro desse suporte, dessa linguagem, dessa tecnologia os acervos culturais, mas estimular produção de conteúdos. Uma vez conversando com o Gilberto Gil, aqui nesta sala, ele me disse que sua música que mais vende é um *ringtone* para celular. É o que dá mais dinheiro para ele, então esta realidade já está instalada dentro da cultura, não pode mais ser ignorada. É preciso um programa interministerial, entre Cultura, Educação e Ciência e Tecnologia, com impactos em todas as políticas de governo.

É um grande desafio a construção de um plano digital para o Brasil, de inserção no século XXI?

Sim. Tem que fazer parte do plano estratégico do Brasil. Eu não vejo educação, saúde, cultura nem capacitação do povo brasileiro para enfrentar os desafios do século XXI sem isso. O próprio Estado Moderno precisa disso. Então, todas as dimensões da vida social que são de competência do Estado de alguma maneira terão que assimilar as novas tecnologias, porque isso está trazendo uma realidade completamente diferente. A tecnologia digital, os meios que ela cria, a rede possibilita uma eficiência, uma eficácia, uma capacidade de disponibilização de novos conteúdos, de uma nova realidade cultural que quem não se adaptar vai ficar defasado para enfrentar as questões da sua área, seja na área pública, seja na área privada.

E há o desafio regulatório, que também é bastante grande.

Nós já estamos com um problema, um projeto de lei no Senado que não é interessante. O combate à pedofilia está transitando um projeto de lei atualmente que demonstra muito mais o medo da realidade que a internet cria do que uma capacidade de se relacionar positivamente com ela, mediante uma regulação que de fato interesse e mantendo a essência dela – essa potencialidade de comunicação – e ao mesmo tempo evitando que seja usada para processos de desagregação social. É evidente que a regulação de toda

esta tecnologia, do uso dela, não é uma questão técnica, insere-se numa reflexão sobre direitos, direito à informação, à comunicação, à autonomia da sociedade. O que me parece é que os liberais estão perdendo o fôlego e estão muito mais com um desejo de controle, de redução deste potencial de liberdade que a internet e toda essa tecnologia digital permite. Outro fato que também vai exigir regulação é o direito autoral, que é uma dimensão importante, que hoje ganha outra conexão. Inevitavelmente o direito autoral terá que se relacionar com o direito e a possibilidade de acesso que essa tecnologia gerou. São direitos que se relacionam, e nenhum é capaz de se impor se não considerar que a realização de todos esses direitos se modificou muito com a existência dessa tecnologia. Essa tecnologia obriga a uma reflexão completamente nova a respeito desses direitos. É um problema típico do século XXI e que ninguém e nenhum país poderão contornar. Será necessário que se estabeleça uma reflexão profunda, e o Brasil ainda está tateando nessa área, ainda tem pouca reflexão e é muito fechada em meios de especialistas, de pessoas que têm um envolvimento maior. É preciso difundir, abrir essa reflexão para que a sociedade brasileira tenha uma relação madura e seja capaz de gerar uma regulação que de fato garanta o que essa tecnologia e todas as suas consequências trazem como potencial e possibilidade de vivência humana.

As práticas surgidas com a cultura digital, como a troca de arquivos, o peer to peer, podem ser conciliadas com o mercado?

A partir do momento que regredir é muito difícil, reinventar essas facilidades que permitem com que qualquer menino baixe uma música ou um filme é quase impossível. Então essa situação está criada, que é a capacidade de reprodução. A facilidade e a qualidade dessa reprodução vai exigir uma mudança do modelo de negócio da cultura. Há pequenos avanços aí, novos sistemas regulatórios que muitas vezes até permitem a cópia, vai se encontrar algum mecanismo. A indústria fonográfica demorou muito a se adaptar a essa nova realidade, criaram um problema que não tinham previsto, esse problema a desorganizou no mundo inteiro, mas precisa se recompor dentro de um novo modelo de negócios que é inevitável. Toda mudança é desconfortável, por menor que seja, e essa é uma mudança de grandes proporções. Então algum desconforto ela trará. Alguma desorganização, há uma necessidade de todos os atores se adaptarem, seja no mundo comercial, na área da criação, na regulação, no papel do poder público. Tudo isso está em questão e o novo

modelo virá da experiência. É evidente que muita coisa positiva deixará de existir porque não se sustentará na nova realidade, e muitos não encontrarão o caminho de migração para essa nova realidade, para sobreviver dentro dela. Algumas coisas sofrerão mais do que outras e muitos estão buscando se adaptar, muitos artistas estão conseguindo tirar proveito dessa nova realidade, e isso já mostra um caminho positivo. Agora, qual é a solução, eu não arriscaria dizer. Só sei que para trás não há possibilidade.

Como você vê o debate sobre a cultura digital?

A discussão ainda está muito fechada no Brasil, no meio de especialistas, de operadores diretos. Essa é uma questão pública vital, pelo potencial que a tecnologia digital, a internet e todo esse mundo novo que se abre com este desenvolvimento tecnológico, tem para transformações na sociedade. Isso vai ter implicações em todas as áreas da vida social. E também das características de um novo Estado que enfrente o século XXI. Então todas essas dimensões de alguma maneira terão que ser tratadas pela sociedade. É preciso atrair para o debate os segmentos diretamente ligados a esta realidade ou indiretamente ligados que serão afetados, na medida em que a sociedade toda será afetada. Esse é um papel pioneiro, mas importantíssimo, uma função seminal de difundir os temas e retratar o nível em que estão sendo tratadas essas questões no mundo. Isso tem que ser trazido para o Brasil, para a gente não ter que reinventar o fogo. Como é que o Japão trata isso? Os EUA? A Inglaterra? Como é que no cenário internacional está sendo tratado, com temáticas que relacionem a questão específica com as diversas áreas e vários temas e várias problemáticas. Eu vejo como positivo, sou otimista, acho que esta tecnologia veio para trazer benefícios enormes. A rede já cumpre um papel importante, irreversível. Hoje é difícil cercear a informação, porque ela vaza. A manipulação de informação, de opinião pública hoje tem um contraponto na internet. Porque a internet, pelo menos por enquanto, é incontrolável. Essa é a primeira consequência positiva, a maior é estabelecer novas estruturas que disponibilizem informação, cultura, acesso a uma série de processos que ainda são restritos. E nessa medida acho que devemos ser otimistas, mas abrindo ao máximo essa discussão relacionada com toda a dimensão da vida social, com todas as dimensões da existência humana.

educação
questão
ser
cultura
Brasil
informação
Internet
mundo
MEC
Ministério
qualidade
público
tecnologia
sociedade
tecnologias
dentro
digital
distância
escola
ensino
formação
novas
maneira
partir
porque
processo
pouco
política
pode
pessoas
própria
sobre
tempo
trabalho
vida
vai
relação
sentido
uso
Então
exemplo
espaço
Educação
escolas
conteúdos
conteúdo
áreas
ainda
apenas
brasileiros
aprendizado
caminho
capacidade
criança
criar
área
dimensão
desta
aula
educacional
educacionais
comunicação
conhecimento
debate
escrita
educando
ensinar
fazer
então
cursos
informações
formados
hoje
gestão
geral
evidentemente
fala
laboratório
interessante
impacto
esfera
interdisciplinaridade
modalidade
exige
novo
paradigma
professora
indústria
nesta
muda
menino
livro
meio
ministério
existe
país
forma
língua
informática
quase
outra
outro
possam
pensar
sobretudo
questões
novos
professor
referência
profissional
prazo
professores
rede
profissionais
onde
pública
recepção
sala
sendo
social
toda
possibilidade
talento
tão
presencial
resistência
torna
softwares
sistema
trabalhar
vezes
transmissão
televisão
verificar
busca
coisa
agora
conceito
bastante
dimensões
compromisso
digitais
assim
edital
aluno
deste
educando
cursos
geral
gestão
hoje
interessante
impacto
nesta
livro
meio
professor
referência
recepção
sendo
tão
resistência
softwares
trabalhar
todos

Fernando Haddad

Ministro da Educação

Como você vê a cultura digital e a teconologia aplicada em várias áreas?

Falar de Tecnologia da Informação, no sentido mais amplo possível, é falar de um processo cujos desdobramentos ainda não estão suficientemente claros. As possibilidades são tão grandes, e o uso que vai ser feito da tecnologia de informação nas diversas áreas, não apenas do conhecimento, mas nas diversas dimensões da vida em sociedade, é muito incipiente ainda, e eu penso que ainda no curto prazo nós vamos conviver com inovações de toda ordem e com recriações a partir de uma base que já vem se consolidando.

Uma das questões dentro do teu trabalho é a organização do sistema político. Como a questão digital altera o espaço público? Ela cria outros espaços públicos?

Em relação ao espaço público e à vida democrática, os impactos e as preocupações a respeito do tema já são muito perceptíveis. Se nós fizéssemos uma enquete em que o entrevistado dissesse como se informa, como obtém suas informações, iríamos verificar que a informação digital já é parte integrante do dia a dia de um conjunto expressivo de brasileiros. Apesar de o país ainda estar a meio caminho da inclusão digital universal. Há aspectos que

precisam ser considerados: o alargamento do conceito de esfera pública, a questão da própria rede, a comunicação é cada vez mais dialógica e não monológica, então não se fala mais em transmissão e recepção, embora essa dimensão da comunicação já seja suficientemente problemática. Nós sabemos que a intenção de quem veicula uma informação no meio tradicional não coincide com aquilo que se transmite e nem com a maneira pela qual aquele conteúdo é recebido. Com a internet, o parafuso deu uma volta mais. Não só se tem um caminho de ida que não é tão retilíneo como se imaginava, mas agora se tem também o caminho de volta por meio da interação digital, e isso evidentemente muda o conceito de esfera pública, torna as relações não apenas mais intensas, como encurta o tempo de transmissão e recepção. E ainda tem implicações sobre este processo de recepção da informação e de questionamento da própria informação. O espaço público se molda através do espaço, mas também no tempo, e isso faz com que tudo seja um pouco diferente do que nós nos acostumamos a observar. Como gestor público, eu vejo como as informações emitidas pelo Ministério da Educação são processadas na esfera digital. Grupos temáticos, as comunidades digitais, se organizam, discutem, processam esta informação e muitas vezes é preciso estabelecer um confronto entre aquilo que é veiculado por elas em relação ao que veiculam os grandes meios de comunicação. A partir daí começamos a verificar que se já não havia controles sobre a informação veiculada, definitivamente você perde qualquer possibilidade, a partir deste momento em que as pessoas se organizam em redes de comunicação e interagem de uma forma muito mais efetiva e diferenciada, tanto no espaço, onde elas estão geograficamente dispersas, às vezes nem se conhecem, mas também no tempo. Então a dinâmica da política muda, a dinâmica da gestão pública muda. Muda para melhor. Vejo uma mudança que favorece aqueles que tem apreço por um processo social mais transparente, onde as pessoas possam se apropriar do que está se passando no seu entorno e que sobretudo que possam, a partir das informações que são recebidas, se colocar no espaço público de maneira mais autônoma.

Não haver mais esta via única de transmissão e recepção afeta a sociedade em todos os seus espaços geográficos, etários, culturais. Como a educação pode pensar esta questão?

O princípio da educação não pode ser outro a não ser o da autonomia do indivíduo. O que se quer educando é a possibilidade das pessoas se desen-

volverem autonomamente e que possam pertencer a uma comunidade política de uma maneira consciente e ativa. Então a educação tem este fim acima de qualquer outro. É óbvio que existe a questão da tradição do conhecimento, a questão do desenvolvimento científico tecnológico do país, a dimensão da vida em sociedade em geral. Mas eu diria que a constituição de indivíduos autônomos é a finalidade da escola pública, a finalidade da educação de uma maneira geral. A tecnologia da informação tem um papel em toda sociedade, mas sobretudo em um país com as dimensões do Brasil. É quase um clichê isso, o Brasil demonstra uma capacidade de assimilar estas novas tecnologias sem nenhuma resistência, desde questões burocráticas como a apresentação da declaração do imposto de renda até questões mais sensíveis como a própria contabilização dos votos em uma urna eletrônica. O Brasil tem uma capacidade de assimilar muito forte, e com as dimensões e carências que tem, sobretudo no sistema de ensino, o país pode se beneficiar muito com isto se souber fazer bom uso da tecnologia da informação. O que nós temos que fazer é nos prepararmos para este mundo que está sendo desbravado agora. As escolas estão sendo incluídas digitalmente. Nós não estamos mais apenas instalando laboratórios de informática, mas conectando esses laboratórios à rede mundial de computadores e portanto este processo está se dando de maneira muito acelerada. Mas nós estamos até aqui tratando de encanamento e torneira, nós temos que ter água potável para passar por essa estrutura e nisso o mundo está engatinhando. Ainda não há uma indústria constituída de produção de conteúdos digitais educacionais, então o MEC criou em 2007 um programa de fomento a uma indústria que é nascente no mundo inteiro, mas nós temos que cuidar para que o processo dito de inclusão digital não se restrinja à questão da conexão, mas avance em questões sem as quais esse processo da educação não estaria potencializado de maneira a trazer resultados satisfatórios para o educando e para o educador. Isto exige não apenas a questão da formação de professores para este mundo novo, mas um cuidado muito especial com a produção de conteúdos digitais educacionais. Lançamos um primeiro edital em 2007, em que mobilizamos toda a comunidade acadêmica para participar desta reflexão de como trabalhar a educação a partir desta nova realidade tecnológica, procurando fazer o melhor uso possível desta ferramenta.

Uma das coisas que surgiu nesta época inclusive deste edital do MEC foi à relação entre quem é capaz e tem condições de produzir estes conteúdos educacio-

NAIS. TEM A QUESTÃO DOS JOGOS ON-LINE, A QUESTÃO DE O QUE É UM CONTEÚDO EDUCACIONAL, O QUE DELIMITA O EDUCACIONAL DO NÃO EDUCACIONAL.

Se já era complexo trabalhar forma e conteúdo na educação com material impresso, isto se torna um desafio mais apaixonante ainda quando se envolve a dimensão das novas tecnologias. Se a edição de um livro para criança, para jovens, para adultos, já tinha que contar com pessoas com talento artístico muito especifico, na diagramação, na escolha das ilustrações, na escolha até dos gráficos, dos mapas que iam compor este material, a interdisciplinaridade se torna um obstáculo quase intransponível. Essa foi a razão pela qual o edital fez referência específica à, por exemplo, participação das escolas de comunicação e artes para o desenvolvimento destes conteúdos. Nós temos plena convicção de que não serão os físicos apenas que vão desenvolver os materiais de física, e assim sucessivamente. Temos convicção de que precisamos aproximar as áreas do conhecimento, para que já no nascimento essa indústria venha com outra percepção do que pode ser educação e dos recursos que ela deve mobilizar para potencializar sua utilização na escola e fora dela, com objetivos educacionais.

EXISTE ENTÃO UM ESFORÇO INTERDISCIPLINAR, INTERSETORIAL DE GOVERNO NESTE SENTIDO?

Os editais do MEC preveem a interdisciplinaridade, esta é uma exigência da era digital, e já no livro há essa preocupação. Curiosamente, só foi a partir do novo paradigma que nós percebemos o quão pouco ousados fomos historicamente na concepção de materiais impressos. Quando aparece a oportunidade dada pelas novas técnicas é que se nota uma reaproximação de áreas que estavam se fragmentando. Essa busca da unidade perdida se tornou uma exigência do próprio objeto. Nós não temos hoje mais facilidade de dispensar a interdisciplinaridade. A questão da forma e do conteúdo se tornou muito presente no debate sobre tecnologia e educação dentro do ministério.

MAS AINDA NÃO ACONTECEU NO PLANO DA PRÓPRIA GESTÃO UM PLANO QUE ENVOLVA AS ÁREAS DISTINTAS DE GOVERNO PARA PENSAR ESTES MÚLTIPLOS IMPACTOS.

É difícil organizar dentro do ministério esta percepção para que se crie um consenso interministerial em torno deste tema. Ou até federativo, porque nós convivemos com estados e municípios, a gestão é totalmente descentralizada. Mas o debate sobre a lei Rouanet, por exemplo, está em curso, e nela já se recoloca a questão educacional como parte integrante da cultura. Quando a

minuta que está em discussão pública prevê o domínio público, depois de certo prazo, para uso não-comercial daquilo que foi fomentado pelo Estado, ela está evidentemente já sinalizando para onde a política de cultura deveria rumar para favorecer uma área que até outro dia era considerada no mesmo ministério, o MEC – Ministério da Educação e Cultura.

Uma coisa impressionante, um livro financiado pela Lei Rouanet teria que ser recomprado pelo próprio Ministério da Educação.

Sim. E hoje se tem a perspectiva de, com fins não-comerciais, mudar o paradigma da propriedade intelectual. E curiosamente, embora haja resistência de produtores, esse dispositivo é para criar justamente o público da cultura. O futuro público da cultura.

Há um afastamento da cultura contemporânea em relação à educação que precisava ser repensada. A cultura contemporânea nem sequer é tratada dentro das escolas, sejam públicas ou privadas.

A educação não prescinde, ela exige a dimensão da cultura. É muito mais difícil educar alguém, ou se quisermos ser mais restritos, ensinar alguém alguma coisa, sem a concorrência benéfica da cultura, para que o conhecimento adira a alguma coisa que lhe sirva de substrato. A cultura é o motor da educação. Quando você mobiliza estas áreas, esporte, a cultura, a saúde, o trabalho, você não está recorrendo a um expediente artificial para ensinar. Ao contrário, o artificial é você procurar ensinar desconectado destas questões, o que motiva uma pessoa a aprender são essas conexões. Cultura, esporte e saúde foram desmembrados do MEC, tiveram origem dentro do MEC. São desmembramentos de atividades originalmente concebidas dentro do Ministério da Educação, são intrínsecas à educação, não são uma outra área. O ensino e a educação dependem delas para que haja aderência naquilo que se procura ensinar, através de condições para que o aluno compreenda o sentido daqueles ensinamentos na sua vida. Veja as possibilidades que estão abertas no campo da educação profissional, por exemplo, que restabelece a unidade entre educação e trabalho, por estas novas tecnologias.

Há uma aceleração rápida das mudanças, muita gente que se forma em coisas ou faz seus estudos e vai trabalhar em profissões que surgiram nestes últimos dez anos. Novas nomenclaturas, novos tipos de trabalho, nova expertise.

Aí você tocou num outro ponto que é de fundamental importância, que é o conceito de formação continuada para a vida. Se o mundo parar de inovar, talvez isso não seja tão verdadeiro, mas o mundo inova exponencialmente os ofícios, as artes. Tudo se modifica com muita velocidade. Ninguém pode se declarar formado, estamos sempre em processo de formação, mesmo quando se consegue o diploma de graduação, de pós-graduação. Então esta tecnologia soma, porque ela se combina com as necessidades concretas de um profissional que precisa de formação e informação contínua para a vida, e que não tem as disponibilidades de tempo de uma criança ou de um jovem.

Isso tem gerado um choque social muito interessante. Houve uma situação real, numa das experiências iniciais do UCA (um computador por aluno), de uma professora que estava em sala de aula quando chegou o computador na escola. Um menino de sete anos pega um daqueles protótipos, que é uma interface muito pensada para criança, um computadorzinho verde, e a professora tem até uma dificuldade para abrir a maletinha, e o menino abre. A professora vira e fala: "Mas como eu vou fazer para usar isto?" E o menino fala assim: "Não se preocupa professora que eu te ensino." Essa cena é uma re-configuração social extremamente impactante, dá continuidade a isto de que estamos falando.

A relação hierárquica entre educador e educando já se quebrou há muito tempo do ponto de vista pedagógico. Você sabe que a assimetria existe entre professor e aluno, mas ela é uma linha de duas mãos. Todo bom professor sabe o quanto aprende em sala de aula. Esta dialogia a que eu me referi anteriormente supera a questão espacial, porque ela pode ser feita remotamente. Esta tem que ser a marca da sala de aula, tem que ser a marca da relação de ensino e aprendizagem. O que você tem com essa modernidade é a possibilidade de explodir esse paradigma superando as questões temporais e espaciais, utopicamente pensando numa sociedade do conhecimento em que todos aprendam com todos, que haja interação no sentido produtivo do termo, e as pessoas possam realmente trocar suas experiências para benefício mútuo. É isso que é o novo e precisa ser explorado com força.

O senhor no início falou das torneiras, da simples estrutura que cumpre um papel de formação. Na verdade isso não é novo, desde que Roquette Pinto dizia levar o rádio e a televisão para eles serem a escola onde não há escola. Isso surge

NOVAMENTE, NA CHAMADA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA. JÁ EXISTE NÚMERO SIGNIFICATIVO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO FORMADOS DENTRO DESTA MODALIDADE. ESTIMA-SE QUE A REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO TENHA 30% DE PROFESSORES FORMADOS NESTA GRANDE MODALIDADE, MAS AINDA ASSIM ISSO ELES ENFRENTAM DIFICULDADES NO CAMPO DA REGULAÇÃO E DA REGULAMENTAÇÃO. OS PROFISSIONAIS FORMADOS NESTA MODALIDADE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NÃO PUDERAM SE INSCREVER EM UM CONCURSO RECENTE EM SÃO PAULO, POR EXEMPLO. O QUE O MINISTÉRIO ESTÁ PENSANDO PARA O ENFRENTAMENTO DESTA RESISTÊNCIA QUE AINDA EXISTE AO PESSOAL FORMADO DENTRO DESTAS INICIATIVAS?

Nosso sistema de avaliação final é uma ferramenta útil para desfazer este mito sobre a educação à distância, porque existe educação presencial de boa e má qualidade e vai existir educação à distância de boa e má qualidade. Então a questão não é a modalidade do ensino, mas a qualidade e a seriedade e o compromisso da instituição que promove uma ou outra forma de oferta de seus cursos. Nós estamos convencidos hoje de que os cursos da Universidade Aberta do Brasil, que são públicos e gratuitos, possuem a qualidade dos cursos presenciais das universidades federais. As universidades e institutos federais só se comprometeram com a Universidade Aberta do Brasil quando tiveram uma garantia de que teriam os recursos necessários, humanos e financeiros, para que pudessem oferecer educação de qualidade. O trabalho do MEC é criar o paradigma de qualidade de educação à distância. Não deixar à própria sorte a modalidade, porque ela tem o risco real de degradação, como tem a educação presencial. Então, o poder público tem que criar os marcos de referência de qualidade, e cobrar das partes envolvidas o compromisso com este marco de referência. Aqueles que estão mais próximos do MEC observando os indicadores de qualidade já conseguem perceber que tem muito de mito essa dicotomia que se pretende como se presencial fosse bom e à distância ruim.

TEM UM CERTO PARADIGMA SOCIAL TAMBÉM, A SOCIEDADE MUDANDO E INCORPORANDO ISSO À MEDIDA QUE SE TORNE TAMBÉM UMA PRÁTICA MAIS CORRENTE.

Experiências mais antigas no âmbito de educação à distância já superaram na sociedade essa discussão. Hoje ninguém discute a qualidade da Open University, inglesa, por exemplo, e nem da Uned espanhola. Não está mais em debate esse assunto. Como nós estamos começando agora, é natural que venha à tona esse debate. Mas ele só vai ser superado quando ficar demonstrado que um profissional formado se valendo dessas novas

tecnologias é tão qualificado quanto seus pares formados na sala de aula tradicional.

Quanto à elaboração de esforços brasileiros com as novas tecnologias, o que isso causa na educação? Você acha que é preciso se pensar novas disciplinas para fomentar uma autonomia brasileira na construção de linguagens e softwares na nova tecnologia? Ou isso vai acontecer naturalmente?

Isso precisa ser induzido. Tem que ter uma política de Estado numa ou noutra direção. Nós temos um compromisso anunciado e honrado com a questão do software livre. Todo material do MEC, todos os programas do MEC, aqueles que são proprietários estão sendo convertidos, e os novos são todos não-proprietários, e são colocados à disposição de toda a população do setor público-privado para uso comum. Então nós temos hoje uma diretoria de tecnologia da informação bastante expressiva, são mais de 100 profissionais desenvolvendo os nossos softwares e tudo que é feito lá é nessa direção. O assunto é tão estratégico que ele merece total consideração, precisamos pensar também na questão da propriedade intelectual, lutar para essa fronteira não seja cercada com arame farpado, como já aconteceu com bens que eram de uso comum, como a terra, que em algum momento foram cercadas e o uso passou a ser exclusivo. Temos que ter neste momento cuidado para não pensar um outro cercamento.

Mas isto envolve também política de inovação, investimentos. A geração de tecnologia nacional, por exemplo, é uma área que envolve mais estrategicamente o Ministério da Ciência e da Tecnologia, mas sem dúvida nenhuma também uma política de formação de ensino superior.

O Ministério do Desenvolvimento têm feito um trabalho interessante no sentido da promoção da indústria de software no Brasil, que tem uma presença crescente no mundo. Os brasileiros são reconhecidos pelo seu talento na área. As pessoas reconhecem no brasileiro um talento e engenho bastante efetivos na área. Há a questão da língua, que às vezes é um impedimento da exportação de mais softwares brasileiros para o mundo, mas há uma indústria com algum peso já no Brasil.

O que leva o Brasil a ter esse engenho, essa criatividade e capacidade de assimilação das novas tecnologias?

O Brasil é um país que até pouco tempo atrás lia muito pouco ou quase nada. Hoje lê pouco, nós conseguimos melhorar os indicadores de números de livros por brasileiro. E a nossa cultura de televisão é muito arraigada, a televisão dispensa a língua escrita, o que a internet não dispensa. Para nós foi uma surpresa verificar o impacto que a internet tem no aprendizado, efetivamente as crianças que estão expostas à internet aprendem mais e a hipótese que eu sugeri é de que a internet, ao não dispensar a língua escrita, reaproxima ou aproxima em muitos casos a criança e o jovem do mundo da escrita. Nós acompanhamos três tipos de escola: sem laboratório de informática, com laboratório de informática não conectados, com laboratório de informática conectados. As duas primeiras, na comparação com a última, tem uma desvantagem enorme no que diz respeito à evolução do aprendizado das crianças nos exames de proficiência aplicados pelo Ministério da Educação. É notável o avanço que as crianças tem quando são expostas ao mundo digital Isto está comprovado estatisticamente. Na internet não basta o navegador ser rápido, você tem que ser rápido na leitura do que é veiculado, porque a navegação pela internet exige a busca, e a busca exige uma familiaridade com a leitura, que é desenvolvida a partir da própria ansiedade de buscar informações, de buscar conteúdos novos, de se comunicar. É muito curioso verificar como no Brasil este impacto ocorreu. Há estudos mostrando que esse impacto no aprendizado não ocorreu em outros locais. O Brasil era uma sociedade pouco familiarizada com a língua escrita e que recebeu bem o convite da internet, que exige essa familiaridade. Pode ser que esse avanço estabilize, porque evidentemente a internet não dá conta desta questão. Dificilmente alguém vai ler na tela uma obra de Machado de Assis, mas que a internet é uma porta de entrada interessante, que coloca o jovem em um mundo mais estimulante para cultura em geral, isso é evidente. É um instrumento que a gente tem que saber usar, mas combinado com políticas de fomento ao livro, de bibliotecas, de formação de professores. Está vencido o debate sobre a questão de conectar as escolas, nós já temos o modelo, o projeto está em andamento, se conclui até o final de 2010, portanto num prazo bastante curto são 55 mil escolas, 85% dos alunos que vão ter conexão. A questão agora é o conteúdo e a formação do professor e a reflexão sobre o ensino, aprendizagem a partir daí.

arte
acesso
animação
ainda
apenas
anos
banda
acervos
Agora
cabo
ambiente
coletivos
Acredito
cada
algo
Brasil
conectividade
contemporânea
cinema
assim
autor
artes
cadeia
criação
culturais
conteúdos
analógico
condições
dessa
dimensão
conseguir
capacitar
criar
autoral
canais
crítica
discurso
desenvolvimento
conteúdo
cultural
empresas
direito
debate
fazer
falar
dentro
estado
então
disputa
escola
exemplo
cultura
digital
Então
hoje
dinheiro
global
institucional
distribuidoras
economia
etapa
digitalização
grande
informação
deste
modo
discussão
maneira
internacionais
legislações
larga
inercial
Internet
espaço
gente
maior
instituições
música
grandes
outros
onde
políticas
podemos
língua
linguagens
nova
mundo
pessoas
nesse
papel
país
pagando
muitos
novas
portuguesa
política
partir
outras
novos
ponto
processos
permitindo
momento
produção
permitir
práticas
político
potencial
produtores
produtor
quer
própria
século
TV
pode
preciso
simbólica
provedor
precisa
sobre
suporte
tecnologia
ser
soluções
público
vida
riqueza
vão
questão
técnica
relação
todos
relações
sociedade
vem
vai
valores

Alfredo Manevy

Secretário Executivo do Ministério da Cultura

O QUE É CULTURA DIGITAL?

Eu entendo cultura digital não como uma tecnologia, mas como um sistema de valores, de símbolos, de práticas e de atitudes. Acredito que foi dessa forma que o Ministério da Cultura trabalhou o tema, quando o Gilberto Gil trouxe uma visão, como ministro, da cultura digital. A minha percepção é muito produto dessa experiência, dessa discussão que nós vivenciamos, institucional ou extrainstitucionalmente. Alguns tratam a cultura digital só como uma tecnologia, só como uma técnica, como uma novidade, esse conjunto de transformações da tecnologia que dos anos 70 para cá vem transformando o mundo analógico neste mundo do bit, algo invisível, mágico, que o digital engendra. Agora, se pensarmos como cultura e não só como suporte, acredito que captamos a essência desta transformação, que é a cultura das redes, do compartilhamento, da criação coletiva, da convergência. São processos vivos de articulação, processos políticos, sociais, que impactam nosso modo de vida, de construção e de formulação. E que encontra no digital não um suporte, mas um modo de elaboração. Isso em tese deveria impactar as instituições também. Instituições tradicionais que se formataram em um modelo analógico, de uma visão de construção e organização linear, e que

com o digital acabam encontrando na tecnologia um polo de emanação. Esse é o desafio mais interessante, porque se a gente não conseguir digitalizar o modo de organizar as instituições, a própria tecnologia que iniciou esta revolução pode ser comprometida, porque ela fica isolada dentro de uma discussão estritamente tecnológica. Esse é o pior destino para a discussão do digital, quando ela se torna estritamente técnica para um nicho de interessados, de especialistas ou de iniciados. Porque nesse momento a política faz o cerco e pode neutralizar a grande revolução que o digital possibilita. É preciso digitalizar as instituições, é preciso mudar práticas de valores, modelos organizacionais, é preciso horizontalizar essas relações, incorporar a dimensão cultural e simbólica no pensamento político de maneira plena. Eu entendo o homem não apenas como um animal econômico, mas também como um animal político e simbólico, que é um ponto de partida que o digital aborda. Então eu vejo a cultura digital como uma tecnologia sem dúvida nenhuma, uma etapa da tecnologia, mas fundamentalmente um sistema de práticas e valores que está em disputa permanente na vida contemporânea.

O digital então é uma arte, não uma técnica?

Essas duas dimensões são decisivas na cultura digital. A arte já se apropriou plenamente da cultura digital, você tem hoje experiências contemporâneas no cinema, na música, nas artes plásticas, na poesia. Existem múltiplos artistas que colocaram a questão do digital com uma reflexão contemporânea. Agora, estamos na infância dessa nova arte, não vejo a discussão como esgotada, muito pelo contrário. Estamos entrando em um mundo desconhecido ainda, pela teoria da arte, pela produção artística, pelos coletivos. A gente está num momento parecido com o início do século XX, quando um conjunto de tecnologias estavam disponíveis para produção cultural, mas não se tinha ainda um debate cultural à altura para permitir o seu entendimento. É só no final dos anos 20, 30 que aquela tecnologia no cinema, rádio, começou a ser trabalhada de maneira mais densa, com pesquisa, com conhecimento e como uma massificação saudável. Acredito que com o digital vai acontecer algo semelhante. Mas a dimensão no momento mais interessante é essa dimensão cultural, é como o impacto digital se deu na política, por exemplo. Não dá para pensar em certos debates que estão acontecendo na vida contemporânea sem a possibilidade de uma interação que o digital traz, quebrando a relação pira-

midal de poucos emissores para muitos receptores, que era a marca da comunicação do século XX, que estabelecia padrões de gosto, de intersecção, de formulação. A pulverização e o caos contemporâneo que a internet acabou gerando, na relação de muitos para muitos, uma espécie de grande Karaokê contemporâneo, onde tem um lado de vulgarização, mas tem um grande lado de empoderamento, de exercício da voz do grito, da lamúria, do lamento, da agressão, muitas vezes como voz do direito da cidadania, ainda não foram inteiramente entendidos. O que significa esse alargamento da opinião ao público, essas novas economias, esses novos interlocutores, novos intelectuais orgânicos, de lugares da sociedade que sequer tinham voz organizada, que começaram a aparecer na internet trazendo novas pautas? Isso chama a atenção como um grande potencial do futuro digital que está em disputa.

A PROVA DISSO É QUE EMBORA COM CADA VEZ MAIOR ESPAÇO NA SOCIEDADE, UM BLOG OU UM TWITTER NÃO GANHARAM AINDA LEGITIMIDADE CULTURAL PARA SER, POR EXEMPLO, OBJETO DE UMA RESENHA CRÍTICA. E NA VERDADE JÁ SÃO PRODUTOS CULTURAIS...

Certamente é preciso fomentar no ambiente digital, nesse ambiente novo, a relação crítica com as linguagens, com a estética, com o olhar. É preciso políticas públicas no sentido de qualificar cada vez mais esse ambiente, para além da conectividade. Um outro paradigma é fundamental, é preciso criar processos de digitalização de acervos, é preciso capacitar relação de estruturas de internet com o universo das linguagens artísticas, com o debate cultural. É preciso que o debate cultural que acontece fora da internet se relacione com ela, permitir essas interseções, estabelecendo relações criativas entre design, crítica, produção de conteúdo e informação. São aproximações que no mundo analógico acabaram se "estandardizando" em nichos especializados e se distanciaram do debate rico de interação. O mundo da iternet possibilita mas não garante isso, é preciso políticas para estabelecer essas conexões virtuosas e críticas entre a discussão cultural e o que é produzido. A crítica tem um papel decisivo na produção cultural e precisa ser estimulada nesse novo ambiente.

A INTERNET SOFRE MUITO ESSE EMBATE, É MUITO MARCADA POR UM CERTO RELATIVISMO PERMISSIVO, E A CRÍTICA É MUITAS VEZES VISTA COMO CERCEAMENTO. A PRÓPRIA INTERNET É MUITO REATIVA A CRÍTICAS...

Sim, como se fosse macular a sua aura de espaço aberto. Essa foi uma etapa necessária, até, mas estamos mudando de paradigma. A internet está

sofrendo um cerco de um discurso legalista que tenta transformá-la num lugar absolutamente regulado do ponto de vista das velhas tradições e legislações do século XX. E a internet precisa se armar inclusive contra o discurso da ausência de um diálogo crítico, saudável, das contradições do mundo cultural da internet. Acredito que ela possa encontrar a sua linguagem crítica. Isso é importante, porque não podemos nos enganar, é perfeitamente possível transformar a internet num meio da própria tecnologia cerceando o que a tecnologia criou. Por isso a crítica é decisiva, porque se a gente conseguir estabelecer uma posição crítica que vai gerar uma discussão sobre qualidade de conteúdo, sobre informação, que vá permitindo um amadurecimento do espaço público da internet, esse é o maior antídoto a legislações fomentadoras desses movimentos de cerceamento que vem se esgueirando e vem sorrateiramente se apropriando de um debate crítico cultural para se legitimar nos congressos e parlamentos. E antes de tudo precisamos defender o potencial criativo, libertário, emancipatório, de trocas de conteúdo que a internet vem propiciando na sua primeira etapa.

O PROBLEMA É QUE A SOCIEDADE AINDA ESTÁ APRENDENDO A FALAR, A INTERAGIR NESSE ESPAÇO.

Essa busca de mais qualificação desse espaço, esse aprender a falar que é algo que assim como se aprende na escola, assim como se aprende em processos, fases de aprendizado da vida social, acho que a internet vai passar por isso. Agora é preciso políticas para isso, é preciso políticas de digitalização de acervos, de capacitação das *lan houses*, é preciso que suporte as universidades e os coletivos para que eles tenham os meios e condições de permanente aportar esse conteúdo novo na internet, é preciso sites e portais, iniciativas que botem em questão essa discussão sobre o falar na Internet, tematizando esta metalinguagem, esse jogo de espelhamento que permite o amadurecimento, uma curva de aprendizado na relação entre estes novos falantes, que estavam ali antes da internet esperando uma chance de falar. De repente surge um espaço onde eles são convidados permanentemente a falar pelo consumo, pelas notícias, pelos blogs. Então eles estão falando. Agora, a escola não nos preparou para um debate público, a universidade não preparou, a vida política desqualificada, os partidos não se relacionam com esse cidadão que quer se meter em todos os assuntos do país, e tem o direito de se meter em todos os assuntos do país. Então o que seriam políticas públicas, não

exclusivamente estatais, mas tendo no Estado um dos entes da sociedade? Seria uma política de apoio à produção, apoio à circulação, à crítica cultural, à arte tematizando e formalmente desconstruindo os novos mecanismos da internet, investindo na tecnologia descentrada. Então eu acho que é um convite à inovação, um convite à formação, à capacitação, à troca para fazer deste grande karaokê, esta etapa de aprendizado, uma etapa e não uma condição à qual se esteja fadado, uma certa precariedade inicial que acaba legitimando toda uma desconstrução da internet, com o discurso conservador que está por aí se mexendo e conquistando espaço no Brasil e no Mundo.

Não podemos ficar apenas nas potencialidades do digital...

Não podemos desperdiçar essa oportunidade que está posta diante de nós. Para isso, é preciso combinar uma série de políticas, sem subestimar o papel de cada uma delas. É preciso uma política de conectividade agressiva no Brasil e uma política de conectividade que parta do pressuposto de que a banda larga é o ponto de partida, não de chegada. A gente precisa de banda larga, porque na banda larga é onde trafegam os conteúdos maiores, o audiovisual, a imagem. Então não dá para se satisfazer com uma conectividade baixa em escola, nas *lan house* ou na conectividade privada, porque ela não daria conta dos grandes conteúdos, que são os conteúdos que importam, os conteúdos pesados para a velha tecnologia, mas não para a nova. Uma política de digitalização de acervos, da nossa memória e da produção contemporânea, com financiamentos diretos e contínuos. E que pense numa qualificação desse material. Porque tem digitalizações e digitalizações. É possível fazer uma digitalização burocrática, só para conferir no seu relatório de gestão do TCU, ou digitalização proativa, com interface, com design, como uma busca pelo usuário e não uma tentativa inercial que aqueles conteúdos sozinhos vão se colocando, o que não é verdade. É preciso disputar a atenção das pessoas, ter estratégias. É preciso uma política de língua portuguesa, assim como uma política foi feita no passado para o francês, para o espanhol. Uma política que valorize a língua portuguesa, onde a língua portuguesa possa ir ganhando espaço e deixar, como dizia o Caetano Veloso, de ser uma língua gueto. Há um índice global que mostra que a língua portuguesa está perdendo participação de conteúdo na internet, enquanto o inglês e o mandarim estão subindo com força. Isso não é por acaso, são políticas, então é preciso que esta política de conteúdos e de acervos esteja também com horizonte numa política de lín-

guas. Os espanhóis fizeram um estudo, viram que 15% do PIB depende da presença da língua espanhola no mundo. É preciso também uma política de direito autoral, de propriedade intelectual, que leve em conta as características do Brasil como um país do hemisfério Sul, que não erradicou o analfabetismo, que tem uma demanda de acesso ao conhecimento e à cultura. O Brasil tem níveis draconianos de exclusão de acesso a bens culturais, como aponta o IBGE. Em torno de 10% dos brasileiros vão ao cinema, ao teatro, a exposições de museu, frequentam centros culturais. Os outros 90% acessam a cultura apenas dentro de casa, através da televisão e agora do computador. A política de direito autoral vem justamente para a gente equacionar a importância do direito autoral com o direito das empresas com o direito dos cidadãos, é preciso uma política que equacione essas relações. Precisa surgir no Brasil uma legislação contemporânea que potencialize esses usos, esses acessos, e fortaleça o direito de autor. O Brasil é a única legislação do mundo onde 100% dos direitos autorais podem ser cedidos, as outras legislações proíbem esta liberação plena, protege o autor na hora da queda de braço de um contrato. Aqui no Brasil a lei foi moldada de acordo com os interesses dos intermediários, que acabam recebendo os direitos dos autores e ganhando a posse deles. A cultura digital potencializa um processo de repactuação mais justa. É preciso ressaltar que é perfeitamente compatível essa economia da troca com o desenvolvimento de empresas culturais. Temos um potencial incrível de mercado, é só você pensar nos 90% que são excluídos do acesso aos produtos culturais. E agora, com a cultura digital, abre-se a possibilidade de reposicionar o Brasil como um grande produtor de conteúdo, a partir da sua diversidade cultural interna e regional, e não como um grande consumidor, um nicho e janela a mais nas cadeias produtivas internacionais.

As próprias instituições econômicas parecem não ter atentado a essas mudanças. O microvalor que surge com o digital não está contemplado por elas.

A nossa imaginação institucional é muito falha. Nós deixamos a discussão sobre economia para os especialistas em economia, deixamos a discussão institucional para os partidos políticos. Esse foi um grande erro nos últimos anos. Se a gente pensasse da maneira mais global, essas questões estariam em outro patamar. É difícil resolver essa questão da microeconomia no varejo. Mas, como o próprio Carlinhos Brown já lembrou, quando alguém está fazendo download de música, ele não está pagando os músicos, mas está

pagando o provedor de internet para ter acesso. Tem algum dinheiro circulando aí que não está equacionado com a outra ponta. Então existe uma economia da conectividade, aliás provavelmente a economia mais importante do mundo, a telefonia. Qual a grande questão? Como que a gente pode fazer esta economia sair de um estado subjacente para um estado transparente? Como a gente pode olhar a cadeia produtiva de uma forma mais ampla, não de maneira isolada, mas buscando soluções pontuais e buscando soluções mais orgânicas que permitam enxergar a situação deste dinheiro, a distribuição deste dinheiro? Porque se as pessoas pagam provedores e nós temos 50 milhões de pessoas pagando provimento no Brasil, se os celulares vão permitir que uma nova quantia surja e a cadeia envolve a fabricação do celular, a fabricação do computador, o pagamento do provedor e de repente quando chega na hora da situação do conteúdo, esse valor não é quantificado, há algum erro na equação. O ECAD desenvolveu uma tecnologia no Brasil que consegue descobrir quantas vezes uma música toca no trio elétrico, botando um pequeno chip. Nós financiamos esta tecnologia privada de monitoramento público da circulação e dos índices de audiência em áreas de completa complexidade de material. Então tecnologia para se fazer esse tipo de medição existe. E isso poderia ser implementado na internet, para download e acesso a música, artigos, blogs, e uma economia de remuneração poderia surgir daí.

O provedor pagaria pelo acesso aos conteúdos?

Na Espanha isso já ocorre. Os provedores pagam 1% de sua renda para remuneração do direito de autor dos conteúdos acessados. Soluções parciais são difíceis nesse caso, por isso que o Ministério da Cultura esta propondo uma política de direito autoral que não seja só uma política de lei, mas também de moderação de interesses econômicos que deveriam estar na mesma mesa discutindo soluções para reorganizar essa economia de maneira mais saudável. Ao ignorar essa economia subjacente, o que a gente esta permitindo apenas é que a riqueza que essa economia gera vá para alguns elos da cadeia e não para todos. Existe uma economia na internet hoje, ela não é gratuita, e já são 50 milhões de usuário no Brasil. Se a gente equacionar essa economia, conseguir olhar o direito autoral dentro dela, ao invés de ignorá-lo ou ao invés lutar por ele de uma maneira pontual, pode-se criar soluções mais globais. E as soluções pontuais dentro desta solução mais global iriam aparecendo de maneira complementar.

Gostaria de voltar ao assunto das políticas de fomento a conteúdos de língua portuguesa.

Não se pode encarar a questão produção de conteúdo de maneira inercial. Até porque o mundo inteiro está preparando estratégias para isso. A China, por exemplo, está se preparando para em oito anos ser a maior produtora de animação infanto-juvenil do mundo. Eles localizaram que esse é um mercado estratégico, que a animação pega o indivíduo numa época formadora. Perceberam que por trás da animação depois vem uma série de conteúdos adultos, vai criando pré-disposições já na infância para consumir os produtos e os gostos culturais. E o que eles estão fazendo? Primeiro localizaram os potenciais e as fragilidades do país. O potencial principal é a sua cultura e a sua força estética. E as principais fraquezas, o software e os processos de animação mais contemporâneos. E então começaram a contratar cérebros dos EUA, da Índia, e estão montando pacotes para se capacitar como o maior produtor de animação do mundo. No contexto da globalização, a produção de conteúdo tem que ser pensada de maneira mais estratégica, com políticas, como inserção, porque está em jogo um reposicionamento político e também cultural no mundo, e o Brasil não pode ser inocente de comprar a ideia, que sempre nos ronda, de que a nossa força cultural, a nossa criatividade vai permitir que nos coloquemos em posição de destaque inercialmente. Historicamente nós conseguimos posições de destaque, com a bossa nova, com uma parcela do cinema, alguns posicionamentos internacionais. O Estado nada fez no passado para que isso virasse uma realidade. Mas quando vemos a economia e os benefícios que essas inserções internacionais geraram, tem uma economia simbólica onde o Brasil se saiu super bem, mas não gerou dividendos para o desenvolvimento das artes e da produção no Brasil. É bem mais provável que a bossa nova tenha gerado mais dividendos na Europa para as empresas europeias do que para uma economia da música brasileira ou da rádio brasileira. Então é preciso que a nossa riqueza simbólica se traduza numa riqueza de desenvolvimento da nossa infraestrutura cultural, da nossa mão de obra, do acesso à universidade, do acesso dos talentos à capacidade de produzir.

E a inserção da TV digital nesse debate?

A TV digital é um correlato da Internet que vai permitir, em tese, mais canais, mais programações e portanto mais conteúdo, mais usuários se rela-

cionando de maneira interativa com este conteúdo. Mas se mantivermos a lógica inercial, pela inércia a tendência é que a lógica da TV a cabo se prolongue. Na TV a cabo que temos no Brasil, 90% do conteúdo é de língua inglesa, e o português disputa os 10% restantes com o resto do mundo. A TV a cabo possui mais de 50 canais, então a prova viva de que mais canais não necessariamente significam mais diversidade, não garante mais informação, mais conteúdo, mais fontes de informação e mais fontes de produção de conteúdo. O Estado tem um papel decisivo, porque é a partir de políticas culturais, de políticas de desenvolvimento e financiamento, que irá se estimular a existência de infraestrutura de produção de conteúdo em todos os estados. É preciso fomentar a base criativa do país, sem qual não se tem os outros elos funcionando bem. E é preciso pensar as novas economias, criar conteúdo que possa ser traduzido em outros suportes, como jogos eletrônicos e outras linguagens que estão surgindo. No digital o grande desafio é a interdisciplinaridade de conhecimentos e a grande capacidade de formar equipes, compondo *know how*, novas químicas que vão surgir a partir de novas práticas e novos conteúdos. Esta é uma das grandes artes hoje, a economia tradicional lidava com isso com uma maneira muito departamental, com as gerências. Nós precisamos estimular que novas instituições e estruturas se desenvolvam e se mantenham economicamente na internet, e ao invés de poucas grandes instituições, centenas e milhares de médias e pequenas estruturas de criação, de universo de conteúdos e combinando conhecimentos de criação de marketing, de promoção, difusão, de debate cultural, de produção e distribuição. São quesitos de qualquer área da cultura, mas que sofrem recombinações com o florescimento do digital. O estado precisa estar atento, criar condições e meios de capacitar e formar gerações de quadros técnicos, produtores criativos, distribuidores, artistas nas universidades, nas escolas de arte ou na rua, criando condições para que estas pessoas continuem cumprindo estas funções e não sejam drenadas para outras áreas da sociedade. Outro problema do direito do autor é que se esquece dos deveres de autor, essa autoridade do autor liquida todos estes outros elementos, todo mundo quer ser autor e isso acaba não permitindo a profissionalização dos produtores e dos distribuidores. Então é preciso não fomentar somente a produção artística e cultural, mas também coletivos administrativos, criar os gestores culturais e distribuidores culturais. Essa é uma política central hoje, para que possamos nos tornar um pólo produtor de conteúdos dentro da cultura digital.

caos
al
casa
Barlow
alguma
acontecer
brasileira
acontecendo
continua
anos
burocracia
cultural
assim
conceitual
acesso
BACs
aquichip
conversar
coisas
Cultura
dia
cultura
coisa
Brasil
dinheiro
discussão
dar
dentro
desse
exatamente
dimensão
discurso
discutindo
disse
desafio
curiosamente
digital
duas
compreensão
fazer
enorme
diz
diversidade
feito
disso
estaria
inclusive
existia
fantástico
espaço
falar
grande
extremamente
hoje
ideia
escala
gráfico
governo
fazendo
essência
internet
ficar
essencial
enquanto
Google
justamente
impede
havia
hardware
logo
gente
impossível
movimento
Gil
mim
interessante
nada
lado
forma
Ministério
livre
Leary
nome
nova
Ninguém
momento
onde
pensar
nesse
liberdade
simplesmente
mundo
música
papel
outro
outra
novas
pessoal
política
porque
primeiro
prática
ponta
negócio
Quais
quantidade
questões
possibilidade
tempo
país
pessoas
processo
pouco
sobre
real
Pontos
precisa
possibilidades
Timothy
vai
todo
trabalho
sentido
primeira
precisamos
sistema
trouxe
ser
questão
tudo
visão
vem
XXI
toca
século
XX
velocidade
toda
software
verdade

Cláudio Prado

Coordenador do Laboratório Brasileiro de Cultura Digital

O que é cultura digital?

A cultura digital é a cultura do século XXI. É a nova compreensão de praticamente tudo. O fantástico da cultura digital é que a tecnologia trouxe à tona mudanças concretas, reais e muito práticas em relação a tudo que está acontecendo no mundo, mas também reflexões conceituais muito amplas sobre o que é a civilização e o que nós estamos fazendo aqui. A mitologia do século XXI é desencadeada a partir do digital. Eu diria que o teórico que junta essas duas coisas é o Timothy Leary, com a *Política do êxtase*. Não o *ecstasy* droga, a política do êxtase. Ele escreve isso em plenos anos 1960. Isso me pirou na época. Eu e o Gil roubávamos livros do Timothy Leary para distribuir para as pessoas. Ele diz assim: o computador é o LSD do século XXI. Uma antevisão muito interessante de tudo aquilo que vinha acontecendo com o digital no lado prático, juntando essas duas correntes. Eu diria a você que existem duas vertentes da cultura digital: uma prática, real, do software livre, de novas percepções de como fazer as coisas, novas possibilidades de acesso, de troca, de viabilização da diversidade, que era impedida porque não podia ser distribuída no século XX, todas essas novas possibilidades extraordinárias. Por outro lado, há uma coisa conceitual muito profunda, do papel do ser humano sobre a terra, que se desencadeia numa

compreensão muito mais séria de inúmeras questões, entre elas a questão ecológica.

Quais são os fatores que criam as condições para que, a partir de 2003, ou seja, no inicio desse milênio, o Brasil consiga produzir formação e políticas de cultura digital?

Certamente foi o mandato do Gilberto Gil no Ministério da Cultura que trouxe essa abertura. Pessoalmente, o meu trabalho no Ministério da Cultura e a possibilidade que o Gil e o Ministério da Cultura tiveram de abrir espaço para a construção de uma política da qual se sabia muito pouco naquele momento. A primeira questão importante foi a possibilidade de trabalhar dentro do Ministério, no nível ministerial, de forma conjunta entre sociedade civil e governo, o que foi uma coisa extremamente nova, extremamente interessante, densa e rica, cheia de problemas, mas que trouxe a possibilidade de o Governo vislumbrar a velocidade que o digital traz embutido nele. A grande questão do digital é essencialmente a velocidade com que ele avança. Entre a tipografia e a imprensa são 300 anos, entre o digital e o YouTube consagrado são 15 anos. Esse descompasso da medida do tempo é brutal.

E como foi a sua atuação pessoal?

Ah, era um *hippie* no Ministério da Cultura. Foi isso. De um lado o Gil abrindo espaços para uma nova reflexão, do outro eu. Ele disse: "eu, Gilberto Gil, ministro, trabalho para que governos não sejam mais necessários um dia". Um ministro de Estado falando esse tipo de coisa assim já mostra tudo... ele disse isso em Tunis, durante a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação. O pensamento dos anos 1960 trazido para dentro do Governo é muito mais revolucionário do que os ex-exilados que também estavam dentro dos governos, embora eu não tenha nada contra os exilados políticos da esquerda. Apenas eles acabaram resultando numa acomodação política do século XX, enquanto que eu acho que o movimento *hippie* instalado procurou furar tudo isso, caminhando para o XXI.

É hoje que os meios propiciam as vontades dos anos 1960?

Houve um amadurecimento daquela questão toda. O movimento nos anos 1960 foi uma coisa de uma explosão muito violenta, muito rápida. Ninguém entendia direito o que estava acontecendo. A proposta, como dizia Timothy

Leary, era "ligue-se, sintonize e caía fora", pular fora do sistema, construir outra possibilidade da realidade. Mas a grande maioria desse pessoal entendeu logo em seguida que dava para ganhar dinheiro com isso, e o negócio todo foi engolido, o sistema como bom engolidor de tudo absorveu uma pancada de gente. Mas os conceitos essenciais da discussão dos anos 1960 ficaram subjacentes a uma questão que amadureceu e hoje aparece como a essência das questões do século XXI. Ou seja, a questão da diversidade, da distribuição, de ecologia, a ideia da liberdade profunda. Porque a liberdade é uma palavra que foi detonada no século XX. Bush foi para o Iraque em nome da liberdade. Foi uma palavra que ficou sem sentido nenhum. A liberdade que a gente falava nos anos 1960 era a liberdade de trepar, contra o tabu sexual, que continua existindo. A cultura digital é uma cultura pós-freudiana, porque a cultura freudiana continua toda ela envolvida na culpa de Freud, na culpa do sexo.

COMO É QUE FOI VIVENCIAR ESSE PROCESSO?

O que aconteceu na prática foi que quando o Gil foi nomeado [2003] eu o procurei. No primeiro dia eu não consegui falar, acabei encontrando com o Gil aqui em São Paulo, no encontro de Mídias Táticas, onde estavam o John Perry Barlow e o Richard Barbrook, que são duas figuras curiosamente opostas e curiosamente revolucionárias. Eles estavam discutindo e brigando na mesa com o Gil. O Gil convidou o Barlow e o pessoal da Mídia Tática havia convidado o Barbrook. Eu fui assistir ao evento e falei com o Gil logo depois. Aquilo explodiu para mim como uma parte do quebra-cabeça que começava a se juntar na minha compreensão. Eu ia conversar com o Gil naquele dia sobre fazer alguma coisa com música, onde música e não o *business* fosse o centro da história. O codinome para mim daquilo era o Templo da Música, o lugar onde a música era cultuada, era discutida e distribuída numa visão oposta da de uma gravadora. Isso aproveitando as possibilidades todas que o digital trazia, as possibilidades múltiplas de gravar e tudo mais. Mas ouvindo aquela conversa ali, um monte de coisa começou a fazer sentido, inclusive a frase do Timothy Leary sobre o computador. Quando eu ouvi aquela frase pela primeira vez, eu achei, como muita gente, que ele estava louco. Durante o evento aquilo tudo se fechou e deu um sentido muito profundo dessa possibilidade libertária. Leary tem um gráfico extremamente interessante, no livro *Chaos and cyberculture*, do desenvolvimento tecnológico *versus* a quantidade de bit de informação que você recebe por dia. Então à medida que a tecnologia

vai avançando a quantidade de bits que se recebe por dia aumenta. O gráfico é uma curva que vai subindo até ficar totalmente vertical. No entanto, é mais do que isso. O gráfico linear não explica, não chega a expressar aquilo que está acontecendo nessa realidade quântica. Não são mais três dimensões, existe uma outra dimensão filosófica. E aí entra nas profundezas do Timothy Leary, que é uma loucura. É uma compreensão de que nós temos que lidar daqui para frente com o caos. Não o caos desestruturante, mas o caos estruturante. Ou seja, o máximo da velocidade é a quietude. O estado meditativo é o resultado da velocidade máxima.

E como foi a conversa com o Gil?

Imediatamente troquei a ideia. Disse a ele: "Gil, vamos pensar a questão do digital como questão cultural." Ainda estava focado na música, mas já era isso. Aí eu peguei aquela moçada que eu tinha visto ali no bastidor do Mídia Tática e convidei o pessoal para ir para a minha casa, conversar e discutir. O Gil respondeu: "Eu tenho um projeto onde isso se encaixa perfeitamente, as BACs [Bases de Apoio à Cultura]." E me encaminhou para conversar com o Roberto Pinho, que pediu um mês, dizendo que teria dinheiro. Na prática foi isso, um bando de gente que começou a conversar.

Quem era esse bando de gente?

Era a moçada que estava pensando e discutindo a questão digital, sobretudo o software livre, que era a questão essencial que rodava por trás disso tudo. Era uma compreensão menos voltada para a questão das artes e da cultura. Isso foi uma coisa que apareceu depois e acabou inclusive criando atrito com o pessoal do software livre, que, na minha compreensão, anda no caminho do século XX filosoficamente. Tem um lado do software livre que acabou virando fundamentalista. E o fundamentalismo é a grande doença do século XX. Mas eram vários grupos. O Arca, que era mais ligado ao software livre propriamente dito, o MetáFora, já estava trabalhando a ideia do MetaReciclagem. MetaReciclagem é reciclar dentro de uma percepção quântica e não puramente material. Houve uma enorme confusão justamente com essa questão de qual o limite do hardware e do software. Essas coisas se confundem de uma forma fantástica. O hardware se submete ao software em um determinado momento, depois inverte, e nesse ping-pong de hardware e software foi que aconteceu a revolução toda.

E quando o Ministério entrou no processo verdadeiramente?

Demorou um ano e meio até realmente o Ministério entrar. E durante esse tempo todo nós trabalhamos discutindo o que o Governo deveria e poderia fazer. Isso se confundindo com o já fazendo, porque aí começaram a acontecer coisas. Eu comecei a representar o Ministério da Cultura nos eventos de software livre, nos eventos de inclusão digital do Governo. Comecei a falar e discutir essas questões do ponto de vista do prisma cultural, e logo de cara descobri que existia um vácuo fantástico nesse movimento do software livre e de cultura livre, que ainda não existia enquanto tal. A cultura livre não estava colocada do jeito que está hoje, mas que existia um espaço para ela. Existia um vácuo enorme para uma liderança cultural, e o Gil se encaixava perfeitamente nesse papel, inclusive nas discussões dentro do Governo. Então eu fui ao ITI [Instituto Nacional de Tecnologia da Informação] falar com o Sérgio Amadeu. Quando chego lá em nome do Ministério da Cultura, abre-se um espaço gigantesco. Dentro do Ministério, se criaram duas grandes correntes do trabalho. Uma delas era trazer o digital para o campo da cultura e da po-lítica. Esse trabalho era conduzido através da agenda do Gil, que eu pautei muito antes de começar o trabalho efetivo no Ministério. O outro trabalho foi com a Cultura Digital nos Pontos de Cultura. A gente propôs a ideia do Kit Multimídia para o Célio Turino, que estava coordenando os Pontos de Cultura, e ele rapidamente compreendeu e aceitou. Então havia uma questão prática muito concreta e real, de levar esses conceitos para as pontas, para a periferia brasileira, para a molecada que estava espalhada nos Pontos de Cultura, conjugada a uma questão mais conceitual.

Os Pontos de Cultura são justamente a política que emerge no lugar das BACs...

O *insight* do Gil estava absolutamente correto, de que o caminho era pelas BACs, e a coisa se realizou de uma forma extremamente interessante. A polaridade de uma discussão conceitual, filosófica, política, cultural, por um lado, e por outro verificar como que as periferias brasileiras, como a molecada reagia à internet nessa dimensão cultural. Foi isso que deu a visibilidade internacional para essa história toda, através da capa da revista *Wired*. Não era simplesmente um discurso, ainda que o discurso em si já seja fantástico. O pensamento do Gil teve repercussões até dentro da UNESCO. A Convenção da Diversidade foi inteirinha pautada por uma visão da diversidade que sem

o digital não existiria jamais. É impossível imaginar a diversidade a não ser pela sua fada madrinha que é o digital, que possibilita a distribuição. O discurso ficaria totalmente vazio se não houvesse essa compreensão prática. A periferia brasileira está avançadíssima em relação à compreensão do digital. O digital age de forma instantânea, há um fenômeno similar de compreensão do que é possível ser feito na era pós-industrial, pós-trabalho. Esse pessoal aprende a fazer *upload* antes de ouvir falar em *download*. A compreensão do *up* e *down* era uma proposta de interatividade, de articulação e não de simplesmente baixar uma coisa para consumo. Era uma compreensão política que dava uma dimensão de possibilidades que esse pessoal tinha pela frente pela primeira vez.

Quais foram as principais dificuldades?

A burocracia, obviamente. Mas a burocracia brasileira é furável, ela é contornável, não é rígida como no primeiro mundo. Se a nossa burocracia fosse igual à burocracia europeia haveria uma travação total desse processo. Mesmo assim, a burocracia travou a possibilidade real de se contratar exatamente o que a gente estava fazendo. O que a gente estava construindo era incontratável, se tivesse isso sido lá. Ao mesmo tempo havia um engajamento político, militante, de um bando de gente que topou avançar sem essas garantias.

Pensando na continuidade do processo, existe um desafio de como recriar as institucionalidades que dêem conta disso.

Isso é uma coisa que hoje precisaria ser discutida. Na verdade, a questão essencial é o seguinte: nós não sabemos exatamente onde nós vamos chegar com esse projeto. Ele é experimental, e a condição do governo fazer uma coisa experimental, ou que não sabe exatamente aonde se quer chegar, é muito complicada. A lei impede isso em nome de uma lisura, e se fosse ficar atento às lisuras do Governo, a gente teria feito uma coisa burocrática. Não teria tido a importância que teve, teria todo mundo recebido direitinho, estaria tudo certinho e não teria acontecido nada. Essa é a essência da questão: a reforma de como o Estado se comporta. Hoje, em nome de uma lisura que não acontece, impede-se a possibilidade de fazer uma experiência de ponta. Ou seja, o Governo não pode ser de ponta. O Governo é por natureza conservador. Ao governo não é possível inovar. A não ser no nosso caso. Nós abri-

mos uma brecha. Mas essa brecha nunca resultou na discussão necessária, do que é preciso existir para que o Governo consiga inovar. Hoje a solução é dar prêmios. Foi a solução encontrada. Mas o prêmio tem que ser para uma coisa que já foi feita, porque aí você não precisa prestar contas desse dinheiro. É interessante prestar atenção nisso porque justamente a velocidade do digital propõe um salto de tal ordem que se o Governo não mudar completamente o seu jeito de pensar vai ficar a reboque.

Uma outra dimensão que essa experiência trouxe é que a infraestrutura para a cultura digital exige outros elementos, a necessidade de servidores, de hardwares, de softwares...

O que a gente descobriu é que um moleque – e quando falo moleque eu estou falando do cidadão – que tiver plugado na outra ponta, ele é um usuário de jamanta, na banda larga. Ele tem caminhões para circular todos os dias. Ele começa a subir e descer foto. Daqui a pouco ele começa a subir seu vídeo, e precisa de banda de verdade para fazer isso. Ele precisa ter onde armazenar isso, toda essa condição de infra-estrutura de acesso, que não é simplesmente o acesso, mas a possibilidade da troca, que o Google entendeu de forma brilhante.

Não tem um desafio de construção de alternativas públicas?

Se um Governo pensasse como o Google, ele estaria construindo isso. Se o Brasil estivesse pensando como o Google, estaria lançando um satélite e oferecendo conexão para todo mundo. E o Brasil também teria feito uma fábrica de chip livre. Isso para mim é a grande sacada. O território do software livre pára no chip proprietário. Ninguém ousou pensar no chip livre. O chip precisa de escala, precisa de um bilhão. Não custa nada um chip, mas custa caro montar uma fábrica de chip. Você precisa vender uma quantidade enorme...

O que, na sua opinião, configura ou constitui esse Brasil tão receptivo a essa cultura emergente?

A essência da cultura brasileira é tropicalista. O tropicalismo não é uma invenção, é uma constatação da nossa possibilidade miscigenada de entender as coisas, de redirigir as coisas, que vêm de uma forma muito rápida. O componente essencial da cultura brasileira é a alegria. Eu vejo na questão da alegria a grande aposta brasileira, que também é a do digital. Tenta explicar o

que é um mutirão para um gringo, um francês, um alemão, um americano... as pessoas da favela se juntam para construir a casa do vizinho, no fim de semana, em troca de um churrasco e umas cervejas. Muitas vezes é ele mesmo que paga as cervejas. Isso é impossível. A grande manifestação que vem das periferias, que vem da favela é a expressão do carnaval, que é um enorme processo colaborativo. Tanto o mutirão como o carnaval são processos em que as pessoas se juntam para conseguir alguma coisa coletivamente. Eu vejo na questão brasileira uma predisposição para os processos coletivos e colaborativos e uma visão pública. A nossa grande salvação é não ter dado certo como o Primeiro Mundo. Fôssemos nós de primeiro mundo, a Amazônia estaria devastada, pois foi assim como o primeiro mundo se construiu, desvastando o meio ambiente e transformando em energia e matéria-prima. Quando Charles de Gaulle vem aqui e diz "esse não é um país sério" ele estava certíssimo. Isso aqui é um país alegre.

Ele teria dito outra coisa, também, que "O Brasil é o país do futuro e sempre será". Parece que ele errou...

Graças a essa invisibilidade que o Brasil emerge. Era impossível olhar para o Brasil. Na verdade, as coisas que emergem no século XXI são graças à invisibilidade que tiveram. A própria internet nasce porque ela era invisível. Ninguém percebeu a internet como grande escala. O mundo corporativo não enxergou a internet como possibilidade de negócio. O mundo regulatório não viu a internet como ameaça para nada. Ninguém tentou regular e cooptar, e quando ela aparece já é grande o suficiente para ser anárquica, caótica, incontrolável. Agora vêm os sistemas corporativos e os sistemas regulatórios, governamentais, correr atrás do prejuízo. Aqui no Brasil essa coisa se tornou curiosamente desgovernada. Essa possibilidade que temos de fazer arranjos e acomodações que em outros lugares do mundo são impossíveis de acontecer. Quem diz isso é o Barlow. Ele, quando olhou para nós aqui, quando se virou para o que estava acontecendo aqui, disse: "Vocês são a possibilidade de a revolução digital funcionar e dar certo". O resto do mundo já conseguiu controlar isso de alguma forma e aqui continua solto.

Quais são na sua opinião os principais desafios para seguir adiante?

Nesse momento precisamos levar essa discussão ao extremo que ela pode ser levada. Não deixar virar uma coisa morna. Nesse sentido é muito impor-

tante o reconhecimento da importância internacional do Brasil. O papel dos observadores, dos colaboradores internacionais, é extremamente interessante. E, sobretudo, eu imagino que precisamos acompanhar a emergência dos políticos digitais, o que vai acontecer de uma forma ou de outra, e, na minha percepção, isso vai acontecer nos municípios, nas cidades digitais, que vão poder dar saltos inacreditáveis. Uma administração municipal que entenda o que o digital pode fazer para mudar as realidades locais, revolucionar as realidades locais, e injetar auto-estima conseguirá muita coisa. Com auto-estima levantada as pessoas vão longe. O perigo agora é isso ser cooptado pelo sistema. Por outro lado, as pessoas estão vindo. Existem milhares de demonstrações disso. O que precisamos fazer é lutar para que a cultura livre, digital, multimídia chegue para todos.

economia da cultura digital /

O deslocamento dos objetos para o horizonte do interesse e tal fixação do interesse sobre os inobjetos não têm paralelo na história da humanidade. Isto é sumamente incômodo: de que forma, sem termos exemplos, imaginar como será a vida de quem manipula informações, códigos, símbolos, modelos e despreza objetos? Que tipo de gente será ele? Que tipo de vida será essa?

Vilem Flusser, 1991

Quanto mais um programa é pirateado, mais provavelmente ele se tornará um padrão. Todos esses exemplos apontam para a mesma conclusão: a distribuição não-comercial de informação aumenta a venda de informações comerciais. A abundância gera abundância. Isso é exatamente o contrário do que acontece numa economia física. Quando você vende substantivos, existe uma relação inegável entre a raridade e o valor. Mas, numa economia de verbos, vale o inverso. Existe um relacionamento entre familiaridade e valor. Para ideias, fama é fortuna. E nada torna você famoso mais rapidamente do que uma audiência que quer distribuir o seu trabalho de graça.

John Perry Barlow, 2000

It's free because it's yours.

Diggers, 1968

conhecimento
cultura
processo
processos
pessoas
deslocamento
dinheiro
gente
internet
acesso
bens
coisa
atividade
colocar
diversos
editoras
cultural
editora
educação
economia
digital
hoje
interesses
pesquisa
maneira
livro
problema
pagar
porque
produção
sistema
ser
produz
ter
todo
trabalho
trabalha
sociedade
remuneração
visão
valor
vai
textos
tempo
produto
população
conectividade
empresas
colaborativa
criativa
base
área
apenas
acho
assim
alguma
dá
ano
alunos
autor
chamado
Agora
computador
conceito
básico
cima
coisas
caso
culturais
dentro
dois
desse
disponibilizar
espaço
dólares
geral
formas
físico
Então
financeira
exemplo
fato
impedir
outros
grandes
invés
existem
evolução
intermediários
interessante
medo
gera
ponto
intermediário
Japão
ondas
possibilidade
jurídica
passo
onde
mundial
parte
livre
perfeitamente
música
pedágios
pessoa
ninguém
precisa
pode
mundo
online
serviço
podem
possível
século
seguinte
sobreviver
rua
toda
professor
site
propriedade
Prospect
questão
tipo
tecnologias
tentar
transformação
tipos
software
vida
relações
texto
serviços
trabalho
viável
hoje
economico
faz
dia
etc
eletromagnéticas
enfim
dar

Ladislau Dowbor

economista

Qual é o impacto do digital nos processos culturais?

O impacto básico é um deslocamento sísmico da cultura que se recebe para a cultura que se faz. Com a conectividade que se gera, há uma volta ao que era antigamente, onde se fazia pintura, se fazia música em casa, enfim, a atividade cultural era das pessoas, não era uma coisa que você senta no sofá, aperta o botãozinho e assiste. Você volta a ser um agente de cultura. Quer dizer, o fato de você não precisar passar por um grande intermediário e assistir todo mundo a mesma coisa e então poder participar do processo cultural é resgatar a dimensão de criatividade que há dentro de cada um de nós. Esse é um deslocamento radical. Isso significa um deslocamento também do que é chamado de indústria cultural, que era a cultura apropriada por grandes intermediários, que escolhiam o que seria acessível ao público.

Isso opera um deslocamento também econômico, não é?

Nós estamos acostumados a um modelo econômico em que você produz bens físicos pelo mercado, vende, recebe dinheiro e produz mais bens. É a economia do século passado. Hoje estamos nos deslocando para uma economia onde a produção física tem muito menos importância no processo de valoração. Tipicamente, num produto, hoje, quando você paga 100 reais, você

está pagando 25 pelo produto e 75 pela pesquisa, pelo *design*, pelo sistema de comunicação, pela divulgação etc. Quando o conhecimento se torna o principal elemento de valor de um produto determinado, as relações mudam. Se eu passo a minha caneta para você, eu deixo de ter a minha caneta, certo? Portanto, eu tenho o problema da propriedade. Mas se eu passo o meu conhecimento, eu continuo possuindo ele. Se eu passo a minha música para você, eu continuo tendo acesso a ela. O meu acesso é livre, e o seu acesso vai ser livre também. E tem mais: quanto mais se generaliza o conhecimento, quando o conhecimento é a base do valor que a gente produz, mais toda a humanidade enriquece. Donde a evolução nossa, em geral, para processos colaborativos, não por algum sonho idealista, mas porque a economia do conhecimento se consome assim. Quem já fez pesquisa, quem trabalha em universidade, quem trabalha até em pesquisas em empresas, coisas assim, sabe que essa visão de trancar tudo em copyright e patentes simplesmente está trancando o conhecimento em cubículos, quando o conhecimento se enriquece em processos interativos de pesquisa. A cultura nós estudamos na linha dos bens imateriais. Esse é um ponto de interrogação para todos os economistas, porque estão acostumados ao raciocínio do século XX. Eu produzi um sapato, me custou tanto. Vendi por esse tanto e mais um valor, isso gera o meu lucro. Isso a gente entende. E quando o valor é um bem cultural? O desafio que está se colocando é o deslocamento da remuneração. Pegue as grandes editoras que dizem: "Não se disponibilizar online, a gente vai perder dinheiro." É bobagem. Diziam que a televisão ia matar o cinema, que o computador ia matar a televisão – e essas coisas. Não. Nós temos um processo de enriquecimento geral da dimensão do conhecimento de todas as atividades, e isso envolve diversos tipos de meios, de instrumentos de comunicação. O problema do processo de valor que acompanha a atividade criativa à remuneração da economia criativa, eu colocaria na linha do deslocamento. A IBM produzia computadores, e o computador não dá mais dinheiro. Ou seja, é um dado... Eles se deslocaram para produzir software. O software, claramente, está evoluindo para software livre que você baixa ou utiliza quando precisa, na internet, e ponto. O que eles fizeram? Se deslocaram para prestação de serviços especializados na área de arquitetura de informação. Não é preciso trancar na base de patentes, copyright etc. e tentar impedir a evolução das tecnologias. Pelo contrário, as instituições é que têm que se adaptar às novas tecnologias, e não tentar impedir o acesso.

Até porque é impossível...

Eles podem conseguir segurar algum tempo. Mas a mudança já está acontecendo. Há 10 anos, se não houvesse uma editora que colocasse meus livros na praça, ninguém conheceria minha pesquisa. Hoje, uma editora tentar impedir de eu disponibilizar a minha pesquisa é um absurdo. Quer dizer, qual é a utilidade dela atualmente? Vamos pensar o meu caso. O livro *Democracia econômica*, que em si já lida, desde o título, com isso, foi colocado online no mesmo dia em que enviei via computador, pela internet, o original para ser editado. A editora levou um pouco mais de um ano para colocar na rua mil e poucos exemplares. Até sair na rua, downloads, só no meu site foram mais de 8 mil. Isso não significa a morte da editora, pelo contrário. Se a pessoa ler meia dúzia de páginas, se interessar pelo livro e considerar que ele é útil, ela vai comprar o livro físico. Isso está reforçando a compra.

Mas tem um segundo ponto: é vital para a cultura ser um processo de cruzamento de criatividade interculturas, interpessoas, interdisciplinas, é preciso que haja disponibilização online, para ser possível colocar na internet a palavra chave, definir meu universo de pesquisa e acessar, em torno de um tema, o cruzamento da visão de um antropólogo, do economista, do jurista, de várias áreas. Isso é vital, porque não é só ter acesso aos produtos, é poder cruzar a riqueza de diversos enfoques que diversos agentes culturais criam.

Agora, uma editora não é só a edição livro físico. Uma editora, com um trabalho sério, é o primeiro diálogo da formação do texto. Ela trabalha na construção do texto com o autor, ou na pesquisa. É uma primeira leitura crítica. Há um perigo na internet, da supressão de diálogos.

Deixa eu colocar o seguinte: isso está gerando contradições dentro das editoras. Há brigas entre o administrativo, o jurídico e o editorial, que complicam essa situação. Mas acredito que as editoras mais inteligentes e interessadas estão começando a entender a necessidade de mudanças. Afinal, o que é o mais importante? A disponibilização dos textos para as pessoas poderem ler. Ponto um. Ponto dois: o autor tem que estar protegido porque ele que criou as ideias. Em terceiro lugar, o esforço que as editoras fizeram para colocar esse livro na rua. É um equilíbrio de interesses, mas que não pode suprimir o acesso do público ao livro.

Como você vê o deslocamento da produção para o serviço como tem acontecido na cultura digital?

Há um deslocamento lógico, básico, que é o fato dos diversos signos da cultura se verem desmaterializados. Quando eu dou uma aula, escrevo com o giz. Tem que ter matéria em cima do quadro. Quando a gente transformou as letras desenhadas, as pinturas, numa expressão de zeros e uns, no sistema digital, isso permitiu ancorar todo o conhecimento em sinais magnéticos de apenas uma variação. Luz acesa ou apagada, magnético positivo e negativo, intensidade maior ou menor de focos, o que for. Com isso eu passo a ancorar todo o sistema em ondas eletromagnéticas que viajam na velocidade da luz e podem ser estocadas em volumes absolutamente infinitos. Além disso, essas ondas eletromagnéticas são públicas, ninguém é dono delas. Então, a base tecnológica é uma base social – a infraestrutura desses processos – diferentemente de um livro em que você tem que ter comprado a madeira, que foi transformada em papel, enfim, o conjunto do processo da produção de um bem físico. Essa desmaterialização torna possível a conectividade planetária de todo o conhecimento acumulado. Dessa forma, a transformação que atinge o chamado intangível, como chamamos em economia, hoje vem atingindo a cultura, está atingindo a forma de produzir e divulgar música, filmes, escritos científicos etc. É um deslocamento da conectividade planetária. Como os diversos atores vão se inserir nesse processo, isso vai depender dos vários segmentos. Eu acho que vão encontrar outros tipos de formas de remuneração do esforço. O essencial é que o conhecimento não está mais apenas na minha cabeça (eu, como professor). O conhecimento é um acúmulo social planetário e está disponível nas ondas eletromagnéticas. Então, da mesma maneira como a cultura muda, de forma geral (no seu conceito organizacional e econômico), a educação vai ter que mudar. A educação é outra área que está parada no tempo, com o que o professor conhece e transmite para alunos, escrevendo em cima da lousa. Então é assim: está gerando um sentimento de frustração nos 60 milhões de pessoas, que são alunos, professores e administradores de educação, no Brasil. Um terço da população mundial hoje está ligado à educação. Não é brincadeira! Isso tudo tem a ver cultura e educação? E como tem! Matéria-prima é conhecimento nas suas diversas formas. De forma geral, eu acho que nós estamos construindo outro continente econômico. Os desenhos desse processo estão apenas chegando. Como se dá hoje o enriquecimento sobre cultura? Em geral não é por parte de quem produz,

mas sim por parte daqueles que conseguem colocar pedágios sobre o processo. A única maneira de colocar pedágios é você impedir que circule – é você ter que pagar para ter acesso. Esse travamento cultural você vai encontrar nos mais diversos subsistemas. Tem gente que paga por um MBA [Master of Business Administration] um monte de dinheiro para ter uma série de conhecimento que está online. Mas ele precisa da confirmação que teve acesso a esse conhecimento. Toda a indústria da educação privada de luxo que se criou, você está dando tipo de um atestado, de uma medalha. Em geral, não corresponde a grande coisa. Eu puxo essa ponte com a educação porque sou professor. Eu disponibilizo produção científica minha na internet, e o meu objetivo é criar uma dinâmica onde as pessoas possam efetivamente ter acesso.

A questão da remuneração do conhecimento tem uma importância básica. Quando a pessoa é remunerada pelo conhecimento, ela pode ter tempo para pesquisar, elaborar, aprofundar. Ao se tirar isso, não há o perigo de obrigar as pessoas a serem dependentes de instituições fomentadoras?

Eu acho o problema da especialização no conhecimento se coloca de maneira diferente. A nossa visão do relacionamento entre os processos culturais e os processos da nossa sobrevivência é basicamente ligada a forma seguinte: você estuda, depois trabalha e depois se aposenta. Esse é o processo. A cronologia da relação com o conhecimento está se deslocando. Grande parte dos meus alunos tem 40, às vezes 50, 60 anos. O que é que eles estão fazendo? Eles estão se rearticulando com dinâmicas de conhecimento das áreas as quais eles pertencem. Essa mudança de cronologia exige que certas pessoas não se vejam obrigadas, para sobreviver, a aprender apertar certo tipo de parafuso e passar a vida apertando esse tipo de parafuso. É perfeitamente viável haver especializações. Mas é destrutivo para o ser humano haver só especialização na vida de uma pessoa. Para mim, a realização de uma pessoa, a chamada qualidade de vida, se manifesta na possibilidade da gente dar expressão às diversas dimensões que nós temos dentro de nós. Todos nós temos dimensões artísticas, científicas, de relacionamento humano, que são também relações criativas, temos capacidades profissionais de diversos tipos que podem se manifestar. A gente tem que dar espaço para a manifestação desses potenciais.

O problema da cultura, então, se desloca para o seguinte: nós estamos mais do que na hora de colocar na mesa a redução da jornada de trabalho. O

que se produz hoje no mundo: 60 trilhões de dólares de bens e serviços ao ano. Dividam isso por 6,7 bilhões de pessoas. Hoje, o que se produz de bens e serviços no planeta, se fosse distribuído com um mínimo de bom senso (e não na loucura que a gente vive), isso daria mais ou menos R$ 5 mil por mês por família de quatro pessoas. Ou seja, o que a gente produz hoje é amplamente suficiente para todo mundo viver de maneira tranquila e com dignidade. Nós temos uma parte da população desesperada por excesso de trabalho. Pessoas que, para sobreviver, matam sua vida. Então, o que está se apresentando é uma possibilidade de se deslocar a atividade cultural de uma atividade, digamos, de gente que possui bens, um verniz cultural dessa gente, para uma visão de apropriação efetiva desse processo pela população. Isso envolve coisas que hoje são evidentes como objetivos. Como a redução da jornada de trabalho. Trabalhar seis horas por dia, por exemplo, ou estender mais um dia por fim de semana é perfeitamente viável em termos econômicos.

Existe a questão do medo, que é totalmente infundada. O medo de ser perder o que nunca se teve, que é o livre acesso à produção e distribuição, e que a internet dá para os artistas. As pessoas falam: "1% de nós conseguiu um contrato com gravadora, tal, e agora nem esse 1%.", mas não percebe que em 99% já estava perdida dessa questão.

Não podemos subestimar a cultura jurídica nesse mundo. A luta que tem os departamentos jurídicos, nas mais variadas empresas, para dar proteção total a toda à propriedade é uma loucura. Isso é empurrado para uma cultura jurídica que quer mostrar que "eu defendi muito bem os interesses da minha instituição", e na realidade ele mata todo o sistema. As pessoas não se dão conta do peso dessa coisa. O custo de intermediação jurídica nos Estados Unidos, só na área empresarial, é da ordem de 370 bilhões de dólares ao ano. E eles dizem: "Olha, a legalidade e a ética de funcionamento da sociedade nós conhecemos. Nós sabemos as leis." É realmente um problema! Os americanos têm 850 mil advogados. O Brasil tem 650 mil advogados. O Japão, que trabalha muito mais na base da palavra e da confiança, tem apenas 14 mil. O Japão vai muito bem, obrigado. É a segunda economia mundial. É interessante. Eles trabalham de maneira muito colaborativa os processos ligados à inteligência. Eu não quero colocar o Japão como modelo, mas eu quero trazer o imenso atraso que a área jurídica gera ao não permitir a evolução da transformação das coisas. Eles tentam cristalizar interesses e, com isso, tendem a

atrasar os processos. De outra maneira, é claro que a força da transformação tende a prevalecer. Eu acho que o procedimento correto é o seguinte: você tinha interesses. É muito mais cômodo você defender os interesses que você tinha, do que evoluir junto com a sociedade e com as tecnologias as novas formas de construir esses interesses. O deslocamento básico, radical, que é o que se estuda como economia criativa, é que uma vez que você gastou o investimento de criar um produto, a utilização desse conhecimento é gratuita. A produção criativa não é um bem físico, que tem que ter propriedade. O ato de produção é uma coisa, o ato de circulação deve ser gratuito e planetário.

E a questão dos custos bancários é outro empecilho. Como pagar um valor por artigo ou por música na internet, se os custos de operação do cartão são mais caros que o valor de compra. Num momento em que as pessoas não querem mais pacotes fechados, isso vira um problema.

Veja bem, você tem o problema dos intermediários financeiros, não é? Eu, por exemplo, poderia disponibilizar textos meus a R$ 5,00. É viável para a maioria das pessoas terem os textos. Ele para fazer um doc eletrônico para me pagar R$ 5,00, ele vai pagar R$8,00 pela operação bancária, porque ninguém pensou, na área financeira, em gerar sistemas inteligentes. Mas existem exemplos interessantes aparecendo. Um professor norte-americano colocou opções no site pessoal e disponibiliza toda a sua produção de graça. Tem as opções no site. Você pode usar os textos através do Creative Commons, gratuitamente. Mas se você quer contribuir para o site, para a produção científica do autor, você pode pagar dois dólares por texto que você busca – e dois dólares não matam ninguém. Uma terceira opção é, relativo ao volume de textos que você baixou, mandar o que você acha que isso vale. Num país como os Estados Unidos, eles descobriu que 70% das pessoas que usam seus textos contribuem com alguma coisa. Quando a remuneração é justa, as pessoas não se opõem. É muito interessante isso, porque quando você vai para a Suíça, ao invés de você ter um profissional perdendo tempo vigiando uma pilha de jornais para vender a um preço ridículo, existem umas caixinhas na rua e você pega o jornal e deposita o dinheiro. E, no fim, o sistema funciona. Se alguém faz um bom serviço, não exige nada, você acaba contribuindo com alguma coisa. Nós temos esse sentimento da reciprocidade nas pessoas. São processos colaborativos. Se sairmos do pagamento extorsivo, por exemplo, das telefônicas, do cheque especial, enfim, de um conjunto de elementos que

nos faz correr o tempo todo atrás de dinheiro, as pessoas não se preocuparam em pagar por um serviço pertinente. Eu trabalho com a visão do deslocamento do paradigma da competição para o paradigma da colaboração. Nunca que a competição vai desaparecer, mas a prática colaborativa pode ser dominante.

O digital potencializa ou fortalece uma sociedade colaborativa em relação à sociedade competitiva?

Eu não tenho dúvida. O fato é que a circulação se tornou gratuita. Por enquanto ainda tem certas coisas que são pagas, porque nós temos resquícios da visão do século passado dos pedágios. Tem gente que fica indignada de ver alguma coisa que circula de graça, mas no caso do conhecimento, é maximizar os usos, é maximizar o acesso, porque esse é um processo cultural, um processo civilizatório. A evolução para a sociedade do conhecimento não garante, mas abre sim a possibilidade de sociedade muito mais democrática.

E a cultura digital está mudando as relações urbanas, também...

O fato urbano é recente para a civilização humana. Hoje, 84% da população mundial é urbana. Há meio século, 2/3 da população era rural. Essa inversão é muito intensa, e ainda precisa ser dimensionada. O que tem de novo na era digital é que antigamente se dizia que um município muito pequeno não era viável culturalmente, não dá para viver, porque é muito isolado, sem interação. Quando você entra na era digital, essa questão não existe mais. O conceito de espaço mudou. Já se falou que o espaço morreu. Na prática, isso desloca as visões. É um deslocamento do conceito da territorialidade. A conectividade permite que territórios antes isolados não precisem de intermediários para sobreviver. Se pensarmos no pessoal do Amapá que trabalha com castanha. Antes, se eles entregavam o produto bruto. Catavam, jogavam no cesto e entregava bruto para atravessador. Agora, foi possível para eles se organizarem em cooperativa, fazerem um acordo com a Universidade de Macapá, que disponibilizou o laboratório de química para triturarem a castanha e extraírem as essências e vendem diretamente para as empresas de perfumaria na França através da internet. Imagina o valor agregado aí.

Eu estou imaginando o humor do intermediário...

Quem está tentando impedir todo esse processo é exatamente a figura do atravessador. É um cara que não produz, mas que vive de cobrar pedágio em

cima da produção dos outros. O que está ocorrendo é um processo de desintermediação. Um exemplo interessante disso está relacionado com o mercado financeiro. Nós sabemos as fraudes generalizadas que existem nos sistemas de intermediação financeira. Agora está explodindo com a crise financeira nos EUA. Todas as empresas grandes tinham caixa dois, falsificação de contabilidade, uso dos paraísos fiscais, evasão fiscal. E de repente um senhor montou um sistema chamado Prospect. Se você tem dinheiro para aplicar, coloca no Prospect que tem esse recurso para emprestar. Aparece gente que precisa do dinheiro, oferece propostas e se acertam. É muito fácil na internet saber quem é quem e assegurar contatos. Isso é um fato novo, a percepção de que a atividade bancária é essencial, o banco não.

Isso é um ponto de interrogação nas mais variadas áreas. O sistema está ruim, funcionando apenas para os investidores institucionais, o sistema da especulação financeira mundial. O dinheiro, ao invés de servir ao financiamento das atividades que geram riqueza, está servindo a processos especulativos. Então há um desvio de dinheiro que não é deles, são poupanças. É nosso dinheiro. No caso do Prospect, o dinheiro de um está servindo a outros, ao invés de enriquecer o intermediário desse processo. Do momento que a gente considera que o que deve ser remunerado é a atividade, e não o intermediário, as coisas mudam. Até que ponto era necessário ter o intermediário, pagar o lucro dele ali no meio? O sistema da troca, que é o que preexistia, digamos, é perfeitamente viável quando você está evoluindo para processos onde a troca é muito fácil tecnicamente. A infraestrutura digital permite o contato direto entre consumidor e o produtor dos mais diversos bens.

cultura
Então
internet
rede
digital
Brasil
grande
processo
comunicação
comunidade
capacidade
cultural
dentro
dessa
aqui
Agora
ambiente
acontece
acima
assim
aí
acho
autor
aberto
cara
coisa
construir
cérebro
cada
comum
controle
desafio
criação
disso
então
existe
dizer
gente
espaço
desenvolvedores
comunidades
desenvolvimento
estados
Estados
fazendo
Estado
grandes
lógica
impedir
faz
livre
hacker
fazer
inteligência
fenômeno
movimento
hoje
informação
governo
ideia
indústria
modelo
importante
lá
interessante
permite
música
liberdade
nada
mesma
problema
pessoas
Porque
necessariamente
nova
importância
questão
organização
maior
mundo
partir
nação
onde
possibilidade
nunca
momento
nesse
open
recombinação
outro
tecnologia
poder
Richard
nessa
redes
pode
política
recombinante
valor
suporte
ter
produção
todo
vamos
Unidos
surge
país
toda
ser
século
sempre
tecnologias
vez
texto
termo
sociedade
vai
vem
Stallman
tudo
saber

Sergio Amadeu

sociólogo

Qual é a sua interpretação, o que você chamaria de cultura digital?

Ah, cultura digital eu gosto de pensar como mais uma forma de falar da cibercultura. Para mim seria um sinônimo. É a cultura que nasce no interior, e a partir da expansão das redes digitais, que faz uma recombinação muito importante, muito interessante da ciência com as artes e tudo o que permite que exista no meio desse processo. Desde o Renascimento, e com a evolução do capitalismo também, você foi tendo especializações. Então todo o mundo industrial é um mundo de especialização, é um mundo de divisão do trabalho intensa. É o mundo da autoria, para poder precificar; é todo o mundo que vai se expandindo como uma produção em grande escala do tipo industrial. Aí o que é que acontece? A partir dos anos 60, com a expansão das tecnologias de informação, você tem uma reversão desse processo. Práticas sociais que eram extremamente marginais ou secundárias, a partir do momento que utilizam essas tecnologias da informação e utilizam estas tecnologias em rede tomam um corpo maior, e nós temos um processo de reversão dessa tendência. Então, tudo o que era separado, especializado, passa a ser unificado na rede. Você tem o fenômeno da tecnoarte, que é um típico fenômeno da cultura digital. É um fenômeno que se utiliza da metalinguagem digital, da capacidade de recombinação de arquivos, da capacidade de retrabalho de toda a produ-

ção simbólica. Então cada vez mais ciência, tecnologia e arte se juntam. Também outras coisas se juntam: a ficção se junta também com as proposições de caráter consistente, científico, acadêmicas. A maior prova disso é o termo "ciberespaço", que nasce de uma obra de ficção e depois penetra em todo um ambiente acadêmico, de pesquisa. Do Willian Gibson, de *Neuromancer*, para a academia. E ninguém é contra aquela expressão para definir esse espaço onde se cria fundamentalmente uma cultura digital, que não se limita efetivamente ao interior das redes. Mas quando você pensa em cultura digital e cibercultura, necessariamente você está pensando num fenômeno que se relaciona com as redes. Então, quando olho, ouço ou penso a cultura digital, eu também penso numa fase da chamada cultura de rede. É basicamente isso.

A cultura digital então está absolutamente atrelada à emergência da rede?

Sim. Ela é ligada às redes que usam a metalinguagem digital, que retiram toda a produção simbólica dos seus suportes, e por isso ela permite tanta recombinação. Então é uma característica básica das redes, que também é avessa a essa lógica pós-Renascentista, que é a característica de você poder juntar, trazer de volta a recombinação, tal como a originalidade do campo legítimo da produção de arte, da produção de cultura, que tinha sido banido. A prática recombinante, para a indústria cultural, foi banida. Ela é banida a partir do momento que você precisa construir uma lógica mercantil da cultura. Então aquilo que é o estilo basicamente comunitário, comum de uma dada região. Para falar como surge o jazz, o que é preciso fazer? Você tem que começar a especializar os caras que tocam jazz, especializar cada um na sua função. Você precisa dar, cada vez mais, uma lógica de individualidade, de autoria. Você faz isso e a partir desse momento você pode começar a dizer que é importante para a cultura aquele fenômeno que é vinculado à genialidade, e essa genialidade se expressa basicamente numa coisa que é quase mística. "Eu crio porque eu sou genial". Eu não tenho nenhum contato com a cultura, ou esse contato é extremamente secundário. Isso acontece também na ciência, mas menos. É tipicamente das artes, porque as artes foram empacotadas e transformadas em mercadorias, e aí você precisa claramente criar uma figura que é acima da cultura, acima do comum, acima da produção coletiva. E essa figura é o autor, que é genial e que cria uma obra completamente original, sem precedentes. Então a indústria cultural está sempre atrás disso. Isso

é uma invenção de um processo que acontece no final do século XIX. E que quando surge a reprodutibilidade técnica da música, a capacidade de gravação da música em um suporte, você tem na música o efeito que aconteceu com a palavra e com o texto quando se inventou a prensa de tipos móveis. A imprensa foi vital para alfabetizar as pessoas, ter uma massa enorme de textos. Agora, imaginem antes da gravação da música num suporte, da capacidade da gravação, imaginem como era a vida das pessoas, a vida musical das pessoas? Não existia! Você podia, no século XIX, nascer e morrer sem nunca ter ouvido uma música, a não ser a cantada pela sua mãe. Nunca. Então isso não existe. O século XX, o século dessa indústria cultural, vai popularizando isso. Agora, para fazer isso, ele teve que transformar um conjunto de bens que eram coletivos, culturais, em únicos, em coisas originais de autor. Bom, então eu tenho que garantir tudo isso com um sistema jurídico.

Senão fica que nem passarinho. É de quem pega, como diz o Donga sobre o samba.

Então. Esse processo é interessante porque depois ele vai se sofisticando, não é? Por exemplo, o cara que criou o samba, não justamente ele criou para vender. A pessoa que tocava um instrumento ou tocava uma música, ele não fazia isso para vender. Então você tem um conjunto de ideias que foram hegemônicas durante todo o século XX, até a emergência da rede. Por que eu digo isso? Porque quando a rede liberta o texto do suporte papel, liberta a música do suporte vinil, liberta a imagem do suporte ali da película, o que você tem? Você tem aquilo o que sempre foi: criações. Quando aquilo vai para a rede, você tem não só uma capacidade de convergência desses símbolos, desses ícones, de toda essa produção, mas tem a possibilidade de fazer com que aquilo retorne ao ambiente comum da cultura. Você recombina tudo. Então, a rede, a metalinguagem digital é recombinante, ela é tendencialmente recombinante. E isso causa quebras na ideia de autoria. Por exemplo, os Machinimas, que é o quê? O cara pega um game e ele, ao invés de jogar, usa o ambiente daquele game (que era pra fugir, lutar, combater) para contar uma história. Ele cria uma história dentro daquele ambiente. A pergunta que eu faço é: quem é o autor daquilo? A empresa, que fez o ambiente? O cara? A combinação dos dois? Aquele que remixa aquilo e depois dá um tratamento diferenciado, estético e 2D, porque antes era 3D? Quem é que o autor, afinal? Sem dúvida que está ocorrendo um processo do que é coletivo, do que é comum. O que não significa que não exista a participação do indivíduo nesse

processo. Isso é impossível de você negar, uma vez que você teve um período que criou esta construção social chamada indivíduo. Não tem jeito de você dizer: "O indivíduo não tem um papel nesse processo." Só que o que a rede faz? Ela fala: "Indivíduo, você é limitado dentro desse processo. A sua criação é necessariamente coletiva." A cultura é, necessariamente, coletiva. E a cultura é feita dessa forma. Nós, numa fase histórica, tivemos que dizer que isso era extremamente relevante. A relevância estava no autor e no gênio, que pode existir e que existe. Mas espera aí! Você está dentro de um contexto, então os grupos são importantes nesse sentido coletivo. A rede retoma isso. A rede permite que essas práticas se manifestem, e permite que a gente retome alguns termos que eram aplicados num contexto completamente diferentes. Por exemplo, o termo comunidade. Tem um contraponto muito forte na sociologia entre comunidade e sociedade. Comunidade é aquele ambiente onde eu tenho uma relação mais intensa, em geral face a face, o laço é muito forte. E a sociedade não. A sociedade é assim: eu moro num prédio, eu nem conheço o meu vizinho da frente, não é? É aquela solidão na multidão. A sociedade é racional, ela segue uma lógica da modernidade. Aí você vê que essa rede que nasce dentro dessa sociedade industrial (e, para alguns, pós-industrial) quando ela vai retomando o planeta, surge a seguinte questão: existem comunidades que são desterritorializadas, que não estão ali cara a cara e que tem laços fortes. Essas comunidades, várias delas que produzem um tipo de cultura digital, trazem a ideia da rede desterritorializando e, ao mesmo tempo, nesse momento de desterritorialização, ela aproximando as intenções dispersas pelo planeta. A rede é universal por totalidade, porque ela aproxima pessoas de vários territórios na intenção, nessa articulação que permite que eu chame de comunitária. E o que que isso tem a ver com o grupo? Uma vez que eu faço isso, eu tenho uma outra produção cultural, uma nova forma de produção cultural, que parte das culturas efetivamente locais, regionais, mas que ao se encontrarem na rede, elas estão criando uma nova possibilidade de criação em grupo. O grande lance é que está se gestando uma fusão de culturas, uma diversidade cultural que nós não tínhamos possibilidade de conhecer antes. As culturas tinham mais dificuldade de se movimentar, mais dificuldade de se recombinar. A rede facilita isso. E a ideia de que uma cultura ela está sempre em movimento, porque ela sempre está movimento, ela sempre busca a criação, ela tem uma dinâmica interessante e essa dinâmica se junta, no caso da rede, com uma diversidade impressionan-

te. Então eu acredito que esse fenômeno da diversidade cultural ele foi reforçado, ele é reforçado no ambiente de rede.

Nós estamos vivendo a era da "comunidade contra o estado". Não é a "sociedade contra o estado", do Clastres, é a comunidade...

É isso aí! Um grande lema!

E a cultura digital cria uma nova cognição?

Você vê um adolescente com uma tela aqui na frente e aí ele abre uma mensagem instantânea aqui, está com 10, 15 telas abertas, está com um outro mensageiro instantâneo aqui do lado, fazendo um trabalho de escola aqui, ao mesmo tempo que ele está ouvindo uma música, ele está num site "x"ouvindo uma música que provavelmente nunca ouvirá novamente, e está baixando algo numa rede BitTorrent. Tudo ao mesmo tempo. Aí você pergunta para ele: "O que você está fazendo?" Aí ele vira para você e fala: "Nada. Eu não estou fazendo nada." [Risos] Isso é uma nova cognição. Isso é muito profundo. O pessoal da velha guarda, eu vou chamar assim, tem dificuldade de deixar o Twitter aberto, o Gmail aberto e ir trabalhando um texto, porque uma lá, pá... Ele não consegue articular. Alguns dizem que isso é a multitarefa (porque é um termo que vem da informática), que a coisa é multitarefa. Mas será que nós somos multitarefas? Eu acho que sim. O cérebro permite que você organize trilhas. Alguns psicólogos, eu não entendo bem disso, mas eu já vi que começam a dizer que isso é um problema.

O Antônio Damásio fala que a cultura digital é uma extensão do cérebro humano.

Claro! Mas toda a cultura é, não é? A cultura tem que ter o homem. O homem é o sujeito da cultura, então é uma extensão do cérebro.

Falta saber também se é uma extensão infinita, ou até onde o cérebro aguenta esse desgaste e aceleração...

Isso também nas máquinas. A capacidade de processar a informação das máquinas seguiu o que alguns até consideraram lei, a lei do Gordon Moore, que não é uma lei, é uma coisa que aconteceu num determinado momento e que eu não sei se está ocorrendo com a mesma intensidade. Eu acho que isso chega nos limites físicos, como chegou. A nanotecnologia avançou bastante, só que tem um problema: o entrave, que me parece ser grande, é na dissipa-

ção de calor e na condição de guardo de energia. É o que vai acontecer conosco. Nós temos uma capacidade de pensamento que é limitada pelo nosso cérebro. Eu acho que nós estamos longe de chegar ao limite dessa capacidade. Portanto, a nossa cabeça tem que ser mais qualitativa e menos quantitativa. O quantitativo foi para a máquina. E é isso o que, na minha opinião, que a gente devia prestar a atenção. O que a cultura digital exige? Qualidade. Me exige saber escolher, saber optar. Então eu não me impressiono com o poder do processamento. A qualidade que você tem que ter hoje é a de entender o processo de rede. É mais importante do que o processamento. O processamento é importante. Mas, veja, a rede é o grande multiprocessador. Então a questão é: quais são as suas estratégias na rede? Como é que nós vamos organizar, articular nas redes? Então a rede é a grande possibilidade de organização e comunicação. Não existe organização sem comunicação. E se as redes são fundamentais no processo de organização hoje, você está dizendo efetivamente que dentro dessa comunicação você tem que buscar aquilo que a gente chama de hierarquização, de priorização, de relevância. Porque senão é aquilo: o rapazinho que eu estava te falando. Ele está com aquele monte de janela aberta, tal, e não está fazendo nada. Talvez aquilo para ele não seja nada, e talvez ele tenha razão. Agora, talvez uma coisa que ele encontre ali concentre a sua atenção, priorize. Usando a frase do BNegão: "Nesse universo é preciso priorizar a prioridade." A comunicação sempre cria estímulos e ela se volta, se presta a uma ação. E nesse sentido você tem que sempre fazer escolhas. O mundo presencial é o mundo das escolhas. O ciberespaço não é o mundo das escolhas, por isso ele se coloca apenas como democracia dentro de ciberespaço. Se eu não gosto do teu site, eu vou para o outro. Eu não preciso optar.

Como você vê a particularidade do Brasil nessa relação com a cultura digital, especialmente no último governo?

O Brasil juntou tecnologia com política. É a grande diferença. Enquanto os Estados Unidos juntam tecnologia com mercado e prioriza a questão dos produtos, das novidades, aqui a questão foi política. Nós temos uma inteligência e essa inteligência quer se manifestar. Quando surge o movimento de software livre, essa inteligência pode se manifestar, então pode colaborar com o desenvolvimento de soluções tecnológicas avançadíssimas. Então vários jovens se envolveram com isso e começaram a ver que existia todo um lobby no governo

(em todos os governos) para usar só as tecnologias proprietárias, tecnologias que vinham importadas. E esses jovens estavam desenvolvendo coisas com bastante qualidade, com autonomia cada vez maior, e perceberam que podiam também ter um espaço maior no país, no uso de tecnologia do país. O país está se informatizando, se reenredando. O Brasil não está totalmente enredado (eu digo perto da Europa, dos Estados Unidos). Nós estamos avançando, mas estamos no começo, então podemos utilizar essa inteligência que está participando da construção de tecnologias. Na hora que o governo Lula abre espaço para isso, isso se torna um movimento político, um movimento de "eu também quero passar". O Brasil e todo o mundo têm gente capaz de desenvolver tecnologia, e no governo Lula isso começou a ser valorizado.

E se fortaleceu o debate da sociedade da informação, não é?

Sim. E ficou claro que isso é uma questão política. Entenda, como a cultura também, no Brasil, é uma questão política. Nós temos... Nós temos que, muitas vezes, afirmar que nossa capacidade é maior do que o Estado, ou aquela doutrina de plantão. Eu queria lembrar que a gente teve oito anos de Fernando Henrique Cardoso e esse foi o período onde a internet se tornou comercial no Brasil, onde se construiu um comitê gestor, onde a tecnologia da informação foi aplicada mais amplamente no governo, dentro de um fenômeno maior, dentro da doutrina neoliberal. Uma doutrina que diz: "Olha, vamos comprar o produto e tecnologia é meio." Bom, como é meio? É meio? Mas, vem cá, nós estamos falando de tecnologia da informação! Os intermediários da comunicação humana, da comunicação social são cada vez mais softwares. Software é mídia! E aí o que acontece? Tudo isso é desconsiderado. Mas isso é uma política que tem um fundamento muito claro de subordinar todo o potencial criativo do seu país, ou do pessoal que está aqui, se não quiser usar o termo nação, dessa banda de cá. Então nós temos que afirmar a nossa capacidade criativa para o Estado brasileiro.

Como está o desenvolvimento de software livre no Brasil? Você tem uma vitalidade no desenvolvimento de linguagem aqui?

Se você pegar as 15 linguagens mais usadas no mundo, nós temos uma, a Lua, construída aqui no Brasil. E nós temos muitos desenvolvedores de programas em código aberto e nós participamos de muitas comunidades. Agora, reparem: nós só não temos mais desenvolvedores... O país que tem mais

desenvolvedores de software livre são os Estados Unidos, depois, se não me engano é a Alemanha, são países europeus. O Brasil não tem tantos desenvolvedores quanto esses países, só que aqui, grande parte desses desenvolvedores entende que isso é um elemento importante do ponto de vista da autonomia, da criatividade. Ou seja, tem uma visão política, que eles não têm lá (não é todo mundo que tem). Aqui existe uma visão ideológica.

E a questão do Raymond *versus* Stallman, do open source *versus* software livre?

Então, aqui é interessante. Aqui no Brasil, não existe uma separação extrema entre open source e software livre. O movimento, vamos chamar assim, surgiu nos anos 80, em 1984, com o Richard Stallman, como *free software*. E como a palavra *free* em inglês tem dupla conotação, ele falava: "Free is not free beer. Free is freedom." Então, ele queria dizer que ele estava falando de liberdade, e não de gratuidade. Agora, o Richard Stallman ele era muito ideológico. Ele dizia assim: "O compartilhamento é fundamental. Você não pode me impedir de ajudar o meu vizinho." Ele tem aquela cultura americana, ele tem um fundamento – é interessante – libertário, americano. Agora, isso assustava um pouco o mercado. Um pouco não, muito. Então, o que acontece? Alguns caras, que acreditavam que o modelo de desenvolvimento colaborativo é superior ao modelo proprietário, ao modelo de bloqueio do conhecimento, passaram a fazer o quê? Tentaram fazer um fork, fazer um racha ali e criar o *open source* – o código aberto (o *open source software*). E isso foi criado por um cara até muito interessante, que depois de criar isso voltou para o movimento de software livre, o Eric Steven Raymond. Ele tem um texto famoso, *A catedral e o bazar*. Ele mostra que no ambiente de rede (em síntese seria isso), colaborar é muito mais eficiente do que simplesmente bloquear o conhecimento. E ele, por mais que ele seja, na chave política antiga, um anarcoliberal, ele consegue ter, nessa questão, um ponto em comum com um anarcoesquerdista, que é o Richard Stallman. No meu doutorado eu trato disso. Eu trato que no mundo do bem imaterial, o que é a igualdade e o que é a liberdade? É a mesma coisa. No mundo do bem material, a igualdade requer o quê? Requer o nosso conjunto de regras de bens escasso. No mundo do imaterial, a liberdade de acesso é a igualdade. É exatamente a mesma coisa. Por isso que você tem essa junção.

Em que medida o software livre determina a cultura digital?

Para falar disso, é interessante, é a mesma relação que você tem num núcleo duro da cibercultura, que é a cultura hacker, que é o que explica a internet ser do jeito que ela é, e não de outro. A internet não é o Minitel, da França. A internet é uma rede onde a inteligência está na periferia, e não no centro. A internet não tem um pólo central. O pólo central era os Estados Unidos, quando se fala de conexão, porque lá surgiu a internet e porque lá haviam as principais empresas, os principais sites. Ainda tem, não é? Então você tem um fluxo muito grande para lá. Mas isso é uma questão que não é o arranjo tecnológico que faz, é mais a supremacia cultural que vem do século XX e que faz o inglês ser a língua de contato. Enfim, nós não precisamos ir muito longe para perceber isso. Agora, você tem a internet como um grande oceano. A metáfora da navegação é muito boa. A internet não são grandes corporações. A internet tem dentro dela grandes corporações também, mas ela é um arranjo comunicacional baseado em protocolos abertos, livres. Qual empresa que manda na internet? O Google? Se o Google acabar amanhã, não acontece nada com a internet. Você vai dizer que tem o problema do controle das operadoras de telefonia, que é a grande batalha que tem hoje. Eles controlam a infraestrutura que construíram já no século XIX de telefonia. E a internet se organizou sobre isso. Bom, eles controlam uma infraestrutura. Agora, a internet, esse arranjo comunicacional baseado em protocolos de comunicação, ele é não proprietário, é desenvolvido coletivamente e tem no seu espírito a ideia de que a comunicação pode ser anônima e completamente distribuída. Ou seja, aí está o dedo ou a mãe da cultura hacker. E a cultura hacker entrou nessa disputa, porque a cultura hacker foi construída por programadores exímios, aficcionados por programação, que acreditavam no poder da computação para democratizar a sociedade. Era uma crença. E eles passaram a construir uma série de programas, e passaram a construir uma vida, um cotidiano entre eles sob forte influência da contracultura americana, de valores libertários. Bom, o que acabou acontecendo? São dois valores básicos do núcleo duro da cultura hacker: só vale algo quando você tem paixão por aquilo, você é livre para se apaixonar por aquilo e, em geral, você se apaixona porque é um grande desafio. O primeiro valor é esse. A paixão pelo grande desafio, a liberdade de fazer na hora que você quer e superar aquele desafio. Uma vez superado esse desafio, vem o segundo valor: você compartilha. Porque um hacker é conhecido não porque ele diz ser um hacker. É a comunidade hacker que reconhece o seu valor. E é isso que muitas vezes

a molecadinha não entende. O hacker tem esse valor e esse valor está no cerne da internet. A internet foi construída assim: com RFCs (com Request For Comments), onde as pessoas colaboravam, e ainda colaboram. E isso incomoda muita gente hoje, porque lá atrás eles nem perceberam que isso estava acontecendo, e eles deixaram para lá. E quando eles foram ver, a internet recobriu o planeta, não foi um Minitel, uma rede centralizada, quando a inteligência tem grandes mainframes, onde a ponta é burra, onde todo mundo é identificado, onde todo mundo presta conta para o grande centro, que era a rede da França. Quem deu certo foi o Richard Barbrook, que diz: "Os comunistas digitais venceram."

Os comunistas com "c" minúsculo. [Risos]

Os californianos. A cultura californiana é uma cultura de compartilhar nesse sentido, do comum. É engraçado isso, não é? E uma coisa é certa: a liberdade é a fonte da criação, não é organização, o tolhimento, o limite. Se você pensar no que é a internet hoje, ela nunca poderia ser criada por um governo ou uma empresa. Seria impensável.

E a questão do estado nação também está sofrendo grande abalo com a cultura digital, não?

Isso me lembra um cara que me influenciou muito, um antropólogo da UnB, Gustavo Lins Ribeiro. Eu li um texto dele, ele traz as ideias do Benedict Anderson, que ele diz o seguinte, em síntese: o Benedict Anderson fala que a imprensa foi fundamental para criar essa comunidade imaginária, que se chama nação. A imprensa foi vital para solidificar uma pauta dessa fraternidade, dessa comunidade, não é? E o Gustavo Lins Ribeiro diz: se a imprensa foi fundamental para construir uma comunidade imaginada chamada nação, será que as redes digitais (ou a internet) não está ou não será fundamental para construir uma comunidade imaginada transnacional? Então, será que nós não estamos criando pautas transnacionais?

O movimento ambientalista passa por isso.

Sim. Será que eles não estão construindo uma transnação, uma outra ideia, uma outra esfera pública? Porque por enquanto as esferas estavam abaixo dos estados. Será que nós não vamos construir uma esfera pública acima dos estados? E será que os estados, na sua vertente conservadora, não têm ou não

irão impedir ou tentar impedir isso? Eu acho que sim, eles estão tentando fazer. Então é um movimento mundial, de tentativa de controle da internet, que tem dois segmentos econômicos muito interessados nisso, que são o das operadoras de telefonia e da indústria do copyright, que são indústrias da intermediação que, junto com esses segmentos autoritários na política, querem controlar a internet. É basicamente isso. Isso está acontecendo hoje. E algumas pessoas acham que esse controle é inevitável, que a internet foi como o rádio, que também rolou solto, livre durante o começo, e uma hora chegam as forças econômicas e do Estado e impuseram um controle. Eu não acho que seja assim porque a internet se baseia em práticas sociais que são bastante consolidadas e que envolvem milhões de pessoas. O rádio, quando ele se espalhou, ele dependia de um apetrecho técnico...

De que maneira a internet reconfigura o espaço público?

Olha, primeiro ela põe um espaço público de caráter transnacional, acima do Estado. Porque com é que surge a ideia da esfera pública tradicional, liberal? Entre o cidadão disperso e o poder, você tem um espaço comunicacional, aqui embaixo. A internet está acima disso, a internet migra um conjunto de comunidades e perpassa estados, regiões, territórios. E a internet também é algo que está na mão das pessoas, são elas que construíram. Tem uma frase do Manuel Castells, no livro *Galáxia da internet*, que eu acho muito expressiva. Ele diz: "A internet é a improvável intersecção entre a big science, a contracultura americana e o pensamento militar". E foi. É uma improvável intersecção, e é o que gera aquela... Só que é o seguinte: os militares foram para um lado e a internet foi para o outro, sob mais hegemonia dessa cultura acadêmica, meritocrática, hacker e dessas comunidades alavancadas (porque tem muito dinheiro para correr risco). O movimento de software livre é um componente nuclear dessa cultura digital. Ele está na formação da internet, essa ideia de espírito de compartilhamento. Ele está na formação do próprio software de código aberto, ele está na formação de um dos principais movimentos de cultura hoje, do licenciamento aberto, que é o Creative Commons. E ele está na cultura hacker. Isso tudo é uma reconfiguração muito interessante do espaço público.

Acho
Agora
artística
autores
agora
academia
acabou
adianta
alguma
brasileira
Amazônia
brancos
acho
Andrade
anos
assim
coisas
antropofagia
assunto
Beethoven
brasileiro
antes
Bey
comum
brasileiros
Brasil
arte
Creative
criador
bem
Commons
condições
debate
disso
discurso
dá
apenas
futuro
cada
criar
dom
coisa
criação
cultural
famosa
então
descobriu
dizer
exemplo
dizia
elite
frase
dar
duas
falando
Então
gratuito
cultura
dádiva
idéia
internet
livre
espécie
fazer
oposição
novo
existe
gente
faz
livro
hoje
informação
grandes
Levi-Strauss
idéias
grande
índios
menos
meio
objeto
havia
nada
movimentos
país
Hakim
lugar
modelo
outros
mesma
nacional
outra
objetos
mundo
pode
lado
outras
obra
linguagem
nacional-popular
parte
nunca
Oswald
pensar
tentando
parece
outro
porque
sempre
quer
projeto
poder
sabe
regime
sabem
pouco
pessoal
sobre
século
tempo
problema
relação
saque
sentido
todos
toda
social
sociedade
ser
questão
total
sampler
verdade
talvez
todo
vários
vê
teoria
tropicalismo
vez
tudo
repente
trabalho
uso
ver
vai

Eduardo Viveiros de Castro

antropólogo

Vamos começar falando de um autor que nós gostamos, o Hakim Bey, a ideia de uma utopia pirata, do saque...

O Hakim Bey (Peter Lamborn Wilson), junto com os outros autores da coleção Baderna que a editora Conrad vem lançando, é praticamente ignorado em nosso meio acadêmico. Uma parte ínfima dos estudantes (pelo menos os de pós-graduação), e seus professores sabe de quem se trata. São autores que não têm trânsito algum. Hakim Bey. Eu citei este nome em vários contextos da academia, mas nenhum dos meus colegas antropólogos, brasileiros ou não, sabia quem era. Com as raras exceções de praxe: que me lembre, apenas Pedro Cesarino e Hermano Vianna, por aqui, e Justin Shaffner, ex-aluno de Roy Wagner em Virginia e hoje doutorando de Cambridge. Eu tampouco ouvira falar de Hakim Bey até pouco tempo atrás, quando topei com uma rápida menção feita em um livreto (apenas mediano) de outro antropólogo, David Graeber, *Fragmentos de uma antropologia anarquista*, e decidi seguir a pista.

O que é curioso, porque ele é uma referência entre o pessoal mais jovem, mas não do meio acadêmico.

Talvez seja consequência de uma separação entre os circuitos de produção conceitual da cultura culta ou domesticada e da cultura pop ou selvagem. Autores radicais que o próprio Hakim Bey utiliza como base, como Foucault, Deleuze ou Derrida, todo mundo conhece, ao menos de nome, porque são autores *highbrow*. Mas os livros que escreveram são obras complexas, de leitura difícil, que requerem um preparo filosófico considerável. Hakim Bey, que utiliza esses autores todos em sua obra, faz isso de uma maneira torcida, inserindo-os em uma interlocução pop, articulando suas ideias com processos e eventos radicalmente extra-acadêmicos, com o que está se passando de fato no presente. Além de estar trazendo para a discussão contemporânea pensadores tão interessantes como Fourier, ou como os socialistas utópicos, que foram excomungados pelos, de saudosa memória, socialistas científicos.

Ao mesmo tempo, Hakim Bey não possui um respaldo da esquerda tradicional.

É verdade. Gente como ele está pendurada na fração libertária da esquerda americana, que passou por longos anos de hibernação e só voltou a se tornar mais visível depois da manifestação de Seattle em 2000. Foi lá que nos demos conta de que nem todo mundo era a favor de Bush nos Estados Unidos, que havia um movimento subterrâneo acontecendo há muito tempo, e que de repente veio à tona. Este movimento tem uma linha de continuidade que remonta ao século XIX. Sai de Whitman, Thoreau, passa pela *beat generation*, pela contracultura, e segue em frente. É um movimento subterrâneo, que algumas vezes emerge, é só a maré virar. E o que impressiona é a total ignorância da academia brasileira em relação a isso. Dos Estados Unidos, conhecemos e consumimos prinicipalmente a cultura da direita. A esquerda é européia.

Você tenta trazer esses autores para o discurso acadêmico, não só pensar eles, mas colocar em prática algumas de suas ideias. Um exemplo é o site *AmaZone*. Como estas tentativas repercutiram, ou não, na universidade? Você viu alguma reverberação em outros projetos?

Difícil responder. A história político-cultural brasileira é complexa. Suely Rolnik lembrava outro dia a cisão fundamental na esquerda brasileira, na virada dos 1960-70, entre o pessoal da contracultura e o pessoal da guerrilha, ou mais geralmente da militância política. Lembro-me bem disso; essa diferença foi vivida dramaticamente por minha geração. Havia um conflito entre o pessoal do chamado nacional-popular, do CPC, que possuía um projeto de

revolução ligado a uma ideia de cultura autenticamente nacional, radical-reativa, pseudo-proletária, e os tropicalistas, que eram internacionalistas, simbioticistas, geléio-generalistas, tecno-primitivistas, que saíam por cima (ou por fora) e por baixo (ou por dentro) da mediocridade visada pelo projeto nacional-popular. Esse debate reencenava a grande discussão anterior, a da Semana de Arte Moderna. Ele penetrava completamente na academia, que estava organicamente ligada ao assunto, até porque vários teóricos faziam parte dela, sobretudo no lado do nacional-popular. Depois o debate de alguma maneira se perdeu. Hoje a academia não discute mais esses temas, com exceção dos que estudam os movimentos culturais brasileiros. Mesmo para as pessoas que fazem do tema um objeto de estudo, é apenas uma especialidade exótica, que não é mais tratada como uma questão existencial, como era na época.

Quando você acha que esse assunto se perdeu?

Ele foi se perdendo aos poucos. Depois do tropicalismo, que foi de fato um movimento cultural de alcance nacional, de repercussão vertical, que ia da academia até a juventude, que era teorizado pelos críticos literários ao mesmo tempo que seus discos eram comprados pela garotada que tomava ácido no píer de Ipanema, não houve nada na mesma escala. Houve movimentos locais, mas com menor fôlego e repercussão. O pessoal da poesia marginal aqui do Rio, o Nuvem Cigana, por exemplo, que foi desembocar no BRock, no Asdrúbal Trouxe o Trombone. Havia uma vitalidade nestes movimentos posteriores, mas não havia a radicalidade original do tropicalismo. O tropicalismo unia finalmente Vicente Celestino e John Cage, a cultura popular e a cultura erudita, passando estrategicamente pela cultura pop, que foi a grande bandeira deles. Tudo isso veio evidentemente da antropofagia oswaldiana, a reflexão metacultural mais original produzida na América Latina até hoje. A antropofagia foi a única contribuição realmente anticolonialista que geramos, contribuição que anacronizou completa e antecipadamente o célebre clichê uspiano-marxista sobre as "ideias fora do lugar". Ela jogava os índios para o futuro e para o ecúmeno; não era uma teoria do nacionalismo, da volta às raízes, do indianismo. Era e é uma teoria realmente revolucionária...

E que nunca foi bem absorvida no Brasil.

A antropofagia foi mal recebida por diversas razões. Primeiro porque o Oswald de Andrade era um dândi afrancesado (o paradoxo faz parte da teoria...) que não possuia credenciais acadêmicas. Ele não fez trabalho de campo como o Mário de Andrade, por exemplo. O Mário de Andrade colheu música popular, cantigas, foi atrás de mitos, inventou todo um olhar sobre o Brasil. Mas o Oswald tinha um poder de fogo retórico superior; sua inconsequência era visionária... Ele tinha um *punch* incomparável. Se Mário foi o grande inventariante da diversidade, Oswald foi o grande teórico da multiplicidade – coisa muito diferente.

E continua sendo.

Eu acho que a grande contribuição dos concretos ao debate cultural no Brasil foi a redescoberta que fizeram de Oswald, em parte por via da aliança com o tropicalismo. Essa redescoberta me parece talvez mais importante, no frigir dos ovos, que a teoria da poesia concreta enquanto tal. Se é que é possível separar uma coisa da outra. Afinal, o que os concretos nos legaram foi antes de tudo um paideuma rigoroso mas aberto, que transversalizou completamente os totemismos nacionalistas, colocando a arte brasileira em um campo estético poliglota e multí-voco, sem hierarquias prévias ou extrínsecas.

O *Balanço da Bossa*...

Esse livro do Augusto de Campos foi uma intervenção iluminada. Um divisor de águas, ao perceber na primeira hora que o tropicalismo era a bola da vez. E o Augusto produziu aí uma teoria, que na verdade foi uma redescoberta do Oswald pela "alta cultura", no sentido da "alta costura" dos concretos. Porque havia uma série de conflitos, e de repente o tropicalismo chegou para resolver o problema de alguma maneira, porque ele fez a síntese. Não uma síntese conjuntiva, mas uma "síntese disjuntiva", diria Deleuze: Vicente Celestino e John Cage. E essa é a resposta que a América Latina tem que dar para a alienação cultural, é a única proposta de contra-alienação plausível, a única teoria de libertação e autonomia culturais produzida na América Latina. Agora todo mundo está descobrindo que tem que hibridizar e mestiçar, que os Mutantes, por exemplo, são legais. Os Mutantes são hoje a vanguarda da vanguarda pop, valores disputados nos mercados discográficos mais antenados das estranjas... Do lado mais *highbrow*, agora o pessoal se

tocou também, por exemplo, que Hélio Oiticica é um gênio. Mas é claro que é. A gente já sabia disso... Demorou um pouco para a ficha cair.

Quase quarenta anos.

É. Outro dia, conversando com amigos, alguém falava sobre como o capitalismo tinha mudado no mundo todo, sobre o sistema de controle da mão-de-obra do capitalismo moderno, a precarização, informalização etc. E aí alguém lembrou que isso sempre existiu no Brasil. E eu fiquei pensando, sempre disseram que o Brasil era o país do futuro, iria ser o grande país do futuro. Coisa nenhuma, o futuro é que virou Brasil. O Brasil não chegou ao futuro, foi o contrário. Para o bem ou para o mal, agora tudo é Brasil.

Como diria o Rogério Sganzerla.

O Julio Bressane tem uma frase ótima, "mixagem alta não salva burrice". Para dizer que não adianta, se o material é ruim, você pode montar do jeito que quiser que não fica bom. É a mesma coisa com mestiçagem ou hibridismo. Mestiçagem alta não salva nada, não salva democracia, não salva cultura. Se o que entra não presta (estou falando de fusão/difusão cultural, por suposto; por favor não me confundam), não adianta mixar. Por outro lado, eugenismo cultural também nunca deu certo... aquela história de raiz e de tradição, Deus me livre. Só tem tradição quem inventa. Agora, voltando para o que eu estava falando, da brasilificação do mundo, é um efeito ou exemplo reverso muito interessante do que o tropicalismo estava tentando dizer ou fazer.

O modernismo heróico brasileiro, de Oswald e Mário de Andrade, também não se tornou uma espécie de tradição subterrânea, que aparece e desaparece durante todo o século? Um exemplo disso é a Mangue Bit, que é uma renovação do tropicalismo. Alguns lemas da Mangue Bit são bem sugestivos sobre o que estávamos discutindo: "tenho Pernambuco embaixo dos pés e a minha mente na imensidão", ou a questão levantada por Fred 04 entre "mudar de lugar" e "mudar o lugar"...

Aí ele quase parece estar discutindo a teoria do Roberto Schwartz das "ideias fora de lugar", tentando produzir uma outra formulação. Quando escrevi o prefácio de um livro sobre o novo ambientalismo na Amazônia chamado *Um artifício orgânico*, do Ricardo Arnt, disse que a ecologia colocava pra escanteio o problema das ideias fora de lugar. A ecologia era uma ideia sobre o lugar,

então jamais poderia estar fora do lugar porque o que estava em questão era o lugar, não eram as ideias... Onde estamos? Esta é a questão propriamente "ecológica".

O Mangue Bit não está isolado neste sentido de problematizar o lugar, isto parece ser uma característica de vários movimentos da cultura atual.

Esse debate é na verdade uma estrutura de longa duração na cultura brasileira. O governo atual, por exemplo, está dividido ao meio, porque há dois projetos chamados de "nacionais". Um é o projeto nacional clássico, no mau sentido da palavra, que é o de inventar (ou descobrir) essa coisa chamada de "identidade nacional". O outro projeto é o que eu chamaria de "nós temos que desinventar o Brasil". É um projeto mais internacional, que troca o "só nós, viva o Brasil", pelo "tudo é Brasil" de que eu estava falando. Porque o mundo já é o Brasil, e esta questão já acabou, digamos assim... Uma frase que vivo repetindo é que o Brasil é grande, mas o mundo é pequeno; então não adianta ficar pensando só no Brasil. Essa frase tem a ver com um projeto hegemônico dentro do governo, baseado na soja, na industrialização, em um projeto que quer transformar o Brasil nos eua do século XXI. O Brasil que quer ser os eua quando crescer, que quer transformar seu interior inteiro numa espécie de Iowa ou Idaho, plantado de cabo a rabo de soja ou de cana e mamona para biodiesel. E a costa do país se tornará uma espécie de Florida, Miami, Bangkok, um puteiro à beira-mar, com gângsteres bem cariocas também, para dar uma cor local. Ou seja, o Rio de Janeiro. Esse é o projeto nacional-popular: "tragam a poluição", "vamos industrializar", "viva o agronegócio"; e nas horas vagas, "vamos valorizar o folclore nacional". "Folclore e energia"; para lembrar a famosa frase de Lênin: "O comunismo é sovietes mais eletricidade". Pena que uma ministra – Dilma Roussef – que jurava por essa cartilha anos atrás hoje tenha escolhido só a eletricidade mesmo, afinal, esqueçamos essa bobagem de sovietes. Que pena.

Ou seja, industrialização a qualquer preço...

Esse é o modelo Zé Dirceu. Agora a gente vê que, na verdade, muito do pessoal que lutou contra a ditadura estava querendo exatamente a mesma coisa que os militares. Eles se entendiam. A questão era apenas saber quem iria mandar. Mas tratava-se de fazer a mesma coisa: desenvolver o país. Pessoalmente, digo: dane-se o desenvolvimento. E do outro lado você tem o

pessoal que está interessado em pensar o mundo, não em pensar "o Brasil". Você pensa *no* Brasil, você está aqui, não tem como não pensar no Brasil, mas você não precisa pensar *o* Brasil, pensar no Brasil já basta, está ótimo. Há duas maneiras de conceber a questão da "brasilidade": ou você acha que ela é causa do que você faz (e de causa se chega rápido a desculpa, a princípio sagrado, o diabo); ou então você percebe que ela é apenas consequência, você não pode não ser brasileiro, não tem como não ser. Não tem jeito; a não ser que você se exile ou troque de língua, mas enquanto isso, tudo que você fizer é brasileiro. Relaxe e goze. O pessoal do nacional-popular quer que sejamos brasileiros por necessidade, por destino. E isso não dá certo. Não dá para fazer assim, tem que se esquecer o assunto e olhar para o outro lado. Quem sabe aí, inadvertidamente, se produza alguma coisa... Quem se preocupa com identidade, de língua, cultura, seja do que fôr, já "perdeu".

Olhar para fora...

Essa oposição entre um pensamento da interioridade, da identidade, das raízes, de um lado, e do outro o pessoal da exterioridade, da desterritorialização, do rizoma (para usar a linguagem do Deleuze) em vez das raízes, do pessoal do internacional – essa oposição, a meu ver, é intrínseca à situação latino-americana, a essa esquizofrenia cultural, a orientação para fora, para a Europa, que contraproduz uma orientação culpada para dentro, para seu país, do qual ao mesmo tempo você tem vergonha e orgulho. Há uma situação muito confortável da elite brasileira que é poder brincar de dominado quando olha para fora, dizendo "vejam só como eles mandam na gente, nós somos uns pobres coitados, estamos aqui dominados, explorados cultural e economicamente", e brincar de dominantes quando olhamos para dentro e mandamos a cozinheira fazer nossa comida. Você é um explorado pela cultura francesa e pode dar um grito de guerra contra a alienação cultural, mas é sempre um patrão que reclama da alienação cultural...

Então para habitar é preciso ser nômade?

É, acho que sim. Se você for ver, todo mundo que descobriu o Brasil, descobriu lá de fora. Gilberto Freyre, grande teórico da brasilidade, descobriu o Brasil em Columbia. Oswald de Andrade descobriu o Brasil em um quarto de hotel, provavelmente em Paris, numa daquelas viagens. Ou foi o Blaise Cendrars que contou para ele que o Brasil era legal. O samba, o Hermano

Vianna mostra claramente em seu magnífico livro sobre o assunto, foi de certa maneira descoberto de fora. Então o Brasil é *sempre* visto de fora. Sem contar que só fala no Brasil, sobre o Brasil, quem manda nesse país. O problema nacional quem formula é a elite. Qual o problema nacional? O problema é que "o povo é um povinho ruim", como a elite tantas vezes diz. O problema nacional é um problema da elite para a elite pela elite. O chamado "povo" está preocupado com outra coisa...

E a Amazônia nisso tudo?

Eu talvez esteja mitificando um pouco a Amazônia, no que vou dizer. Mas acho que a Amazônia hoje é o epicentro do planeta. Do Brasil, certamente que é. Acho que o Brasil se deslocou pra Amazônia. Isso eu já tinha dito em 1992, quando escrevi aquele prefácio do livro do Ricardo Arnt e do Steve Schwartzman. Eu ali dizia que o Brasil se amazonizou. Tudo acontece lá, o tráfico de drogas passa por lá, os interesses econômicos estão lá, os grandes capitais estão fluindo para lá, as questões de ecologia, o olhar do mundo, a paranoia e a ilusão do paraíso, tudo está lá, ou voltado para lá. Para o bem ou para o mal, a Amazônia virou o Lugar dos lugares, natural como cultural, alías; é lá que está sendo cozinhado um gigantesco guisado cultural, e que daqui nós não temos a menor ideia do que está se passando. Multidões gigantescas indo a bailes que misturam funk, calipso, samba, música eletrônica, com djs famosíssimos em Belém do Pará que são caboclos, peão de obra, os peões do Chico Buarque do "Operário em construção" estão lá pilotando prato de toca-disco, são djs... Hoje, 80% da população da Amazônia está nas cidades. Manaus é um objeto sem similar no planeta, bem, talvez Lagos seja parecida, mas Lagos é um terror, em todos os sentidos, e Manaus não é um terror em todos os sentidos, apenas em alguns. Acho que os brasileiros do sul nunca pensaram direito a Amazônia, sempre voltaram as costas para ela. A teoria da sociedade brasileira, produzida pela elite brasileira no começo do século xx, estava obcecada pela questão da escravidão negra, por razões óbvias e justas: era pela escravidão que se devia pensar a falha, o pecado essencial, a raiz da vergonha nacional. Mas nisso, esqueceram da Amazônia, dos "negros da terra" (os índios), do país para além dos canaviais e dos cafezais. Ainda não conseguimos escapar do tratado de Tordesilhas. É necessário prestar mais atenção na Amazônia. O modelo carioca e paulista de exotismo era Salvador, Jorge Amado, candomblé, vatapá, mas Belém e Manaus eram um

nada. Mas então aparece um escritor como o Milton Hatoum (por exemplo) e mostra o que estava acontecendo em Manaus na década de 40. Um outro mundo...

E a internet, como você vê afetando essa relação entre centro e periferia? Agora, um garoto em Maceió pode ter o mesmo grau de informação sobre o mundo que um estudante da USP. Isso é um fato novo...

Isso é interessante. Qual é o modelo típico, a trajetória típica do intelectual brasileiro (ou, aliás, norte-americano também)? É o menino de província, nascido na cidade pequena, e que está o tempo todo sonhando com o Rio de Janeiro ou São Paulo. Esse modelo do sujeito que espera o suplemento dominical do jornal como se fosse a Bíblia, a hóstia, que encomenda livros da capital, meses a fio à espera das notícias culturais da metrópole. Éramos todos meninos do interior; inclusive os cariocas e paulistas – nossa metrópole era estrangeira, apenas. Isso acabou. Hoje tudo está dado. Você descarrega livro, pega tudo. Há uma democratização gigantesca, desde que você tenha um computador de banda larga, que no Brasil talvez se expanda com esse projeto do governo de pontos de inclusão digital, quiosques digitais, que é uma coisa interessante, treinar jovens de pequenas cidades do interior para operar internet. Há esse problema da perda da diferença, da estandartização, mas é aquela coisa: fica tudo igual, mas algumas diferenças são potencializadas ao mesmo tempo em que outras se equalizam. É uma coisa ambígua, feito a globalização. Lévi-Strauss falava já em 1952: "É inexorável, a cultura ocidental vai se universalizar, mas não pensem que isso vai diminuir as diferenças, elas vão passar a ser internas, em vez de ser externas"; e talvez aumentem, ao longo de dimensões de cuja existência sequer suspeitamos. A cultura ocidental vai explodir de diferenças internas, ao invés do modelo clássico da invasão dos bárbaros, hoje com vigor renovado graças ao suposto conflito de civilizações, o Islã e coisa e tal. Cascata. O Islã é o Ocidente. A cultura ocidental vai se universalizar e, no que ela se universalizar em termos de extensão, ela vai se particularizar em termos de compreensão, vai se tornar cada vez mais caótica internamente, cada vez mais dividida, produzindo toda sorte de esquisitices e originalidades e assim por diante. A internet vai ser um pouco isso... Estamos longe de saber o que vai acontecer com a internet daqui a dez anos. Em 1990 eu comprei meu primeiro computador. Em 1991 comecei a me comunicar por computador com outros colegas pela Bitnet, que era uma

rede universitária sem a interface gráfica *world wide web*. Tudo o que havia era o correio eletrônico com colegas universitários. A Internet era uma rede de comunicação de cientistas, foi pouco a pouco sendo usada por semicientistas como nós, depois por toda a comunidade acadêmica e depois foi aberta para o comércio, virando isso que é hoje.

Como fica a questão do saque e da dádiva tendo em vista as culturas indígenas?

É muito comum uma equipe de filmagem chegar numa área indígena e oferecer 30 mil dólares para filmar, e os índios conversarem entre si e fazerem uma contraproposta, 40 mil dólares, e fecharem o negócio. Fica combinado. Então se faz o filme e a equipe acha que resolveu o problema. Paga diretinho e coisa e tal. Quando o filme sai, o diretor recebe um telefonema dizendo o seguinte: "Você está nos devendo dinheiro, você roubou da gente!". Aí ele diz: "Peraí, eu assinei um papel, eu já dei os 40 mil", e os índios: "Não, mas você não pagou não-sei-o-quê", ou então "não foi para todo mundo". Aí ele de repente se dá conta de que os índios têm uma concepção da transação, da relação social em geral, radicalmente oposta à nossa. Quando fazemos uma transação, entendemos que ela tem começo, meio e fim, eu lhe dou um troço, você me paga, estamos quites, você vai para um lado, eu vou para o outro. Ou seja, a transação é feita em vista de seu término. Os índios, ao contrário: a transação não termina nunca, a relação não termina nunca, começou e não vai acabar nunca mais, é para a vida inteira. Ao pedir mais dinheiro, não é exatamente o dinheiro que os índios querem, mas a relação. Eles não aceitam que acabou o lance, acabou coisa nenhuma, agora é que vai começar. Donde os famosos estereótipos: os índios pedem o tempo todo. Sim, pedem. E reclamamos que o que eles obtêm é jogado fora de repente: as aldeias ficam cheias de objetos descartados que os índios pediram para nós, insistiram até conseguir, e quando conseguem não cuidam, jogam fora, deixam apodrecer, enferrujar. E os brancos ficam com aquela ideia de que esses índios são uns selvagens mesmo, não sabem cuidar das coisas. Mas é claro, o problema deles não é o objeto, o que eles querem é a relação. Uma vez a relação se mantendo, o objeto cumpriu sua função. Essa é a ideia da relação como algo interminável: a dádiva. Toda dádiva é interminável, é uma relação interminável. Toda dádiva produz uma dívida, e essa relação da dádiva com a dívida é uma relação propriamente interminável. Uma relação aberta vai ter que ser mantida, e só vai ser rompida se houver alguma violência. E mesmo assim: a

violência ela própria é uma relação. A vingança é parte da lógica da dádiva. O duplo estereótipo de que todo índio é ladrão (comum entre os brancos) e de que todo branco é sovina (comum entre os índios) define de maneira emblemática o abismo que existe entre duas concepções inconciliáveis do laço social.

Esse é um sentido de dádiva, mas existe outro que é o da dádiva gratuita, divina...

Esse dom gratuito, unilateral e total, não existe entre os índios de forma alguma. Esse é um exercício de poder horroroso, o dom gratuito, Deus me livre de receber um. É o dom que não pode existir, porque se há uma sociedade contra o Estado, para usar a linguagem clastreana, ela não pode aceitar jamais a ideia de um dom gratuito. Dom gratuito é só outro nome do poder absoluto, quem dá de graça é o poder absoluto, porque ele pede tudo em troca. O dom gratuito é aquele cujo pagamento é infinito, porque não tem pagamento. O dom gratuito é aquele que eu não posso pagar, o dom divino.

O anarquismo, ao obrigar a uma interiorização total do controle, acaba levando a isso, não? A uma ideia de dom gratuito...

Eu diria que a anarquia é um regime em que o saque é controlado pela dádiva, enquanto no nosso modelo é o contrário, a dádiva é controlada pelo saque. Se seguirmos as definições mais correntes do capitalismo, ele é baseado no saque, na extração, que é a palavra usada, da mais-valia da força de trabalho. Portanto, é a famosa frase do Proudhon: "A propriedade privada é um roubo", que o Marx odiava, e o Hakim Bey gosta. Proudhon é um dos grandes ídolos de Hakim Bey. A propriedade privada é um saque, é um roubo, portanto o saque está no princípio da relação social capitalista, ela está fundada no saque. Então não é por acaso que os brancos vêem o roubo como o vício favorito dos índios, porque você vê no outro aquilo que traz consigo, assim como todo índio no fundo vê os brancos como sovinas porque no fundo ele "quer ser" sovina. O sonho indígena, um sonho de escapar do laço social, é um sonho de viver entre si, poder prescindir do outro para existir, como dizia Lévi-Strauss no final das *Estruturas elementares do parentesco*. Isso é um devaneio final do Lévi-Strauss, dá uma ideia de que a maior parte dos mundos póstumos das sociedades indígenas são mundos nos quais o incesto é livre, todo mundo casa com a irmã, com a mãe, não tem afins, não tem cunhados, porque no fundo para os índios o paraíso é um lugar onde você

não precisa dos outros. O paraíso é o lugar onde você é auto-suficiente, portanto auto-produtivo, e o outro é desnecessário, o que sugere, *a contrario*, que a vida social está radicalmente fundada na relação com o outro. Em outras palavras: só não tem outro quem está morto. É justamente isso que eles estão dizendo, uma maneira irônica de dizer "Olha, só não tem cunhado quem tá morto". Aqui na terra não tem escapatória, é o regime da dádiva, só escapa da dádiva quem está morto... Então os índios "são" sovinas, o imaginário deles está obcecado pela questão da avareza, a avareza é o insulto maior que você pode fazer e receber numa sociedade indígena, qualquer um que viveu lá sabe, o maior insulto não é dizer que sujeito é ladrão; também não chega a ser um insulto terrível chamar alguém de mau-caráter ou mentiroso; agora chamar o cara de avaro, de sovina, é sério; pode dar morte... E é o que eles mais dizem dos brancos: os brancos são constitutivamente *os sujeitos que não dão*, que se recusam a entrar nas relações sociais, precisamente. O cara vai dar a filha para o branco casar, como no famoso modelo tupinambá: dá a filha para o português casar esperando abrir uma relação, "ele agora me deve, ele é meu, porque me deve a filha que eu dei para ele em casamento", e o branco se recusa a se comportar como um genro deveria, que é pagar tudo para o sogro e fazer o que o sogro manda, manter a relação funcionando. Os índios ficam escandalizados com a falta de senso social, falta de inteligência, na verdade, dos brancos. Porque os brancos não entendem. Acho que essa é a sensação profunda que os índios têm diante da nossa sociedade, os brancos *não entendem nada* do que é uma sociedade. E é verdade, eles entendem muito sobre como fazer objetos, fazem coisas maravilhosas, objetos espetaculares, são grandes tecnólogos, fazem milagres, objetos que a gente não entende como funcionam, são verdadeiros demiurgos tecnológicos; mas no que diz respeito à vida social, são de uma ignorância insondável. A sensação que eu tenho é que eles nos tratam como crianças, porque eles sabem que a gente não tem a menor idéia de como funciona uma sociedade. E nós os tratamos como crianças, porque achamos que eles não sabem mexer com as coisas mais elementares, não sabem operar um videogame, não sabem matemática...

E como você vê a relação entre o Creative Commons e a dádiva?

O Creative Commons é uma tentativa, a meu ver altamente meritória. Eles estão tentando evitar que o mundo virtual seja cercado, assim como foi o

mundo geográfico. Que ele seja privatizado. É uma tentativa de manter a informação como um bem de domínio público. O grande ponto para o Creative Commons é que a informação não segue o regime da soma zero, que ela pode ser passada para frente e não diminui com isso. Isso não significa que um autor deva ser plagiado; o ponto é facilitar a circulação. O grande processo que iniciou a Revolução Industrial inglesa foi o cercamento dos campos comunais das aldeias, usados por todos para pastagem etc., que eram os *commons*. Por isso que o projeto se chama Creative Commons. Os *commons* eram as áreas das comunidades rurais inglesas que eram de uso comum. As terras de agricultura em geral eram terras sem cerca, as divisões eram consensuais, você tinha a noção costumeira de onde começava e acabava a terra de alguém. Depois os grandes proprietários começaram a comprar o terreno, colocar cerca, impedir a circulação. O Creative Commons é uma tentativa de reconstituir esse regime da apropriação comum, do uso comum, do uso coletivo, no plano dos bens intelectuais, dos bens imateriais. A ideia é que o *copyright* significa "all rights reserved" e o Creative Commons significa "some rights reserved". E você diz quais são eles. Existem várias fórmulas, vários tipos de licenças abertas. Trata-se de tentar criar um modo de coabitação no plano da informação que seja tolerável, e que evite o que está acontecendo, que é o controle da informação pelas grandes companhias. Agora isso tudo ainda é, de certa forma, um paliativo. O Creative Commons pode ser visto, como o é efetivamente pelos mais, digamos, radicais, como um estratagema capitalista. O verdadeiro anarquista não quer saber de Creative Commons nem de *copyleft*, é totalmente radical. A princípio estou com eles, acho a propriedade privada uma monstruosidade, seja ela intelectual ou não, mas sei também que não adianta dar murro em ponta de faca, tapar o sol com a peneira. Acho que você tem que transigir, tem que fazer algum tipo de negociação. O Creative Commons é um grande avanço intelectual.

Até agora você está falando do veículo, e fico imaginando como isso se reflete na criação. A ideia de *sampler*, por exemplo, que é uma radicalização da ideia de citação.

Esse é o ponto. O Creative Commons está tentando consagrar do ponto de vista jurídico o processo de hibridização, a antropofagia, o saque positivo, o saque como instrumento de criação. Estão tentando fazer com que o saque e a dádiva possam se articular. Eu sampleio e dou, não é "eu sampleio e vendo,

vou ficar rico", a ideia é "sampleio, mas também dou", um processo em que saque e dádiva se tornam, de alguma maneira, mutuamente implicados um no outro. A citação, que é o dispositivo modernista por excelência de criação, é na verdade o reconhecimento de que não há criação absoluta, a criação não é teológica, *ex nihilo*, você sempre cria a partir de algo que já existe. Como a famosa frase do Chacrinha: "Nada se cria, tudo se copia". E como se sabe, nada se copia igualzinho, ao se copiar sempre se cria, quanto mais igual se quer fazer mais diferente acaba ficando: a "contribuição milionária de todos os erros", dizia Oswald de Andrade, darwinista infuso. Foi de tanto falar latim que os europeus acabaram falando português, francês, espanhol...

Lautréamont dizia que "a poesia deve ser feita por todos, não por um". Ele parece ser um bisavô disso tudo.

É, na verdade, toda nossa teoria da criação é a de que existe uma oposição radical, uma oposição intransponível entre criação e cópia. O criar e o copiar são os dois extremos de um processo, quer dizer, o criador é aquele que precisamente tira de si tudo o que precisa, e o plagiário é aquele que tira dos outros. O plagiário é um saqueador, e o criador é o doador absoluto. A dádiva é uma modalidade da criação, a criação é uma modalidade da dádiva, talvez a criação seja a dádiva pura, e aí você vê bem as raízes teológicas desse modelo: Deus criou o mundo do nada, tirou de si mesmo. A criação é o modelo do poeta, do criador como uma divindade no seu próprio departamento, que é o modelo romântico do gênio como um criador, um pequeno deus, uma pequena divindade, que tira de si mesmo a criação.

Do outro lado está o plagiário, o diluidor.

Isso está inclusive na célebre tipologia poundiana difundida pelos irmãos Campos: o mestre, o inventor e o diluidor. Ora, o que foi de alguma maneira se consolidando na consciência moderna é a ideia de que a criação precisa da cópia, a ideia da bricolagem de Lévi-Strauss, de que toda criação nasce numa espécie de permutação realizada sobre um repertório já existente. O fato de que não há nada *absolutamente* novo não torna o novo menos novo. Tudo já foi feito, não há nada de novo debaixo do sol, toda linguagem é finita, aquela coisa do Barthes, você só pode dizer o que já foi dito porque a linguagem restringe – isso é uma falsa alternativa. Hoje cada vez mais a matéria-prima sobre a qual a criação artística se exerce é a própria arte. Samplear tem um

pouco disso: você está pintando a pintura e não mais a natureza; você está escrevendo a literatura. O sampler está redefinindo o estatuto da citação... Eu comecei a discutir algo assim no nosso site *AmaZone*. Nós só temos um dispositivo citacional, antigo, e aliás nem tão antigo assim, que são as aspas. Uma invenção complexa, um objeto muito mais complicado semanticamente do que parece. Mas está na hora de começarmos a inventar outras maneiras de articular discursos que não sejam as aspas, e o sampler é uma delas. Com o sampler você passa do todo à parte, da parte ao todo, do outro para você e de você para o outro sem costura...

O xamanismo faz muito isso, esse uso aberto de discursos alheios.

Exatamente. E existe o discurso indireto livre, que é uma invenção genial do romance do século XIX, que Bakhtin caracterizou magistralmente. É uma outra maneira interessantíssima de citar sem citar, meio mal-falada fora da literatura por ser considerada desonesta: pôr a palavra na boca dos outros. Mas acho que o discurso indireto livre é o discurso de base, é a forma básica da fala, é pôr-se na cabeça do outro e começar a dizer, a falar como se fosse o outro, raciocinar a partir do outro. Mas entre o discurso indireto livre e as aspas há muitas outras coisas. A possibilidade tecnológica que você tem hoje de cortar as coisas em lugares que antes não podia, há outra margem de manobra. Daí a importância do *copyleft*, porque ele permite que você dessubstancialize a obra, permite que ela seja distribuída, no sentido de *distributed cognition*. Quer dizer, ela se torna um objeto que pode divergir, heterogeneíza a obra. Uma obra que tem uma tendência, sobretudo a partir da época romântica, de ser vista como uma totalidade orgânica. A ideia da organicidade da obra, do caráter de ser uno e total. O que se vê hoje é que a obra é tudo menos una e total, a criação artística produz objetos que são tudo menos unos e totais. A famosa obra aberta do Umberto Eco, que já é um conceito antigo. Estamos na verdade fazendo um replay de discussões da década de 1960 e 70, ou antes ainda, o *ready-made* do Duchamp, e assim por diante. Um replay está sendo feito simplesmente porque agora existe uma potência tecnológica, uma possibilidade de atualização dessas discussões e de implementação que elas não tinham antes.

Isso traz uma questão curiosa. O artista está virando mais um arranjador, um montador, do que um criador, digamos assim. Não é à toa que os DJ viraram

ARTISTAS, E NÃO É À TOA QUE O DOCUMENTÁRIO GANHOU TANTO ESPAÇO. COMO SE NÃO HOUVESSE MAIS NECESSIDADE DE CRIAR INFORMAÇÃO NOVA. É MUITO FÁCIL BATER NA AUTORIA E ESQUECER OS OUTROS LADOS RICOS E COMPLEXOS QUE ELA TEM TAMBÉM. QUANDO SE ESVAECE CERTA IDEIA DA CRIAÇÃO, NÃO SE CONSEGUE ABSORVER A INFORMAÇÃO DISPONÍVEL, NÃO SE COMPREENDE PARA PODER REFAZER.

O que pode ser repensado é o estatuto da noção de criação, não para dizer que não é mais possível criação, mas para redefini-la de uma maneira criativa, digamos assim. Temos que criar um outro conceito de criação. Trabalhamos atualmente com um conceito, por um lado, velho como o cristianismo (criação bíblica) e, por outro lado, com o do romantismo, a criação como manifestação, emanação de uma sensibilidade *sui generis* do indivíduo privilegiado. Esses dois modos de conceber a criação não dão mais conta do que está se processando nesse mundo atual. Está havendo tanta criação quanto havia antes, não creio que esteja havendo menos. O que houve foi uma mudança das condições. Mudaram as condições de criação, mudaram as condições de distribuição. Mas Beethoven não vai aparecer de novo, não porque um gênio como Beethoven não pode aparecer de novo, não é esse o problema. Pode aparecer com certeza, se é que já não há um milhão deles por aí, talvez tenha muito mais do que naquela época, já que há muito mais gente no planeta. O que não existe são as condições iguais às que tinha Beethoven para ser um Beethoven. As condições de restrição do ambiente cultural da Europa, o tipo de formação cultural que existia, o tipo de tradição de transmissão da informação. Os "Beethovens" de hoje tão fazendo outra coisa, não sei o quê exatamente. A criação artística está ficando cada vez mais parecida com a criação científica, que sempre foi um trabalho em rede, em que você trabalha em cima do trabalho dos outros, que exige todo um aparato institucional complexo de produção propriamente coletiva.

MAS É ENGRAÇADO QUE A CIÊNCIA FICOU A PARTIR DESTE SÉCULO MUITO ATENTA À ARTE. E AGORA A ARTE ESTÁ COMEÇANDO A SE ABRIR TAMBÉM...

A famosa história das duas culturas, a tese do C. P. Snow, segundo a qual havia duas culturas no Ocidente moderno e que esse era o grande problema do Ocidente: o abismo entre as ciências e as humanidades. Não sei se sempre houve isso, acho que não, mas de qualquer maneira hoje certamente isso acabou, porque hoje a produção artística exige um substrato tecnológico poderoso e, por outro lado, a ciência, no que realmente vale a pena fazer, está

contemplando questões de natureza metafísica e cosmológica que envolvem necessariamente o recurso a outras espécies de linguagem.

Neste sentido, você prefere o saque à dádiva?

Nós temos que virar Robin Hood. Saquear para dar. O ideal é mesmo tirar dos ricos para dar aos pobres. É isso aí, sempre foi e sempre será. A antropofagia o que é? Tirar dos ricos. Entenda-se: "vamos puxar da Europa o que nos interessa". Vamos ser o outro em nossos próprios termos. Pegar a vanguarda europeia, trazer para cá, e dar para as massas. "A massa ainda comerá do biscoito fino que eu fabrico". A internet, ou as novas tecnologias de informação, ou as novas formas de criação, permitem que nós possamos, nós todos, realizar nosso sonho de infância e nos tornarmos Robin Hood. Quem não quis ser Robin Hood? E depois, como o mundo virou brasileiro, "tudo é Brasil", a antropofagia mudou um pouco de contexto. A antropofagia deu certo, nesse sentido.

Commons
Creative
direito
grande
gente
internet
Brasil
autoral
ainda
acesso
acho
acaba
acordo
digital
cultura
hoje
direitos
questão
vai
sociedade
ser
porque
pessoas
qualidade
rede
poder
mídias
Internet
falar
icann
fato
exemplo
Então
existe
muita
neutrality
net
ninguém
possível
público
novo
regras
todas
tudo
sistema
seguinte
totalmente
tecnologia
todo
YouTube
ter
tipo
Unidos
sociais
política
possibilidade
processo
outras
própria
quiser
passa
legislação
mercado
interessante
importante
lógica
Hoje
jeito
grandes
forma
mídia
inteligência
neutra
pensar
obra
neutralidade
perder
novas
nichos
novelinha
medida
legal
momento
esferas
irrelevante
formas
duas
inclusão
jogo
maioria
dizer
esfera
Estados
informação
disso
entidade
enquanto
evolução
descentralização
assim
controla
dessa
daquela
contribui
consegue
construir
cada
apenas
agregador
conteúdo
difícil
discussão
dizendo
cidade
autonomia
coisa
Comércio
América
achar
aberta
aí
acha
anime
Aí
aqueles
sobre
nomes
pontas
muitos
produção
social
querem
pontes
uso
vão
todo
vez
tornando
vê
sociais
sistemas
Latina
dia
tinham
hoje
outro
toda
que

Ronaldo Lemos

Creative Commons

O que é a cultura digital?

Cultura digital é tudo que explora as novas mídias que surgiram e se popularizaram nos últimos 15 anos. A mídia se transformou e com isto surgiu um monte de oportunidades, de relações sociais que eram impossíveis antes deste tipo de mídia descentralizada de duas vias que a gente tem hoje. É a historia do trem, da estrada de ferro que chega na cidade e aquilo muda completamente a forma em que as pessoas vivem. O que a gente está vendo hoje é um novo tipo de estradas virtuais, novos caminhos e novas formas das pessoas se conectarem, que estão reestruturando completamente a forma de como a cultura é feita. Essas novas mídias estão mudando de forma transversal todas as organizações de relacionamento, com impacto em todas as esferas: a cultura, a política, a ciência, o direito, a economia.

Esse processo passa também pela inserção de pessoas no mercado de cultura formal, que antes estavam à margem.

Sim, e o grande desafio desse inserção das classes D e E na economia de cultura é a questão da informalidade, porque é um mercado na sua grande maioria informal. É importante a gente estar preparado e criar formas de construir pontes entre estes dois mundos e uma das pontes é como você dá

os incentivos para a formalização sem perder as flexibilidades que foram construídos neste mercado informal. Você tem que aprender com o que foi feito lá, quais são as barreiras que não existiram lá, que permitiram este vigor econômico, e fomentar que isso possa ser formalizado. O que a gente está vivendo hoje e acho que é o grande impacto da cultura digital não só Brasil mais também globalmente é a forma com que ocorre uma emancipação cultural destas periferias que não precisam mais do centro para produzir a sua própria cultura e para produzir modelos de sustentabilidade para inclusive financiar a produção. E é muito interessante, porque eles trabalham com uma lógica inversa do habitual. Não é uma lógica de proteção, de exclusividade, é uma lógica de um Commons não jurídico, porque ele não é estabelecido por uma legislação de direito autoral ou por um uso de licenças abertas, mais por um Commons social, que é criado por situação de fato em que as pessoas tratam a sua produção de conteúdo como uma obra aberta cuja finalidade é ser compartilhado. Eu tenho trabalhado muito esta distinção de Commons legais e Commons sociais. Commons legal é quando você usa o aparato do direito autoral para dizer a obra é livre. Já para esta realidade periférica, é um lugar em que a relevância do direito autoral é totalmente diferente, ele é totalmente irrelevante ou é desconhecido, ou é inaplicável, ou no mínimo existe um fato, vamos dizer um acordo tácito de não agressão que permite criar uma zona de autonomia de direito autoral. Todas estas situações são muito claras no direito: irrelevância, inaplicabilidade...

Isso é uma característica brasileira?

Não, é uma característica global. É um Commons dado por práticas sociais, por costumes, por situações de fato, em que o direito autoral não é relevante. Quando você olha para o Youtube, tem uma grande quantidade de Commons social ali, porque a maioria das coisas que são compartilhadas no Youtube se você for olhar estão violando direito autoral. Só que ninguém executa, porque o direito autoral é inaplicável, irrelevante ou há um acordo tácito para que aquilo não aconteça.

Existe uma crise generalizada nas mídias tradicionais. Qual o papel da cultura digital nisso, ao trazer a possibilidade de uma informação imediata? Como você vê esse processo? O que você vê de positivo e negativo nisso?

Essa crise estrutural das mídias tradicionais é extremamente complexa. São vários fatores, desde a concorrência com outras mídias até a mudança de hábito do consumidor como um todo. Além disso, com relação à emergência dessa ausência de intermediários, que é real, o que está acontecendo é o seguinte: surgiu um novo competidor para a indústria cultural. Esse competidor é a própria sociedade. Hoje, Hollywood tem que competir com o garoto que está em casa. A rede Globo tem que competir também com esse mesmo garoto que está em casa, fazendo novelinha e colocando no YouTube. E um milhão de pessoas assiste a essa novelinha. Isso é um dado muito novo, é algo muito recente, e que realiza uma transferência de poder. Este poder sai do produtor de conteúdo, que se torna descentralizado, e passa para o agregador. Por exemplo, qual é o grande ativo financeiro do YouTube? O fato de ele ser acessado e ter se tornado um ponto de convergência. A tecnologia do YouTube é, em certa medida, trivial. Existem hoje vários programas similares ao YouTube, até no Brasil. O Videolog é o YouTube brasileiro. O importante é ser escolhido como o agregador dos conteúdos, e não necessariamente produzi-los. Agora, a grande questão que o agregador põe ao entrar como foco central dessa nova sociedade descentralizada é saber com que regras ele vai jogar. Aí você tem desde modelos muito fechados como, por exemplo, as iniciativas de jornalismo participativo no Brasil, que são muito peculiares. Não vou citar nomes, mas quando se contribui como jornalista cidadão para algumas empresas, você tem que aceitar um contrato que diz o seguinte: "Tudo que você escrever no meu site me pertence". Então, eu vou lá, contribuo, faço todo o trabalho e ainda cedo todos os meus direitos. Essa é uma regra possível, e utilizada, mas será que é um jeito razoável de jogar? Outra possibilidade, que me parece mais interessante, seria: você contribui, mas a sua contribuição é através de um canal. Os direitos ficam com você e você autoriza, por exemplo, pelo Creative Commons, a sociedade a ter acesso àquele conteúdo. As regras do jogo envolvidas na maneira como vai funcionar esse processo de agregação determinarão o jeito como o poder vai efetivamente se distribuir.

Qual é a qualidade da expressão que está sendo colocada? Perdemos a mediação e a triagem e isso cria um horizonte de democratização, ou de descentralização, se você preferir. Por outro lado, a qualidade da expressão e a qualidade da subjetividade a ela atrelada passam por uma remodelagem ainda incógnita, certo?

Olha, a questão da qualidade está se tornando reflexiva também. Qual é o parâmetro de qualidade? A grande questão é que, quando há essa formação de nichos fluidos, a qualidade é determinada pelos próprios nichos. E a coisa mais interessante, se você acha que aquilo não é legal, é só não ter contato com aquilo. Por exemplo, quem não gosta de anime não sabe nem que isso existe, mesmo que os eventos de anime em São Paulo reúnam 50, 100 mil pessoas, atraindo mais gente que muitos festivais de música. E isso é uma coisa que ainda não foi percebida. As pessoas ainda vêem isso como subcultura, como subnicho. Então, a qualidade é totalmente reflexiva.

Não há o risco de criação de uma sociedade inteiramente segmentada, com ausência de diálogo?

Essa é uma das grandes preocupações que, embora não seja nova, está se tornando cada vez mais urgente. Jeremy Rifkin escreveu sobre isso, dizendo que o grande desafio daqui para frente será restabelecer um canal para a ação comunicativa comum, e que a ação comunicativa vai se perder, porque cada um vai se dividir em esferas de valores que não se comunicam umas com as outras. Então, como achar um denominador comum, que coloque essas esferas para conversar?

Eu sou pessimista em vários assuntos. Com relação à propriedade intelectual, acho que o direito vai se radicalizar, e tudo isso que está surgindo agora vai ser abortado juridicamente, ou atrasado substancialmente por 20, 30 anos. Mas nessa questão eu sou otimista, acredito que as pessoas vão acabar reinventando um modo de esfera pública coletiva, e que essa esfera pública não só vai ser reinventada como vai ser fortalecida.

Existe um processo de condensação de todas as mídias em uma só, a digital. Isso não traz riscos? Se a internet perder sua independência, não se tornará difícil a resistência de ideias e estéticas outras?

Esse perigo existe e é gravíssimo, porque o grande risco que a internet sofre hoje é o do engessamento. É de se congelar o estado de evolução da internet no momento em que ele se encontra. Esse debate é chamado de a questão da neutralidade da rede, *net neutrality*. O que significa *net neutrality*? Alguns serviços de provedores de Internet querem que ela se congele agora, e que se transforme pura e simplesmente em um mecanismo de reprodução do modelo de *broadcast*. Quem for grande e estiver distribuindo muita infor-

mação, vai ter que pagar mais caro pelo uso. Quando isso acontece, você elimina a possibilidade do usuário pequeno e sem dinheiro para falar com muita gente. Só vai poder falar com muita gente pela internet quem tiver dinheiro. Essa é a discussão sobre a *net neutrality*.

Como isso se conecta com a sua questão? Da seguinte maneira: enquanto a internet for neutra, e por neutra eu quero dizer burra, enquanto a inteligência estiver apenas nas pontas e não no meio, você tem uma internet aberta para se desenvolver de forma ilimitada. Vou dar um exemplo disso. O telefone é uma tecnologia cuja inteligência só está nas pontas. Não existe inteligência no circuito. O circuito passa o que você quiser. A inteligência só está nos aparelhos que recebem. Por causa disso, houve uma evolução gigantesca dos aparelhos que poderiam ser usados nas pontas e das mídias que iam surgindo a partir deles. Do telefone passou-se ao fax, do fax passou-se à conexão *dial up*, a conexão *dial up* virou DCL. O fato de aquela rede ser neutra propiciou o surgimento de evoluções. A questão da neutralidade da rede é a seguinte: enquanto se mantiver a internet neutra, não é possível prever o tipo de evolução. A evolução é ilimitada. Na medida em que eu acabar com essa neutralidade e transformar a rede num sistema monocórdio, que só opera por uma única tecnologia, aí estaremos perdidos. Nesse ponto, eu acho que a sua preocupação é muito séria, porque o blog individual não consegue falar com muita gente e se ele não consegue falar com muita gente na internet, significa que ele não consegue falar com ninguém. Na internet, ou você fala com muita gente ou você não fala com ninguém. Porque você não sabe quem é o seu público. O requisito de poder falar com todo mundo é fundamental para você achar seu público. Senão, acaba com o nicho, acaba com tudo. Se a questão da *net neutrality* vier a ser regulamentada nos Estados Unidos, como hoje há uma briga política imensa para que isso aconteça, aí sim a internet se congela do jeito que está hoje, sobrando espaço apenas para os grandes e para os grandes que estão estabelecidos. Aí você tem o pior dos mundos.

Até porque é muito difícil voltar atrás para as antigas mídias.

Impossível. Você perde toda aquela coisa originária do século xx, que ainda trazia algo da contracultura dissolvida, e a possibilidade de ela renascer nesses novos meios abortada.

E quais são as alternativas possíveis para isso?

Uma pessoa extraordinária aqui no Brasil é o Silvio Meira, do Cesar, o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife. O Silvio tem defendido uma proposta que eu acho fabulosa, e talvez essa discussão passe por isso. Ele acha que toda cidade tem que construir a sua rede de comunicação própria, pública, para realmente descentralizar. Assim como há um sistema de água, deve ser construído um sistema de informação próprio e público. Canaliza-se fibra ótica em todas as cidades, aquilo é um patrimônio público, ninguém nunca vai mexer. Pode construir a rede que você quiser, mas aquela cidade tem uma rede de fibra ótica própria. E aí as cidades se interconectam entre si. Isso é fundamental, pois a *net* hoje é privada.

E centralizada. Ela pode ser quebrada. O que eu fico pensando é que, em último caso, pode-se desligá-la.

Exatamente. Não só é possível desligá-la, como existe também uma entidade nos Estados Unidos chamada ICANN (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers) que controla o registro geral da internet, os nomes de domínio. Quando se digita um endereço de Internet, o que permite que um computador no Japão ou no Brasil acesse esse endereço é o sistema de endereçamento mantido pela ICANN. E a ICANN é uma entidade norte-americana, constituída sob as leis da Califórnia e regida por um memorando de entendimento com o Departamento de Comércio dos Estados Unidos, que tem o poder de cassação dos seus direitos.

Ou seja, o Departamento de Comércio dos EUA tem um poder invisível.

Total. Quando começou a guerra do Iraque, a ICANN desligou o Iraque. Esse é o absurdo. Hoje, o Brasil lidera uma iniciativa na América Latina de descentralização da internet, de trazer os chamados servidores-raiz para a América Latina. Hoje há servidores-raiz, se eu não me engano, em apenas oito lugares do mundo. É o servidor-raiz que controla a internet. É como se fosse o *switch* da Telefônica. Ele que controla o endereçamento. O Brasil está na ponta de uma proposta de autonomia da América Latina no gerenciamento da Internet regional. Assim, estaríamos fora do domínio da ICANN. Mas isso não vai acontecer. Já saiu um comunicado neste mês de dezembro, publicado no site da ICANN, dizendo o seguinte: "Querem ser autônomos? Então vão ter que ser autônomos de acordo com as minhas regras". E editaram um comunicado que diz assim: "Regras para concessão de autonomia regional". Um total

paradoxo. Isso foi feito na semana passada. Essa batalha está em curso, e é brutal. E não é uma batalha que está na esfera pública.

Como é que você vê o Creative Commons no Brasil hoje?

Não dá mais para ignorar a questão do Creative Commons, e isso já é uma mudança substancial. E está cada vez mais difícil que se impeça o autor de dizer para a sociedade, sem intermediários, que ela pode ter acesso à obra dele. A grande força do Creative Commons é o fato de ele ser voluntário. Só usa o Creative Commons quem quiser. A grande questão hoje é o que está em jogo não é a efetividade do direito autoral, o que está em jogo é a legitimidade da base jurídica do sistema político, porque quando você tem uma legislação que é tão desrespeitada quanto esta, por milhões de pessoas, em que a população expõe uma opinião totalmente distinta daquela que leva a formação daquela legislação, tem alguma coisa errada, não no direito autoral, mais sim no sistema político e nas formas de representação democrática. E esta eu acho que é a grande preocupação. Vivemos hoje um momento que afeta não apenas o Creative Commons, mas a emergência de todas essas mídias colaborativas. Trata-se do momento em que isso está adquirindo uma conotação política. Pode-se discutir o tipo de sociedade que queremos construir. Uma sociedade plural ou uma sociedade monocrática? Uma sociedade em que o indivíduo tem poder de falar para muitos, ou só tem poder para falar para determinadas instituições constituídas? O Creative Commons acaba entrando nessa grande discussão, acaba participando e sofrendo como tudo mais está sofrendo na construção dessa mídia colaborativa.

Mas num país onde a inclusão digital ainda é pífia, você acha que ele está tendo que papel?

Esse é outro debate importante. Eu sou contra o "etapismo", a ideia de que primeiro precisamos promover a inclusão digital para depois pensar em Creative Commons. Se a gente for pensar assim, a gente já perdeu, porque aí, quando tiver inclusão digital, já não existe mais possibilidade de Creative Commons, já foi para o buraco, vai estar tudo dominado. Precisamos das duas coisas ao mesmo tempo. É preciso garantir o acesso ao conhecimento, o acesso à cultura, ao mesmo tempo em que se garante o acesso à internet, o acesso aos meios físicos. Se a gente for pensar em fases, já perdeu.

infra-estrutura
para a cultura digital /

Embora seja possível desenhar uma grande variedade de redes, todas elas podem ser divididas em dois componentes: centralizado (ou estrela) e distribuído (ou grade ou malha). A rede centralizada é obviamente vulnerável, uma vez que a destruição de um único nó central destrói a comunicação entre as estações finais.
Paul Baran, 1962

As multitudes inteligentes são uma propriedade emergente impredizível, mas ao menos parcialmente descritível, que aflora na medida em que aumenta o número de usuários de mídias locativas, o número de chips que se intercomunicam, o número de ordenadores que sabem onde estão situados, o número de tecnologias que se incorporam, o número de pessoas que utilizam estes novos meios para inventar novas formas de sexo, comércio, entretenimento, comunhão e, como sempre, conflito.
Howard Rheingold, 2004

Yo llevo en el alma un camino
Destinado a nunca llegar
Mano Chao, 1998

anos
Brasil
coisas
rede
internet
gente
forma
fazer
ciência
começa
cultura
digital
conhecimento
empresas
espaço
experiências
experiência
infraestrutura
hoje
Ipê
importante
processo
pessoas
nesse
onde
porque
outro
possibilidade
ter
poder
ser
vai
todos
tempo
projeto
tecnologia
redes
simples
criar
arte
coisa
colaboração
capacidade
aplicações
ambiente
brasileira
aqui
alguma
avançando
ainda
barreiras
comunicação
acesso
começar
cada
atrás
algum
ciclos
difícil
comunidade
áreas
dessa
espaços
experimental
discussão
ciclo
culturais
consenso
faz
conseguir
deu
experimentar
entrar
dois
história
desenvolvimento
duas
gerar
continuar
final
ficar
interação
melhor
novo
grupos
geração
infra-estrutura
Internet
instituições
experimentação
mundos
maravilhosa
grande
maior
nasce
papel
modelo
muita
muitos
mundo
nome
outros
novas
ideia
outra
nobre
requisitos
ótica
menos
pesquisa
objetivo
Paulo
ocorra
naturalmente
pode
resistente
pontos
uso
surgiu
poderosa
regulação
pular
precisa
Rio
produção
sempre
tudo
sonho
preciso
RNP
trem
vê
várias
têm
usos
ver
vídeo
sociedade
vão
transição
valor
usando
visão
vamos
acadêmica
ciências
ali
cada
algum
agora
ar

Nelson Simões

diretor-geral da RNP

Qual o impacto do digital e das redes interconectadas na cultura?

De tudo o que eu vivi, a colaboração digital foi talvez minha experiência de interação mediada mais poderosa. Me surpreendeu o papel que o digital foi tomando na sociedade. Tecnologicamente falando tudo isso é muito precário e ainda muito recente, mas seus efeitos são muitos poderosos. Vimos as ciências duras criarem interconexões físicas de comunicação de forma natural, e foram e estão sendo apropriadas e utilizadas em outros domínios, e isto é um pouco assustador. Eu continuo vendo coisas incríveis em todas as áreas. Tem o cérebro integrado ao digital, tem a arte integrada ao digital. Construíram-se várias interfaces para vermos o mundo com o digital, e isto continua avançando.

E qual a importância da rede física nesse processo?

A rede é o centro desta troca, seus usos são cada vez mais múltiplos e ela continua ganhando papel central na forma como nos relacionamos hoje. A evolução que se deu é surpreendente, os números foram muito rapidamente multiplicados por dez mil na velocidade e na capacidade, e isso aconteceu por conta dos usos. Uma rede dessa é mais do que a forma de comunicar, ela abre o espaço para você criar coisas que nós não conseguimos imaginar ain-

da. A interação próxima do real tem a ver com gerar uma oportunidade de inovar. A internet foi construída por múltiplas mãos com uma visão de compartilhar, de trocar, de interoperar. Ela nasce com o objetivo de integrar pontos que não conversariam naturalmente, então todos esses requisitos de abertura, neutralidade, diversidade, isto tem muito haver com aspectos culturais dos relacionamentos da geração de conhecimento. A rede se encaixou nesse espaço e cumpre esse papel. E criou a possibilidade de continuar avançando, isso não tem limite ainda.

Faz ideia de onde a gente vai chegar?

Sempre que tenta se colocar um limite, essa barreira é logo quebrada. Estamos sempre apontado para um novo patamar cujos usos a gente não conhece ainda.

De onde tem partido as experimentações mais radicais que tem visto?

No Brasil o que surpreende são as coisas simples, a integração de escolas ou de pessoas que estão gerando cultura utilizando mecanismos de colaboração, coisas que estão na internet comercial, mas que podem ser potencializadas por esses espaços. Nos ambientes onde a comunidade começa a entender como se usa, ela se capacita e se prepara pra fazer sua produção e disponibilizá-la. Uma comunidade é muito mais poderosa culturalmente do que a gente poderia supor. A apropriação é muito rápida, tem toda uma geração que já nasceu nesse ambiente e participa dele naturalmente. Tem acontecido uma transição entre mídias e espaços nos telecentros, nas propostas de redes comunitárias. E tem a outra ponta, que está ligada à ciência do uso avançado: controlar dispositivos à distância, usar os recursos que são raros aqui e disponíveis numa outra instituição; isso já é acessível, está disponível e é utilizado e faz parte agora do potencial de crescimento e de conhecimento gerado pela rede. O que em termos de aplicações é mais visível é o uso de grandes massas de informação na ciência. A questão do clima e do meio ambiente tem se apoiado muito no uso das redes para entender como é que isto ocorre, como é resolvido. Na questão da biodiversidade, estamos usando as redes para poder pensar sobre ela e poder preservar, para nosso próprio desenvolvimento. Na saúde isto tem um impacto muito direto: quando a rede e as ferramentas de colaboração estão disponíveis elas potencializam e capacitam quem está isolado e não tem acesso ou precisa de uma segunda opinião.

As aplicações estão em muitas áreas, até em coisas mais simples, têm um grande poder de transformação e elas continuam impressionando porque os centros de pesquisas mais avançados continuam demandando da infraestrutura de rede coisas que ela ainda não oferece.

São camadas de compreensão que estão sendo expandidas, são estas duas pontas que você está expondo, uma ponta que é a massificação e uma outra que é a experimentação radical. Tanto na experimentação quanto na apropriação, arte e ciência parecem estar se reunificando, não dá para fazer uma separação por áreas. O conhecimento começa a se fundir. Aquilo que foi separado no pós-Renascimento se funde novamente. Como vê esta aproximação tecnologia, arte, ciência, cultura?

Como um desafio. É natural, é esperado que ocorra. Eu sinto falta dos mediadores, é muito difícil ter pessoas capazes de colar os mundos e fazer esta interlocução. Sentimos a necessidade de ser trans, da arte para a ciência, ou saúde para expressões artísticas; de ter um pensamento menos especializado, menos codificado, armazenado em compartimentos, e essa é uma fronteira que o digital quebrou. As coisas podem transitar mais facilmente, as coisas estão mais intercambiáveis. Então estão se aproximando opostos que não se conheciam, ou que deixaram de se conhecer por algum tempo e ficaram um pouco estranhos um ao outro. É preciso transitar nesse mundo, é preciso compreender a linguagem do outro, a expressão do outro e conseguir fazer essa junção. Mesmo na diversidade, criar esta visão única de como podemos atuar e colaborar neste espaço do digital. As iniciativas de cultura e ciência tem muito disto, elas tem esta capacidade de criar experiências que aproximam conhecimentos e geram experiências novas, com novos conhecimentos. Tenho esperança de que passaremos por um processo de depuração, de maior entendimento ou de maior colaboração entre coisas muito distantes. E o digital tem esta capacidade de aproximar isto, ele está tirando barreiras.

A reaproximação de arte e ciência é um sonho antigo, começa com os românticos alemães século XVIII, e sempre foi um desejo que se quebrou. E quando a gente fala na internet e no digital a gente está falando exatamente disto em uma possibilidade nova. Há um romantismo em volta da internet.

A internet gera uma proposta claramente inconsequente, tem que ser meio romântico mesmo para acreditar que você vai conseguir realizar um sonho

de colaboração e interconexão. As coisas começaram de uma forma muito despretensiosa e vejo que isso é uma grande força também, porque as coisas muito pretensiosas pensadas para resolver o mesmo problema não chegaram a lugar algum. Elas estavam fadadas ao fracasso, esperavam muito do poder de unificação, de padronização para chegar a um objetivo de comunicação. Falar em comunicação entre os países, falar com pessoas em mobilidade, trocar informações em formatos distintos através de aderências a certas regras e melhores práticas e padrões, tudo isto é uma grande viagem ao sonho, é uma certa loucura, se pensarmos a 30, 40 anos atrás. No entanto isso nasce de experiências muito despretensiosas de cooperação e colaboração, com objetivos que não queriam criar de forma alguma o que a gente tem hoje. Isso é uma experiência de construção de algo comum de muito valor, o resultado é muito positivo. Acho que o sonho é este mesmo, ter um ambiente onde tudo pode ser realizado de uma forma colaborativa, inclusive arte e ciência. Estamos ainda tateando, mas se a gente preserva esses valores, esses atributos, talvez a gente consiga de novo.

É muito despretensioso não querer verticalizar a coisas.

Tem aí um compromisso que é sempre muito difícil: como manter a internet capaz de continuar nos surpreendendo e gerando resultados em artes e ciências? A gente não vai fazer arte e ciência se tiver com as coisas controladas verticalmente, é impossível. Você tem que criar o espaço para que isso ocorra e gerar um ambiente adequado com todos os requisitos para que a criação e a geração de conhecimento ocorram.

Do ponto de vista infraestrutural, o que deve ser feito para que isto continue acontecendo?

Existem barreiras, mas elas precisam acabar. É simples de enunciar e difícil de fazer. Nas barreiras de infraestrutura não faz sentido não ter capacidade de ligar pessoas: as escolas têm que ter, as bibliotecas têm que ter, nas casas isso não pode ser muito caro, porque é tão necessário quanto qualquer outra utilidade. Isso depende de um esforço que não é só do governo. Obviamente é uma política pública, mas tem uma ação que depende da sociedade, ela tem papel de pressão para que isto ocorra. As empresas têm que olhar isso como um objetivo do Estado brasileiro: que não houvesse barreiras de infra-estrutura para acesso à internet no Brasil. Isto tem que ser compromisso em espe-

cial para a educação. As novas gerações devem ter acesso a isto de uma forma assegurada, é preciso garantir a universalização. Isso exige uma decisão política forte e políticas públicas eficazes, é o que vai liderar o processo. A sociedade tem que reconhecer isso como um valor e cobrar isso, essa discussão tem que ser apropriada. Se tivermos visão da importância do digital, conseguimos que não se crie marcos regulatórios muito fechados que atrasem o desenvolvimento da rede.

Temos que ter em vista a questão de preservar aquilo que veio até agora, existe o risco de a camada da Lei entrar como reação e não como avanço a este processo.

Essa é a discussão em que nós temos maior responsabilidade. Já estamos atuando há algum tempo na sociedade civil, nas universidades, nas empresas. Nós sabemos dos riscos de se errar e perder a oportunidade de gerar as regulações no prazo que o país precisa. E para todos a regulação é muito importante. A internet nasceu com mecanismos de regulação construídos por consenso, não um consenso completo, mas um consenso áspero. Hoje, se esse consenso for bom, devemos melhorá-lo, se for ruim, abandoná-lo simplesmente. A mobilidade é muito importante para nós continuarmos avançando. Um marco regulatório não pode anular esta possibilidade de continuar criando de uma forma mais orgânica, mais articulada com a realidade, e provando estes conceitos ao longo do tempo. Porque muito provavelmente nós não vamos conseguir avançar se os marcos forem criados como barreiras, então esse espaço tem que ser preservado. Teremos que fazer o balanço entre o que a regulação pode favorecer e o ponto em que ela começa a prejudicar. É importante que gerações estejam acostumadas a trabalhar de forma aberta e colaborativa, esse é o ingrediente que vai prevalecer na reprodução dos modelos. E esta é uma ideia que vai ser capaz de gerar soluções novas e adequadas. As empresas que souberam aproveitar isso hoje são referências, são aquelas que já nasceram dentro dessa lógica de construção. Elas tem mais valor hoje no mercado do que as convencionais. É um momento de transição, os embates vão se dando, as visões ainda estão evoluindo. Com o tempo vai ser parte da história isso que a gente viu de 20, 30 anos. E acho que a gente vai rir dessa situação, de ficar comentando essa dicotomia de dois mundos, da cultura e da forma de lidar com tecnologia, com o digital. Isso vai desaparecer, será uma coisa só.

E como você vê as particularidades do Brasil nesse processo?

É comum ter experimentos culturais associados a todos os outros países usando redes avançadas. As pessoas estão fazendo músicas, estão ensaiando as orquestras, estão dançando ballets, shows. Mas aqui a coisa é mais radical. Tem muita experiência no Brasil hoje que é importante em nível global. Nós temos alguma vantagem da nossa história, da nossa antropologia, não sei, Deus é brasileiro, alguma coisa aconteceu e as coisas acabaram dando certo nesse processo.

O Laymert Garcia dos Santos fez uma analogia como se um trem estivesse passando e o Brasil fosse chamado para pular nele. Estamos bem posicionados, mas entraremos no trem?

É normal que alguém precisa pular primeiro, e pular certo, porque se cair, os outros não seguirão. Não o Brasil, mas instituições brasileiras já pularam. Agora é criar condições para que o trem encha e todo mundo tenha condições de entrar enquanto ele está passando, o Brasil não perder o trem da internet. Tem muita gente preparada pra reconhecer isso e começar a trabalhar e realmente mudar a realidade. O desafio é ser inclusivo, porque as assimetrias são muito grandes e as dificuldades também.

Como você vê a história da internet no Brasil?

A experiência brasileira de internet começa na academia no final dos anos 1980 no Rio e em São Paulo. Eram grupos que conheciam essa nova tecnologia e ambicionavam poder utilizá-la aqui. Os desafios eram de infraestrutura. Não tinha rede para integrar os grupos, não tinha permissão para fazer isso. Muito do trabalho pioneiro foi aproveitar as experiências da colaboração internacional para poder aplicar aqui um modelo de experimentar a internet. No final dos anos 1980 se cria o projeto, com o CNPq, para experimentar a internet. A primeira rede de fato no Brasil vai ocorrer em 1992, ligando Rio e São Paulo para apoio às atividades da Eco 92. E ali também já nasce de uma forma articulada com algumas organizações do terceiro setor que estavam ali se organizando também pra prover serviços de correio eletrônico. Depois a indústria se aproveita desses ciclos. O Brasil tem um desenvolvimento expressivo em internet porque teve uma comunidade acadêmica envolvida com esse tema, um terceiro setor querendo prover isso para suas organizações. Houve muitos ciclos nestes 20 anos, de 1989 a 2009. O ciclo que começa com

a primeira infraestrutura vai até mais ou menos 1995, quando isso extravasa como um serviço comercial. Nasceram muitas empresas de provedores de serviços de internet, começa o comitê gestor da internet, e é uma fase onde se vê claramente que as transições começam a ficar mais curtas: a web, depois as facilidades de vídeo stream, depois rádio, e as coisas vão se comprimindo a espaços cada vez menores. O que a gente tem feito é se manter numa fronteira de desenvolvimento de rede de tal forma de que a gente consiga criar para a comunidade acadêmica brasileira a mesma capacidade que ela tinha de inovar no final dos anos 1980. Não são só os engenheiros de computação ou os físicos, agora somos todos nós. Os ciclos se tornaram mais ágeis e por outro lado se conseguiu gerar no Brasil uma massa critica maior para refletir, para propor, e nós estamos avançando mais rápido. Nós temos hoje uma estrutura no Brasil de mesma capacidade dos países líderes, isso se reflete também na geração do conhecimento. Se 2% do conhecimento mundial hoje é gerado por pesquisa brasileira, por organização e pesquisa brasileira, isso tem a ver com o ambiente que foi criado nos últimos anos, nas diversas políticas.

E a criação da rede Ipê?

Em 2001, 2002, colocou-se no ar uma infraestrutura moderna para a época, cujas velocidades máximas eram 622 Megabytes por segundo. Era a infraestrutura mais rápida do Brasil naquele momento. Ela era complexa, difícil de manter, foi pensada para começar a propiciar a colaboração com experimentos de vídeo, de interatividade. Essa infraestrutura nos deu essa possibilidade, mais a um custo muito alto. Em 2003, 2004, se percebeu na RNP que era possível fazer um experimento principalmente com novos materiais, novos equipamentos. O avanço nas ciências de materiais também foi muito forte neste período, antigamente você conseguia fazer uma comunicação a alguns poucos quilômetros, hoje você faz a 100 quilômetros pelo mesmo custo. Isso criou um novo paradigma. Fazer redes de alta capacidade deixou de ser um privilégio só daquele empreendedor que tivesse muito recurso, a tecnologia abriu um espaço para você empreender, porque o material laser é mais potente, a ótica vai funcionar melhor, o material da fibra tem menos distorções. Tudo isso colocou a rede acadêmica e o mercado para empreenderem nessa direção de uma rede ótica internet. Daí surgiu um projeto que foi desenvolvido em conjunto com a CPqD, que é um centro de pesquisa em telecomunicações, que foi o primeiro experimento em larga escala de se juntar

duas culturas diferentes nesta área, quem estava trabalhando já a muitos anos em telecomunicações e quem vinha trabalhando a muitos anos com internet. E essas coisas não são sinônimas. Eram duas culturas, dois mundos, e de repente, hoje, as fronteiras acabaram, uma coisa é a outra. Para nós foi um aprendizado e para os nossos colegas da CPqD também, e gerou também uma rede experimental. E ali testamos essa IP sobre fibra ótica diretamente. Foi muito interessante ver empresas brasileiras que tinham competência nesta área desenvolvendo esses produtos.

A nova rede de produção da RNP vai entrar no ar mais tarde. Até 2004 o projeto não só implementou a rede experimental em conjunto com a indústria, as empresas cederam as fibras instaladas entre Campinas, São Paulo e Rio; os laboratórios, as instituições foram ligadas. Foram ligados grupos de pesquisa que desenvolveram os testes de várias aplicações, em várias áreas: em educação à distância, em telemedicina, computação de alto desempenho. Eles usaram a rede experimental como teste para as aplicações futuras. E em 2005 nos fizemos uma transição deste modelo, que era nosso laboratório, para a rede de produção. Nossa rede Ipê, uma infra-estrutura que custou muito mais barato do que a rede que a gente tinha no ar, é também muito mais simples para quem nos fornece os meios, e para nós que iremos operá-la. E é muito mais poderosa, tem capacidades maiores, tem tempos de resposta menores. A rede Ipê reduziu a complexidade, simplificando, se tornou mais eficiente e para nós isso é muito importante porque demonstra que a espiral deu um ciclo e começamos outro. Esse ciclo hoje está acabando e precisaremos começar outro, e já estamos começando a ver o que vamos fazer a partir de 2010.

Tem ideia?

Temos muita ideias, tem muita coisa em teste, em experimentação, em discussão com todos esses grupos, especialmente olhando os lados e aplicações que nós não olhávamos há cinco, 10 anos atrás. Por exemplo o vídeo de alta definição. Como é que nós podemos ter redes específicas para distribuição de uma aplicação de cinema? Transmitir acervos valiosos de cultura brasileira que estão na Cinemateca ou que estão em outras instituições do gênero para vários pontos? Utilizar isso como uma forma de criar uma interação entre esse público e essas casas culturais através da rede, isto vai ser absolutamente possível. Entender, experimentar e implementar um novo ciclo de redes

que temos chamado de Redes Híbridas, redes que vão ser ao mesmo tempo a internet que está ai, mais uma internet especial para certos usos segregados que vai poder unir pontos distantes um a um, dois a dois, *n* a *n* para determinar essas aplicações. Hoje é um ambiente muito mais rico de aplicações do que era há cinco anos atrás.

O modelo de TV digital desenvolvido no Brasil que chama Ginga, a infovia da RNP se chama Ipê. Conta um pouquinho esta historia dos nomes...

Todas as outras infra-estruturas que a RNP teve a partir de 1992 se chamaram backbone alguma coisa. Backbone é "espinha dorsal", é a rede, e a interconexão entre os estados. O projeto Internet II virou até uma marca, Internet II, hoje se usa a Web II. Que era uma forma de dizer: "olha, nós vamos fazer uma rede que é melhor do que a atual". Tivemos um backbone RNP 2. Mas quando nasceram estes backbones óticos, nós achamos que esses nomes não falavam muito do Brasil e da experiência que tínhamos acabado de ter para conceber aquele projeto. Daí surgiu esta ideia, naturalmente surgiu este nome Ipê. Ipê é muita coisa, IP é Internet Protocol. Ipê, eu não sabia, é a flor nacional. A Tabebuia é uma árvore maravilhosa, o tronco é muito duro, muito resistente. Ele suporta aquela tração. Você já viu um assoalho de Ipê? É uma coisa nobre, aquela madeira é nobre e absolutamente resistente. Isto tem muito a ver com as imagens que a gente foi criando pra cada infra-estrutura. Uma infra-estrutura nobre, resiliente, resistente, nacional. E o melhor de tudo é que o Ipê tem aquela florada maravilhosa. Um belo Ipê cai todas as folhas e nascem aquelas flores, fica amarelo ou vermelho. Ou branco, que é mais raro. Isso traduziu para nós essa percepção de que a rede é muito importante, mas a riqueza dela está na ponta. Então fortalecemos a possibilidade de você ter uma rede que floresça, ficou por trás a imagem muito forte de ter o nome associado à infraestrutura. A ideia era mostrar que as 400 instituições que estão ligadas à rede Ipê pudessem desempenhar plenamente suas funções usando aquela infraestrutura, que ela fosse alimento, fosse segurança, suporte, que passasse pelas várias estações, que ela evoluísse com todos os requisitos desta arvore maravilhosa. Foi um achado. O nome veio para ficar.

cultura
digital
cidade
acesso
Piraí
rede
processo
trabalhar
termos
telecentros
telecentro
ter
todos
todo
software
visão
usando
vezes
vida
toda
todas
vai
redes
urbana
universalização
referência
web
vídeo
três
videoconferência
sustentabilidade
quais
procura
ser
Rio
própria
projeto
pública
quinsque
anbsonb
tudo
quebra
pode
ponto
possibilidades
política
próprio
população
pindo
prefeitura
projetos
pessoas
mapeamento
menino
parceria
permite
link
mínimo
internet
gestão
largo
informação
escolas
grande
hoje
fazer
formação
galera
industrial
lá
história
hábitos
limites
livre
permitir
feito
hackers
multimídia
operadoras
infraestrutura
ligada
partir
podem
pensar
pessoal
pago
pensando
Orkut
oportunidades
porque
precisa
sociedade
sistema
tarifa
perspectiva
social
serviço
professora
prefeito
público
sociedade
gente
faz
fazem
estrutura
exatamente
desafio
escola
disseminação
conhecimento
Então
direito
discussão
conselho
gargalo
digitalmente
daquela
interativo
dentro
escolar
cria
cidade
direitos
diálogo
cara
desta
comunicação
começamos
comunidade
deste
Anatel
computador
banco
aula
anos
alunos
chegar
custo
celular
cidades
conecta
caixa
chafariz
coletiva
cada
capacitação
anteu
cirra
festival
daquela
exagerado
gestão
mudo
multimídia
parceria
pleno
projetos
pessoas
próprio
quebra
quinsque
anbsonb
urbana
universalização
referência
web
vídeo
três
ser
procura
quais
sustentabilidade
professora
prefeito
público
Rio
própria
tudo
pública
pode
ponto
possibilidades
política

Franklin Coelho

coordenador do projeto Piraí Digital

O QUE É A CULTURA DIGITAL?

A cultura digital significa uma revolução em termos de hábitos cotidianos baseada numa história de sociedade industrial compartimentada, segmentada. Isto se quebra numa possibilidade de estrutura em redes. O digital é exatamente a quebra dessa sociedade industrial e a possibilidade de uma explosão em termos de uma sociedade em rede. O caminho que começamos a trabalhar no Projeto Cidades Digitais é exatamente pensando nesta explosão e superando um pouco a visão das inclusões digitais ponto a ponto dos telecentros. Então basicamente o que temos feito é esta possibilidade de seminar novos hábitos pensando na sociedade em rede. De algum modo a internet é a ferramenta de um caminho que já vinha se construindo em termos de direitos de formação.

O QUE É UMA CIDADE DIGITAL?

Um reflexo da disseminação da cultura digital, e de como é que essa disseminação pode se expandir para toda a sociedade. Em particular no final dos anos 1990, início do ano 2000, vínhamos trabalhado muito com a internet nas favelas. Montamos essa expansão no Rio e a chamamos de Estação Futuro, que era um centro de envolvimento comunitário trabalhando já em termos

de direito à informação e comunicação. E o espaço do telecentro possibilitando um conjunto de serviços: procura de emprego, microcrédito, economia solidária, *showroom* de vários produtos da cooperativa. Não pensando só no acesso, começamos a trabalhar exatamente os limites de uma política de telecentro, em termos de abrangência enquanto cultura digital, de universalização de meios de comunicação e informação, e de envolver uma estrutura capaz de permitir que esta cultura digital se dissemine. A partir daí começamos a trabalhar uma visão de rede pública de transmissão (voz, dados, imagens e banda larga) e que isso permitisse que todas as cidades pudessem vivenciar essas novas possibilidades e oportunidades. A visão de cidade digital está muito ligada a esta nova perspectiva, de uma nova infraestrutura urbana que garanta o direito à informação, comunicação e à própria disseminação da cultura digital. Em Piraí fizemos um projeto piloto: um computador por aluno numa escola de 400 alunos, e iremos inaugurar em agosto uma expansão pela cidade toda, todos os alunos da rede vão ter computador. Mas isso só não basta, tem de haver um projeto pedagógico que incorpore um núcleo de aprendizagem que possa trabalhar essa disseminação de cultura dentro de toda a rede escolar, este é o desafio.

O que você chama de infraestrutura para a cultura digital?

Um sistema de banda larga que viabilize essa rede sem limites. Eu faço sempre uma analogia que está muito ligada ao Estatuto da Cidade, e que os movimentos sociais trabalharam em termos de reforma urbana. Toda a descrição da reforma urbana, o direito à habitação, ao transporte, à educação, foram trabalhados visando a necessidade de uma infra-estrutura que garanta estes direitos.

A experiência de Piraí já pode ser tomada como uma referência para pensar o que a cultura digital pode fazer com uma comunidade. Depois deste período de implantação, das múltiplas experiências que foram feitas, o que mudou na vida das pessoas a partir da incorporação e da difusão ampla da cultura digital?

Até temos estes indicadores, mas em termos da experiência de Piraí, o que melhor expressa as experiências são as oportunidades. Hoje o menino que faz capacitação em um Ponto de Cultura, que fez todo o processo de edição de imagens e vídeo lá em Piraí, ele é um jardineiro da cidade que se formou junto com a galera do software livre. A partir daí se ele transformou em uma

referência em termos de edição em multimídia. O lado da auto-estima, o fato de Piraí ter tudo para ser cidade dormitório e hoje ter uma galera jovem que permaneceu na cidade. O pessoal trabalha com software livre, rede sem fio. Se cria uma série de oportunidades fora e dentro da cidade, além da disseminação da cultura digital. Todas as escolas conectadas e em rede, todos os postos de saúde conectados, todo o sistema de vídeoconferência, a possibilidade de você ter acesso público no telecentro em cada distrito. Em frente ao banco tem um quiosque de acesso à internet, quando a fila do banco está muito longa, o pessoal vai acessar o banco digital. Isso cria até uma possibilidade do próprio banco fazer uma parceria com a cidade. A menina que serve na padaria faz pedagogia na universidade à distância. É isto. O menino que fez o logotipo do Piraí Digital é o gerente do posto de gasolina. Isso é uma revolução dentro da própria cidade, e a cidade começa a conviver com estas possibilidades. Isso vai além de nossas mãos, uma professora criou uma poesia coletiva, em que todos os alunos participam, através do E-class, que é um software em que todos alunos podem ver a tela uns dos outros. A possibilidade de construção coletiva aumenta, isso tudo na realidade é uma possibilidade que não se dimensiona quantitativamente.

Fundamentalmente o que muda é a vida.

Sim. É a possibilidade das pessoas terem qualidade de vida.

Quais são as questões que devem ser consideradas desde o inicio para construção de uma política pública de cultura digital?

Em primeiro momento a gente acredita que é necessário fazer um processo de sensibilização de toda a comunidade para que ela tenha claro quais são as possibilidades criadas pelo digital. Ao mesmo tempo trabalhar a identidade territorial, as referências culturais daquela cidade, e saber como a população lida com a informação. Para isso é preciso trabalhar com a concepção e com o plano diretor urbanístico, incorporando a discussão do direito à informação, à comunicação e à disseminação de cultura digital, através do conselho da cidade. Discutir como se faz um mapeamento urbanístico da cidade, o mapeamento digital, por onde expandir digitalmente, como chegar digitalmente aos bairros mais distantes. Piraí tinha linha discada interurbana de acesso à internet, e tem lugares muito distantes, em que você tem 200 famílias plantadoras de banana. Mas se estamos falando em universalização, temos

que chegar até esse pessoal. E ao mesmo tempo discutimos quais são eram os caminhos que ajudariam a melhorar a qualidade de vida e a própria gestão municipal. Os professores não têm telefones nas escolas, usam telefone público que às vezes não funciona, ou têm que usar celular. Aí colocamos uma rede Voip. Antes da inauguração da rede, tivemos um processo de desenvolvimento de cursos, capacitação de softwares livres para os gestores e para os professores. Além disso, é preciso ter um projeto que não seja só um projeto tecnológico, tem de haver uma visão estratégica da sociedade da informação, comunicação, pensar a cultura digital nos seus diversos aspectos. Disseminação da cultura digital dentro do governo, da escola, e os projetos de desenvolvimento comunitário. Piraí hoje tem 66% da população usando Orkut. Havia uma certa aversão ao Orkut, que não é educacional, mas temos trabalhado muito o Orkut como possibilidade. Dentro de uma escola em Arrozal, teve um menino que descobriu a mãe dele usando o Orkut, e isso orientado por uma professora. Tem uma grande discussão dos telecentros: "vamos limitar o acesso aos telecentros: alguns tipos de acesso e função e tipos de sites". O problema é educar, se você educar você não precisa proibir. O processo de educação nos telecentros não foi uma coisa de cima para baixo, mas compartilhada com os próprios usuários. Temos o conselho dos telecentros e hoje estamos fazendo um projeto para chegar a todas as escolas. É um custo muito grande de uma infraestrutura de mudar todas as escolas para uma prefeitura pequena. Então a gente vai permitir que os alunos levem os computadores para as casas e isso vai reduzir este custo em termos de infraestrutura elétrica dentro da escola, porque eles podem carregar o computador dentro da sua casa.

E a mobilidade, o celular neste processo, você tem pensado nisso também?

Quando você faz uma rede dessas, uma rede wireless permite ter acesso em 3G, ela não só conecta casas como conecta o cidadão na rua, o cidadão em trânsito. Estamos sendo procurados por operadoras que gostariam de utilizar a rede, mas precisamos mais de gestão pública. Tem um sistema de informação usando o próprio celular conectado em 3G, que você pode trabalhar com os agentes de saúde com o tipo informação online. E isso acaba tendo disputa de mercado, as operadoras teriam telefonia fixa, às vezes fica uma discussão que nós estaríamos com uma grande estatização das redes IP e iria contra as operadoras. O que temos feito é muito mais uma política de garantir esses

direitos, mas com possibilidades destas operadoras utilizarem essas redes. O grande gargalo está na infraestrutura e custo dos links, o custo do monopólio destes links.

Quanto que custa o link?

Em Piraí temos link da rede Rio, tem Infovias, tem a Universidade à Distância, tem o link do projeto nacional, e aqui no Rio de Janeiro, tem cerca de 8MB, mas como para montar estes projetos nas escolas tem que ter no mínimo 1MB dedicado, solicitamos 20MB. Uma prefeitura hoje paga em média três mil reais por 1MB de link dedicado. Na Europa, você tem 40MB por 30 Euros. Se fizermos uma licitação internacional, vamos conseguir reduzir este custo no mínimo em 20 vezes. No mínimo de 20 MB para cima, 30 MB no mínimo, evidentemente isto depende do tamanho da população, da própria extensão porque à medida que você dissemina a cultura digital a galera começa a baixar filme, aparece a vídeoconferência, a telemedicina. Quando a rede cai, ficam mais de umas duas horas sem todo o serviço público: se a rede cair eu não pago fornecedor, sistemas de ouvidoria. Não tem jeito, o cara bate na porta do prefeito, ele sabe onde o prefeito mora e diz "meu amigo, caiu a rede". Porque o telecentro é como um chafariz na época do abastecimento de água. O telecentro é um chafariz, porque ele é um ponto, e você tem que criar novos hábitos, pensar nesta possibilidade de uma mudança dentro da própria sociedade como um todo.

Qual o uso que a Secretaria de Cultura de Piraí tem feito desta infraestrutura?

Tem uma história política particular em Piraí que está ligada à história cultural. Pirai mantém o festival da cultura desde os anos 1970, tem mais de 30 anos de festival na cidade. Todo esse grupo que assumiu o governo em Piraí trabalhava muito a questão da cultura e música. Isso já vinha desenvolvendo o processo do ponto de cultura, montamos em Piraí um projeto de MPB nas escolas, em parceria com Ricardo Cravo Albin. Ele tem o maior acervo de discos de vinil do Brasil no instituto na Urca. Eles fazem um tratamento, estão gravando os CDs deles, fizeram também um projeto pedagógico que eles fazem uma periodização histórica e fazem a árvore genealógica da música no Brasil. Em função deste projeto, no período Pirai Fest, que é em Outubro, a gente faz um sarau temático com as escolas, e eles trabalham essa dimensão musical, cultural e também toda a parte de teatro, e apresentam o

que eles produziram. Outra coisa é a história da cultura afro ligada ao Vale do Café, e curiosidades piraienses.

Isso foi parar na Internet de alguma forma?

Não, estamos gravando. E em Conservatória tem a a seresta, e a ideia é trabalhar compartilhado com Piraí, para disseminarmos a seresta via web.

Tem surgindo muitos profissionais, artistas trabalhando com a questão digital em Piraí.

Isso eu aprendi com o Cláudio Prado, ele procura os hackers, porque à medida que esta cultura se desenvolve, aumenta a possibilidade de testar tudo. Nós tínhamos um sistema público que precisa ter um controle muito grande de todas as informações da prefeitura. Então preparamos um quiosque todo fechado e só permitia entrar na web, mas com limites para não deixar ninguém manipular a rede. Um dos hackers entrou no quiosque da rodoviária com todos os limites, entrou na rede da prefeitura e furou todo o firewall que tinha na rede. Pensamos: "a gente precisa encontrar esse cara, porque esse cara é muito bom".

Vocês encontraram o cara?

Encontramos. Os caras sabem porque furaram, aprendem com a rede, se conectam, começam a se conhecer. Não estamos nas grandes metrópoles, lá surgem redes regionais de software livre, que abrange Piraí, Barra do Piraí, Volta Redonda, montando uma fórum.

Como ensinar a população a utilizar essa rede digital?

Na primeira oficina que nós fizemos para formação de aluno tutor, começamos com a lição do que é uma multimídia, o que é uma inovação. Colocar um vídeo na sala de aula não significa nada se você chegar lá e der a aula tradicional, temos que repensar o plano de aula, trabalhar isso como um processo mais interativo professor-aluno. Depois, como você pensa o roteiro interativo, isso quebra essa estrutura hierárquica dentro da sala de aula, e também de domínio em termos de conhecimento, referência ao conhecimento e o professor cria um papel de moderador da produção do conhecimento e um facilitador qualificando o próprio processo.

Quais são os outros gargalos para a constituição de cidades digitais?

O gargalo da sustentabilidade financeira. Há uma discussão com a Anatel, em que sugerimos que haja uma tarifa pública de acesso para garantirmos o recurso de manutenção da rede, assim como você tem uma tarifa de água, num preço razoável. Isso a Anatel não permite porque a lei geral de telecomunicações só permite que as empresas forneçam este tipo de serviço pago, então nós ficamos três anos discutindo isso, conseguimos no final a permissão de que as prefeituras fizessem e fornecessem este serviço, mas de forma gratuita. Esta tarifa pública hoje não é permitida e este é um novo gargalo. Agora o grande desafio são os conteúdos, incorporar a população neste processo é um grande desafio, que exige muita sabedoria e reconhecimento da identidade local. É o que a gente tem falado do diálogo de conhecimento, do diálogo de saberes. Qual é a perspectiva de cada grupo social dentro daquela sociedade? Como é que eles poderiam assimilar este processo desta inovação e desta mudança social?

Esse é o desafio principal?

Sim, junto com outrou que é o controle social deste processo, e fazer desses encontros passos democráticos. A discussão com os conselhos das cidades, a formação de conselhos gestores dos telecentros, a relação com o conselho escolar, com a comunidade escolar, pais, mães. É um desafio imenso, porque dele depende a sustentabilidade institucional. Se entrar um novo prefeito aquela população incorporou de tal modo e vivência que mesmo que se tente mudar, retroceder, não se vai conseguir.

TV
Vai
ser
televisão
pessoas
digital
gente
assunto
coisas
Brasil
audiência
acesso
Então
celular
comunidade
comprar
assistir
casa
computador
canal
interatividade
informação
internet
Lemos
milhões
mesma
mundo
pode
porque
programa
qualquer
processar
receptor
população
problema
questão
retorno
vídeo
todo
resolver
satélite
sabe
processo
propaganda
zapping
interfaces
interativos
interativo
máquina
grandes
grande
espectador
fazer
geladeira
hoje
EPG
dispositivo
encontrar
aplicação
acessibilidade
assistindo
Agora
alguma
canais
áudio
cidade
ainda
aparelho
brasileiro
capacidade
comum
dinheiro
espaço
celular
controle
conexão
crise
banda
bluetooth
canal
computador
casa
coisas
comprar
assistir
assunto
audiência
Brasil
acesso
Agora
cidade
ainda
aparelho
áudio
canais
brasileiro
coisas
comum
comprar
comunidade
espaço
celular
Então
digital
fazer
geladeira
hoje
EPG
grandes
espectador
grande
gente
internet
máquina
Lemos
interatividade
interativo
interfaces
interativos
informação
milhões
mesma
mundo
pode
porque
programa
qualquer
processar
receptor
população
problema
questão
retorno
vídeo
todo
resolver
satélite
sabe
processo
propaganda
zapping
ser
ter
televisão
pessoas

Guido Lemos

desenvolvedor do Ginga

Como vê o impacto digital na cultura, na vida, na sociedade?

O digital está muito ligado à acessibilidade. Antigamente era muito difícil ter acesso ao conhecimento. Para quem morava no Nordeste, se quisesse fazer um curso bom, alguma pós-graduação, tinha que ir para o Rio, para São Paulo, uma cidade grande. A mesma coisa vale para os acessos aos meios culturais. Se você queria ter acesso à música, ao cinema, precisava se deslocar. Não dava pra ter acesso a essas coisas morando numa cidade pequena. Realmente eu acho que o grande impacto é a acessibilidade, o custo cai muito para distribuição das obras.

No seu trabalho há a preocupação com outras formas de acessibilidade.

No Brasil, no Hemisfério Sul, nos países que tem uma concentração de renda muito alta, a internet é um problema. Números brasileiros indicam que 91% das residências de classes D e E tem um aparelho de televisão e 2% tem um computador. Apenas 0,2% possuem acesso a internet. No Brasil, eu e o meu grupo investimos pesado na questão da televisão digital, que acreditamos ser um tecnologia estratégica, porque as pessoas de classe D e E no Brasil compram televisão. Nessa camada da população que não tem acesso a basicamente nenhuma outra fonte de informação mais pesada, a televisão define

o assunto. Quem não assiste TV, conversa sobre o quê? É isso que faz com que as pessoas deixem de comprar uma geladeira e comprem uma televisão. Temos que explorar isso, que não é um comportamento do brasileiro, é um comportamento das pessoas que tem pouca renda e precisam de informação. Na TV, no modelo brasileiro, o único investimento que você faz é o de comprar o receptor, a qualidade tem que ser discutida, mas a TV complementa a informação. Tem uma cobertura grande de TV aberta, mas são 15 milhões de receptores de satélite. Andando pelo interior do nordeste você vê antena maior do que a casa. A casa de barro, de taipa, telhadinho de palha e uma antenona de satélite. Às vezes quando chove o pessoal vai pra baixo da antena, porque molha menos do que na casa. A internet vai chegar nesses rincões de baixa renda, mas é um processo demorado. Nessa camada da população deixa-se de comer carne e tomar cerveja para comprar um aparelho de TV ou um computador. A percepção do valor do computador na geração atual não é suficiente pra abrir mão de outras coisas que são tão básicas, mas a televisão sim. E a minha tese é que sem televisão não há assunto.

A TV DIGITAL OU INTERNET PULVERIZAM OS ASSUNTOS.

A digitalização gera um problema, uma crise da TV. No último congresso de radio difusores na Europa se discutiu bastante o que é a televisão. Contei nove referências para "any" qualquer coisa. A TV tem que ser anytime, você tem que assistir o programa que você quiser assistir a qualquer momento, não há horário fixo. Tem que ser anywhere, você tem que assistir em qualquer lugar, celular, carro. Anydevice, anyscreen, any-não-sei-o-quê, o cara quer any, o cara quer qualquer coisa. A televisão está num processo de crise, de se destruir e se reconstruir. E o assunto deverá mudar nesse processo. Hoje o que determina o assunto para o pessoal mais novo? É a tribo, é a comunidade. Já se está reproduzindo o receptor de TV híbrido, que tem uma entrada de TV aberta ou de satélite e tem acesso à Internet. Apertando o menu vai aparecer EPG, o guia de programação. Só que o guia de programação não é suficiente para resolver o problema de *lost in midia space*. Estão todos perdidos no espaço das mídias, ninguém acha nada. Fotos, filmes, gravações, as guardamos no computador e depois não achamos mais. O Google resolveu o problema de Lost in Hyperspace onde a definição do hiperespaço era texto. Por isso hoje o Google vale 100 Bilhões de dólares. O EPG só é a solução dentro de um número limitado de canais. Só que com um satélite de 240 canais, mais

a Internet com 3 mil, 4 mil canais, como achar o que se quer? Então a crise do any, any qualquer coisa, está ligada ao problema de encontrar as coisas que a gente quer assistir. Na minha opinião, temos dois principais caminhos. O problema da busca é que o vídeo e o áudio não tem significado nenhum para a máquina. O texto já é uma representação digital, mas com mais significados associados. Para processar o áudio e o vídeo e a imagem precisamos do cérebro, para saber o que tem ali dentro. E qualquer galinha com cérebro desse tamanhinho consegue processar imagem muito melhor que qualquer supercomputador. Temos um *gap* de semântica muito grande ainda. Como nos encontrarmos nesse espaço de mídias?

Como?

A gente vai ter que resolver o problema de descrição semântica, descrever o que tem nos vídeos. Tem um movimento importante de produtores de cinema para armazenar o vídeo junto com o roteiro, e no roteiro ter semântica, ter uma descrição detalhada do que está acontecendo em cada trecho do vídeo, para conseguir localizar coisas no vídeo com máquinas de buscar texto. Agora, no que tange o assunto, o caminho que está se desenhando é a comunidade. Alguém que gosta das mesmas coisas que eu, o que ele assistiu pode me interessar.

Isso quebra o zapping na TV?

O zapping com um número de canais muito grande fica inviável, passa a ser desconfortável. Demoramos um minuto pra zappear 50, 60 canais, e não encontrar o que queríamos. Eu estou assistindo alguma coisa, aí saio dessa coisa para procurar algo que me interesse mais, mas se não acho e quero voltar pra aquele lugar que eu estava e continuar assistindo, então tem que ser rápido. Então o zapping, o EPG, funcionam para um número de canais limitado. Ainda que o EPG lhe dê mais informação para localizarmos mais rápido o que assistir.

Interação é mais limitada, não tem o mouse.

É uma interface limitada e demora a acharmos as coisas.

Qual a relação de interatividade entre a TV digital e internet?

Como é que a gente vai interagir com a TV? Ela será qualquer coisa e esse qualquer coisa precisa encontrar alguma coisa que faça sentido. Acredito muito na interface baseada em áudio, comando de voz para a TV. No padrão brasileiro, no Ginga, a gente já colocou essa visão de que o receptor de TV não recebe informação exclusivamente do provedor do rádio difusor, ele já nasce sendo dispositivo híbrido. O storebox mais básico no Brasil hoje tem o sintonizador de TV e tem uma interface USB. Se ele tem USB, tem conversores USB pra Internet, pra WI-FI, Bluetooth, etc. Então ele tem pelo menos duas principais fontes de informação. Isso já é um fato. Hoje o receptor de TV não está isolado, como esteve até agora. Os nossos receptores de TV se comunicam por controle remoto. Tem celular com bluetooth e não se sabe para que serve. Se você tem um celular com bluetooth e sua TV também tem bluetooth, há uma conexão, sem você nem saber que está conectando. Eles se conectam fisicamente. Não existe essa conexão física, então se você instalar um componentezinho no seu celular, a TV vai descobrir que você está ali, vai estabelecer uma conexão num nível mais alto e vai permitir que você controle a televisão com seu celular. Você ganha um dispositivo de entrada muito mais sofisticado que o controle remoto, porque no celular você pode dar os comandos de tecla e pode falar. Você pode enviar vídeos, imagens, fica muito mais fácil de lidar. É possível falar, capturar áudio, vídeo, captura imagem. É possível integrar com celulares, com PDAs, com SmarthPhones. Se eu estou ligado na rede elétrica pra puxar energia, fisicamente eu estou conectado com a geladeira, com o ar condicionado, com o portão eletrônico, com o porteiro eletrônico, com todas as outras bugigangas na casa que também estão conectadas na rede elétrica. Então eu vou poder desenvolver aplicações como um programa de receita e perguntar para minha geladeira se tem ovo, se tem leite, e já disparar para o mercadinho o pedido do que eu preciso pra fazer aquela receita. Então a gente já tem a visão de que o cara não está isolado.

Agora, isso tira a passividade do espectador.

A TV hoje é feita por um conjunto de pessoas especializadas em audiovisual. As pessoas chegam em casa cansadas e vão assistir TV. A tendência é de ser mais preguiçoso, sintonizar um canal e ser apenas o espectador. É o que classificamos como usuário preguiçoso, que é o diferente do usuário do computador, que é um cara pró-ativo, que vai buscar informação. Isso não vai acabar nunca. Não vejo muitas saídas à segmentação. Um programa de TV com uma

audiência de 70 pontos no Ibope é coisa de museu, não vai existir nunca mais. Mas acredito que a questão do assunto comum permanecerá. Porque as pessoas eventualmente precisam quebrar o gelo, o assunto comum é ponto de partida para uma conversa. E ter assunto é tão importante que muita gente considera o assunto mais importante do que a comida. Tem residência com televisão e sem geladeira.

Para as TVs tradicionais, o que significa essa passagem para a TV digital?

Dinheiro novo. A qualidade de áudio e vídeo é um novo custo que não vai mexer em audiência e não vai trazer mais dinheiro. A interatividade traz dinheiro novo, então está todo mundo se preparando para aproveitar, se capacitando e exercitando interatividade.

Qual o aspecto de maior importância na introdução da TV digital no Brasil?

Um possível impacto positivo da televisão digital é que ela será a primeira máquina com a capacidade de processamento razoável que vai entrar nas residências de classe D e E. Isso obviamente se o governo brasileiro acertar. A gente precisa ter um modelo que não deixe que essas pessoas das classes mais baixas comprarem a televisão de alta definição, para guardar esse investimento para a TV digital, com o receptor interativo. Temos uma bala pra gastar nesta possibilidade. Se somarmos a penetração da televisão com a dos celulares, as residências de classe D e E vão ter o dispositivo de maior capacidade de processamento de display. Será um terminal de acesso de internet na casa desse pessoal, e dependendo de como trabalharmos a interatividade na TV, será necessária pouca banda. O Ginga tem umas APIs que represam retorno, que quando discam, disparam de uma vez para otimizar o canal de retorno para a população de baixa renda. Temos que somar TV digital e celular se queremos que as pessoas interajam.

Há aí um processo de educação e de inclusão digital, mesmo sem um canal de retorno, por causa dos programas interativos. Isso prepara as pessoas para interagirem. O serviço de rádio difusão no Brasil tem conteúdo gratuito, mas o retorno é pago. Então tem que se usar de maneira eficiente para esta faixa da população. A massa tem o celular pré-pago. Mas não contamos apenas com isso. Onde você andar no Brasil tem lan house hoje. Então essa exploração do espectro livre como canal de retorno pode funcionar em uma comunidade, esse ponto pode ser uma escola, um telecentro. Esse é um mo-

delo que depende de dispositivos que tenham interface para redes de espectro livre, Wi-Fi. Esses dispositivos não estão disseminados. Dependendo do sucesso, poderemos explorar o projeto de um computador por aluno. Somando esse projeto à TV digital e ao celular, construiremos um ambiente em que as pessoas consigam navegar de maneira mais eficiente. Mas se essa população comprar um receptor não interativo, a gente gastou a única bala que temos, porque essa parcela da população não vai comprar um segundo receptor tão cedo.

A TV digital pode ser uma forma de alfabetização nova.

Temos alguns públicos, investigamos algumas oportunidades para educação. É um instrumento muito poderoso se for bem explorado. Mas essas pessoas precisam fazer o investimento certo, no receptor interativo.

Como foi realizar a interface da TV digital, a Ginga?

O que é um programa de televisão interativo? O material áudiovisual terá que ser caprichado, porque tem transmissão digital, se explora ao máximo a capacidade do display que a gente tem na nossa casa. Ele possui elementos de software que quebram a questão da linearidade. É um outro tipo de público e a audiência é coletiva. Não se pode fazer uma coisa direcionada para um usuário se existem mais três ou quatro pessoas que estão assistindo. Tem um espaço novo para ser explorado. "Quais são os programas que aumentam a audiência porque são interativos?" Essa é a questão que vai ser a pergunta do milhão. Uma pista é um programa com perguntas, você fragmenta e o cara precisa responder quatro ou cinco perguntas para acompanhar. Isso vai fidelizar, o que é a questão mais importante na interatividade. A BBC tem um programa de teste de QI em celebridades, eles fazem a pergunta para a celebridade e o espectador em casa vai respondendo também. E ele só sabe o resultado do teste quando termina o programa. Essa já é uma dica para você prender a audiência.

Quem está fazendo isto no Brasil?

A discussão sobre a interatividade no Brasil se alongou muito, todos se posicionaram. Isso está resolvido. Agora entra na fase do desenvolvimento industrial, onde várias empresas equacionarão a questão de produção do receptor interativo. Certamente no final de 2010 estará na rua sendo vendido

a um preço razoável. As grandes redes comerciais já se capacitaram nessa questão de o conteúdo ser para a TV, estão investigando onde é que eles entram com os elementos interativos: usando ou não transparência. Há um investimento forte, porque se sabe que vai entrar dinheiro novo no negócio. Vai revolucionar a questão da propaganda. A propaganda deixa de ser sugestiva, não vai mais colocar na cabeça do espectador a vontade de comprar. A TV agora vai poder oferecer tudo, o estímulo, as informações e o acesso imediato ao produto. O circuito completo. Decidiu comprar ele vai fechar a venda ali em cima, na mesma operação, naquele momento. Isso criará fenômenos que vão ser bem interessantes aqui no Brasil, porque a gente tem redes de televisão com escalas são muito grandes. Imagina o seguinte, numa aplicação crítica, domingo à noite você joga uma propaganda de pizza em São Paulo, você vende 10 milhões de pizzas em 15 segundos. Como é que você entrega essa quantidade de pizzas? Só com uma operação de guerra. É preciso um consórcio de todas as pizzarias de São Paulo trabalhando juntas para se fazer distribuição, fabricação e entrega de pizzas em tempo hábil. Quando milhões de pessoas interagem no mesmo momento, a gente chama de interatividade sincrônica. Na internet, as pessoas interagem de maneira espalhada no tempo. Na TV, você soltou sua propaganda, você estimulou, todo mundo reage na mesma hora, então a infraestrutura para receber todos os pedidos, processar, responder é muito pesado. E quem vai fazer isso? É a emissora de TV? Não sei. Está todo mundo conversando e vendo qual vai ser a melhor estrutura.

A banda do telespectador pode ser baixa, mais a banda do emisso tem que ser imensa.

A escala é muito alta, são milhões de pessoas assistindo, então é preciso se preparar para atender essa interatividade. do ponto de vista de infraestrutura de comunicação e de processamento. É preciso datacenters parrudos para dar conta das transações que serão recebidas para processar em pouco tempo. Uma outra coisa dessa infra estrutura de TV é que se cria uma nova máquina. Existe uma máquina hoje que tem um ponto de controle, controlando milhões de processadores. A internet consegue juntar milhares, não milhões de máquinas processando aplicação. O CERN consegue juntar cerca de 25 máquinas espalhadas no mundo todo para processar. Sintonizados num canal de TV, numa transmissão de um jogo de futebol da seleção brasileira, são 60 milhões de máquinas sintonizadas e tem uma pessoa que pode mandar

uma aplicação para essas 60 milhões de máquinas processar. Isso é outra coisa revolucionária. Tem problemas que a gente não resolve hoje e poderá resolver com essa máquina. Se criará uma convergência, e haverá ganhos e perdas. Tudo tem custo e tem beneficio. O serviço de TV é muito comportado. O grupo produtor define o que vai acontecer no seu aparelho de TV. Agora que o consumidor vai interagir, os comportamentos passam a ser mais aleatórios. Acontecerão problemas de vídeo, mas haverá problemas de erros de programação também. Se as pessoas que estiverem desenvolvendo os programas interativos não forem competentes, acontecerá cometerem erros incríveis, grandes bugs.

E como será isso, em termos de dispersão? Será possível as grandes redes sobreviverem?

Talvez aqui a gente volte para a questão do assunto comum. Então se você dispersa demais você perde o assunto comum. E, se repararmos, as pessoas continuam procurando o que tem mais audiência. São os grandes sucessos do Youtube, por exemplo. Todo mundo vai ao mesmo lugar. O assunto comum é muito forte, ele não acaba com o digital. A gente precisa disso, é uma necessidade nossa. Isso talvez explique o fenômeno de que, mesmo você tendo um espaço ilimitado pra buscar as coisas, acaba que todo mundo se concentrando num mesmo lugar. Qual a estratégia do Youtube, do Myspace para resolver o problema do *lost in mídia space*? Audiência. Se muita gente assistiu, é porque o negócio é interessante. Essa ainda é a lógica da audiência, e também de que você sabe que as outras pessoas terão assistido e você poderá comentar com elas. É o assunto comum.

Com o digital entra a questão da fidelização.

A fidelização também vai se importante pra TV. Quem trabalha propaganda e os programas de TV sabe que é muito melhor ter um espectador que frequenta uma comunidade do que um que é só audiência. Porque ele é fiel e, melhor ainda, rastreável. Então quando chega um anunciante pode-se dizer: tem tantos espectadores no Brasil, um que mora na cidade tal, fica tantas horas por dia online na comunidade, etc. Isso vale muito mais que a audiência que apenas passou ali. Criar comunidade, eu diria, é o grande desafio e o grande caminho. Inclusive a comunidade é uma das possibilidades mais fortes de solução para o problema do *lost in media space*.

Uma última pergunta: por que tantos Lemos nessa área? Tem o André, o Ronaldo, o Silvio Lemos Meira...

O Silvio, pelo menos, é parente meu. É paraibano da mesma cidade de Ariano Suassuna e tem a coincidência de um ancestral na mesma cidade, então é da mesma família mesmo. Agora os outros eu não sei. Inclusive eu até tinha curiosidade de conhecer eles. Tem ainda outro Lemos que acho que não tem Lemos no nome, o Hermano Vianna. Ele é meu primo legítimo. Ele é Hermano Vianna Junior, mas a mãe dele é Tereza Lemos Viana. É um clã.

Uma conspiração... Lemos digitais.

Então
informação
pessoas
coisas
cultura
internet
hoje
gente
fazer
efetivamente
espaço
algo
pouco
sempre
podepartir
vai
mundo
porque
lugar
movimento
microinformática
sentido
ser
ter
produção
produzir
tecnologia
possibilidade
tecnologias
vão
realidade
urbano
sobre
social
redes
telefone
Twitter
transformação
mídia
pensar
rádio
relação
surgimento
exemplo
instrumento
fase
importante
escrever
interessante
língua
GPS
dimensão
desafio
grandes
disso
discussão
dispositivos
grande
dessa
década
celular
computador
digital
cibercultura
colaborativa
cidade
apropriação
apenas
agora
aí
Brasil
acho
arte
cada
aqui
chama
assim
artistas
cima
compartilhar
conseguimos
comunicação
dispositivo
desses
código
coisa
direito
Hoje
desse
inglês
filme
mão
meios
maneira
livro
novo
pessoal
português
justamente
nesse
podemos
necessariamente
poder
outras
outros
vamos
posso
talvez
primeira
vezes
seres
vai
possa
política
trocar
tempo
tudo
virtuais
questão
todo
vivendo
texto
informática
linguagem
fazer
falar
móveis
ouvir
ainda
atenção
código
conexão
diversos
cada
amanhã
ela
ele

André Lemos

Sociólogo

O que é a cultura digital, ou cibercultura?

É sempre necessário um alerta em relação à gente nomear a cultura pelos artefatos tecnológicos. A gente sempre tem uma tendência a estar dando nome ou dando a marca da cultura a partir dos artefatos. Por um lado, isso remete à discussão sobre o determinismo tecnológico, como é que a tecnologia determina a cultura? Embora a tecnologia seja algo fundamental, é claro. Eu dou uma disciplina aqui na Universidade Federal da Bahia que se chama Comunicação e Tecnologia, e sempre começo essa disciplina dizendo para os alunos que ela traz duas discussões que são fundamentais para o homem mesmo e para a humanidade como um todo, que são as duas características principais do ser humano, da humanidade de uma forma mais global e coletiva: 1) somos seres políticos, ou seres da comunicação e temos que lutar sempre contras as dificuldades da comunicação; e 2) somos seres, também, que para estabelecer a nossa vivência no mundo precisamos sempre de artefatos para dominar o mundo externo, diferente de outros animais que vivem uma abertura no mundo sem necessidade de alteração muito sofisticada na natureza. A gente, para existir, precisa fazer uma transformação muito radical da natureza. Achar nosso lugar no mundo significa sermos seres políticos da comunicação e sermos seres da tecnologia, da transformação do mundo

externo. Então, eu sempre chamo a atenção primeiro para essa particularidade, para a gente não pensar numa visão muito determinista. Isso dito, acredito que a cibercultura seria a cultura contemporânea, onde os diversos dispositivos eletrônicos digitais já fazem parte da nossa realidade.

Às vezes, quando se fala de cultura digital, cibercultura, tem sempre uma ideia futurista, uma ideia de ficção científica. E, na realidade, não é isso, trata-se da cultura hoje marcada por essas ferramentas eletrônicas. O que a meu ver alterou substancialmente a nossa relação com os objetos técnicos na atualidade é que pela primeira vez, talvez, a gente tenha a dimensão técnica, o digital, colado à dimensão da comunicação. São tecnologias não apenas da transformação material e energética do mundo, mas que permitem a transformação comunicativa, política, social e cultural efetivamente. Porque nós conseguimos transitar informação, bens simbólicos, não materiais, de uma maneira inédita na historia da humanidade.

A gente pode empregar como sinônimos cibercultura e cultura digital, que seriam nomes para a cultura contemporânea, marcada a partir da década de 70 do século passado, pelo surgimento da microinformática. A microinformática é que vai dar esse tom planetário que ganha uma dimensão mais radical com o surgimento das redes. Então é essa cultura do telefone celular, dos computadores, das redes, dos micro-objetos digitais que funcionam a partir desse processo eletrônico digital. A cultura digital é algo que já está entre nós desde a década de 1970 e que ganhou contornos mais políticos e mais comunicacionais hoje.

No seu livro *Cibernética* você faz um histórico da cultura digital...

Eu costumo insistir que embora os computadores hoje sejam um instrumento importante, algo diferente acontece com o surgimento da microinformática. Então, eu acredito que o espírito do que nós estamos vivendo hoje, do que se chama de cultura digital, de cibercultura, não emerge dos grandes computadores, não emerge de uma dimensão mais metafísica da inteligência artificial, que era fazer com que o computador pensasse como um ser humano, não emerge dos grandes sistemas militares para contar e calcular balística. Ele emerge a partir de uma apropriação social desses dispositivos que se dá efetivamente com o que o Philippe Breton, no livro *A história da informática*, vai chamar de uma guerrilha contra a grande informática, que deu origem à microinformática.

A microinformática surge junto com a contracultura, é fruto da contracultura. E eu situaria o surgimento da cibercultura a partir da microinformática, porque com a microinformática é tirar o poder da informação da mão de uma elite, na época militar e industrial, e transformar isso paulatinamente. Nosso desafio continua a ser esse, a questão da inclusão, trazer essa potência da informação para todo mundo. O lema na época era esse: "Computadores para todos". Junto com isso surgiu também a internet, em 1969, mas como algo militar. Com os microcomputadores a internet vai começar a se disseminar a partir de instrumentos de sociabilização, como as listas de discussão, as primeiras BBS, as primeiras comunidades já territorializadas, que visavam ajudar pessoas a resolverem diversos problemas, como Aspen, Santa Monica ou São Francisco. Foram as primeiras comunidades virtuais, que hoje a gente chama de rede social.

Então a cibercultura não é fruto apenas desse desenvolvimento tecnológico, mas de uma confluência entre uma sociabilidade que emergia na década de 1960 e uma posição contrária a alguns discursos hegemônicos da era moderna, a razão, a ciência, a técnica. E se transforma numa espécie de apropriação coletiva desses dispositivos. Ainda estamos nesse impacto e coisas ainda continuam a ser produzidas a cada dia. Então eu situaria o surgimento da cultura digital não no surgimento da informática na década de 1940, mas a partir da microinformática, que faz com que cada um possa ter na sua mão um instrumento de produção de informação, que vai se transformando, com a internet, não só num instrumento de produção e de consumo, mas em algo que é radical e continua sendo radical hoje: a possibilidade de produção coletiva, colaborativa e distributiva da informação. É um fenômeno inédito que hoje pela primeira vez nós podemos disseminar informação sob qualquer formato para qualquer lugar do planeta, sem necessariamente ter grandes recursos financeiros, pedir autorização ou concessão do Estado ou das instituições.

Obviamente que não existe uma mídia totalmente democrática, não é isso que eu quero passar aqui, mas que há um movimento de apropriação do objeto técnico, que era o computador, e a transformação desse objeto técnico em um instrumento mais social do que individual e, a partir daí, dessa distribuição da informação de uma maneira mais horizontal a partir das redes. Eu costumo também falar que nós temos três fases aí do desenvolvimento dessa microinformática. A primeira fase é o PC, o *Personal Computer*. Não é à toa que falamos do computador pessoal, que era o computador mesmo para o

indivíduo, que vai ter que ali uma máquina de escrever sofisticada ou vai resolver as suas coisas individualmente, fechado, sem conexão. Depois nós passamos para uma segunda fase, que brincando com os termos estou chamando de CC, que seria não o computador pessoal, mas o *Computador Coletivo*, ou o computador conectado. Então, a partir da década de 1990, ter um computador significa ter um instrumento que possa se conectar à rede, não é? E essa conexão se dava por modem, depois ela evolui para cabo, banda larga. Hoje entramos numa terceira fase que eu chamo de CCM, ou *Computação Coletiva Móvel*, que são os laptops, os netbooks e os telefones celulares, que hoje podem representar essa conversão maior. É computação pessoal? É, mas cada vez mais uma computação que só faz sentido coletivamente, não individualmente.

Isso passa pela questão da cultura do "Faça você mesmo", dessa apropriação que vem já numa outra fase da contracultura, que seria da cultura punk, ou ciberpunk. Isso teve um grande peso sobre a cibercultura, não?

Ah, o peso é total. Continuamos ainda sobre esta influência, hoje todo discurso por liberdade de expressão, discussão sobre direitos autorais, remediação de mídia, blog jornalísticos, tudo isso aí vem justamente desses hackers que inventaram a microinformática, que inventaram os protocolos da internet. Que faz com que a gente possa usar a internet sem ter que pagar royalties, porque esses protocolos são abertos e são uma ferramenta técnica da humanidade. Então esse pensamento de liberação da informação e de trocas livres de informação e produção colaborativa do conhecimento emerge justamente a partir da microinformática, com essa possibilidade de construção aberta e coletiva. Os primeiros hackers são os caras que vão inventar a microinformática e os protocolos da internet, que vão construir a internet. O maior exemplo de software livre que nós temos hoje em funcionamento é a própria internet. O HTML é um código aberto, os protocolos são de domínio público. Então nós temos uma herança do movimento ciberpunk, se a gente quiser chamar assim, que seriam os punks da cibernética, aqueles que dizem "olha, aproveite a tecnologia, faça da tecnologia o que você puder, faça dessa tecnologia uma obra de arte, porque só assim você vai poder dominar esse sistema, e não deixar que outros dominem o sistema e você junto".

Hoje essa ponta está no movimento do software livre e nesse movimento de produção colaborativa e participativa do conhecimento. Então a luta hoje

para que a internet continue aberta, democrática, livre, participativa e colaborativa é uma herança desse movimento da década de 1970. Embora a gente possa não ter mais uma visão muito da ficção científica, do ciberpunk como um hacker meio *a la* William Gibson ou *Blade runner*, o que nós temos hoje é todo mundo um pouco reivindicando esse direito de acessar a informação, de utilizar a informação que está circulando, de trocar arquivos, independente se isso é legal ou ilegal. A discussão do que é legal ou não é uma discussão que está em pauta, mas independente disso as pessoas estão efetivamente trocando coisas.

Eu sempre digo que essa tecnologia é muito mais um fenômeno social do que necessariamente um fenômeno técnico, porque ela foi fruto de uma atitude, que eu chamei num texto de uma atitude ciberpunk contra a grande informática, que vai dando seus frutos até hoje. Obviamente que isso vai perdendo força, ganhando novos contornos, mas efetivamente ela continua ainda influenciando na maneira como a gente pensa a cultura digital.

Você falou do "Faça da internet uma arte". O Francisco de Almeida Salles, um crítico de cinema importante, escreveu um texto chamado "Cinema: arte ou técnica" onde ele fala: "Olha, hoje, nos anos 1980, se pode falar no cinema como arte. Há trinta anos atrás não se poderia, causaria espanto. Isso parece curioso, mas se você pensar outras mídias não viraram arte. Por exemplo o rádio". A internet já é ou virará um arte?

É interessante, porque isso me lembra um texto do Brecht, da década de 1920, que chama "Teorias do rádio". Se você trocar no texto dele rádio por internet, funciona perfeitamente. E o que o Brecht queria era transformar o rádio num instrumento de arte, num sentido de compartilhar coisas em conjunto. Não de uma arte baseada numa estética apenas do belo, mas algo como a *aesthesis* de compartilhar sentimentos com o outro. Então o Brecht falava do rádio que "agora sim nós vamos poder trocar informações livremente, agora nós vamos poder, cada um vai ser emissor com o rádio". Só que o rádio não virou isso. A internet não é uma utopia, ela é uma topia, ela é já um fato porque ela é efetivamente isso. Ela permite a auto-expressão, queiram ou não.

Nós estamos vivendo uma crise de mediação, onde as pessoas criticam muito os blogs, criticam a Wikipédia, criticam todo esse movimento participativo, agora o Twitter, porque as pessoas estão ali colocando as suas coisas. Obviamente temos muita banalidade, muitas coisas que devemos jo-

gar fora, mas pela primeira vez as pessoas estão efetivamente podendo produzir ou tentar buscar sentido nas suas vidas a partir desses dispositivos. Ou seja, produzir informação, escrever, ler e compartilhar... Escrever no sentido lato. Escrever texto, mas escrever com foto, escrever com vídeo. Então hoje nós temos uma avalanche de informação que faz com que essa tecnologia seja efetivamente uma tecnologia do compartilhamento, de uma *aesthesis* nesse sentido mais etimológico da palavra, de compartilhar coisas com os outros. A internet é a concretização disso e temos que tentar defender isso.

Nós estamos num país de diversas desigualdades, então a gente tem que dar o computador, tem que ensinar a usar os softwares, tem que dar a conexão, mas o mais importante efetivamente é fazer com que as pessoas produzam coisas colaborativamente. E produzam coisas de maneira distributiva. Esse é o grande desafio, porque nós fomos acostumados durante muitos séculos a ter nos grandes meios da cultura de massa, incluindo aí o cinema, a possibilidade de você ser no máximo um espectador. E o máximo da inclusão, naquele momento, era ser um espectador crítico. Poder ver a televisão e criticar aquilo, poder ler um jornal e criticar o jornal. Hoje você pode não só criticar como você pode fazer o seu próprio jornal, pode produzir a sua música, pode fazer o seu filme com tecnologias que estão aí na mão, com qualidade muito razoável a partir desses dispositivos.

Então eu acho que nós precisamos hoje, em termos de inclusão, ensinar as pessoas a aproveitar um potencial que já está aí e não ficar pensando "bom, quem sou eu para produzir tal coisa, quando eu tiver uma inspiração, quando eu tiver os bons meios aí sim eu vou produzir alguma coisa". Nós já temos isso nas nossas mãos e as pessoas já estão fazendo, embora eu acha que ainda timidamente. Mas nós já temos um instrumento que pode se transformar efetivamente em arte, no sentido de uma transformação artificiosa do mundo para produzir essa relação com o outro.

Qual seria o melhor caminho para estimular a produção colaborativa, para fomentar isso?

Eu acho que a produção colaborativa já está aí. Na realidade nem deram um caminho, elas foram criadas e foram apropriadas. Nós temos comunidades virtuais que surgiram. Um dos primeiros usos da internet foram listas de discussão, e a primeira lista de discussão que surgiu foi sobre ficção cientifica. Então as pessoas se apropriaram disso dentro da academia para discutir fic-

ção cientifica, coisa que, se a gente fosse pensar assim, não tem muita utilidade se discutir. Softwares sociais vão surgindo a cada dia e vão se transformando. Software livre surge também dessa pulsão colaborativa e crítica em relação a softwares proprietários. Blogs vão surgir nessa possibilidade de primeiro você fazer o seu diário pessoal, e hoje já não é um diário pessoal, é uma ferramenta ampla de produção da informação. Então nós já temos essas ferramentas nas mãos, o que precisa é um tempo para que possamos nos acostumar a ser produtores de informação. E efetivamente trocarmos essa informação. Isso é muito difícil. Estou aqui na academia e a gente sempre fala multidisciplinar, multidisciplinar, mas isso é uma grande palavra onde as pessoas continuam a trabalhar cada um na sua coisa. Dificilmente nós conseguimos colaborar efetivamente. Há uma inércia aí causada por séculos de mídia de massa que nos fazia apenas consumidor de informação. Por isso eu acho que a gente devia ter um pouco de paciência.

Mas, isso dito, existem fenômenos interessantíssimos já acontecendo, que revelam um pouco essa pulsão coletiva. Eu vou dar um exemplo que aconteceu nessa semana. Na terça-feira aqui em Salvador teve um dilúvio, certo? E nós tivemos uma mobilização gigantesca de informação, um show de mídia alternativa com o Twitter. O Twitter foi um instrumento de informação locativa e em mobilidade muito mais eficiente do que os meios de massa. A televisão não passou nada, os jornais online davam notícias genéricas e nós não tivemos efetivamente uma mídia tradicional que conseguiu agir, a não ser o rádio, o rádio ainda serviu como algo que as pessoas ligavam e davam informação. Mas o Twitter foi uma plataforma onde as pessoas trocavam, havia uma verdadeira conversação e troca de informação que ajudou as pessoas a lidar com o caos que a cidade se transformou na terça-feira passada. Então, esse é um exemplo, o Twitter não surgiu para isso, o Twitter surgiu para você dizer o que está fazendo agora. E as pessoas estão começando a colocar fotos, linkar vídeo, linkar para informação, ajudar umas as outras.

Então você tem em cada movimento, em cada instrumento que aparece uma função social que rapidamente se apropria para fazer coisas. Não estou dizendo com isso que nós estamos vivendo uma panaceia participativa. Quando a imprensa de Gutemberg surge também tem uma possibilidade de que a gente tivesse todas as publicações distribuídas e isso não garantiu necessariamente o melhor dos mundos. Mas nós temos uma grande potência nas mãos, que está sendo atualizada cotidianamente, e temos coisas já concretas acon-

tecendo. Mas não podemos pensar que isso vai resolver tudo, que a mera participação e colaboração vai resolver todos os problemas. Mas a partir do momento em que nós podemos emitir livremente, nos conectar aos outros, nós conseguimos reconfigurar a cultura, a sociedade, a política. Esses para mim são os três princípios básicos da cibercultura, e podemos encontrar isso nos blogs, nos podcasts, no software livre, no Twitter. Todo mundo pode produzir. Essa produção só faz sentido se um tiver conectado a outro, porque não é produzir para mim mesmo, e sempre que uma sociedade dá voz às pessoas, as pessoas podem falar, as pessoas podem se agregar para fazer coisas, isso tem uma potência gigantesca de transformação social, política e cultural. Não é à toa que são os países que não querem transformação que reprimem justamente a emissão e a conexão. São os países mais totalitários hoje que tendem a reprimir a internet, porque ela é justamente o lugar da emissão e da conexão.

Você falou do CCM, isso possibilita a alteração do espaço urbano finalmente, não? A mídia, a cultura intervém no espaço urbano novamente.

Sim. A gente está passando por uma segunda fase do desenvolvimento da internet. Eu tenho usado a metáfora de que até então nós tivemos uma internet 1.0, para brincar um pouco com a Web 2.0. Uma internet 1.0 que era o que? Era colocar as coisas lá em cima, num ciberespaço lá em cima. Então eu virtualizo as relações sociais, entro em comunidades virtuais e converso com pessoas do mundo inteiro, converso em chats com pessoas do mundo inteiro. Eu virtualizo a educação, cursos à distância. Eu virtualizo o comércio, empresas virtuais, livrarias virtuais, lojas virtuais. Eu virtualizo a política, portais governamentais. Essa foi uma primeira fase, que eu estou chamando de upload da informação, esse ciberespaço lá em cima que gerou várias críticas inclusive de que as pessoas vão perder o sentido da realidade, vão parar de ter relações uns com os outros fisicamente, presencialmente. As cidades vão desaparecer, acontecerá uma desertificação do urbano, justamente porque as pessoas vão fazer coisas só nesse ciberespaço lá em cima. Isso nunca foi verdade, mesmo nessa fase isso nunca foi verdade, porque a experiência se dá sempre localizada, e na relação que a gente estabelece no nosso entorno.

Mas hoje estamos vivendo uma segunda fase que é a fase do que alguns autores estão chamando da "internet das coisas", ou das mídias locativas, que é o que eu tenho chamado do download do ciberespaço. É como se a informação agora tivesse baixando para os objetos. Então os objetos começam a

trocar coisas, eu posso me localizar rapidamente e trocar informação com pessoas e com objetos, eu posso anotar eletronicamente um espaço a partir de dispositivos móveis como o telefone celular ou smartphone, e deixar impressões que eu tenho desse lugar, eu posso consumir informações que só façam sentido localizado, ou seja, eu tenho que ir para o espaço urbano. E isso faz com que eu me aproprie de novo de algo que os situacionistas na década de 1960 chamavam e pregavam: o urbanismo unitário. O urbanismo unitário era uma crítica a esse urbanismo racionalizante, que fez com que se perdesse os laços sociais.

Todo esse movimento que os artistas estão fazendo, e são principalmente os artistas que estão fazendo isso com as mídias locativas, é um movimento de apropriação do espaço urbano, do lugar, para criar novos significados dos lugares. Notícias, por exemplo, hiperlocalizadas. Se eu quero saber sobre o meu bairro, posso cruzar informação de jornal com informação governamental e com a informação dos blogs, pessoas que estão falando ali sobre o meu lugar, onde eu vivo, que eu não vou encontrar num veículo massivo e nem necessariamente na internet. Nós estamos vivendo hoje essa fase, que é uma fase dos computadores coletivos móveis, que não é mais da informação lá em cima, mas é da informação aqui em baixo, do download do ciberespaço. Ele baixou, necessariamente baixou para as coisas. Isso eu acho que explica um pouco a falência de sistemas, que hoje quase que ninguém ouve falar, como o Second Life. Porque o Second Life é de novo essa metáfora do diálogo lá em cima, embora ele fosse ancorado no mundo real também. Você pode gastar um dinheiro que é um dinheiro real que sai do seu bolso, você pode comprar um produto que é um produto que vai chegar na sua casa, mas de alguma forma era um avatar que vai viver num mundo lá em cima. Hoje ninguém mais fala direito do Second Life e eu acho que é um pouco por isso, porque as pessoas estão muito mais interessadas em criar sensações locais, porque a nossa vida só faz sentido mesmo a partir de sensações locais.

O problema que emerge aí é do domínio dessas tecnologias por grandes corporações e por redes que não são redes públicas, abertas como é a internet. Então são redes controladas por grandes corporações de telefone celular e de telefonia em geral. E isso pode inibir, na realidade, esse uso. O crescimento da internet sem fio, Wi-fi, Wi-max pode dar aí um élan para a apropriação do espaço. Eu sempre chamo a atenção que esse tipo de ação no espaço urbano hoje é praticamente feito por artistas que estão ali chamando a atenção: "Olhe,

utilize criticamente este artefato". É uma espécie de repetição do que foi feito com a grande informática que gerou a microinformática, eu acho que nós estamos num movimento parecido com os telefones celulares. O importante não é você apenas receber da sua operadora um SMS dizendo que a sua conta vai vencer, mas como é que você pode criar sentido e apropriação do espaço com essas tecnologias que estão na sua mão, com instrumentos fáceis com um GPS ou com um Bluetooth. Como é que você pode se apropriar disso para gerar sentido o uso do espaço e não que essa ferramenta da Computação Coletiva Móvel o transforme de novo apenas num mero consumidor de informação em mobilidade, que é todo este o grande chavão hoje de que você vive num mundo sem fronteiras, que você é nômade e que você agora pode receber informação em tudo quanto é lugar. Então a tendência é que você seja muito mais um receptor de informação do que um produtor de informação. O desafio atual, nós estamos nisso agora, começando isso agora, é como é que nós vamos nos apropriar desses dispositivos móveis e dessas redes sem fio para produzir sentido nos lugares. Esse é o desafio.

Você pode dar exemplos dessa apropriação do espaço urbano pela CCM?

Um exemplo agora é o *QR code*. *QR code* é um instrumento muito simples. É um código 2D, que gera informação. Obviamente quem sai na frente são os artistas e marketing, que começam a utilizar o sistema. Tem uma experiência muito interessante que se chama *Interseções*, de uma artista americana, que nós podemos fazer isso facilmente. Ela cola qualquer *QR code* em vários lugares da cidade, se não me engano em Nova York, e ao andar pela cidade você encontra aquele *QR code*, você aponta o celular para o código e o código te manda para uma informação. Essa informação é na realidade uma foto daquele lugar no século passado. Então você tem ali algo que dá uma dimensão temporal muito interessante. Ao mesmo tempo em que você está ali naquele lugar agora, ele te dá uma informação sobre com era aquilo no passado. Isso tem uma dimensão de memória social e mesmo de política muito interessante.

Eu estou com uma disciplina optativa na graduação em que os alunos vão fazer coisas na cidade. Uma das coisas está liagada à ação do prefeito, há algum tempo atrás tirou as pedras portuguesas do Porto da Barra, vindas com a colônia, e transformou num cimentão, porque estava atrapalhando as pessoas andarem direito. Então houve toda uma manifestação para não tirar

aquilo. Seria muito interessante, por exemplo, você poder usar esse tipo de tecnologia para mostras às pessoas como era aquilo antes, e ver o que é agora e ter essa dimensão do passado. Porque a nossa memória às vezes é algo muito vago, nós esquecemos rapidamente as coisas. Esse é um uso gratuito, você pode gerar esse código gratuitamente. Você tem aí um dispositivo que te permite a produção de informação critica sobre determinado lugar, e que te dá um descolamento temporal estando no espaço físico. Só nesse lugar você vai poder ver isso.

Outras experiências são escritas, com GPS, por exemplo. O GPS é uma tecnologia militar. E um cara, em 2000, o Jeremy Woody, se apropriou disso e começou a fazer desenhos e escrever com GPS. É uma escrita invisível, que você só vê depois. Eu fiz duas experiências dessas quando estava há pouco no Canadá. Uma eu escrevi em quarenta quilômetros da cidade onde eu estava, em Edmonton, a palavra "survival", a partir de um livro de uma canadense chamada Margaret Atwood. Ela dizia que o imaginário da literatura canadense, tanto da prosa como da poesia é a sobrevivência. Então a tese dela é que você encontra esse padrão em toda a literatura canadense. E eu vivi lá nessa cidade, no oeste do Canadá, mais ao norte, num lugar muito frio. E como eu estava estudando essas coisas, eu resolvi fazer esse tipo de experiência. Eu escrevi uma palavra que retratava um pouco o que eu compreendi daquele espaço. Você pode escrever sobre o seu espaço coisas que aparentemente passariam despercebidas, ou ressaltar coisas a partir de mapeamentos que passariam despercebidos. Eu falei disso para os meus alunos, a prefeitura de Salvador também fechou um riacho na Avenida Centenário, eles vão escrever com GPS, colocar fotos de como era antes inclusive no mapa, e vão escrever: "Aqui jaz um rio". É uma crítica e, ao mesmo tempo, quando as pessoas passam por lá vão ter *QR codes* onde você pode ver como era aquilo antes com rio. Barato, simples e leva para que as pessoas tenham mais atenção ao lugar onde elas vivem. De novo leva a uma possibilidade de apropriação do espaço, contrariamente do que se dizia, que essas tecnologias levam justamente a você perder essa dimensão do espaço. Um livro básico disso é um livro do Joshua Meyerowitz, de 1985, que se chama *No sense of place*. Então ele vai dizer que a mídia faz com que você perca a noção do lugar. O que nós estamos vendo hoje são potências de novo, possibilidades de apropriação do espaço urbano na dimensão do lugar com essas tecnologias móveis.

Você conhece o grupo Hapax, do Rio de Janeiro?

Sim, eles são maravilhosos. Escreveram "Pode" no GPS, em quatro bairros do Rio, ali pela Lagoa. E eles tem um trabalho chamado "burro-sem-rabo", que é uma sucata, um sucatão com som, e um engenheiro que trabalha com eles transformou o sinal do GPS em som. Ao mesmo tempo que ele vai trocando som, eles vão fazendo o mapeamento por onde eles estão passando. E eles dizem que a deriva é o DJ. É o caminho que vai fazendo o som e vai agregando pessoas. Eles fundem uma dimensão low-tech, de baixa tecnologia, sucatão com alta tecnologia, localização, GPS, celular.

A deriva é uma questão importante que está ressurgindo hoje, não?

Há uma influência direta dos situacionistas, dos dadaístas, da arte do andar, das psicogeografias. Então eu posso fazer mapas dos mais diversos. Desde mapas sobre a dengue no Brasil, e revelar isso, fazer isso de forma colaborativa. Ou a taxa de dióxido de carbono, tem um grupo londrino que faz isso, as pessoas andam com sensores e cada pessoa é um sensor, e que você produz um mapa independente das instituições oficiais, que você dá ali exatamente a taxa de CO_2 em determinados lugares da cidade. Então essas tecnologias permitem tornar visíveis alguns aspectos da vida social que passam despercebidos ou que são controlados apenas pelas instituições oficiais. É de novo uma potência *bottom up*, de baixo para cima, que emergem com essas tecnologias novas e móveis.

E como você vê o papel do Brasil nisso?

O nosso desafio é como é que nós vamos fazer algo que não seja reprodução do que é feito nos Estados Unidos e na Europa, que tenha essa cara do Brasil. A cara do Brasil também é algo difícil de achar, não é? O que é essa cara brasileira? Nós somos um país de uma identidade multifacetada, do norte ao sul as diferenças são muito grandes. Então pensar em algo tipicamente brasileiro é algo difícil, mas eu acho que é brincar um pouco, jogar um pouco com as nossas carências. É isso que daria o tom mais brasileiro, é não querer fazer uma coisa muito limpa, muito certinha, aproveitar um pouco a nossa precariedade, as nossas diversas formas de exclusão. A reciclagem, um pouco essa coisa de aproveitar sucata e tentar tirar daí algo que expresse, um pouco não se privando de utilizar as tecnologias de ponta e os sistemas mais atuais, mas que reflita um pouco a realidade brasileira, não só na forma como na temática

também. Como é que nós podemos discutir a violência com essas novas tecnologias? Que tipo de projeto nós podemos construir para melhorar a dimensão cidadã? Esse é o desafio.

Tem uma frase do Eduardo Viveiros de Castro: "A gente não precisa pensar o Brasil, já nos basta pensar o mundo a partir do Brasil."

É exatamente isso. Desterritorializar, não é? Sendo brasileiro, poder pensar questões universais também, como os grandes brasileiros fizeram. Pensar a partir de questões locais algo que está no topo do pensamento mundial, da arte mundial. Eu acho que esse é o grande desafio para a gente. E a internet e essa cultura digital criam uma possibilidade gigantesca no Brasil, porque ela dá a oportunidade que as pessoas produzam coisas. Eu acho que a quantidade aí é algo fundamental. Quanto mais gente nós temos fazendo blogs, fazendo vídeos, com celular, com câmeras mini-DV, escrevendo no Twitter, fazendo microcontos, criando ONGs, associações, lutando de maneira ativista ou artística, melhor. Nós temos que incentivar é que as pessoas metam a mão na massa, façam coisas. Eu acho que só assim a gente vai ser universal a partir de uma realidade local.

E a questão da linguagem? Como é essa questão nas novas mídias, continua sendo uma barreira?

Essa é uma questão importante também. O David Bolter e o Richard Grusin escreveram um livro muito interessante chamado *Remediação*. Eles vão dizer que uma mídia está sempre remediando outra. Antes disso McLuhan já dizia: "Uma mídia sempre toma com ambiente a mídia anterior." Sempre, está certo? Então a gente está sempre partindo aí de linguagens já construídas para tentar, desconstruindo, gerar uma nova. Isso surge na escrita, na música, no cinema. Ainda estamos procurando efetivamente desconstruir alguns cânones de linguagem dessas diversas modalidades para chegar a algo diferente ou próprio desse novo meio. Por exemplo, filmes e telefone celular. O objetivo não é produzir um filme, editado, com roteiro, feito com telefone celular, que eu não vejo nenhuma diferença em fazer isso com uma mini-DV ou com uma Super-8 ou com telefone celular... Pensar no dispositivo seria algo mais interessante e já há experiências assim. Pensar no dispositivo que é móvel, portátil e de comunicação multirede. Mais do que fazer um filme, editar e passar numa sala, talvez seja mais interessante pensar em algo que utiliza aquela

telinha, que possa pegar as pessoas em movimento pelo espaço urbano. Então que seja algo, com linguagem visual, adaptado ao dispositivo. Alguns artistas já começam a fazer isso. No começo era uma transposição do cinema para o telefone celular. Ou a literatura, para uma literatura hipertextual, como tentou fazer o Cortazar, que tentou fazer o Calvino... Existem inércias que são dos outros meios e que há uma tendência a adaptar isso para uma linguagem própria do dispositivo, sem que necessariamente a gente tenha que ser inovador o tempo todo. Às vezes é um peso muito grande para os artistas terem que, a cada novo dispositivo, inventar uma linguagem totalmente...

Mas vamos voltar para a questão da língua. O português é uma barreira?

Hoje, a língua que mais circula na internet, principalmente nos softwares sociais e blogs, não é mais o inglês, é o mandarim. Nas últimas estatísticas o mandarim já passou o inglês. Hoje a hegemonia é efetivamente o inglês. Mas na Idade Média era o latim. Depois virou o inglês e quem sabe no futuro não vai ser o mandarim. Então a gente tem toda uma dinâmica aí de línguas mais importantes que vão dominando determinadas eras da história. Então nós temos que produzir informação em português, mas não pode ser algo que limite o diálogo com outras culturas. O Antônio Risério diz, eu acho maravilhoso, que não tem propriedade privada no campo da cultura. Que quanto mais tiver possibilidade de circulação de diversos signos, melhor.

Isso dito, é importante que a gente tenha a nossa produção em português porque as pessoas falam português, nós falamos português e é importante que não também esqueça a nossa língua e comece a produzir em outra língua. A língua da academia, por exemplo, é o inglês. Nós produzimos coisas muito interessantes, mas não somos lidos. Ninguém lê português. A língua de trânsito mesmo é o inglês. Então eu acho que devemos sim produzir, que devemos fazer um esforço para que a gente domine a língua e consiga fazer coisas interessantes na nossa língua, sem que com isso fiquemos fechados ao mundo e as outras formas expressivas.

Como você vê essa relação particular do Brasil com a cultura digital? Essa nossa capacidade de apropriação dessa cultura?

Nós pulamos a cultura literária e passamos direto para o áudio-visual. Sem aprender a ler e escrever, nós temos uma facilidade muito grande de uso e de adaptação a esses novos meios. Então talvez seja uma característica

brasileira, diferente dos países centrais que passaram por toda a leitura, a escrita, que tem uma certa dificuldade com o áudio-visual, uma crítica e uma certa reticência com relação à internet... Nós nos adaptamos rapidamente e conseguimos fazer coisas muito interessantes.

Mas sobre essa nossa ânsia, tem um outro lado que é pensar numa ética da desconexão também. É importante também em determinados momentos a gente sair um pouco dessa euforia de participar de tudo, dar opinião sobre tudo, clicar sobre todas as coisas, de ser o sujeito principal de todas as histórias. É um pouco como se tudo fosse um grande vídeo game e que eu sou o personagem central de tudo. Então, se eu entro num site eu tenha que dar opinião, se eu vejo um filme tem que ser interativo, se eu vejo uma obra eu tenho que colaborar com ela. Me parece às vezes que nós perdemos muito, que é algo de apenas contemplarmos a obra completa ou ler um livro do começo ao fim, mergulhar nessa história que está me sendo proposta e que eu não sou necessariamente o personagem principal. É preciso uma certa economia entre o que eu chamo às vezes do click e da contemplação. É importante participar, mas é importante também num certo momento recuar e poder desligar, entrar num outro registro para que as coisas possam se assentar também. Porque às vezes é isso, uma coisa muito avassaladora que pode levar efetivamente para uma espécie de pressa inacabada que nos priva talvez de um pensamento mais complexo, mais sofisticado.

Você enxerga algum papel do Estado na cultura digital?

Ah, é claro. Enxergo. Primeiro, atrapalhar pouco. Que ele atrapalhe pouco. Segundo, que ele dê condições, que são direitos constitucionais, que as pessoas possam acessar informação e ter direito a essa informação, não é? Está na Constituição o direito à informação, é um bem inalienável do povo. Então ele tem um dever fundamental de garantir às pessoas o acesso a essa informação e a possibilidade de produção de conteúdo e de compartilhar esse conteúdo. E que também ele seja inteligente no sentido de aproveitar para a cultura brasileira a possibilidade participativa e colaborativa que esses meios oferecem. O mais importante é que ele não trave esse processo de compartilhamento do conhecimento e de circulação da informação.

arte e tecnologia digital /

Deve-se transformar a linguagem, e nesse sentido acho interessante o avanço tecnológico. Timothy Leary seguiu o caminho certo, de instaurar a rebelião dentro desse espaço novo que é a cibercultura. É necessário encontrar uma nova linguagem que seja independente. Acredito que essa linguagem pode vir de uma absorção da loucura e da poesia em nossas vidas, de uma forma livre. A cibercultura é uma forma, entre outras, de se fazer isso. O desenvolvimento tecnológico possui dois lados. Um democratizante e outro, que acredito mais fraco, massificador. Mas a resposta de Burroughs para a massificação é a fragmentação da linguagem. E é preciso aprender a lidar com as novas tecnologias como Luis Buñuel lidava com o cinema. O grande mérito de Buñuel foi realizar filmes utilizando apenas a linguagem poética.
Claudio Willer, 1995

O presente requer que repensemos e reapresentemos a concepção de plágio. Sua função tem sido há muito desvalorizada por uma ideologia que tem pouco lugar na tecnocultura. Deixemos que as noções românticas de originalidade, genialidade e autoria permaneçam, mas como elementos para produção cultural sem nenhum privilégio especial acima de outros elementos igualmente úteis. Está na hora de aberta e ousadamente usarmos a metodologia da recombinação para melhor enfrentarmos a tecnologia do nosso tempo.
Critical Art Ensemble, 2001

A poesia deve ser feita por todos, e não por um.
Isadore Ducasse, Conde de Lautréamont, 1870

aconhecido
Augusto
coisas
achava
alemã
anos
Alemanha
Campos
conceito
começo
caras
um
autor
conversação
comunicação
cibernética
cartazes
Brasil
daquele
cria
concepção
criar
cara
antes
coisa
criando
criou
cada
dizer
digital
corpo
dois
concreta
desta
deve
computador
escrita
espaço
Descartes
discussão
cultural
falando
época
Então
cultura
geometria
ferramenta
então
elementos
esfera
faz
Flusser
falar
hoje
grande
exemplo
importante
ficou
fez
formas
fala
fazer
forma
leitura
impacto
mídias
ia
gente
havia
justamente
Maturana
exposição
nesta
novo
língua
letra
linguagem
novos
mercado
mim
livro
literatura
mundo
história
onde
outra
novas
interessante
organismo
passa
pouco
populares
possibilidade
questão
popular
maneira
parte
pode
outro
surge
poemas
única
nunca
povos
sido
países
momento
possível
obra
pessoa
poesia
poeta
Porque
projeto
relação
sobre
tecnica
quase
vai
tanto
serigrafia
trabalhar
poema
toda
tridimensional
sempre
sair
som
tecnologias
trabalhada
tela
roteiros
termo
teoria
verdade
tempo
texto
si
tudo
roteiro
ser
usado
trabalho
todas
vez
sofisticada
turma
voltar

André Vallias

poeta e produtor de mídia interativa

Como você vê o impacto do digital na cultura?

Antes de responder essa questão, gostaria de falar um pouco da minha trajetória, de como eu me insiro nessa história enquanto poeta. Eu me interessei por poesia no início dos anos 1980, mas por uma poesia calcada na visualidade, pela poesia concreta, pelo "design de linguagem" como dizia Décio Pignatari. Em paralelo, procurava adquirir conhecimentos e técnicas que me permitissem atuar como designer gráfico. Em 1985 tive a sorte de aprender serigrafia com o artista e editor Omar Guedes, que tinha acabado de finalizar o belíssimo álbum *Expoemas*, de Augusto de Campos. Foi através da serigrafia e inspirado por essa obra que resolvi fazer meus primeiros poemas. Achava a técnica muito interessante porque propiciava, numa escala artesanal, recursos de acabamento e replicação quase industriais, que já prenunciavam aquilo que eu faria mais tarde na "tela" do computador. Não deixa de ser curioso o fato da serigrafia ser mais conhecida no Brasil pelo sugestivo nome em inglês: *silk-screen* (tela de seda). A trama de nylon, que deixa passar tinta pelos poros não-bloqueados pela emulsão fotográfica, parece uma tradução analógica do reticulado imaterial dos monitores. Assim, eu comecei a fazer poemas que interagiam com outros códigos além do chamado "verbal", utilizando-me de uma técnica que possibilitava sua veiculação. Eu imprimia

pequenas tiragens em formato de cartão postal para distribuí-las em livrarias. Virei meu próprio editor. Então a minha atividade poética se perfaz, desde o início, em suportes não-tradicionais. Minha primeira "publicação" com respaldo institucional não se deu nas páginas de um livro, mas no espaço expositivo de uma galeria. Em 1986, inscrevi-me no edital da Galeria Macunaíma (IAP/Funarte), que pela primeira vez contemplava a "poesia visual". Como havia sido o único selecionado nessa categoria, acabei viabilizando uma inesperada exposição individual de poesia em 1987. No mesmo ano, participei da grande mostra "Palavra Imágica", organizada por Betty Leirner e Walter Silveira, no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Mas não pude ver nenhuma das duas exposições, porque em fevereiro havia rumado para a Alemanha, com o intuito de aperfeiçoar meus conhecimentos do idioma e muito curioso para ver o que tinha acontecido com aquela geração que dialogou tão intensamente com o grupo Noigandres nas décadas de 1950 e 1960, estabelecendo com os brasileiros as bases do movimento internacional de poesia concreta: Eugen Gomringer, Max Bense, Franz Mon, Helmut Heissenbüttel, entre outros.

Visitando a *Dokumenta* de Kassel, travei contato, graças ao intermédio da jornalista brasileira Jehovanira Fürchtner, com Friedrich Block que na época escrevia sua tese de mestrado sobre poesia visual. Bem informado sobre a obra dos poetas brasileiros até final dos anos 1960, Friedrich procurava justamente saber o que as novas gerações estavam fazendo. Foi, portanto, um encontro providencial para ambas as partes, resultando numa parceria cujo primeiro grande projeto foi a exposição *Transfutur – poesia visual da União Soviética, Brasil e países de língua alemã*, realizada em Kassel, alguns meses antes da queda do Muro de Berlim, em 1990.

Foi uma exposição interessantíssima porque reuniu o último remanescente vivo das vanguardas russas dos anos 1920 e 1930, Igor Báchterev, expoentes da poesia concreta dos anos 50 e 60, poetas visuais russos que começaram a vir à tona nos anos da Perestróika e a geração dos anos 1970 e 1980 do Brasil, Áustria, Alemanhas Ocidental e Oriental. Foi particularmente impressionante ver a disparidade de recursos tecnológicos entre os poetas do "Ocidente" e os da "Cortina de Ferro". Os soviéticos, por exemplo, tinham dificuldade até mesmo em conseguir papel. Usavam cartazes velhos, sobras industriais, para fazerem poemas caligráficos. A máquina de escrever era um luxo que muitos não podiam se permitir. Por outro lado, a ânsia de usar novas tecnologias,

formatos, tipologias e cores por parte dos brasileiros contrastava com a austeridade bauhausiana da maioria dos poetas germânicos.

Participei da exposição com meus primeiros trabalhos digitais, criados no mesmo computador que usei para fazer a editoração eletrônica do catálogo da *Transfutur*. Fui, aliás, o único poeta a expor trabalhos digitais. Surgia aí o embrião da precursora exposição *p0es1e – digitale dichtkunst* que organizei, dois anos depois, com a colaboração de Friedrich Block, em Annaberg-Buchholz. No breve texto introdutório que escrevi para o catálogo dessa primeira mostra internacional de poesia feita em computador, ressaltei o significado original do termo "dígito": *Digitus. Os poemas aqui mostrados devem sua criação a dedos que brincam, a dedos que se movem sobre teclados, a dedos que colhem/selecionam. Apertando teclas dão origem a números, letras, sons, pontos, palavras, melodias, textos, superfícies e corpos.*

Dígito. Armazenados numa trama numérica impenetrável e indiferenciável para seres humanos. Carentes de original ou manuscrito, sempre acessíveis, modificáveis, transmissíveis, os dados apagam as fronteiras entre números, letras, sons, pontos, palavras, melodias, textos, superfícies e corpos.

Respondendo então a sua questão: eu vejo o impacto do digital na cultura como um saudável retorno ao caos primordial, um batismo de lama no efervescente manguezal da linguagem humana.

E como foi o seu salto para a poesia digital?

Logo que cheguei na Alemanha, surpreendi-me com uma longa entrevista do filósofo tcheco-brasileiro na revista Der Spiegel, principal semanário alemão. Eu o conhecia vagamente de alguns artigos publicados na Revista São Paulo, que o Baravelli editava nos anos 1980. Sabia que ele tinha vivido no Brasil entre os anos 40 e 70. Levava inclusive uma carta de recomendação de sua grande amiga Giselda Leirner, que me falou de seu interesse pela poesia concreta. Mas nem de longe suspeitava de que ele havia se tornado, especialmente nos países de língua alemã, no grande arauto das novas mídias. Numa época em que o discurso sombrio de seu amigo Braudillard encontrava tanta ressonância, Flusser empolgava os ouvintes e leitores com argumentos instigantes e polêmicos, intimando artistas, escritores, poetas e cientistas a se defrontarem criativamente com os desafios da revolução tecnológica. Seus livros No *Universo das Imagens Técnicas* (1985) e *A Escrita – Escrever tem futuro?* (1987), que até hoje não foram inexplicavelmente traduzidos para o por-

tuguês, impeliram toda uma geração à criação com as chamadas novas tecnologias. Foi graças a ele que superei minha aversão a máquinas e decidi comprar meu primeiro computador, um PC 386 com 4 MB de RAM. Cheguei a conhecê-lo pessoalmente em Munique e a assistir uma de suas palestras brilhantes. Uma pena que tenha falecido prematuramente em 1991, na volta de uma viagem a Praga, ao conseguir finalmente rever, depois de várias tentativas frustradas, a cidade natal que a barbárie nazista o obrigou a abandonar em 1940. A exposição *p0es1e – digitale dichtkunst* foi dedicada à sua memória.

O interesse de Flusser pela poesia concreta vinha de sua concepção de que nós ocidentais não tínhamos propriamente uma língua escrita, mas apenas uma partitura rudimentar da língua falada. Uma partitura que foi extremamente eficiente porque podia ser facilmente aprendida, disseminando-se rapidamente, mas que vinculou a escrita à fala. Para ele, somente os chineses podiam se gabar de uma língua escrita, porque os ideogramas são inteligíveis independentemente do modo de como são falados. Isso fazia, em última análise, com que a escrita do Ocidente se projetasse para o eixo da música, enquanto a do Oriente para o eixo da plástica. Então para Flusser, a poesia concreta seria uma tentativa de projetar a escrita ocidental para o ideogrâmico.

Mas voltando ao computador que comprei impulsionado pelas ideias do Flusser… meu primeiro momento com os softwares gráficos de editoração eletrônica foi bastante frustrante, porque o excesso de possibilidades, de um lado, e a minha impressão inicial de que aquilo não passava de uma simulação tosca da página de papel, de outro, terminaram por embotar minha criação. Até que caiu nas minhas mãos um software de desenho 3D que realmente me impactou. O AutoCAD, usado em engenharia e arquitetura, que permitia a criação de formas tridimensionais no espaço negro e infinito do monitor. Tinha uma *interface* muito austera, e a gente desenhava basicamente através de comandos, definindo pontos nas coordenadas x, y, z. Foi experimentando esse recursos novos, tão distantes da bidimensionalidade branca da página de papel que surgiu um poema muito importante para mim e que acabou sendo usado depois em cartazes e capas de várias exposições e antologias de poesia digital. O poema foi criado a partir de uma citação de Mallarmé, tirada de suas *Notas sobre literatura*, de 1869: "Nós não entendemos Descartes, os estrangeiros se apoderaram dele, mas ele suscitou os matemáticos franceses…" E eu me perguntava: o que diabos esse cara está falando? E me dei

conta de que a grande revolução cartesiana não foi o tão proclamado "penso logo existo" mas a geometria analítica que permitiu "traduzir" a álgebra dos babilônios na geometria dos gregos e vice-versa. Um método, por exemplo, de visualizar equações através de formas no espaço. Com isso ele estabelecia as bases de tudo aquilo que seria usado cinco séculos mais tarde para construir simulações complexas num computador.

O poema era formado por duas formas, vistas em perspectiva: um retângulo plano com a legenda "page", e outro curvado, numa ondulação senóide, com a legenda "poem". Duas palavras com a mesma quantidade de letras, uma para cada canto daqueles retângulos que vistos de cima tinham a mesma aparência, mas vistos daquele ângulo era completamente diferentes. Dei ao poema o título de *Nous n'avons pas compris Descartes* e ele se tornou uma espécie de manifesto pessoal, um marco inaugural de minha concepção de poema como "diagrama aberto". A partir dali o poema para mim não era mais aquilo que estava na página mas aquilo que se projetava da página.

Logo depois fiz o poema *IO* que é uma esfera perfurada, um "o" tridimensional penetrado por um "i", aludindo tanto à palavra italiana para "eu" como à sigla de "input/output" da informática. A forma esférica era visualizada de dois modos: no espaço branco com as linhas da frente cobrindo as de trás, fazendo com que apenas o orifício pudesse ser visto; e no espaço negro, com todas as linhas visíveis, como numa radiografia. Esse poema ganhou alguns anos mais tarde, quando comecei a trabalhar com animação e sistemas de autoria multimídia, uma versão interativa e sonorizada, que permitia ao leitor fazer a rotação da esfera opaca, ouvindo a vocalização contínua do "o", até que num momento imprevisível a forma adquirisse uma textura translúcida ao mesmo tempo em que o som vocálico de fundo se transformava em "i"…

Um som próximo do canto tibetano…

Exatamente, parecia um mantra tibetano. E a forma tanto passava da textura opaca para a transparente como vice-versa, formando os dois ditongos possíveis: "oi" e "io". Isso foi outra coisa muito interessante nos softwares 3D mais avançados que usei mais tarde: a capacidade de não só criar formas tridimensionais mas a possibilidade de se aplicar texturas materiais, simulando o modo de como as superfícies refletem a luz. E o mais incrível era perceber que tudo aquilo era decorrência de uma invenção fabulosa de Des-

cartes, que permitiu passar do mundo discreto dos números para o o das formas contínuas da geometria. Então, veja só, aquele cara tão vilipendiado pela turma que critica o racionalismo, foi quem inventou toda essa "piração" que estamos vivendo! Descartes criou a Matrix...

Ao mesmo tempo, isso leva a uma outra relação e uma outra consciência da linguagem...

Pois é, podemos ver nossa história como um esforço de ler e escrever uma quantidade cada vez maior de textos, num ritmo cada vez mais acelerado, forçando-nos a uma leitura linear e silenciosa. Nesse processo fomos nos despregando da matéria da linguagem, deixando de perceber que aquelas letras ali estão graficamente estampadas numa superfície, que produzem sons que afetam nosso corpo. Fomos gradativamente espiritualizando a escrita. Assim como nossas religiões desprezam o corpo e a matéria. Não deixa de ser sintomático o fato de uma "faculdade de letras" não ensinar nada a respeito de letras! Não se aprende a história das tipologias nem como escolher a fonte adequada para um determinado texto. Ou seja, as pessoas que irão escrever livros não recebem qualquer informação que os permita ter controle sobre o aspecto material do produto que despejam na sociedade. São "amantes do livro" incapazes de dizer alguma coisa sobre o objeto de seus desjos. Como um homem incapaz de falar sobre o corpo da mulher amada, que só consegue relatar aquilo que ela "diz"…

Isso também ocorre com o mercado, é central para a nossa produção cultural e nenhum professor de letras sabe dizer nada sobre o mercado editorial. Tudo que é mundano não merece a atenção das Letras...

É como um reflexo de nossa concepção religiosa, temos que nos preparar para o além, para a vida depois da morte, e só o espírito interessa, porque a carne apodrece e nela reside o pecado. A poesia acaba sendo uma verdadeira luta de guerrilha contra isto. Ela surge cada vez que alguém é forçado a perceber que aquilo que está lendo tem som, forma, cor e afeta os cinco sentidos. Toda a vez que uma pessoa é obrigada a voltar ao início do texto. Por isso o conceito de cibernética é tão interessante para a poesia. Porque é justamente esse loop, esse retorno transformador. E esta é a definição por excelência do poema, esse texto que me instiga à releitura e não a continuar desenfreadamente em frente...

Você percebe então a poesia como consciência da linguagem? A linguagem em estado de crise, como dizia o Mallarmé?

Sim, o ato poético é, para mim, justamente esse reinstaurar do processo de criação da linguagem, matéria-prima de toda a cultura. Quando comecei a trabalhar com o computador, com programas que diluem as fronteiras tradicionais entre os diversos códigos porque operam com um substrato binário indiferenciado, o que mais me fascinou não foi exatamente a novidade da mídia, pois isso não representa necessariamente um valor, mas a percepção adquirida através desses aparelhos de que o nosso cérebro é que é verdadeiramente multimídia. O computador como "metaferramenta", ferramenta de criar ferramentas, apenas abria um leque extraordinário de possibilidades que já se encontravam de forma muito mais complexa no nosso *wetware*.

Ficamos tanto tempo imersos na prática literária do texto silencioso na página de papel que esquecemos que isso representa apenas alguns minutos na trajetória poética da humanidade. Acabamos por considerar a poesia como um fatiazinha da literatura, quando é exatamente o contrário: a literatura é que é uma cerejinha no grande bolo da poesia. Ora, basta nos darmos conta de que todos os povos fazem poesia, por mais "primitivos" que nós os consideremos, e que apenas alguns poucos criaram literatura, para vermos a falácia de quem reduz a poesia a um gênero literário.

Quando o Haroldo de Campos tirou alguns sonetos *ready-made* do Sertões do Euclides da Cunha, o Rubens Rodrigues Torres Filho falou, "mas é óbvio, os ritmos da fala popular são metrificados"...

E por que eles são metrificados? Porque numa cultura oral onde você não tem um suporte para armazenar informação, o metro auxilia a memorização... o metro e os esquemas de rima são métodos mnemônicos. É por isso que a gente decora canções com uma facilidade muito maior do que textos em prosa, por exemplo.

O Antônio Risério sempre lembra que a escrita é uma tecnologia, que a métrica, a rima, são tecnologias, e que agora estamos simplesmente trabalhando com tecnologias novas...

Os mitos gregos são sempre iluminadores. Para eles as musas são filhas de Mnemósine, a memória. E estou seriamente desconfiado de que a poesia é a filha preferida, aquela que mora com a mãe e zela por sua saúde. Nesses

tempos de dissolução de fronteiras é a poesia que tem a possibilidade de englobar tudo, porque sua própria etimologia já o revela: "poiésis" significa feitura. Quando o biólogo Humberto Maturana precisou inventar um termo para denominar essa capacidade que todo organismo vivo tem de produzir a si mesmo, lançou mão de "autopoiesis". Vilém Flusser, em seu primeiro livro, escrito no Brasil em 1963, *Língua e Realidade*, já fala do poeta num sentido muito mais amplo: para ele, o poeta é aquele que introduz novos elementos na grande conversação que expande a linguagem humana. Assim, tanto pode ser um cientista, um filósofo como um escritor ou compositor de música.

Paulo Leminski dizia que acreditava ser necessário tanto poesia no receptor como no autor, senão a comunicação poética não seria possível.

Quando os primeiros sistemas interativos foram criados, sua dinâmica apenas explicitou uma coisa que já está inerente em qualquer ato de leitura. Quando lemos um texto de ficção criamos mentalmente cenários e jogos de sinestesia muito mais complexos do qualquer videogame disponível hoje em dia. Ler é, no fundo, um ato performático conduzido na surdina de nossos pensamentos, vibrando em todo nosso organismo. Um teórico que me impactou muito foi o Paul Zumthor. Quando li pela primeira vez *A letra e a voz* pensei com meus botões: "Eis o melhor manual de introdução à criação poética nos novos meios!". E trata-se de um livro sobre poesia, escrita e oralidade na Idade Média. Um tempo em que os poetas eram nômades, performáticos e plurilíngues, modificando o texto a partir da interação com o público. Não há ainda a concepção de um texto fechado, daí a extrema dificuldade de se definir qual a versão original de uma obra…

Borges dizia que temos a tendência a acreditar que uma obra autoral é muito mais trabalhada e sofisticada do que uma obra popular, anônima. E que, ao contrário, uma obra anônima e popular havia sido trabalhada por centenas de pessoas, que dilapidavam as suas possibilidades, e por isso poderia ser muito mais sofisticada que uma obra que havia sido trabalhada por um só autor.

É muito interessante o fato da modernidade começar a se definir justamente no momento em que os autores se lançam à pesquisa das fontes populares e que a indústria cultural propriamente dita surge nos grandes centros urbanos. Os pré-românticos alemães, por exemplo, o que fizeram? Eles foram se apropriar daquelas canções e fábulas populares. Foi um grande recolhi-

mento de material das fontes orais da cultura europeia que daria origem à mitografia, à literatura comparada, à linguística, sociologia, antropologia. Mas foi também um processo voraz de reciclagem, adulteração e plágio. Foram eles que inventaram o *sampler*. No momento em que o artista se liberta do mecenas aristocrata e passa a ter que agradar um tirano muito menos previsível, o "grande público", surgem todas as questões que discutimos hoje tão vivamente diante das mudanças operadas pela revolução digital: o conceito de obra e autor, a proteção do direito autoral, a distinção entre alta e baixa cultura, entre outras.

Uma questão importante é que a poesia não fez o salto ainda entre "interativo" e "colaborativo". Você vê isso no texto do Augusto de Campos sobre poesia digital. O interativo já é pensado, mas não o colaborativo. A obra ainda é fechada, não são pensadas ferramentas como a ferramenta wiki. As artes estão virando processo, e a poesia segue se pensando como produto...

É um salto complicado para o poeta que é um resistente isolado no "fuzuê" da indústria cultural. Até artes mais coletivas como o teatro e cinema se mostram pouco afeitas ao esquema colaborativo. Tenho a impressão que só veremos algo realmente digno de nota quando poetas (no sentido lato) começarem a atuar na roteirização de games on-line. Aliás, esse é, para mim, o conceito central de nossa época: roteiro. Poucos se deram conta da clarividência de Oswald de Andrade nesse trecho do Manifesto Antropófago: "Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros." São nove vezes a palavra roteiro. No contexto digital, a obra é fundamentalmento um roteiro que nunca consegue se realizar plenamente. Porque no momento em que se realiza, novos recursos já estão disponíveis que tornariam sua realização mais próxima da concepção. Por outro lado, abrem-se novas possibilidades de realização e deixa de haver sentido em se definir qual a realização mais adequada para aquele "roteiro". A realização será sempre o resultado efêmero de um somatório de circunstâncias. E ficará para sempre aberto a nova realizações. Meu poema "IO", por exemplo: em 1991 ele foi realizado como plotagem em papel fotográfico. Cinco anos depois, virou um aplicativo multimídia que ainda roda nos computadores atuais, mas que muito em breve deixará de funcionar. Com as impressoras 3D que logo estarão disponíveis no mercado, ele poderá se transformar num objeto manipulável no chamado mundo real. E as possibilidades só cessarão com alguma catástrofe que ponha fim à nossa civilização.

O roteiro o que é? É um feixe de possibilidades. Um diagrama que esboça uma série de relações e procedimentos que não dizem respeito somente ao signo estético, mas se dirigem também ao seu entorno, à forma com que deve ser realizado, às pessoas que deverão interagir em sua execução etc. O roteiro é um híbrido. Um Proteu.

Quando Hélio Oiticica, nos anos 1970, fala que as suas maquetes já são obras, ele está antecipando isso...

Exatamente. Então eu brinco, parodiando Nietzsche, que a gente entrou na época do "eterno roteiro". Porque o roteiro é uma coisa circular. Mas não é uma simples repetição. A cada realização ele se transforma. É cibernético, recursivo por definição.

A própria etimologia de "verso" é isso, "voltar", "retornar". A poesia já é em si cibernética... você disse antes da entrevista que acha pouco apropriada a forma como o termo cibernética é usado hoje. Por quê?

O termo acabou ficando restrito ao universo da informática, quando o sentido incial tinha a ver com sistemas auto-regulatórios em qualquer campo: engenharia, biologia, linguística, antropologia, etc. O conceito se consolidou nas Conferências Macy, realizadas entre 1946 e 1953, por iniciativa do neurofisiologista Warren MacCulloch, patrocinadas por um milionário norte-americano, que reuniu cientistas de todas as áreas do conhecimento. Foi provavelmente a mais ampla e intensa reunião de cérebros pensantes de todos os tempos, organizada logo depois do grande trauma da Segunda Guerra Mundial. Estavam lá os matemáticos John van Neumann e Norbert Wiener, o psiquiatra Ross Ashby, o engenheiro Claude Shannon (pai da Teoria da Informação), os antropólogos Margaret Mead e Gregory Bateson, o psicólogo Kurt Lewin, o biofísico Heinz von Foerster, entre muitos outros. Este último foi o relator da primeira conferência e introduziu mais tarde o conceito de "cibernética de segunda ordem", para denominar a cibernética que mira a si própria, ou seja, uma epistemologia aplicada. Seu livro *Understanding Understanding* (Compreendendo a compreensão) é uma obra fantástica que deveria ser muito mais conhecida entre nós. Ele também teve um papel decisivo ao conseguir driblar o preconceito das publicações científicas norte-americanas, possibilitando a divulgação do artigo seminal dos neurobiólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varella, "De máquinas e seres vi-

vos", no qual lançaram o conceito que viria influenciar os campos mais variados do conhecimento: "autopoiésis". É uma pena que a recepção da obra desses dois geniais chilenos continue tão tímida no Brasil. Mas voltando à cibernética, a minha definição preferida é a do excêntrico psicólogo e educador inglês Gordon Pask: "Cibernética é a arte e ciência de manipular metáforas defensáveis."

Para concluir, como um poeta no contexto digital, como você vê o conceito do virtual?

O conceito "virtual" não tem muito sentido para mim, porque pressupõe o de "realidade", ou seja, traz imbutido dentro de si a noção metafísica de que podemos falar do que vemos independentemente de nossa observação. É o velho problema da "coisa em si" de Kant. A gente está sempre caindo nessa arapuca porque é uma maneira fácil de tirarmos a responsabilidade sobre nós. As coisas são o que são. O Maturana coloca muito bem essa questão da responsabilidade. No momento em que você abdica desta ilusão de poder conhecer a coisa em si, você passa a ser responsável por todos seus atos, deixa de tranferir a responsabilidade de suas ações para a chamada "realidade". Os cientistas reforçam essa crença metafísica quando afirmam que descobriram uma nova lei da Natureza, quando não estão fazendo nada mais do que inventar "modelos explicativos" que serão válidos até deixarem de funcionar. O extraordinário na teoria de Maturana e Varella é que eles propõem uma explicação do organismo que leva em conta o fato de se tratar de um organismo explicando a si mesmo. Portanto a explicação tem que explicar como a "explicação" surge. E, assim, de uma teoria biológica surge uma teoria da linguagem e da comunicação. O tempo todo essa teoria está consciente de que um organismo está refletindo sobre a sua condição de organismo, e que ele nunca poderá sair dessa condição para se observar do exterior. A comunicação deixa de lidar com os conceitos de emissor e receptor. Ela passa a ser o esforço colaborativo de dois organismos que buscam se entender, que acreditam que esse entendimento é possível. E desse esforço surge um acoplamento de linguagem, uma espécie de "meta-organismo" que costumamos chamar de cultura. Então, num certo sentido, a "virtualidade" é a condição de todo organismo. Tem a ver com "virtude" e "vírus". É aquele antológico poema do Décio Pignatari: "o organismo quer perdurar."

acesso
biblioteca
arte
antes
apenas
ainda
campo
alguém
antigamente
acontece
audiovisual
dessa
autor
ciência
coisas
cada
bem
cultura
centros
espectador
claro
contemporânea
cinema
Então
dizer
fazer
disso
dar
encontrar
existe
faço
coisa
computacional
grande
fenômeno
etc
diria
físico
digital
forma
havia
idéia
fenômenos
exemplo
dia
Hoje
hoje
imagem
gente
filme
maneira
leitura
muda
mesma
estratégia
internet
imagens
mídias
informação
livro
muitas
mudança
importante
jornal
ler
matemática
outras
obra
museu
nada
realidade
momento
outra
pessoas
Porque
pode
posso
necessariamente
personagem
porque
ordem
outros
mercado
onde
processo
produz
mundo
ser
questão
produção
sabe
regime
pensamento
pensar
quebra
série
preciso
simulação
própria
ter
tipo
surgiu
trabalho
televisão
toda
vivendo
saber
tempo
relação
sentido
vezes
sendo
tudo
suporte
tal
verdade
texto
vai
vou

André Parente

coordenador do grupo Núcleo de Tecnologia da Imagem/UFRJ

Como é que você vê o impacto da entrada do digital na cultura?

Bom, rapaz, eu acho que isso é uma coisa tão grande... eu acho que o digital mudou completamente e subverteu todas as ordens – do econômico ao político, ao artístico (estético, no caso) à própria relação entre as pessoas. Eu diria que o digital produziu uma transformação radical na maneira como as pessoas estão hoje em dia, por exemplo, produzindo alguma coisa, e até o próprio conceito de rede, que não se restringe ao digital, ao ciberespaço. Mas, o conceito de rede, sem dúvida, tornou-se mais importante quando a gente começou a ter redes como a internet e coisas do gênero.

Isso começou a chamar atenção para uma série de outros fenômenos. Por exemplo, se a gente for utilizar um conceito hoje já bastante usado, de sociedade de controle, criado pelo Gilles Deleuze no final dos anos 1980, a gente pode perceber que o que ele vem propondo ali é uma mudança de regime, do regime disciplinar para o regime da sociedade de controle. Com isso, na verdade, o que muda é tudo: é a relação das pessoas com o trabalho, o que é uma empresa, a questão das ações e de toda uma série de coisas que vão afetar a vida das pessoas em muitos níveis, como isso que aconteceu agora na Bolsa de Valores. É toda uma série de questões que estão ligadas ao fato de que houve uma mudança de regime, porque hoje em dia as pessoas estão muito

preocupadas não apenas em pensar o trabalho. Por exemplo, um capitalista hoje não quer mais necessariamente organizar uma cadeia produtiva, ele prefere trabalhar no financeiro, produzindo ganhos através do financeiro e não necessariamente produzindo alguma coisa. Aliás, a própria noção de produção mudou, mesmo quando ela ainda envolve a produção de algo. Hoje em dia não basta mais produzir algo, é preciso que você crie um desejo por essa coisa. O desejo por essa coisa que se produz é mais importante talvez até do que a própria coisa que se produz – e isso remete à ideia de mercado, num certo sentido. As pessoas também, com o digital, começaram a perceber que em função dessa ideia de você fazer redes, dos grupos fazerem redes, que o mercado não é algo natural (como muitas vezes na economia clássica se colocava), é mercadoria, é produzido como qualquer outra coisa.

Pode ser alterado, em outras palavras.

Pode ser alterado, pode ser transformado. Cada política econômica vai pensar como é que se vai lidar com essa questão do mercado, que tipo de controle que vai se ter sobre isso. Mas, enfim, a minha área não é essa econômica, a minha área é de produção de imagens, que vai do cinema à arte digital. Nessa área, as mudanças foram realmente muito visíveis, muito grandes. Hoje em dia, por exemplo, quem faz cinema usando película? Ou, até mais do que isso: quem vê cinema em película? Todo mundo sabe que o público de película, hoje, é reduzido basicamente a 10%, se não menos, do público de um filme, por exemplo. Ele vai ser distribuído na televisão, ele vai ser distribuído através do *videohome*, que hoje é DVD (não é mais nem a imagem eletrônica do vídeo cassete). Isso do ponto de vista do cinema. No campo das artes contemporâneas, a questão da interatividade, da imersividade, ou seja, instalações audiovisuais interativas e imersivas, tudo isso foi uma coisa que, na realidade, intensificou-se e se radicalizou com o digital. Eu não digo que isso nasceu com o digital porque no final dos anos 1960 o cinema experimental já produzia instalações...

Como o quasicinema do Neville d'Almeida e do Hélio Oiticica.

Sim. Mas, já naquela época, na Europa e nos Estados Unidos, havia todo um grupo de artistas e de cineastas que produziam instalações onde eles misturavam cinema com música, com *happenings*, com dança. No entanto,

naquele momento, ainda que a imagem fosse espacializada, ou seja, que houvesse algo que hoje a gente chama de instalação, ainda havia a ideia de um espetáculo, de um espetáculo que dura um determinado tempo, que tem um início, meio e fim. É um espetáculo. Pouco importa se o que estava apresentando, se o filme tinha um começo, meio e fim. Eu não estou falando do conteúdo, mas do espetáculo em si.

Hoje, quando você entra numa instalação, cada espectador vai fazer um percurso diferente, e o tempo da visita é determinante, mas cada um determina qual é esse tempo. Então, hoje em dia, a grande mudança não é apenas a questão da espacialização da imagem, o fato de haver múltiplas telas etc. e tal, mas o fato de que, na verdade, o tempo de visitação, o percurso, a relação das pessoas com as imagens e sons vão determinar o que é aquilo. Ou seja, a obra, eu diria que ela não preexiste mais em relação ao que vai se estabelecer com o espectador.

O espectador é mais ativo do que era antes.

É claro que isso não é fenômeno totalmente novo. Eu diria que isso nasce com a arte contemporânea, ou seja, na passagem do moderno para o contemporâneo, cada um desses movimentos que são a pop arte – o minimalismo, o neoconcretismo no Brasil (que vai trabalhar a questão da participação como uma das questões fundamentais da obra de arte contemporânea). Mas, de qualquer forma, isso aí vai ser complexificado pelo digital, pela interatividade digital.

A Ivana Bentes costuma dizer que o impacto digital foi mais antropológico do que estético.

Eu acho que tem efeitos múltiplos, mas eu não diria que foi só isso. É claro que o digital modifica a própria disposição do espectador. Por exemplo, se hoje eu vejo uma imagem, eu, conhecendo um Photoshop, a internet, ou com a possibilidade que você tem de transformar uma imagem, ainda que ela remeta a uma certa realidade, eu não vou olhar para essa imagem da mesma forma que a gente olhava anteriormente para uma imagem cinematográfica ou fotográfica, acreditando que ela estava realmente reproduzindo uma determinada realidade. Porque eu sei que há uma possibilidade imensa de você ter transformado as cores, as texturas, as figuras, os movimentos. Então é claro que a disposição do espectador muda diante dessa imagem, mas eu

acho que não é só isso. Porque, por exemplo, no caso do digital, pensa bem se eu for filmar alguma coisa. Antigamente, havia uma separação estanque entre o momento que se filmava alguma coisa e o momento que isso estava pronto para ser exibido, o momento de produção, até mesmo de pré-produção, produção e exibição – que era a divisão clássica do cinema.

A televisão já começou a mudar isso com o tempo real, da telepresença e tudo mais. Mas o digital muda isso radicalmente. Na edição eu ainda estou produzindo aquela imagem. Porque eu posso transformar essa imagem de tal maneira, as minhas possibilidades de transformação da imagem são tão radicais, que eu estou ainda construindo a imagem no momento de edição. O que na verdade é uma maneira radicalmente outra de fazer a coisa.

Eu até posso te dar outros exemplos bem mais banais. Eu mesmo tenho uma câmera no celular; muitas vezes eu fotografo com o meu celular sem olhar através do visor. Hoje em dia, quantas pessoas não fotografam com uma câmera digital de vídeo ou com o celular sem olhar o visor? Quer dizer, você fotografa hoje com o corpo, você filma com o corpo e muitas vezes, até no processo de gravação, a câmera fica ligada o tempo todo. É uma outra estratégia, totalmente diferente daquela de você enquadrar, visar, preparar tudo de antemão.

É OUTRA ECONOMIA DA IMAGEM.

É uma outra economia, é uma outra estratégia. Então, eu não acho que seja só um problema antropológico nesse sentido, de uma disposição. É claro que a disposição muda, mas muda também a relação que você tem com as imagens de uma maneira geral, até em nível de apropriação. Hoje em dia, quantas pessoas não estão fazendo trabalhos que a gente chama de cinema de arquivo, onde elas se apropriam de outras imagens.

É CURIOSO PENSAR QUE ESSA LIBERDADE DE MANIPULAÇÃO DA IMAGEM VEM ACOMPANHADA DE UM CRESCIMENTO DO CINEMA DOCUMENTAL, DE UM CINEMA PAUTADO NO REAL...

Eu acho o seguinte: não é porque a gente tem o digital que a gente vai, necessariamente, caminhar todos no mesmo sentido, na mesma direção. Então há movimentos, uma série de pessoas que procuram trabalham com o *low tech*, como uma reação, ou que procuram trabalhar com um tipo de imagem... Vou te dar outro exemplo, que tem a ver com isso que você acabou de me dizer. Por que hoje o uso de desfocado, do tremido etc.? Porque as pessoas

hoje já estão cansadas de ver uma imagem bem produzida. Uma imagem que é tremida, desfocada etc. parece ser uma imagem mais realista do que uma imagem bem acabada, bem feitinha.

Então, na verdade, sempre que aparece uma coisa nova, isso gera muitas vezes um certo antagonismo. Mas, certamente, esse novo não é uma coisa que está completamente desligado do que se produzia antes, porque tudo isso que foi surgindo, num certo sentido, estava de alguma maneira já presente na cultura. O digital não surgiu do nada e não caiu do céu, por isso que eu não temo algumas tecnologias: porque eu não acho que elas sejam desencarnadas dos processos de produção de subjetividade. Ou seja, os dispositivos, as máquinas trazem consigo, elas exprimem a cultura aonde isso foi produzido da mesma forma que um quadro, um livro, um romance, ou algo do gênero. Não dá para eu me desconectar do que se produz tecnologicamente, como se aquilo fosse inventado do nada. No fundo é o contrário disso: já havia uma necessidade de uma demanda, que ainda não era talvez consciente, mas que já estava lá. Dessa forma, talvez já houvesse uma série de questões na própria cultura que apontavam para essas mudanças que ocorreram depois, tecnologicamente.

Quando a gente fala do digital é preciso pensar que, por exemplo, se eu estou falando de uma simulação captacional, ela não se reduz ao digital. O digital é apenas um suporte. A simulação é uma outra coisa. Se eu uso a simulação para pensar o clima, a tecnologia, as mudanças climáticas e outros fenômenos, ou mesmo se eu uso a simulação computacional para produzir um carro e vou testar sua aerodinâmica. Porque muita gente diz o seguinte: quando eu produzo uma imagem de síntese que é fruto de uma simulação computacional, essa imagem de síntese não diz mais respeito a uma realidade preexistente. No entanto, ela tem a ver ainda com o processo de representação, ao contrário do que se pensa. Por quê? Porque se eu testo um protótipo virtual, eu não faço mais um protótipo de carro que é físico, eu faço ele virtualmente e testo ele num computador. Mas se ele vai funcionar depois, é porque justamente esse protótipo virtual representava uma série de fenômenos físicos.

O que eu quero dizer com isso é o seguinte: antigamente se pensava com que instrumentos? Muito antigamente usando o mito, usando narrativas. Depois passou-se a testar usando lógica – e a lógica já suponha a escrita. Eu não posso fazer um tratado de geometria se eu não tiver escrita, porque eu

nem tenho como processar isso na minha cabeça, nem tenho como passar essa informação de geração em geração.

Por outro lado, hoje em dia seria inviável você fazer uma simulação dos fenômenos econômicos, por exemplo, que são muito complexos, ou então de uma viagem a Marte sem usar simulação computacional. A quantidade de variáveis que se tem ali é tão grande que na realidade um pensamento analítico não dá mais conta disso.

Então o que está acontecendo? Hoje, para a ciência, o instrumento da simulação computacional é um instrumento *sine qua non,* sem o qual você não pode fazer a ciência que se faz hoje. Dessa forma, na verdade não é só o digital no sentido do suporte. Sem dúvida que a base da internet é digital; a internet é uma coisa construída sobre esse suporte, mas ela vai muito além desse suporte, porque a forma de organização da internet é uma outra coisa, que nem no mercado. Para você fazer mercado, você precisa criar agenciamentos coletivos, precisa lidar com o social etc. e tal, mas ele não se reduz necessariamente ao econômico.

Eu posso dar um exemplo para tornar isso mais claro. No caso do cinema, o Brasil tem uma economia audiovisual fortíssima. A gente tem uma publicidade incrível, uma televisão incrível (até mesmo em níveis técnicos) e toda uma tradição cinematográfica. No entanto, não existe um mercado audiovisual no Brasil. Não existe porque não criaram. Não criaram leis do audiovisual suficientes para organizar esse mercado, não houve interesse do governo de acabar com o *trust* televisivo para organizar este mercado. E cada vez mais a gente está numa situação mais complicada. Por que mais complicada? Porque enquanto a gente está vivendo um tipo de regime ainda não levando em conta o espaço do audiovisual, como a Europa pensa. Na Europa existem leis que defendem o cinema face à televisão. Essas leis a própria televisão deve cumpri-las. Mas se você pegar os Estados Unidos, o que está havendo lá já é um pensamento do espaço da informação. Quando um George Lucas, por exemplo, produz uma informação, um personagem, ele vai atualizar este personagem num filme, num videogame, numa história em quadrinho. Aquele personagem vai dar lugar a muitos produtos, cada um recorrendo a uma mídia diferente.

E cada vez mais, como no caso do Harry Porter, quando a comunidade mesmo começa a construir os personagens e criar histórias, absorve um personagem de outra história para narrativas novas. Isso é interessante.

Exatamente. Eu mesmo, hoje em dia, quando faço um trabalho, penso nisso. Esse trabalho pode existir na televisão, numa sala de cinema; ele pode ter uma versão instalação e ele pode ter uma versão instalação interativa com o dispositivo que eu criei para os espectadores interagirem com este trabalho. Portanto, não é só o efeito antropológico que a gente está vivendo.

É a própria alteração de linguagem.

Uma alteração verdadeiramente multimídia. Porque quando o George Lucas atualiza o personagem dele em várias mídias, para explorar de todos os modos possíveis essa informação-personagem que ele criou, o que ele está fazendo? A mesma coisa que hoje em dia um grupo de comunicação faz com uma informação que ela produz. Por exemplo, por que hoje um jornal não subsiste ou não se paga mais se ele for apenas jornal? Porque produzir uma informação, para atualizá-la apenas no veículo jornal, não paga mais a produção da informação. Quem está conseguindo pagar a informação hoje é um conglomerado de comunicação, que vai pegar aquela informação e vai mandar para o jornal, para a televisão...

Para o celular.

Para a internet, para o celular, para revistas.

E houve todo um rompimento da indústria da imagem, também. Foram criados novos espaços...

Esse impacto ainda está longe de ser mensurado, no sentido da mudança de estratégia em relação ao centro de informação. O que quero dizer com centro de informação? Tudo o que antigamente, na sociedade disciplinar, era, uma editora, uma rede de televisão, um grupo de produção audiovisual, uma escola, um museu de história natural, um museu de ciência (seja lá o que for). Todos tinham uma estratégia básica ainda muito voltada para um tipo de universalismo. Por que o que acontecia? Quem estava nesses centros? Eram poucas pessoas que decidiam por muitas toda a questão da comunicação em massa. O que é toda a comunicação em massa? São centros de informação e difusão onde poucas pessoas decidem sobre que informação é importante para as outras, que são a massa – uma grande quantidade de pessoas.

Isso está mudando imensamente com a internet, entre outras coisas. Porque, na verdade, hoje em dia a pessoa pode encontrar as informações que lhe

interessam particularmente. Até a própria indústria um pouco se adaptou em torno disso, criou um clichê em torno disso. Quando eu vou comprar um carro eles dizem: "Entrem no site e montem seu próprio carro. Escolha qual é o tipo de banco, de pneu, de direção, de console". Eu vou lá e monto o meu próprio carro. Talvez isso ainda seja uma ilusão. Mas, de qualquer forma, quando você vai lidar com a informação, isso não é mais uma ilusão.

Por exemplo, o que está acontecendo comigo, pessoalmente? Eu não tenho mais televisão na minha casa. Eu não vejo mais televisão, eu faço a minha própria programação. Eu baixo no meu computador as coisas que me interessam (sejam eles documentários, seja literatura, texto – o que for). Hoje em dia eu tenho mais livros no meu computador do que livros físicos. Eu tenho mais de 10 mil filmes e vídeos nos meus arquivos. Claro, eu sou um especialista nesse campo. Mas não é isso. É porque não me interessa mais ficar submetido àquela situação do *zapping* televisivo, onde você fica desesperado, passando de uma coisa a outra, sem conseguir encontrar algo que te satisfaça.

Na verdade, hoje, com os sistemas de buscas, com os programas que te permitem baixar as coisas que te interessam, se você souber lidar com a questão de como encontrar a informação, de como ter acesso a ela, tudo muda para você. E os antigos centros de informações pensavam da seguinte forma: eu vou colocar aqui no meu museu o que todos devem saber acerca de tal e tal coisa. Cada um desses centros – a escola, o museu, os centros de informação, de uma maneira geral, as editora etc., estão tentando se readaptar para pensar novas modalidades de mediação cultural, de tal forma que as pessoas também tenham a chance, de uma certa forma, de decidirem que percurso elas querem fazer. É um pouco como uma obra de arte contemporânea. Quando eu entro no espaço, eu vou fazer o percurso, eu vou olhar mais para essa imagem, menos para aquela, vou prestar mais atenção nisso e vou, eu mesmo, construir uma imagem dessa obra que não existe em lugar nenhum, senão na minha própria cabeça.

Há uma quebra na narrativa.

Você tem uma quebra justamente de um tipo de padrão. Esse fenômeno é uma quebra da hierarquia da própria ordem da leitura. A leitura antes era controlada, ela era hierarquizada, ela era controlada socialmente. A gente sabe que a Reforma Religiosa surgiu com a possibilidade da divulgação. Veio junto com o surgimento do livro. Hoje em dia, sabe-se que o livro, a imprensa

tipográfica de Gutenberg, o tipo módulo que gerou o livro reprodutivo, em grande quantidade, levou a duas revoluções: uma religiosa e outra científica. Por exemplo, Kepler jamais poderia ter feito o que ele fez sem a unificação das tabelas das posições dos astros, porque na época do manuscrito, cada vez que alguém ia reproduzir, gerava um monte de erros. As tabelas ficavam todas um pouco distorcidas... Na hora que você publica, as pessoas começam a discutir tendo como referência alguma coisa, no caso um livro, que é o mesmo que vai circular na Holanda, que vai circular na Itália etc. Então é um livro que foi importantíssimo nesse sentido.

E eu acho que as pessoas muitas vezes deveriam saber se dar conta que não há nenhuma naturalidade em você dizer que este meio é necessariamente isso ou aquilo, que ele deveria ser usado para fazer isto ou aquilo. Vou dar um exemplo: antigamente não havia leitura silenciosa, só havia leitura em voz alta. Santo Agostinho, no dia que entrou no estúdio de Santo Ambrósio e o viu lendo um livro em leitura silenciosa, quase desmaiou. Foi um choque para ele. A gente precisa desnaturalizar completamente as mídias e os processos de utilização da mídia, que muitas vezes ferem hierarquizações e ordens sociais preestabelecidas.

E uma das coisas mais legais que eu acho que o digital trouxe foi uma espécie de darwinismo na cultura, de uma forma geral. O que estou chamando de darwinismo? O Darwin foi uma figura importantíssima porque pela primeira vez alguém disse que aquilo que a gente considera como algo que é natureza pode ser um processo. Não é o ser divino, o ser por excelência, aquilo que eu considero como dado, o que permanece, o que existe como se aquilo fosse desde sempre. Ele vai mostrar que tudo isso foi produzido historicamente. Pensa bem a mudança de paradigma que isso produziu. É uma desnaturalização completa da própria natureza. Ou seja, cada árvore, cada espécie, cada coisa que acontece na natureza tem uma história. Isso não existia, passou a existir num determinado momento e foi criando agenciamentos diferentes com as outras espécies ou se transformando. Hoje você tem uma variedade de cachorros, de cavalos etc.

Então, o que eu acho que o digital realmente trouxe à tona, com um efeito muito forte, foi esse processo de hibridização, de embaralhamento e, ao mesmo tempo, de desnaturalização do uso das mídias e tudo mais. A gente está vivendo ainda sobre o efeito desse choque e eu acredito que a gente ainda não se recuperou desse efeito. É quase como... o que aconteceu, a emergência

do digital trouxe para o campo da cultura alguma coisa que está sendo digerida como foi digerido o livro *A origem das espécies*, do Darwin, que levou realmente um tempão para ser digerido e está sendo até hoje, no fundo. Mas, para a ciência, foi um dos paradigmas mais importantes; para a ciência de uma maneira geral – para a física, para a astrofísica, para a psicologia, para as religiões; para tudo, para todos os campos da ciência, da cultura, da tecnologia.

Como professor de audiovisual, o que você falou agora há pouco, que tem 10 mil filmes, muda tudo, não? Porque antes você precisava aludir a um filme, agora pode apresentá-lo...

Isso tem a ver com o seguinte: a cultura escrita sofreu um longo processo de indexação, porque a gente conhece, por exemplo, a gente sabe que antes o livro não era um livro de cadernos, ele era um livro de rolos; não havia páginas, não havia notas de rodapé, não havia índex e era difícil você encontrar uma passagem específica. Você tinha que lidar com um fenômeno próximo a esse, de uma fita k-7, que você está procurando um momento onde alguém disse alguma coisa, não é? E houve um processo de transformação do livro em livro de rolo, depois todo o processo de normatização da escrita, depois os sistemas de indexação do livro, da criação da biblioteca etc.

Quando eu leio um livro hoje e vejo uma nota de rodapé, isso me remete a um outro texto, a um outro livro, a alguma coisa que está numa biblioteca. Quando alguém hoje em dia fala de um livro eletrônico e se maravilha com o hipertexto, está esquecendo que o livro físico também remete a uma intertextualidade, ele já supõe a biblioteca. A diferença é a questão da velocidade. A única grande diferença é a velocidade, porque eu posso, olhando num livro físico, ir à biblioteca procurar e encontrar o texto ao qual ele se refere. Agora, se eu for pensar as imagens... todo mundo alardeava: a era que estamos vivendo é a da imagem. Antes do digital até. A ideia de uma civilização da imagem surgiu nos anos 1940 e 1950. Aí o que acontece? Quando você via a imagem (na TV ou no cinema) e ia falar dessa imagem para um aluno, era uma loucura!

Eu vivi experiências incríveis, de ver coisas interessantíssimas que eu não tinha acesso, não podia mostrar... Você ter acesso a um rolo, a um filme em película, a quem pedir autorização, colocar um projetor de cinema numa sala de aula etc., tudo isso era muito complexo. Mesmo que passasse na TV, às

vezes era de alguém que deu o direito à TV de passar, mas impedia que alguém copiasse para mostrar. Não se tinha acesso. Além do que, a imagem, por ser analógica, é dificilmente indexada. Não se havia criado sistemas de indexação da imagem. E, hoje em dia, o que está acontecendo com a internet, com *YouTube* e diversos instrumentos e espaços que estão sendo criados, sobretudo essa ideia de espaço da informação, é que você hoje encontra alguma coisa que é da ordem da imagem muito mais facilmente. Isso muda tudo. Pensa bem: se a gente está vivendo a civilização da imagem, ter o acesso às imagens é uma coisa; agora, viver a civilização da imagem, sem ter acesso é outra. Eu, que também trabalho com texto, encontrar um texto é facílimo. Você pode até levar mais tempo, mas você encontra; é líquido e certo. Antigamente, por exemplo, mesmo se eu quisesse ler um livro que eu não tinha numa biblioteca da minha universidade, eu pedia a bibliotecária, e ela pedia um microfilme desse livro numa biblioteca americana ou numa biblioteca europeia e o material chegava...

Demorava um tempo. Mas a questão do tempo leva também à quebra da narrativa. Se havia uma nota de rodapé, era preciso ir até o livro, encontrá-lo. Isso demandava um esforço e um tempo que não possibilitava uma quebra imediata da leitura. Hoje não... A narrativa está sofrendo abalos muito grandes nesse sentido.

Só que o que acontecia antigamente? Não era só a questão da mídia, a mudança de mídia que era importante. Quando se lia uma coisa, você estava preso a ordem da leitura. O que eu quero dizer com ordem da leitura? A leitura era controlada socialmente. Borges diz que uma literatura difere de uma outra menos pelo seu conteúdo e mais pela forma como ela é lida. Isso significa que é o leitor que cria o livro que ele está lendo. Isso daí, essa liberdade é que surgiu muito recentemente. A obra contemporânea inclusive necessita dessa liberdade, porque ao contrário da obra clássica, a obra contemporânea não determina qual é o lugar do espectador. Pelo contrário, cada espectador vai ter que encontrar um lugar para si diante daquela obra, sem a qual aquilo não tem sentido. Então, hoje, a ideia de interatividade não é só a interatividade do botão, é a ideia do espectador conseguir encontrar um lugar para si diante daquela imagem, sem o qual aquilo não faz sentido para ele. Se uma imagem não o toca, aquilo ali não é arte. Eu posso até teorizar aquilo, historicizar, desviar o autor disso, dessa imagem (um autor muito conhecido e importante), mas se ela não me toca do ponto de vista estético, ela não existe. A obra só

existe se ela me sensibiliza, se ela me toca do ponto de vista da minha subjetividade, dos meus afetos.

Já faz um tempo que se fala em morte do autor. Você acha que o digital terminou esse processo?

Olha, a questão do autor é uma outra questão. Por exemplo, o Borges, quando ele diz isso que eu acabei de dizer: uma literatura difere de uma outra menos pelo conteúdo e mais pela maneira como ela é lida. O que ele está dizendo? Que o autor é, em grande parte, o leitor. Então o que acontece? Eu posso dizer que o Borges é digital, por exemplo? O Borges é um desses autores que, num certo sentido, com seus "mitos", precedeu, reforçou isso que as pessoas estão dizendo, que é uma coisa que foi criada só com o digital. Por isso eu te falei: o digital não surgiu de nada, ele surgiu justamente de toda uma série de pessoas que já estavam pensando essa necessidade de um processo de desterritorialização das imagens na relação com as pessoas uma com as outras, dos processos de re-comunicação, de releitura, e assim por diante.

O Gabeira fala que se a internet tivesse surgido há 40 anos, ela seria um veículo de controle total e não um veículo de liberdade.

É exatamente isso que eu estou te falando. Se eu tomo uma ordem de leitura livre, onde eu posso interpretar à minha guisa aquele texto, isso me favorece uma conexão com o digital. Se eu estou numa ordem de leitura controlada, isso vai fazer do digital o quê? Então o digital, por si só, não é nada. Ele, sobretudo, não é uma essência; e se eu dissesse que era, vai no sentido contrário de tudo o que eu estou tentando dizer para vocês acerca das mídias. Por isso que eu recorri à metáfora do darwinismo.

Da desnaturalização das mídias, porque não é uma essência.

Sim.

Uma questão muito importante sobre isso, para pegar, por exemplo, a questão da imagem. O inverso disso: a questão da responsabilidade sobre a imagem. Quer dizer, a questão que surge novamente com o digital, que é a do anonimato, você não poder remeter com facilidade a um responsável pela imagem, a um responsável pela veiculação; de você não querer saber com tanta facilidade essa coisa de

SE ELA FOI TRATADA, COMO FOI TRATADA, SE ELA É CONCRETA, SE ELA TEVE ALTERAÇÕES. COMO VOCÊ VÊ ESSA QUESTÃO?

A sua pergunta implica muitas coisas, desde a questão da manipulação. Eu diria que a manipulação já existia, é bem anterior ao digital. Ela só dava mais trabalho. Mas a gente sabe o quanto até mesmo fotos históricas, que as pessoas tiram...

STÁLIN...

É, exatamente. Todo mundo sabe dessas histórias, mas é óbvio que o digital cria novas possibilidades. De novo vem a questão da velocidade do processo, da rapidez com que você pode processar isso. Sobre a questão do anonimato, o temor de muitas pessoas é que, por exemplo, as informações que circulam na internet não são fiáveis. Aí eu diria para você a mesma coisa que eu poderia dizer para alguém que lê o jornal. Quando você lê o jornal, suponhamos que você esteja lendo o jornal nos anos 1960, não dá para acreditar, fazer uma relação pontual entre o que está sendo dito ali e a realidade. Todo mundo sabe disso. Quem lê jornal, sabe disso e muitas vezes quem não lê também sabe disso.

Então eu diria que é o mesmo esforço. O mesmo esforço que eu faço para ler jornal, para pensar o que aquele cara está me dizendo nas entrelinhas. Será que exatamente aquilo? Quais são os interesses que estão por trás daquilo que está sendo dito, além do fato que está sendo reportado? Tudo isso me diz o quê? Qual é a fiabilidade da informação que eu leio no jornal, ela é mais fiável do que aquela que eu leio na internet, que é anônima, digamos assim? Eu acho que a internet tem um problema, as referências são outras, muitas vezes você está lidando com uma informação anônima. É preciso saber ler a internet, e saber ler a internet não é a mesma coisa que saber ler o jornal, é outro processo de leitura.

Agora, o esforço se dá da mesma maneira que se dá entre o crítico-literário. Também é preciso saber ler a literatura. Uma pessoa desavisada, que vai ler pela primeira vez, por exemplo, o livro do Proust, ela não vai entender a importância daquilo, o porquê, qual é o "x" da questão. Isso vale para todos os campos. A princípio, quem não gosta, quem não entende não vai conseguir perceber qual é a questão. Aliás, não é possível que se faça nada de interessante em determinado campo, se você não está inserido no campo e não trabalha sob a pressão dos problemas deste. Por que um não-artista

não cria uma obra genial de arte? Por que um não-cientista não cria uma ideia científica fantástica? Porque se você não está inserido naquele campo de problemas...

Para concluir, você consegue vislumbrar uma estética digital?

Olha, eu acho que não. Eu acho que não é possível. Por exemplo, quando eu falo em arte e tecnologia hoje, será que é possível dizer arte digital? Será que o digital resolve tudo? É como eu falei: a imagem de síntese, por exemplo, a simulação computacional, que é esse instrumento revolucionário no campo da ciência, não foi no campo da arte o que se achava que ele poderia ser. Mas no campo da ciência ele, hoje, é indispensável porque o cara não pode fazer uma equação com 30, 100 ou 1.000 variáveis.

Então o que acontece? O pensamento analítico não consegue mais dar conta. A simulação computacional não se reduz ao digital, o digital é apenas a base. A simulação computacional supõe a ciência e supõe algoritmos. A transformação... na verdade, quando você faz uma simulação, o que você faz? Você transforma um fenômeno físico, pega a lei que diz respeito àquele fenômeno físico (ou seja, já é uma tradução matemática daquele fenômeno físico numa equação de hidrodinâmica, por exemplo). Se eu mostro uma imagem das ondas de um navio. O que acontece? Para eu criar essas ondas, eu tive que criar algoritmo. Esse algoritmo tem a ver com uma parte da física, que é a hidrodinâmica. Mas eu vou ter que transformar essa matemática da física hidrodinâmica numa matemática computacional.

Como você bem sabe, os fenômenos físicos são da ordem do contínuo, os fenômenos computacionais são da ordem do descontínuo, por causa justamente do digital, do binário. Então o que acontece? Eu tenho que transformar a matemática, que é da ordem do contínuo, numa que é da ordem do descontínuo. Então eu já tenho um mundo físico, uma matemática que traduz esse mundo físico, uma outra matemática (que é computacional) que traduz essa matemática do mundo físico. E, finalmente, eu tenho as interfaces, porque quando eu vou processar esses algoritmos, eu tenho certos tipos de processadores, certos tipos de telas, de placas gráficas que vão me dar esse ou aquele resultado. Ou seja, eu tenho quatro universos totalmente diferentes, e a simulação computacional reúne esses quatros universos numa só coisa. Sem ela, por exemplo, é impensável uma viagem a Marte ou coisas complexas do gênero, como a previsão meteorológica que se faz hoje.

Isso não se reduz ao digital e eu não sei se amanhã os computadores serão digitais. Eu não sei. Pode ser que hajam outros tipos de computadores, com outros tipos de processamento que não sejam mais baseados no binário, no digital – nesse pequeno chipzinho que processa as coisas ligando e desligando, simplesmente interrompendo ou não o fluxo. Então eu não sei se a forma física do computador, se as imagens que vão ser veiculadas no futuro vão ser veiculadas tendo como base os bits, por exemplo.

Eu falo mais em arte-tecnologia ou na questão da tecnologia, ou do ciberespaço, mais do que propriamente do digital. O digital é o suporte mais elementar da coisa. Mas, sob esse suporte, foram criados muitos estratos outros e no futuro eu não sei se esse suporte será mantido, se esse suporte básico, isso que está lá na base, que é um fenômeno tão banal de você ligar e desligar, interromper ou não, de sim e não, zero e um, se vai ser isso. Eu não sei. De qualquer forma, eu acho que o pensamento que o digital está gerando não se reduz a isso, a um pensamento binário, dual, dicotômico e tal.

computador
ver
relação
gente
arte
cinema
código
digital
forma
grande
hoje
Existe
homem
imagem
Lua
máquina
máquinas
lugar
meio
mostrar
planeta
porque
próprio
sentidos
ser
questão
produção
tempo
termos
transmissão
teoria
procedimentos
complexidade
compreender
conseguir
construir
chegar
cultura
acesso
anos
aqui
contemporânea
cinco
causa
bem
banco
completamente
aquilo
ali
conseguiram
ainda
dizer
Agora
coisa
caminho
dados
captura
ai
agora
desejos
dessa
determinado
difícil
fala
época
entrevista
dessa
deslocamento
evolução
esquerda
diz
filósofos
democratização
existe
falam
diferente
falando
exemplo
habitante
emerge
fazer
história
fica
faz
grandes
fazendo
dia
intelectual
exatamente
frase
ideia
linhagem
humano
Godard
interessante
la
imagens
mesma
momento
outra
pensar
naquele
mundo
padrão
pensado
naquela
impacto
pensa
produções
pensamento
pocinha
mudanças
partir
processos
outro
poderia
potencial
pertinente
poder
pessoa
novas
tudo
realidade
qualidade
primeiro
pessoas
problema
série
obra
questões
pouco
tem
surpresa
realmente
ruptura
vídeo
vamos
sempre
Sirio
Terra
tão
todo
Talvez
tradição
tipo
vai
Todo
vem
vê

Jane de Almeida

pesquisadora interdisciplinar

O que é cultura digital?

É um amplo espectro de produções, manifestações e mudanças que ocorrem por causa do computador, basicamente. É muito comum a gente ver esta relação de diferença entre analógico e digital. Não quero dizer que ela não seja pertinente. Acho que é muito pertinente, principalmente no que se refere à imagem, porque existe uma ideia de captura da imagem que tem a ver com uma cópia da realidade e uma outra que tem a ver com uma leitura daquilo que a câmera estaria vendo e transformando em código e decodificando para um outro lugar. Nesse sentido a diferença é muito pertinente. Porém, quando se começa a pensar em toda a evolução da mídia e coloca o computador no meio disso, em vez de pensar no digital, há talvez um deslocamento para um outro caminho que tem a ver com essas máquinas e as suas invenções. Remetemos então a uma tradição, que vem do cinema, da televisão, do rádio.

O computador é um estágio evolutivo das mídias, dos processos, ou uma ruptura?

É difícil pensar se é evolução ou é ruptura. Vai depender um pouco dos parâmetros com os quais se lida. Se pensarmos no cinema digital, percebe-se uma evolução. Num outro sentido, olhando o computador e as possibilida-

des que ele tem de comunicação, de expressão, de mudanças muito radicais no dia-a-dia da cidade, por exemplo, é possível pensar em termos de ruptura. São dois caminhos diferentes.

E como você vê o impacto dessas novas tecnologias na cultura?

Existe uma entrevista do Jean-Luc Godard onde ele é perguntado: se um habitante de Sírio chegasse aqui na Terra, como é que ele explicaria a esse habitante o que é o cinema? A pergunta está se referindo neste momento a uma ficção científica escrita pelo Voltaire que se chama *Micromegas*. Nessa obra, um habitante enorme de Sírio chega ao planeta Terra, que é um planeta pequeníssimo. Logo que ele chega, vê uma pocinha de água, que é o Mar Mediterrâneo, e nessa pocinha de água existe um barco com vários filósofos. Ele faz perguntas para esses filósofos e fica muito impressionado como é que esses terráqueos conseguem medir tão bem se eles são tão insignificantes em termos de tamanho. *Micromegas* pergunta: "quantos sentidos vocês têm?" E os filósofos respondem: "nós só temos cinco sentidos". Aí ele diz: "Nossa, nós temos mais de 2000 sentidos, como que se pode compreender o mundo só com cinco sentidos". O Godard captura essa questão dos sentidos e fala assim: "Eu responderia que é uma máquina que nos ajuda a ver coisas que nós não podemos ver, a ver de perto aquilo que a gente não poderia ver, a ver de longe aquilo que a gente não poderia ver". Existe uma figura interessante, que na realidade é da linhagem do Walter Benjamin, do inconsciente ótico, daquilo que a gente não via antes se não tinha a máquina do cinema. Isso sempre me remete a computador. Que sentidos nós estamos ativando, reativando, processando, construindo a partir dessa máquina, a partir desse mecanismo? Talvez seja esse o ponto quando eu penso no computador como máquina. Existe uma cultura que emerge a partir dessa máquina especificamente.

André Lemos fala que a cultura digital emerge da microinformática. Para ele, é a passagem dos computadores como grandes processadores de máquinas de calcular para as máquinas pessoais...

Que é uma espécie de humanização do próprio computador, cabem nas mãos... realmente há uma humanização do processo, quando se criam interfaces que se carrega e processa, e que todos nós hoje em dia temos. Essas máquinas me chamam muito mais atenção como uma espécie de extensão

perceptiva mesmo. O que ela amplia na nossa vida? Sabe aqueles delírios dos anos 50 de telepatia? Hoje em dia a gente faz "plim" no email e está em contato com outra pessoa. De certa forma é como se ela respondesse a um determinado tipo de desejo humano, que eram vistos como delirantes até pouco tempo atrás. Eu fiz algumas curadorias de cinema com cineastas que tinham um fortíssimo pensamento de esquerda. Não que eu fosse exatamente uma pessoa de esquerda ou tivesse ali alinhada aquilo, mas eu tenho que confessar que eu tenho um deslumbramento pela complexidade e sofisticação de todo aquele pensamento. Estou falando do Godard, do Gorin, do Klug... eles tinham, em 1966 ou 1968, uma série de demandas e desejos que tinham a ver com produção coletiva, com a possibilidade de levar essas imagens para mais pessoas, que não ficasse colocado só num lugar intelectualizado. Tudo aquilo que eles sonharam está aqui agora. É muito interessante isso. Todo mundo fica falando que o computador é um problema, porque as pessoas ficam horas e horas no computador, porque faz mal, e aí vem aqueles filmes horríveis como Matrix, que retratam o computador como inimigo. Por outro lado, o computador realiza todos aqueles desejos que eram da esquerda de 1968, 69, 70. Existe uma possibilidade de democratização dos procedimentos como jamais teve antes. Nunca houve um acesso a imagens como hoje. Mas, é obvio, como dizia Tocqueville, o problema da democratização é que se democratiza tudo que tem de ruim também. É óbvio que isso acontece.

Quando o Glauber Rocha defendia uma câmera na mão e uma ideia na cabeça, naquela época era apenas uma frase de efeito...

Não vamos dizer que era uma frase de efeito simplesmente. Era um desejo. Eles desejavam isso. E desejavam genuinamente. Eles queriam realmente isso, apesar de que narcisicamente é sempre muito legal ser um grande autor. Agora, é hoje em dia que é realizável, e de uma forma que eles não conseguiram atingir. Talvez seja por isso, sabia? Talvez exatamente por isso a gente tenha, teoricamente, intelectualmente, um potencial tão grande contrário. Porque a forma como eles desejaram isso, naquela época, não foi realizada nem por eles mesmos, e nem da mesma forma. Eles não conseguiram. Porque foi uma surpresa, isso tudo que surgiu foi uma absoluta surpresa. Então é um pouco anacrônico mesmo você ter uma série de pressupostos ideológicos num determinado momento e mantê-los mesmo frente a uma série de

mudanças estruturais... quem vai processar isso melhor vai ser só a próxima geração.

A gente tem hoje um padrão se conformando de acesso ao audiovisual com níveis de qualidade muito baixos. O vídeo sob demanda na internet, que o Youtube popularizou, trouxe uma democratização da circulação e consequentemente da produção, mas também a aceitação de um padrão de qualidade lá embaixo.

Todo esse procedimento que a gente está falando agora tem a ver com transmissão, e o impacto disso. São 40 anos que o homem foi à Lua. Existe um astronauta chamado David Scott, que foi a sétima pessoa a pisar na Lua. Em uma entrevista, ele diz o seguinte: "Há muitos e muitos anos nós sabíamos que chegaríamos à Lua. Existem inúmeras ficções cientificas que vão falar do homem indo para outro planeta, para a Lua. Era uma história conhecida do nosso dia-a-dia. Ninguém, no entanto, jamais imaginou que isso seria transmitido para todo o planeta ao mesmo tempo". Esse é o grande susto da questão. Nós vamos chegar lá, mas como é que eu demonstro aonde eu fui? É a história de mandar nas expedições o pintor para pintar os índios, depois transforma isso na fotografia, depois transforma isso na máquina cinematográfica. Agora, chegar lá, filmar e mostrar ao mesmo tempo, realmente isso aí é a grande surpresa! A questão da transmissão é realmente de um poder de relação, de integração. Todo mundo ao mesmo tempo, vendo a mesma coisa, e encontrando ali um caminho. O homem à Lua é muito mais do que o homem à Lua. A grande tarefa de chegar à Lua é você poder ver o seu planeta de outro lugar. A história de se conseguir mostrar aquilo de lá para cá é uma relação de deslocamento absurdo. Se você pensa nesse deslocamento mental em relação a todo o planeta, em como o homem se vê depois daquilo, você tem outra percepção do ser humano. A transmissão também dá esse lugar. Isso cria uma relação intelectual em relação ao planeta que é completamente diferente. Quando se pensa que a qualidade é em baixa resolução, tem a ver com essa potência que hoje as redes têm. Quando se pensa que essas redes de um a 20 Gigabits, a tendência é que elas tenham um potencial muito maior de transmissão. É possível ter essa imagem com um potencial enorme de resolução. É isso o que a gente pretende fazer e continuar fazendo: oferecer uma imagem poderosíssima, online, e em tempo real, se a gente quiser.

[Pausa]

Agora eu queria propor um tema. É uma questão que me intriga. Eu já apresentei alguns trabalhos sobre isso. Por que a arte contemporânea não legitima as produções que são feitas por computador, nas suas Bienais, nas suas grandes exposições? Há quanto tempo o computador existe? Nós temos 40 anos de computador. O que ocorre que isso não está nas Bienais, por exemplo? Tem vídeo. Só que vídeo é uma projeção que podia ser feito até em super-8 se você quisesse. Não mudou nada em termos de linguagem. Tem uma ou outra produção que, vamos dizer, usa um software, um *After Effect*, mas não é significativo. Na realidade, as imagens são típicas de cinema. Essa é uma questão. E aí me vem: por que é que esses curadores, que têm uma sofisticação intelectual muito grande – você lê os textos curatoriais, eles são muito bons, eles realmente refletem questões do cotidiano, do contemporâneo, que são questões muito pertinentes – por que o computador ainda não está lá como deveria estar e fica confinado nos guetos?

Por quê?

A primeira coisa que me vem à cabeça é o seguinte: por causa da complexidade do próprio computador e daquilo que está se fazendo. É muito difícil para a arte contemporânea conseguir compreender a complexidade dos procedimentos para conseguir mostrar essa produção de uma forma adequada. A arte moderna já aparece com uma tradição de mostrar os processos, de torná-los evidentes nas suas exibições. Como é que você vai mostrar os processos do computador, se você não tem noção daquilo que se passa ali por dentro daquela caixa preta, que na verdade é supercolorida hoje. É preciso que haja tempo para se compreender a complexidade, para essa complexidade ser evidenciada neste tipo de exposição. Esse é um ponto difícil de ser pensado. O computador é um passo – voltando àquela questão dos anos 1960 e 1970 – através da qual você, obrigatoriamente, tem que construir o seu meio. Você tem que saber como construir um meio, para poder construir o conteúdo, porque o conteúdo é intrínseco ao próprio meio. Ele não é mais a imagem em movimento como no cinema e o projeto. Seria necessária uma produção que pensasse esse tipo de arte, manufatura, artesanato, através do próprio pensamento do meio.

Isso tem tudo a ver com o software livre. O código fonte é o lugar da criação...

Exatamente. A arte teria por obrigação mostrar o código. Isso não é compreensível ainda, os artistas ainda não conseguiram definir muito bem como é que esse código vai ser mostrado em termos de arte. Eu consigo compreender muito bem em termos de mercado, ou de acesso político, mas pense em termos de arte... Como é que eu vou fazer isso? Por exemplo, quando a gente fala em digital e analógico. Você já viu alguma obra que descreva para você as propriedades do código, ou como é que o código lê uma imagem? Que torne claro para você, evidente para você, a relação digitalizada de uma imagem?

Isso tem a ver com a forma como que o digital foi pensado?

O digital foi divulgado por um tipo de teoria que se relaciona com uma linhagem filosófica francesa, que parte principalmente de Deleuze. E uma linhagem filosófica que pensa o nomadismo, os fluxos, e que serviu durante algum tempo para compreender os processos e o que estava acontecendo com os primeiros artefatos do computador naquele momento. Mas isso acabou nos levando a se prender a questões de como utilizar essas máquinas novas, de que forma ela vai servir. Enfim, procedimentos mais "sociologizantes". As teorias seguem muito esse caminho. E tenho que assumir que fui muito influenciada pela minha relação com uma leitura norte-americana dos procedimentos. Nos EUA as pessoas falam de uma forma completamente diferente. Em primeiro lugar, porque eles falavam sem nenhum pudor a respeito das questões mercadológicas, o que para nós, brasileiros, que viemos dessa relação francesa, é sempre uma coisa complexa. Eles falam de um jeito absolutamente natural, o que é um estranhamento que nós temos em relação a eles. Depois eu descobri uma outra teoria, que tem, em primeiro lugar, uma relação com os próprios procedimentos e as construções das máquinas. E é uma teoria muito interessante. A minha pesquisa hoje passa por isso, o problema da relação desse homem que surge no meio, no fim do século XIX, com os novos objetos de ótica, e como é que ele consegue, vai organizar o mundo a partir daí, desses novos aparatos tecnológicos que surgem naquele momento. É uma teoria que visa entender de onde veio a ideia das novas tecnologias, do computador, por exemplo, e que elabora e pensa o que é a máquina de computador, e o quê que ela faz, e como é que ela constrói. O próprio Lev Manovitch vai trabalhar com o a questão do banco de dados, de uma estética de um banco de dados, a ética de um banco de dados etc. Essa é

uma teoria que a gente não tem acesso, aqui no Brasil, não é devidamente divulgada. Mesmo os intelectuais que trabalham com essa área no Brasil não falam dessas teorias.

disco
coisa
música
porque
vai
tudo
internet
informação
dia
dinheiro
anos
caras
coisas
canção
fazer
gente
geração
Diginóis
esquema
discos
Então
Chico
Hoje
hoje
importante
outro
processo
gravadora
pessoal
relação
sempre
tempo
verdade
violão
Porque
questão
som
pode
produção
público
primeiro
outros
procurar
outra
ia
faz
forma
exemplo
fica
menos
ficar
fazendo
época
inteiro
interessante
musical
acho
ali
antes
bandas
brasileira
algumas
blogs
Brasil
Agora
cada
chegou
compositor
colocar
distribuição
comecei
Brasília
chama
então
grande
fiz
caralho
cara
Cara
composição
delay
desde
edital
link
ganhar
gravar
falou
fez
entra
grana
industria
lugar
nesse
partir
lado
possibilidade
jeito
havia
mundo
MPB
nostalgia
nada
Paulo
músicos
novas
ouvir
monte
outras
negrinho
poesia
quiser
parada
todas
nunca
sobre
tipo
pronta
rola
rede
retorno
trabalho
vou
site
Tom
voz
universo
vão
Zé
vez
pensa
real
todo
sincronização
sessions
ter
vender
varias
ver
ano
atrás
acha
baixar
acesso
chegar
blog
ainda
delay
comecei
chamo
Diginóis
dias
compositor
colocar
distribuição
Brasília
fazendo
ficar
época
entra
grana
inteiro
menos
Hoje
industria
fez
interessante
musical
lugar
nesse
partir
lado
possibilidade
jeito
havia
mundo
MPB
nostalgia
nada
Paulo
músicos
novas
ouvir
monte
outras
negrinho
poesia
quiser
parada
todas
nunca
sobre
tipo
pronta
rola
rede
retorno
trabalho
vou
site
Tom
voz
universo
vão
Zé
vez
pensa
real
todo
sincronização
sessions
ter
vender
varias
ver
gravar
falou
fez
link
ganhar
formato
fica
exemplo
forma
faz
geração
gente
discos
Então
Chico
Hoje
hoje
internet
informação
interessante
musical
importante
outro
processo
gravadora
pessoal
relação
sempre
tempo
verdade
violão
Porque
questão
som
pode
produção
público
primeiro
outros
procurar
outra
ia
faz
forma
exemplo
fica
menos
ficar
fazendo
época
inteiro
Diginóis
esquema
dinheiro
coisas
canção
blog
chegar
caras
antes
bandas
brasileira
algumas
acho
ali
anos
dia
Agora
cada
Brasil
chegou
compositor
colocar
distribuição
comecei
Brasília
chama
então
grande
fiz
caralho
cara
Cara
composição
delay
desde
edital
link
ganhar
gravar
falou
fez
entra
grana
industria
lugar
nesse
partir
lado
possibilidade
jeito
havia
mundo
MPB
nostalgia
nada
Paulo
músicos
novas
ouvir
monte
outras
negrinho
poesia
quiser
parada
todas
nunca
sobre
tipo
pronta
rola
rede
retorno
trabalho
vou
site
Tom
voz
universo
vão
Zé
vez
pensa
real
todo
sincronização
sessions
ter
vender
varias
ver
ano
atrás
acha
baixar
acesso

Lucas Santtana

músico e compositor

Lucas, cada disco seu foi feito com um processo específico de relação com a indústria fonográfica...

É verdade. O primeiro disco foi feito por uma gravadora, por um selo que se chamava Natasha, mas a distribuição era pela BMG. A internet ainda não era forte em 2000, eu nem vivia conectado ainda. Internet no Brasil era para pouquíssimos, então a indústria fonográfica estava ganhando e gastando dinheiro aos tubos. Mandava a banda inteira com hotel para fazer um programa de televisão em São Paulo, para não virar nada em termos de venda. Gastava quase tanto nessas coisas quanto na produção do disco. Era esse o tipo de mentalidade da indústria. E eu fiquei descontente com o trabalho, não rolou. Era um contrato de três discos, mas eu rescindi, e no segundo disco já fui atrás de uma empresa privada para conseguir a grana de produção. A master do disco já era minha, eu criei um selo chamado Diginóis para lançar as minhas coisas, e fiz parceria com a Trama Independente, que era uma distribuidora que a Trama tinha feito para pegar esses tipos de selos e produtos.

E como foi esse processo?

Eu também não fiquei satisfeito. Vi que os independentes estavam ali no bolo de um catálogo maior que eles tentavam vender para as lojas, e que assim como nas gravadoras grandes eles sofriam do mesmo mal. Ou seja, chegavam com um CD de um cara da gravadora e vinham atrás com os CDs dos independentes. Então é lógico que não ia funcionar, que a distribuição desses independentes não conseguia o mesmo alcance.

O disco seguinte você fez por edital...

Sim. Essa foi uma experiência boa, o edital é uma opção interessante de produção. Além disso, no ano anterior, em 2005, eu fiz uma turnê em algumas cidades que eu nunca tinha tocado, algumas capitais, e rolou um negócio interessante em Brasília que virou um marco para mim. Porque eu fui agendado para cinco dias no CCBB [Centro Cultural Banco doBrasil] de lá, nunca tinha ido lá antes, e na quinta-feira à tarde, a gente ia passar o som, chega alguém da produção e diz que os ingressos haviam se esgotado em menos de uma hora. Eu pensei que tudo bem, que primeiro dia sempre tem muitos convidados, mas o cara respondeu que já estava esgotado até domingo. Era um teatro de 300 lugares. Porra, uma loucura! Eu fiquei grilado com aquilo, e depois do show de quinta fizeram um coquetel e o público ia pedir autógrafo, e eu comecei a perguntar como conheciam o disco. E eles diziam que tinham baixado no *E-mule*, ou em não-sei-qual-programa de downlolad. Foi quando eu entrei nessa onda da internet, comecei a baixar música, cai dentro da rede. E quando fiz o *Three sessions,* eu tive a ideia de criar uma página na internet para o Diginóis, onde as pessoas poderiam remixar o disco. Tudo que é o Diginóis eu bolei por conta do que rolou em Brasília.

Explica o que é o Diginóis.

Diginóis era um selo que criei para lançar o meu segundo disco. Na verdade era um carimbo que eu colocava para dizer que o disco era meu. E que a partir do *Three sessions,* quando eu fiz o orçamento para o edital, eu coloquei um item para criação de um site para disponibilizar o disco. O edital era de dinheiro público, e eu pensava em como devolver esse investimento para a sociedade. E achei que botar para neguinho baixar era uma possibilidade, ainda mais trabalhando com uma coisa interativa, botar o pessoal para remixar as faixas, num esquema de game. E acrescentar um blog no site. Eu comecei a procurar na rede e descobri vários blogs, o Trabalho Sujo, o Urbe. E comecei

a conhecer o pessoal que escreve. O blog é como se fosse isso aqui. Se a gente saísse daqui e fosse para um barzinho, a gente conversaria um monte de coisas. Só que quando você faz um disco, você não tem espaço para colocar tudo o que você pensa lá. A vida é muito maior do que um disco, o disco é o bagaço ali espremido. E no blog você pode se expressar de uma maneira muito mais ampla do que em disco. O Diginóis já nasceu com essa proposta.

Como essa relação com a tecnologia influiu no seu trabalho de compositor?

O aumento de informação é um fato importante. Antes, havia um pessoal na equipe que se concentrava em fazer o videoclipe, ou fazer o design da capa, por exemplo. Agora, com a quantidade de informação que eu obtive a partir do Diginóis e navegando pelos blogs, tenho uma relação muito mais ativa com tudo isso. Cada blog é um filtro da quantidade de informação que existe na rede, acaba fazendo esse serviço. Ao invés de você assinar jornais, você assina blogs. E vai selecionando quais os filtros que lhe interessam. Então isso tudo para mim foi muito importante, acesso a novos tipos de som, a vídeos, a design, a informações em todas essas áreas.

Mas que também pode levar você a se perder em informações aleatórias...

É, por isso a importância de filtros. Outro dia o Fausto Fawcett estava falando isso, que a internet possibilita você passar a madrugada inteira, por exemplo, no site da Ku Klux Klan, lendo tudo o que os caras escrevem. Esse é um caso extremo, mas a nossa geração tem essa coisa esquizofrênica de gostar de coisas muito díspares, e achou o seu lugar porque espaço mais esquizofrênico que a internet não existe. O que você quiser vai achar lá e se você for curioso pode ficar dias e dias naquele assunto, com um nível de profundidade inédito.

E o quarto disco, *Sem nostalgia*, qual foi o processo?

Cara, nesse disco eu bolei um esquema de parceria. São várias parcerias, cada um bota um pouquinho de dinheiro, que na verdade está diluído no seu custo fixo, e vai ganhar um pouquinho. A CDPromo entra com a distribuição e faz a prensagem. Eles distribuem nas grandes livrarias, nas megalojas, e conseguem o retorno de 50% da tiragem. Os outros 50% ficam comigo, como se fosse os *royalties* em dinheiro. Só que eu recebo em espécie, para ter na minha

mão e não acontecer como no *Parada de Lucas*. Quando acabou os meus discos eu tive que comprar na Trama a 13 reais a unidade. Ou seja, eu vou ter sempre CD para vender em shows e colocar nas pequenas lojas em cada cidade que passar. Outra parceria é com a YB, que entra com a assessoria de imprensa e com uma parada que é um dos maiores retornos do compositor, autor e dono do fonograma hoje, que é o contrato de sincronização. A YB é uma empresa ligada ao pessoal do Instituto que vende comercial para filme, para games, para séries de TV. A sincronização é um jeito de você ganhar um bom dinheiro com música de uma vez só. Porque através da execução em rádio você não terá grande retorno. É um mercado crescente, o de sincronização do audiovisual.

Esse esquema é uma forma interessante de repactuação, de se dividir os diversos trabalhos da produção de um disco em cotas de participação...

Exatamente, porque os selos hoje têm muita dificuldade, porque o retorno do investimento é muito lento. E eles cumpriam um papel, havia serviços que precisavam do trabalho deles. E dessa forma de cotas ninguém vai perder dinheiro.

Inclusive os músicos?

Não. Os músico já possuem um esquema rolando em um monte de cooperativas. A galera que trabalhou no meu disco fez de graça, como eu fiz no disco do Curumim, por exemplo. Como todo mundo hoje tem seus estúdios caseiros, tem os equipamentos todos, rola essa brodagem de cada um participar do disco dos outros sem cobrar nada. O que barateia muito o primeiro elo da cadeia, que é a gravação do disco. Até porque não é preciso mais ir para um estúdio, viajar, gastar tempo. Eu mando um arquivo por email com a música, você abre, mexe em casa, inclui a sua parte e manda de volta.

E essa disponibilidade não causa o risco de ficar remoendo o disco sem parar, e nunca acabar a mixagem final?

Cara, isso é uma coisa que tem que ficar ligado sempre. É o que a gente chama no meio musical de "ficar trocando lâmpada". Às vezes você já chegou no melhor resultado e por estar sozinho em casa de madrugada, com insônia, abre ali o arquivo e fica mexendo sem parar.

Você acha que os músicos interiorizaram o produtor nesse processo?

Na verdade essa figura do produtor é uma coisa muito confusa. Não só do produtor mas do compositor também, porque mudou. Não é mais aquela coisa fechada de antes, quando a música ia pronta. Hoje eu acredito que a composição só fica pronta quando você masterizou. E então todo mundo que participou do processo é um pouco compositor da música.

E a masterização é um perigo...

Claro, ela pode destruir tudo. Hoje em dia a textura musical é muito importante. Não é só a letra, a harmonia, o ritmo. É a mistura musical que amarra cada uma dessas coisas.

E sobre o que é esse disco novo?

O *Sem nostalgia* é o seguinte: é um disco de voz e violão e ambiente. Todo o som produzido no disco saiu do violão, ou de uma voz ou de uma ambientação. Não tem nenhum outro instrumento nele. Esse é um sonho antigo, eu tinha vontade de fazer um disco de voz e violão, porque eu sempre pensei que nesses últimos 50 anos, desde João Gilberto, esse formato não progrediu. Outros formatos, como o quarteto de cordas e o *power trio* (baixo, guitarra e bateria), sofreram mudanças na sua história. O quarteto de cordas do Mozart não é o mesmo do Beethoven, houve uma evolução. Mas no voz e violão não, a única coisa que muda é o jeito que o cara canta e o estilo de composição dele e o jeito que ele toca violão. Uma coisa que até hoje me incomoda é entrar num barzinho e ver os caras tocarem clássicos de MPB no violão. Aquilo é deprimente, é o exemplo máximo de como esse formato virou um negócio horrível, anacrônico. Então nesse disco eu tentei mexer com esse formato, e chegar a novas soluções. Cada faixa do disco é uma experiência com esse formato. Tem uma música que eu gravei cantando e tocando violão ao vivo, no Jardim Botânico no meio de noite, com vários microfones captando aleatoriamente os sons de natureza, outra que fiz com o [grupo] Do Amor, onde usamos o violão para procurar som de vários instrumentos, percussão, baixo, guitarra.

O disco é centrado em canções. E hoje em dia um tema bastante corrente é o de que a canção morreu. O Chico falou isso, o Tom Zé também...

O que eu acho sobre isso é que a canção que o Tom Zé e o Chico se referem é o tipo de canção da época deles, que é uma canção que você faz ali com voz

e violão e está pronta. Não importa que instrumento você colocar depois, vai respeitar a estrutura da composição. E isso realmente já se encontra em outro estágio. A canção hoje já lida com outras coisas, com texturas, com várias máquinas, com todo esse processo. Hoje em dia tem muito mais máquinas para você fazer música, e é claro que isso vai mudar as composições. A canção não acabou, ela está apenas se transmutando.

Essa questão da sincronização, que você citou antes, muda também o tipo de relação com o mercado de música. Agora não é restringir o acesso, mas disponibilizá-lo para que se torne conhecido e possa ser adotado de outras maneiras, que pode trazer retorno financeiro. Não se pensa mais em ganhar dinheiro com discos...

Exatamente. Agora se permite que outros caminhos façam aquela canção ficar conhecida. E cada vez mais a canção precisa se defender sozinha, ela não depende do contexto do álbum como antigamente. Essas coisas todas estão mudando. Isso tudo é muito importante para a formação de um público. Não dá para querer retorno direto. Tem muita gente que acha que o *Three sessions* é o meu primeiro disco, porque só teve acesso à minha obra pela rede. Foi só na rede que a minha obra começou a chegar a um público mais amplo.

Você pensa em disponibilizar os discos anteriores?

Eu botei para ouvir, mas não para baixar. Eu estou trabalhando com um amigo naquele esquema de vender um cartão com um link onde você pode baixar uma vez o disco. Então eu vou fazer em setembro uma turnê pelo nordeste e vou vender o disco por um real.

O seu disco se chama *Sem nostalgia*. Não há um diálogo implícito com outros dois discos recentes da música brasileira, que é o *Futura* do Nação Zumbi e o *Futurismo* do Kassin? Não é um diálogo musical, mas de títulos, dessa proposta de olhar para frente...

Totalmente. Um papo que sempre rola na nossa geração é o famoso "tirar o ranço", esse ranço MPB. Porque as possibilidades que a gente tem hoje são tantas para produzir música, são tantas ferramentas, novos públicos, novas maneiras de acessar música, que não faz sentido ficar reproduzindo formatos. Sejam eles musicais, empresariais, profissionais. Então acho que a nossa geração está evoluindo para uma forma mais honesta de trabalho, também.

É uma geração com menos estrelas e mais parceiros...

Com certeza. E o fundamental é que neguinho curte som. Neguinho se encontra e sai logo trocando MP3, conversando sobre instrumentos. E isso é do caralho.

E você acha que essa relação aberta da sua geração com a música, de incluir influências externas como o dub e o drum'n'bass, mudou a forma que a música brasileira é consumida no exterior? Porque antes era consumida num viés da world music...

Eu acho que esta galera está com a internet na mente, e se perdeu um pouco do que se chama de *delay*. Não existe mais *delay*, nem mundialmente nem interno, graças a Deus. Hoje em dia você vai numa festa em Salvador e está tocando a mesma coisa que em São Paulo, porque os caras baixaram do mesmo blog lá fora. Isso é do caralho, porque na minha adolescência a informação que chegava era via Rede Globo, a gente assistia novela porque não tinha o que fazer, não tinha festa de nada. Hoje em dia a gente tem acesso a muita informação, a informação rola em tempo real, o que está se fazendo aqui tem tudo a ver com o que se está fazendo em qualquer lugar do mundo. E também por isso não adianta mais vir com uma capa de jornal dizendo que tal banda é foda, se neguinho ouvir e achar que é uma merda, não vai comprar pilha errada. O jornal perdeu esse poder. Agora, sobre isso da música brasileira ser vista como *world music*, eu acho que já havia mudado desde a época do meu primeiro disco. Eu lembro que saiu uma matéria no *New York Times*, junto com a Björk e o Radiohead, que eu nem conhecia na época, e eles consideravam meu som da mesma forma do deles, sem me classificar por ser brasileiro...

Você falou que as pessoas de sua geração curtem música, mas eu vejo o outro lado da história, de que essa relação que existiu no Brasil entre música e poesia, desde o Vinicius com a Bossa Nova, passando por Torquato, Capinam, Waly Salomão, Bernardo Vilhena, vai a partir dos anos 1990 se esgarçando. Você não acha que rolou uma desatenção da música com as outras áreas?

Eu acho que essa desatenção rolou sim, não só com a poesia mas com tudo. Antigamente tinha uma intersecção entre artes plásticas e música, música e cinema, como o Chico fazer as trilhas do Cacá Diegues. Todas essas relações eram mais fortes, e foram se esgotando.

A internet não trouxe uma retomada disso?

Cara, por enquanto eu acho que mais no sentido de você acessar essas informações do que de se ter uma real interação. E eu acho isso grave. Meus amigos músicos não vão para exposições, eu mesmo não ia até dez anos atrás. Quem me puxou para esse universo foi a Anna, a minha mulher. E tem tudo a ver com o que estamos fazendo em música, até mais agora com toda a questão da tecnologia... mas tem outro lado. Você falou dos poetas, e outro dia conversando com o Nelson Meireles, do Digital Dub, que é um caráter 100%, ele me perguntou "cadê o Bob Dylan do funk?" E eu falei "Que porra de Bob Dylan do funk?" Isso ainda é uma cabeça dos anos 70. O tipo de elaboração que esse pessoal vai ter não é o mesmo da gente que tem uma tradição literária. A elaboração que o cara vai fazer é do caralho, mas é dentro do universo intelectual da vida dele.

Tudo bem, mas nós temos compositores de um universo intelectual letrado, da Zona Sul carioca, e que também está afastado da relação com os poetas...

Isso aí pode-se dizer que se perdeu ou que se transmutou. Hoje em dia você vai no show do Curumim e você não vai procurar ali uma letra do caralho, porque aquilo ali é outra coisa. A letra lá não é um suporte, faz parte da música. As letras são excelentes, mas você não vai procurar lá poesia, não vai procurar o Chico Buarque letrista... e entra também a questão da sinceridade, que hoje é uma coisa muito importante atualmente. Se você ouvir o disco da Céu, ela fala "Nabubuia eu vou...", não tem nenhuma poesia ali, mas é um estado da vida dela que está cantando, uma parada que ela está vivendo. Ela é de classe média em São Paulo e está falando aquela gíria dos amigos dela, uma piada interna. Mas aquilo é uma frase sincera, ela está descrevendo ali um grupo. Essa questão da sinceridade eu acho muito importante, muito presente.

E essa sinceridade se esgarça quando a coisa vira emprego...

Sim. Daí vira outro esquema. Foi o que aconteceu com algumas bandas do rock dos anos 1980, que eram sinceras mas depois se perderam. O Los Hermanos é um exemplo de que isso mudou, de que somos outra geração. Os caras acabaram no auge, porque sentiram que aquilo não estava mais fazendo sentido para eles. E foram dar um tempo, fazer os seus trabalhos individuais, as suas buscas. O que é muito mais sincero...

Agora tem uma questão na sua biografia que é simbólica, que você começou a gravar muito mais tarde que a geração do Caetano e do Chico, e também que fez muito menos discos. Eles faziam discos todo ano, ou ano sim ano não, e agora os discos saem a cada três anos pelo menos.

Cara, tem uma coisa importante sobre isso. Tirando o talento desses caras, que é inegável e absurdo, eles tinham uma gravadora com um estúdio e que falava: "nos próximos dois meses o estúdio é seu, chama quem você quiser para gravar que a gente paga". Pô, o cara vai lá, pode experimentar o que quiser. Os caras tiveram tempo para isso, tiveram grana, as gravadoras pagavam jabá para as músicas deles ficarem conhecidas. Então para eles foi muito mais fácil construir uma história, tiveram outra oportunidade. Isso é independente dos talentos deles, não estou justificando uma coisa pela outra.

E também o esquema deles serem a geração dos festivais.

Dos festivais, do *baby boom*, que foi uma geração do pós-guerra com um monte de jovens com um certo poder aquisitivo, com um certo consumo pop. Isso tudo aliado a uma Universidade que funcionava e que era de esquerda. A coisa intelectual era muito valorizada . É aquela frase do Sartre, "o Brasil é um país de esquerda". Era esse o ambiente do país antes da ditadura, em que uma conjunção permitiu que os caras surgissem.

E o rock dos anos 1980?

Aquele foi outro lance, muito marcado pelo *delay*. O rock 1980 era um bando de filhos de caras ricos, Brasília, embaixador. Ou seja, os caras tinham acesso a uma informação que nem todo mundo tinha, então pode trazer as tendências antes.

Tanto que quando a informação chegou para o grande público, essa foi a cultura da crítica da revista Bizz, isto é, apontar nas bandas nacionais as influências externas. "Ah, Legião Urbana é Smiths, Paralamas é Police...". O que também foi interessante, porque abriu espaço para outros gêneros. E no fim, por mais que tivessem bases em bandas estrangeiras, eram músicos brasileiros fazendo música brasileira...

Pode crer. E com a irreverência de não ter aquela responsabilidade de fazer um grande retrato cultural. Aquilo que o Tom Zé diz, "complexo de épico". As bandas eram mais extrovertidas. E estavam cortando o cordão umbi-

lical com a MPB, o que foi muito importante. Isso tudo com as gravadoras entrando com um monte de grana. Era hilário, muito dinheiro rolando, muito jabá, muito tudo. Neguinho chegava e dizia que queria gravar um disco, a gravadora falava "ah, legal, parece com os Paralamas, toma aí 300 mil..." A nossa geração pegou o limbo do limbo. A gente não tem mais gravadora, não tem mais nada. O único caminho é a independência.

Mas hoje também estão se construindo todas essas novas formas de acesso...

É verdade. Eu fui com o meu pai para Irará, que é a cidade natal dele, e lá havia três *lan houses* numa cidade que tem apenas duas ruas. E elas estavam o dia inteiro lotadas de jovens entre 15 e 25 anos. Essa é a realidade do Brasil inteiro. E esse pessoal passa o dia inteiro navegando na internet. E a questão é se um dia esse pessoal vai chegar ao *Urbe*, ao *Atual*, a nós. A possibilidade deles chegarem é enorme, porque o grande lance da internet é se linkar, e isso acontece o tempo inteiro no *Facebook*, no *Orkut*, tem sempre alguém te dando link para você ver alguma coisa. É como se tivesse várias portas para chegar no mesmo lugar. E quando ele chegar as coisas realmente vão mudar. Porque daí será o grande salto, daí babau.

E eles vão entender? Porque uma coisa da internet, dos blogs, é que eles não são muito didáticos, eles trabalham com um tipo de linguagem para os pares...

Isso é uma coisa que eu converso com jornalistas, com blogueiros. Eu tenho essa preocupação. Porque muitas vezes está num blog "...o *dubstep*..." e continua o texto. Porra, ninguém sabe o que é *dubstep*. Então põe uma explicação entre parênteses ou um link daquilo. Porque senão acaba afastando leitores menos informados, fica uma coisa de elite. Por outro lado, um amigo meu estava defendendo que se você fica justificando muito o que é tal coisa, fica parecendo que você está com medo de dar a sua opinião, de mostrar a cara. E que os moleques irão atrás de entender porque eles querem estar por dentro do que está acontecendo, experimentar o *frisson* de estar na onda. Se você ficar por demais didático pode também afastar esse público. É uma questão.

E a informação está na internet mesmo, é só dar uma busca...

É, a internet já traz a resposta. E isso é muito interessante. Eu tenho um enteado de 20 anos. Ele só ouvia Offspring e as outras bandas que estavam na

MTV, bandas do momento, aquele papo vendido. Ele ia na loja com a mesada, comprava o disco, escutava pra caralho, tomava aquilo como uma verdade. Ele e todos os amigos dele, porque era o mesmo canal. E quando ele começou a se conectar na internet, o conhecimento musical dele explodiu. Ele chegou ao Tom Jobim, ao Dilermando Reis. Apareceu toda uma liberdade de escolha, e ele se fortaleceu com isso. Essa nova geração está se formando assim, e de uma forma muito mais crítica. Agora, quando há uma informação errada, eles têm muito mais possibilidade de percebê-la, não caem tão fácil. Isso é um ganho, você levanta mil possibilidades novas. E a gente está no olho do furacão, não sabe o que vai rolar. Eu dou graças a Deus de viver nessa época, não tenho nenhuma nostalgia da parada dos anos 1960.

comunicação digital /

Um homem que tem algo para dizer e não encontra ouvinte está em má situação. Mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer.
Bertold Brecht, 1927

O que estava implícito em 1968 talvez esteja sendo realizado pela internet. É a capacidade das pessoas atuarem por si, a imensa liberdade que a internet dá e os processos de comunicação e interações que ela produz. Acho que nós estamos caminhando para a anarquia, tanto do ponto de vista pessoal quanto social, rapidamente. E isso não é mau.
Fernando Gabeira, 2003

Tudo é número, o amor é o conhecimento do número e nada é infinito. Ou seja: será que ele cabe aqui no espaço beijo da fome? Não. Ele é o que existe, mais o que falta.
Rogério Duarte, 1968

internet
mundo
comunicação
espaço
digital
acesso
pessoas
público
tecnologia
vida
vai
vão
pode
ser
tempo
todos
ver
televisão
revolução
porque
radio
coisas
coisa
dá
dizer
gente
Estado
existe
informação
Então
Brasil
cada
assim
capital
capitalismo
ainda
dessa
concentração
diferenciação
dia
-desse
emissoras
computador
Habermas
esfera
hoje
memória
Grande
jeito
lugar
mesma
Irmão
nacional
fazer
menos
processos
outro
possível
posto
regulação
qualquer
sociedade
pessoa
tudo
sabe
técnica
precisa
todo
Tudo
tecnologias
serviço
vez
tipo
risco
verdade
sendo
social
rede
torno
setor
pública
pensar
questão
ter
sempre
outros
rádios
situação
quais
pouco
revoluções
tendência
própria
poder
plano
lembrar
nível
outras
novo
outra
operar
organização
lógica
abrados
Hoje
fala
feito
maquinas
personalização
idéia
Irmão
dentro
forma
falando
papel
milhões
internacionais
dizer
função
computador
disso
conceito
efetivamente
emissora
enquanto
estações
assuntos
acontecer
desde
alguma
acessar
acho
comum
bem
antes
civil
alguem
vem
vertical
vamos
visibilidade
sistema
sem
outros

Eugênio Bucci
jornalista

Vamos começar falando um pouco sobre como é que você enxerga a entrada do digital na comunicação e na cultura?

Enxergo isso como todo mundo enxerga. O grande desafio é ver como essas tecnologias nos veem. Cada dia mais nós somos contemplados. O Merleau-Ponty falava que "nós somos seres olhados no espetáculo do mundo." Hoje, quem nos olha são as máquinas, e cada dia mais eu nos vejo sendo olhados, escrutinados, olhados por dentro. É interessante pensar. Quando você vai num laboratório de exame médico, tem aqueles raio-x, endoscopia... Isso tudo vai para a rede. Virtualmente, é possível a pessoa acessar toda a sua intimidade, inclusive física. Tudo isso está sendo olhado pela tecnologia. Isso é muito novo, e precisa ser pensado. De resto, existe esse entusiasmo de que eu compartilho. O acesso a muitas bibliotecas, com textos integrais. A gente pode delegar a nossa memória para as máquinas, o que é uma coisa fantástica. Heródoto provavelmente escreveu a sua obra de memória. Ele tinha que lembrar o que conversava, histórias que ouvia e depois anotava. Tinha uma memória prodigiosa. Hoje a gente não sabe o número do telefone do próprio irmão. Então as máquinas também vão ocupando a nossa função de memória. Tudo isso, claro, facilita e, ao mesmo tempo, cria outras necessidades.

Dá para a gente chamar isso de revolução?

Sim. Desde 1848, quando Marx e Engels escreveram que o capitalismo não sabe existir sem se revolucionar a cada segundo, a cada dia, a gente vem vivendo revoluções atrás de revoluções. A revolução é um mito burguês e entra para a mística do proletariado quando começam a falar que vão fazer revolução definitiva, uma revolução que teria uma materialidade, enquanto a burguesa teria apenas retórica. Mas é uma revolução ou uma sucessão de revoluções? Nesse tempo de presente expandido, vivemos a hipertrofia da valorização ideológica do presente. Dizemos que nós somos o ponto de chegada da evolução das espécies, porque já não dava mais para dizer que somos o centro do sistema solar. Agora está havendo uma revolução equiparável a revolução de Gutenberg. A estrada de ferro foi uma revolução frente às carruagens. E tudo é uma revolução. Hoje, existe uma ebulição utópica em torno da internet e em torno das novas tecnologias digitais, como se elas trouxessem a igualdade, a voz para todos. Não é assim que as coisas estão se estruturando. Não vejo em que isso vá se diferenciar das outras inovações, como a televisão e o cinema. É muito mais interessante ver a linha de continuidade que existe do que hiper valorizar a ruptura. É muito perigoso cairmos naquela conversa: "A indústria fonográfica nunca mais será a mesma. A comunicação entre as pessoas nunca mais será a mesma". É verdade, nós estamos no limite da explosão das próprias frequências eletromagnéticas. Todas as emissoras de rádio e de televisão vão dispor de um espaço ilimitado, vão caber quantas emissoras as pessoas quiserem fazer numa cidade e já é possível sintonizar a televisão pelo computador. Tudo isso é verdade e pode ser dito que estamos em um momento de intensa transformação. Mas não necessariamente essa tecnologia trará mais democratização, mais acesso ao poder, inclusão. Isso não está embutido no DNA da tecnologia.

E quais as coisas que serão necessárias para levar a isso?

A tecnologia, por si, traz também mais diferenciação. Por exemplo, não é verdade que uma pessoa que tem acesso a um computador num quiosque na esquina já seja um incluído digital. Chegar até o computador, aprender alguns procedimentos para acessar um e-mail, para acessar um site, não é uma inclusão digital. O grau de acesso e influência que você pode exercer na rede, depende do seu repertório dentro desse arsenal, em que nível você opera todos esses programas, que grau de alcance a sua máquina, o seu protocolo lhe dá.

Dá para fazer um paralelo com a alfabetização funcional?

Sim. Mas é um paralelo complexo, porque temos um país todo de pessoas alfabetizadas e os analfabetos funcionais são muitos. Ou seja, é uma pessoa que lê, mas não compreende o que lê. É um outro nível de analfabetismo. Tem alguém que entra no computador, que acessa o e-mail, mas ainda é excluído de uma série de vantagens as quais não tem acesso. Se você pensa no mundo integrado pela televisão, efetivamente uma pessoa que tivesse uma televisão dentro da sala, pudesse mudar de três, quatro canais, era alguém que estava incluído no universo da comunicação. Na internet não é assim.

Existe uma velha ideia da substituição que sempre volta e sempre perturba.

É uma ideia complexa, porque não se sabe se as pessoas vão ouvir menos rádio, ou ver menos TV por causa da internet. O acesso que será por outros caminhos. O que pode acontecer é uma personalização dessas coisas. Aliás, eu tenho visto que a imagem exerce um peso muito grande na internet e em todas as formas de comunicação digital. O texto ocupa um lugar central, a fala ocupa um lugar central, mas a imagem não perdeu a sua primazia. Podemos ver isso nos games ou mesmo nos ícones.

Porque na realidade é uma incapacidade de se subverter essa linguagem. A internet está submissa a uma linguagem anterior?

Em certo sentido é isso, mas não só. Inclusão digital e exclusão digital não se referem a dois universos separados por uma linha fina. Tem milhões de níveis de diferenciação dentro do universo das pessoas que efetivamente usam a internet, que é muito diferente de quando nós tínhamos uma comunicação centrada na televisão ou no rádio, porque todos partilhavam do mesmo conteúdo mais ou menos da mesma forma e ao mesmo tempo. Na internet os níveis são virtualmente infinitos, então você pode ter acesso à internet uma hora por dia, mas você é um excluído digital perante outro, que às vezes usa a mesma uma hora por dia, mas usa com um poder de recolhimento de informação, de difusão de informação, de uso muito maior. Isso ajuda a compreender muito o que está se passando. Essa mesma tecnologia que veio para permitir que mais pessoas tivessem acesso ao espaço público estabeleceu também uma diferenciação vertical que antes não estava posta.

Como é que se dá essa diferenciação vertical?

Nós olhamos para o mundo da internet como se ele fosse um plano. Olhado no plano, todos estão aparentemente falando e se comunicando. Mas, além do plano, existe uma outra dimensão, que é essa diferenciação vertical. Como é que ela se estabelece? Em primeiro lugar, pelo grau de tecnologia que você pode manusear, depois pela familiaridade com que você tem acesso a milhões de dispositivos. Como você comanda os programas, além de ser comandado por eles? Depois, como a concentração de capital propicia que alguns agrupamentos tenham mais destaque na difusão da informação e na administração dos grandes nós dessa rede. É claro que aí você tem grupos que fazem fortunas pela genialidade, ou pelo achado ou pelo senso de oportunidade, como sempre existiu no capitalismo. Mas, para você ter um acesso privilegiado ao mundo digital, você precisa contar com essas coisas: mais tecnologia e mais poder de mobilização. Então eu não acredito, olhando para frente, que nós entraremos num mundo de uma espécie de utopia socialista digital. Acho que isso não revoga as leis do capitalismo, a internet turbina os processos pelos quais o capitalismo vai operar. E se vai operar, vai operar pela diferenciação.

Você acredita que os processos colaborativos podem operar uma transformação no processo cultural, comunicacional, e aí também no espaço público?

Está ocorrendo uma oxigenação desses processos. Existe uma tendência de remoção de barreiras antigas. Certas associações hoje são mais fáceis – e isso são vantagens que vieram com a era digital. Mas não quer dizer que vá fazer com que a lógica solidária ou colaborativa suplante a lógica acumulativa. O valor econômico vai aparecer em algumas atividades, e a elas as pessoas vão recorrer. A remuneração em algum nível pelo trabalho autoral vai reencontrar o seu lugar – talvez em outras bases, talvez em outra escala, mas vai reencontrar. E mesmo no software livre (o que, aliás, já acontece). O software é livre, mas alguma coisa ali tem um preço que precisa ser pago (por manutenção, atualização ou essa coisa que se fala de personalização). Então a lógica da remuneração do capital vai prevalecer e seguir o curso que as coisas vêm seguindo. O que eu quero dizer é: não é a tecnologia que muda a sociedade. Nunca foi. A sociedade, ou os movimentos sociais ou as relações sociais, é o que dão sentido social e histórico para a tecnologia, e não o contrário. Você pode falar de uma razão da técnica, e existe muito

sentido nisso. Podemos até dizer que a técnica é uma língua (tudo com certas relativizações), mas a técnica por si estabelece mais diferenças, mais concentração e vira o modo próprio que se identifica profundamente com a natureza do capital, e não com uma natureza solidária ou o que quer que se queira. A tecnologia, se solta à sua dinâmica, produz mais tecnologia, empregando os humanos para a sua reprodução. Ora, o que está na tecnologia senão a concentração de uma relação social? Uma relação social que parece prescindir do ser humano, embora viva dele. Por isso que eu comecei dizendo que nós precisamos nos preocupar um pouco não em como nós vemos a era digital, mas como ela nos vê. Porque nós estamos atravessados de olhares eletrônicos. Eu tenho insistido nisso. O *Grande Irmão* existe, o *Grande Irmão* foi inventado, é um personagem do nosso tempo, só que não é aquele *Grande Irmão* do George Orwell, posto por um regime totalitário, naqueles moldes, e funcionando a favor da vigilância do Estado contra a sociedade. Ele é um *Grande Irmão* difuso, que se compões dos múltiplos celulares, das múltiplas câmeras...

"Um Estado policial em pleno funcionamento não precisa de polícia", dizia o William Burroughs.

É. Você sabe que isso separa o autoritarismo do totalitarismo. O autoritarismo precisa do agente policial para vigiar a todos. O totalitarismo consegue converter todos em agentes policiais – e essa passagem é muito traumática, muito difícil. Nós temos experiência disso na história. O *Grande Irmão* difuso não é o que o Guy Debord enxergou, e não está a serviço de um regime político, mas nós somos vigiados o tempo todo. Por quem? Por todos. A serviço do quê? Não se sabe bem. Você é rastreado o tempo todo. Pode ser que o resultado desse rastreamento nunca se ponha a serviço de alguma coisa, mas efetivamente você é rastreado o tempo todo. Um pouco por isso que eu acho que os criminosos exercem tanto fascínio no cinema francês, porque os criminosos acabam sendo as únicas pessoas livres, são os únicos que, se deixados soltos, não terão endereço certo e sabido. E nós somos localizáveis cada vez mais, a qualquer instante. O que você pensa, o que eu produzo, o que eu mando para o jornal para ser publicado, o que o leitor me contesta. Tudo isso está em algum lugar. Não sei se é bom ou se é ruim, mas isso se refere à aquela questão: como é que a tecnologia vê a gente? Então é disso que eu estou falando quando eu falo na razão da técnica, na tirania da

técnica. A tecnologia por si ela não muda coisa alguma, ela espelha ou cristaliza tensões que estavam postas.

E COMO SE DÁ A INFORMAÇÃO COMUM E O ESPAÇO PÚBLICO PARA ESSA INFORMAÇÃO CIRCULAR?

Houve uma mundialização do espaço público, já se falou em sociedade civil mundializada. Efetivamente existe uma comunicação que expandiu o espaço público antes nacional para um espaço público cada vez mais internacional, e cada vez mais as questões são de âmbito mundial. A crise do sistema financeiro internacional só tem solução à luz de regulamentações de âmbito supranacional. Os jogadores de futebol no Brasil vão trabalhar no mercado europeu e jogam nos times europeus. Qual a diferença de você morar em Brasília e torcer para o Flamengo e morar no Rio de Janeiro e torcer para o Milan? Essas marcas vão se mundializando. Essa internacionalização é um fenômeno que ia se dando desde antes da internet, existia essa intuição. O estabelecimento desse patamar de comunicação, ainda que precário, era necessário como premissa para que temas comuns se desenvolvessem. Um tema comum exemplar é a questão ambiental, a questão ecológica.

Na década de 1960, Edward Lorenz chocou o mundo com a ideia do "efeito borboleta", dentro da Teoria do Caos, que dizia que o bater de asas de uma borboleta no Pacífico Sul provoca um tufão no outro lado do mundo. Hoje isso é a coisa mais óbvia do mundo. Todo mundo percebe isso porque existe esse patamar comum em que a comunicação se dá. Então hoje é possível tematizar assuntos que englobam a todos. Isso tem a ver com o surgimento desse espaço público mundializado, ou da sociedade civil global, ou, enfim, disso que antecipa tendência da organização dos próprios Estados, que terão de se amoldar, com relativização da soberania nacional a um mundo em que as fronteiras cada vez menos são impeditivas para a circulação.

O ESPAÇO PÚBLICO É INTERNACIONALIZADO, AS TECNOLOGIAS PERMITEM QUE O ACESSO SEJA MÚLTIPLO, MAS O ESTADO-NAÇÃO AINDA, NOS SEUS APARATOS REGULATÓRIOS, É INCAPAZ DE DAR CONTA DESSA MOVIMENTAÇÃO...

Não dá para explodir o Estado, mas vai acontecer uma relativização da ideia de soberania nacional. Isso vem desde os anos 1920, quando começa a ser discutida a possibilidade de criação de organismos internacionais, de direitos internacionais. A Europa depois acaba construindo um país mais ou menos único, e existe uma tendência de aglutinação de blocos regionais.

Dentro dessa pulverização da comunicação, como viabilizar economicamente os meios de comunicação?

É aí que vem a pergunta: "Ora, se eu faço uma rádio que só uma pessoa escuta, qual a viabilidade econômica dessa rádio?" Ela pode ser uma diversão, um álbum de família, mas vai ser uma emissora de rádio? Para isso, falta uma distância imensa. Não será uma emissora de rádio enquanto não despertar mobilização do público, enquanto não se candidatar a fazer parte daquilo que é o repertório comum. Sem coisa de larga abrangência, de largo alcance, você não tem espaço comum. Essas concentrações de audiência são uma necessidade estrutural, porque senão tudo se pulveriza. Com a internet, poderão existir milhões de emissoras no ar, 24 horas por dia, e você sintonizar essas emissoras pela tecnologia digital, sem passar por onda eletromagnética. Então não é que isso se torna um bem menos escasso, isso deixa de ser um bem, porque vira uma possibilidade infinita, abundante.

Essa estrutura de poder se repete...

Claro. Vamos lembrar: as formas de transmissão não são mais limitadas. Vamos lembrar que um tempo atrás a própria escrita era guardada pela igreja, depois ela começa a ser mais distribuída, até se tornar público. Não era qualquer um que publicava qualquer livro, a qualquer momento. E hoje isso é possível. Se você não vai publicar um livro pela editora, você pode publicá-lo pela internet. Se você não vai ter um videoclip gravado por uma gravadora, você pode colocá-lo na internet. Isso cria os fenômenos instantâneos que a gente tem visto. Então é um pouco disso que eu estou falando. A televisão e o rádio, num período muito próximo, não vão mais depender desse tipo de tecnologia para o público que tiver acesso a esse tipo de serviço na rede. Não obstante, eu acho que emissoras de rádio, pelos padrões convencionais, e de televisão abertas, vão prosseguir ainda por muito tempo. Elas cumprem uma função insubstituível. Na Amazônia até hoje as pessoas mandam recados para a mãe dizendo que vão chegar no porto amanhã por uma emissora de rádio de ondas curtas. Isso é tudo um resíduo do passado, mas que ainda está presente, que ainda funciona.

Mas que podem desaparecer...

Os constrangimentos tecnológicos que existem hoje e que se põem como bens escassos vão parar de se por dessa forma. Você vai poder produzir con-

teúdos e assistir a espetáculos, a discursos, a seminários por múltiplos caminhos. Mas isso é mais ou menos banal. Isso a gente já sabe. A questão é se isso produzirá, por sua vez, outro tipo de hierarquização. É transitória essa situação em que a gente acha que todo mundo pode escrever da mesma forma na Wikipédia, e a própria Wikipédia já se adequa a isso mais ou menos. É transitória a situação de se achar que qualquer um faz arte do mesmo jeito, que qualquer um tem autoridade natural sobre um assunto do mesmo jeito. Passado esse deslumbramento, as coisas voltarão a ter um outro tipo de organização aparentemente natural. E nessa organização irá incidir a nova forma de concentração de capital e a acumulação vai acontecer outra vez.

Até hoje, os grandes sucessos na internet na cultura foram os lugares que disponibilizaram espaço para a produção. Depois desse primeiro boom, do espaço, pode ocorrer o segundo boom, que é do tempo: filtros e serviços que permitam que você economize tempo para encontrar a informação que nos interessa.

Isso é uma necessidade estrutural também. É por isso que pode haver um papel muito relevante para o jornalismo no próximo período, porque é necessário que alguém, com um mínimo de credibilidade perante um determinado público, faça a hierarquização das informações, uma edição mínima, porque efetivamente as pessoas não vão ter tempo de fazer as edições por conta própria.

A personalização exige trabalho e tempo...

O tempo se torna mais escasso, quanto mais o espaço se amplia. Eu não gosto da ideia de filtragem porque ela pode dar uma leitura de censura, mas essa função será importante e muito valorizada. O risco que está posto, que a tecnologia não resolve, é que essa mediação, essa edição, essa hierarquização das informações não seja feita pelos operadores de credibilidade comprometidos com um ou outro interesse, com uma ou com outra finalidade estratégica, comercial ou política. Esse é o risco.

Não seria isso como está posto hoje já, sem a internet?

Está. Nós estamos vendo emissoras de rádio e jornais assim. Eu não respondi uma coisa sua sobre o papel do Estado de regulamentar as frequências e tudo. O Brasil vem acordando para o papel que o Estado precisa desempenhar aí, que tem a ver com universalização de acesso, com capacitação, com

educação num ambiente das chamadas novas mídias. Existe um atraso crônico no Brasil, que é a regulação do setor da mídia – e quando eu falo no setor da mídia, eu estou envolvendo a imprensa dos jornais, das redes de TV e também as chamadas novas mídias. O Brasil, estamos muito atrasados, porque nós não disciplinamos sequer a propriedade cruzada dos meios de comunicação, a concentração de propriedade, a concentração de audiência. E a finalidade dessa regulação é assegurar diversidade e pluralidade no debate público e, de outro lado, assegurar uma competição justa entre as empresas que exploram economicamente essas atividades. Nós corremos o risco de levar essas deformações para a era digital, quase como se nós falássemos de um coronelismo digital. Não é um exagero pensar isso. Isso poderá acontecer, e aí o papel do Estado é estabelecer regulação democrática para este setor.

E não há o problema dessa regulação agora precisar ser transnacional?

As experiências das rádios livres na Europa, nos anos 1970, eram muito interessantes, por que como elas faziam? Os caras iam de navios, paravam fora do mar territorial daquele país e transmitiam para aquele país. Eles estavam, teoricamente, com a sua emissora fora do território nacional, mas a sua transmissão entrava no território nacional. Conflitos internacionais que envolviam disputa de convencimento do público também passaram por aí, com rádios que tentavam interferir em outros países. A Voz da América, rádios americanas hoje que vão para Cuba, a ditadura militar, que no Brasil falava que precisava fechar as fronteiras para as rádios subversivas do mundo comunista que chegavam no Brasil. Isso tudo punha em xeque a regulação nacional. Agora nós estamos vivendo uma situação em que a regulação está sendo posta em xeque, vamos dizer assim, de um jeito positivo, de um jeito que desafia a invenção e busca um horizonte de compartilhamento colaborativo, num plano de entendimento, ao invés de um plano de conflito.

Tem uma ideia, que eu acho essencial para a compreensão desse debate é que se fala muito de esfera pública, e que é um conceito que foi muito difundido por Habermas, como se sabe, mas a internet não dá a ver tanto o que o Habermas chama de esfera pública, ela dá a ver muito mais a uma outra categoria de Habermas, que é o mundo da vida. O mundo da vida está posto desde antes de se pensar a internet. É o lugar em que as coisas acontecem, em que as pessoas se entendem, onde se tecem os sentidos – o mundo feito das coisas mais ou menos naturais, dos repertórios não-problemáticos. Esse mun-

do da vida é que ganhou visibilidade com a internet. O conceito de esfera pública, de opinião pública, de esfera privada, de sociedade civil, todos eles estão conectados, na concepção do Habermas, ao mundo da vida. Todos eles são projeções do mundo da vida, se abastecem do mundo da vida e o reabastecem em retorno. Mas as esferas públicas e os espaços públicos são constituídos dos repertórios comuns e de uma comunicação entre pessoas que guardam uma identidade entre si, em torno de assuntos que dizem respeito a elas. Mais classicamente, a gente poderia até dizer: a esfera pública se caracteriza por uma comunicação em torno de assuntos de interesse público. Isso é uma maneira bem restritiva de olhar o conceito, mas é válida. O mundo da vida não precisa passar por aí, obrigatoriamente, embora ele aflua para as esferas públicas. O mundo da vida pode se ocupar da criação de canário, dos filmes alemães da década de 1950, pode ser feito das pessoas que querem fazer a peregrinação de Santiago de Compostela. Tudo isso está acontecendo aí.

Mas ao interconectar o mundo da vida você cria espaços mundializados de ação.

Sim. Você modifica o espaço público por decorrência. E não dá para dizer que a internet se refere apenas ao mundo da vida. Não. A internet também está, para usar a mesma terminologia, no subsistema do Estado. Nós, no Brasil, já votamos em computadores. O movimento dos bancos, o capital financeiro é todo feito por internet. Isso tudo não está só no mundo da vida. O que mais fascina as pessoas que pensam e que olham para a tecnologia é essa efervescência de tantas coisas diferentes, tantas pessoas falando ao mesmo tempo, manifestando-se. Ora, isso é, por definição, o mundo da vida. É como se elas estivessem vendo o mundo dos outros, além dos delas próprios. É como se o mundo da vida, que é repartido em muitos muros, e tudo, tivesse explodido os seus muros e se tornado visível para todo mundo ao mesmo tempo. Isso é o que mais fascina e o que nos faz ter a ilusão de que a internet é uma forma de comunicação igualitária. Ela deu visibilidade para processos que estavam aí e que passaram a ser interconectados, mas ela não inventou esses processos. Ela dá visibilidade e permite que eles afluam mais rapidamente para uma projeção para possíveis espaços públicos. Essa noção é importante para que a gente não caia no deslumbramento de que é um outro espaço público. Não é bem assim, o que houve foi uma complexificação desse espaço. Não houve uma refundação da humanidade ou das comunicações. Aliás, as tecnologias digitais e a internet não devem ser vistas pelo paradigma

dos meios de comunicação. Internet não é um meio de comunicação. Se ela pode ser análoga a qualquer coisa, ela é mais análoga à luz elétrica. A internet é uma conexão que produz um novo espaço ou propicia um novo espaço, desenvolve uma série de atividades que são muito maiores do que aquelas, e muito mais numerosas e variadas do que aquelas que nós normalmente chamamos de comunicação.

acho
gente
Então
cultura
coisas
cada
ferramentas
fazer
existe
digital
internet
lado
mundo
pessoas
mim
outro
porque
meio
meios
forma
ser
sentido
vez
vista
todo
ponto
questões
questão
ter
tudo
uso
verdade
trabalho
sites
projeto
produção
possibilidades
Overmundo
raciocínio
interfaces
interface
pensar
exemplo
fato
diria
grande
estrutura
digigamos
campo
complexidade
conseguir
comunicação
encontro
designer
desenvolvimento
efetivamente
disso
discussão
Google
importante
fundamental
qualidade
manera
maneira
Brasil
acesso
aí
bem
ainda
atividade
conseguiu
bastante
coisa
capacidade
algumas
considerar
dessas
comunidades
cultural
criação
desses
dados
daquilo
desenho
diferente
dizer
divulgação
fazem
faz
contribuição
entender
digitais
falando
fundo
formas
existem
hoje
ferramenta
homem
melhor
movimento
experiência
parte
nova
idéia
nesse
pode
quando
Porque
mercado
sendo
informação
práticas
próprio
relevantes
quais
produtos
real
registro
realmente
realidade
relação
totalmente
vê
vão
uso
tempo
talvez
vai
sobretudo
alguns
criar
arquitetura
conseguem
aqui
acontecer
brasileira
dar
códigos
codigo
dois
dentro
desse
fundo
grandes
exemplos
outros
menos
essas

André Stolarski

designer gráfico

Como você vê o impacto do digital na cultura?

Para falar da influência do digital na cultura, eu prefiro fazer duas perguntas imediatamente depois dessa, que são "o que é digital?" e "o que é cultura?". Sabendo mais ou menos o que são esses dois termos, acho que dá para tentar imaginar melhor qual é o assunto que a gente está tratando. Se a gente está falando do campo da produção cultural, ou do mercado cultural ou das industrias criativas (e por isso a gente está se referindo ao termo cultura), e se a gente está, por outro lado, falando da criação de redes que usam meios digitais (através da internet ou de outros meios de comunicação) e do uso de interfaces, programas, algoritmos (modo de se comunicar e modos de programar essa comunicação em lugar do termo digital), que é o que eu acredito que está sendo colocado, temos um caminho para prosseguir por aí. No entanto, eu acho tanto o termo cultura, quanto o termo digital, eles se espalham, digamos, muito além desses âmbitos.

E aí a única coisa que eu teria a assinalar antes da gente mergulhar nessa realidade é que, na prática, o cenário mesmo é muito abrangente, porque o digital vai bem além da criação dessa nova possibilidade de interação e de comunicação. Ele, na prática, é hoje uma condição básica da maioria absoluta das atividades produtivas que estão envolvidas em qualquer meio técnico. E,

por outro lado, cultura também tem uma faceta que vai muito além do mercado cultura. Cultura, na prática, é uma coleção de hábitos. É um conjunto de formas de agir compartilhadas por um monte de gente.

A cultura na verdade é um lado institucional da atividade humana e isso tem implicações grandes. Então os dois temas são muito abrangentes. No caso específico da produção cultural, da produção criativa, digamos, de uma contribuição criativa para a vida (seja no Brasil ou no mundo), sem dúvida nenhuma existem consequências do digital que são imediatamente mapeáveis. São as coisas que fazem parte da ordem do dia, são os assuntos mais candentes e basicamente isso diz muito respeito a dois aspectos diferentes: um deles é o imponderável – aquilo que existe de possibilidade nesses novos meios, nessas novas ferramentas e que ainda não foi explorado. E o conflituoso, ou seja, aquilo que ao chegar veio de encontro, bateu de frente com certas práticas, certas formas de fazer as coisas já muito estabelecidas.

Então eu diria que, de um lado, cada nova ferramenta, cada nova coqueluche da internet mostra uma faceta dessas possibilidades que ainda não foram exploradas, e cada novo debate, por exemplo, sobre o mercado musical e como a internet e os meios digitais colocaram esse mercado de cabeça para baixo, leva a pensar no segundo ponto. Ou seja, no fato de que existem conflitos aí trazidos por essa nova realidade.

Para ficar no campo tanto das possibilidades não exploradas quanto do modo de encarar esses conflitos, eu diria que a grande influência, talvez a grande transformação, é conseguir pensar mais profundamente nessas duas possibilidades. Eu acho que polarizar o debate em torno, por exemplo, só das dificuldades, dos conflitos em relação às práticas atuais (aos problemas, por exemplo, de direito autoral, de distribuição), é uma discussão muito redutora. E, por outro lado, falar também só do campo das possibilidades pode ser um pouco ingênuo. Então, nesse sentido, eu acho que indubitavelmente as possibilidades são tremendas, e a gente tem alguns exemplos de como isso pode acontecer. E a gente já tem, por outro lado, uma certa experiência ou registro de algumas experiências que foram, digamos, fulminantes, no sentido de abrir canais realmente inovadores e interessantes para estimular uma série de coisas que ainda não foram estimuladas.

Então, existem essas duas questões. Tem uma massa crítica que já existe por aí, e tem uma inteligência brasileira nesse campo que também já acumula uma série de experiências em diversos setores – seja no desenvolvi-

mento de softwares, seja no desenvolvimento da indústria de videogames, seja na criação mesmo de serviços (sites); e de uma rede nacional, uma atividade nacional bastante bem estruturada e inovadora, seja no uso maciço que as pessoas, especificamente no Brasil, demonstraram que fazem da internet e desses meios, fazendo do país sempre um dos primeiros no rankings de utilização da internet, desses serviços, desses sites, dessas comunidades.

Esses momentos marcantes que você descreve, você conseguiria passar um pouco por eles, em termos do que você considera que são esses marcos desse processo de mudança?

Não dá, evidentemente, para fazer um compêndio de tudo, mas eu acho que focar naquilo que são marcos reconhecidos da breve história da internet, que a gente vem acompanhando, já serviria para dar uma ideia de que tipo de inovação é essa e que tipos de possibilidades foram abertas. Então sites como Wikipedia, sites como o próprio Facebook, o Myspace, o Twitter. Ou seja, de um modo geral, todas essas experiências que por alguma razão (eu incluiria até o Google aí, o mecanismo de busca do Google e as formas de trabalho colaborativo iniciadas pelo Google, os serviços de armazenamento de fotos na internet, através do Flicker, Picasa ou outros softwares criados pelo Google). Enfim, o fato de que você tem na internet uma espécie de jardim, onde vão florescendo iniciativas e projetos que acabam ganhando um vulto gigantesco, porque conseguem ser abertos o suficiente, fáceis suficiente de serem utilizados e relevantes o suficiente para a vida das pessoas, isso para mim são os exemplos que eu acho que são na verdade até fáceis de lembrar. E eles são bastante numerosos, ou cada vez mais numerosos, porque existe uma transferência nítida de parte importante da vida das pessoas para o âmbito das redes. Essa transferência é marcada por uma dialética muito complexa, totalmente diferente da realidade da comunicação de massas. Ela depende de um raciocínio muito sofisticado e, em seguida, esse raciocínio sofisticado se transforma num movimento voluntário gigantesco... enfim, e a partir daí, tem mecanismos e engrenagens que são muito numerosas, que movem as pessoas. Multidões são postas em movimento.

Isso é interessante, mas coloca algumas questões. Por um lado, isso significa que você tem muitos obstáculos para superar para que essas ferramentas (e essas coisas que estão sendo criadas) sejam efetivamente usadas por todo

mundo. Desde coisas muito mais básicas, como alfabetização, até obstáculos instrumentais como o acesso mesmo aos meios de comunicação (aos computadores, à internet). Justamente porque esses meios trazem, eu diria que mais que uma promessa, mas a realização de práticas extremamente ricas no campo da realização coletiva de produtos que a gente poderia qualificar como culturais. Então você tem instituições que são criadas dentro desses meios. Vamos pensar o *MySpace* ou o próprio *YouTube*. Você tem movimentos culturais que são criados dentro desses sites e depois ganham realidade ou ganham uma existência, digamos, concreta, ou física, ou tradicional.

Como você vê essa experiência do Overmundo nesse circuito...?

O Overmundo é muito mais uma ferramenta de divulgação e discussão do que propriamente um site de produção ou trabalho colaborativo. Embora ele tenha algumas ferramentas lá mais escondidas. O que ele faz de muito bom é que ele ultrapassa, dribla a barreira da mídia ou da imprensa convencional para poder ir atrás daquilo que não é central ou que não faz parte do jogo do *mainstream* da imprensa, de uma forma geral, no campo das atividades culturais. O grande mérito do Overmundo é ter conseguido fazer com que fosse possível criar uma rede real de colaboradores que fazem com que não seja necessário ter uma estrutura muito cara para manter uma atividade editorial de alta qualidade. Então ele é um modelo de revista, um modelo de discussão, um modelo de troca de informação e conteúdo que procurou usar a internet para desmontar a estrutura tradicional da grande imprensa, das editoras, enfim. E, com isso, eu acho que ele conseguiu acertar dois coelhos com uma cajadada só. Por um lado, ele conseguiu de fato, depois de um início de investimentos, continuar operando com uma estrutura muito simples. E, por outro lado, eu acho que ele conseguiu trazer para o primeiro plano uma atividade (ou atividades) que de outra forma seriam totalmente esquecidas. E aí eu tenho a certeza de que o Overmundo hoje já é um grande banco de dados de tudo aquilo que começou a registrar desde o seu surgimento, sobretudo porque o conteúdo tem qualidade.

O fato de você conseguir diminuir barbaramente a estrutura necessária para criar um intercâmbio desses, de você conseguir juntar gente que, em tese, não recebe nada para colaborar com o Overmundo, mas faz isso porque tem vontade e acha importante discutir as questões da cultura, e o fato de que essas contribuições possuem qualidade, para mim, isso tudo depende de

uma coisa que a gente precisa cada vez mais dominar, que é conhecer quais são as ferramentas tecnológicas necessárias para você fazer com que isso funcione. E, para mim, essa ferramenta é o raciocínio lógico, a capacidade de previsão e, sobretudo, uma capacidade, digamos, matemática, de construir as possibilidades para que isso possa acontecer.

No fundo, no fundo, o Overmundo, se a gente virar a moeda, ele é uma série de critérios de algoritmos, de ferramentas que se sobrepõem e que ajudam a criar essa possibilidade. Então você tem critérios de avaliação. Os leitores votam naquilo que é publicado, mas isso não é suficiente. Para que a sua notícia, para que o seu artigo seja publicado, ele passa por uma fila de edição e por uma fila de votação. Esses critérios todos vão se somando. Então o seu artigo tem que ser bem avaliado, você tem que ter publicado vários artigos durante algum tempo, seus artigos precisam ter sido bem votados. Existe uma sobreposição de critérios que, no fundo, é programação. É um lado bastante básico dessa atividade. E é essa programação que permite essa dinâmica. Isso é o que está, para mim, no cerne: a questão de todas as grandes ferramentas, daquilo que conseguiu se estabelecer e conseguiu criar coisas interessantes. Ou seja, a capacidade de conseguir pensar nesses mecanismos de uma maneira bastante sofisticada para permitir a criação de dinâmicas que são muito virtuosas. Para mim, o Overmundo tem essa grande virtude de conseguir virar o jogo da divulgação da atividade cultural.

A comunidade Wordpress é uma comunidade cada vez mais crescente, 130 mil desenvolvedores trabalhando em torno dessa ferramenta, um número muito alto. E a área de depósito é uma parte cujo título é "Código é poesia". Isso me traz a lembrança do Steve Johnson, sobre a interface, porque ele defende que as interfaces são formas contemporâneas de arte. Quer dizer, esse domínio da linguagem, essa relação do usuário, mais a programação, mais a tradução disso seria uma forma de arte. Eu queria trazer essas duas dimensões: código é poesia? Interface é arte?

Eu gosto muito dessa visão. Eu acho que ela... de fato existe uma beleza no código e no desenho de interfaces, existe uma beleza intrínseca nesses números, nesses algoritmos que fazem com que, para mim, de fato essa solução seja efetivamente poética. Mas eu acho muito importante considerar que, se por um lado é vital pensar que, talvez, a parte mais interessante de tudo isso

que está sendo feito é muito árida (no sentido de requerer mesmo um mergulho nos códigos, um mergulho nas linguagens de programação, uma abertura para entender diversos códigos que hoje competem entre si no ambiente digital), por outro lado, a gente tem que levar em consideração o quanto as pessoas têm preguiça de lidar com o computador, com as interfaces, com a complexidade digital, com o etéreo, com o abstrato. Eu não acho que exista uma pré-disposição das pessoas a embarcar num mundo complexo, sem chão, multidimensional, sem fronteiras, que o computador permite. Esse meio é efetivamente abstrato demais. Eu não digo que as pessoas não tenham capacidade para isso, o que eu vejo, por outro lado, é que elas possuem a vontade de que esses meios, de que esses programas, de que essas interfaces tenham referenciais muito concretos em relação a uma certa simplicidade que as coisas deveriam ter. Eu diria que o Google se tornou o fenômeno que é porque tinha um mecanismo muito poderoso de busca e só um campo de busca.

Então eu diria que a interface e o código são efetivamente poesia, na exata medida em que eles conseguirem conciliar a complexidade inerente daquilo que eles se pretendem fazer. Ou seja, a estrutura que possibilitou a implantação do Google é uma estrutura gigantesca do ponto de vista tecnológico, desde o início (o Google não começou pequeno em termos de estrutura). Tem uma complexidade ali inerente que é enorme e, por outro lado, um raciocínio suficientemente alerta a essa necessidade da simplicidade, para fazer com que tudo isso pudesse ser resumido de uma forma muito radical. E, para mim, as melhores experiências da internet são aquelas que conseguiram resumir de maneira muito radical toda a complexidade que fazia parte da estrutura daquilo que ela se propunha.

Ou seja, existe aí uma redução que é muito importante para fazer com que essas coisas efetivamente funcionem. Isso é tanto mais verdade, quanto maior for o público que você quiser atingir. Esse usuário mais amplo, esse mundo de pessoas com os quais (ou com o qual) essas interfaces podem efetivamente dialogar aumenta na exata medida em que elas conseguem entender qual é o seu real propósito e simplificar o seu próprio comportamento em função disso. Isso não quer dizer empobrecimento, não quer dizer redução, não quer dizer nada. Quer dizer simplesmente que é o reconhecimento, eu diria, de um humanismo na forma de tratar as ferramentas e as possibilidades digitais.

Então tudo aquilo que faz sucesso, ou que é incorporado ou que é acomodado são coisas que, de uma certa maneira, desatam alguns nós e simplifi-

cam coisas. O *Creative Commons*, que na prática revê o comportamento do direito autoral, é, na verdade, uma proposta de simplificar um desses nós. Para sair do campo da interface propriamente dita, eu diria que assim, existe um nó na questão do direito autoral. O *Creative Commons* é uma intervenção que, na minha opinião, busca esclarecer e simplificar a questão para que o meio digital possa ser utilizado sem esbarrar nos conflitos de direito que começaram a surgir a partir do final do século. Então a simplificação desses processos, a simplificação da participação, a simplificação das formas pelas quais as pessoas podem colaborar ela é, talvez, a parte mais poética dessa cultura.

O John Coltrane dizia que o jazz era economia de meios [risos].

Exatamente. E nesse sentido existe uma coisa a se considerar que é o fato de que a gente, no caso do Brasil, possui núcleos de desenvolvimento muito importantes do ponto de vista tecnológico – tem um centro importantíssimo em Recife, tem um centro aqui no Rio de Janeiro, São Paulo tem vários produtores. A gente está falando aí de games, internet, códigos. Tem códigos básicos, não é? Tem linguagens (como por exemplo, a Lua) que foram desenvolvidas aqui no Rio de Janeiro. Você tem uma contribuição muito poderosa, muito potencial aqui no Brasil.

E, por outro lado, para mim, a questão da interface é essencial, é fundamental, não no sentido do embelezamento da interface ou da qualidade estética da interface, mas no sentido de fazer com que o raciocínio da interface seja um raciocínio de redução crítica da função intrínseca daquilo que está sendo desenvolvido. Nesse sentido o Overmundo não é um bom exemplo. E acho que a interface do Overmundo poderia ser muito melhor do que é. Eu estou citando aqui o Overmundo porque, para mim, ele conseguiu fazer coisas extraordinárias, ganhou um dos maiores prêmios da internet. Mas eu estou enfatizando isso porque eu acho que em praticamente todo o projeto você tem um caminho longo a andar, até conseguir chegar nisso. E essa, para mim, é uma condição de você fazer, por exemplo, ferramentas relevantes do ponto de vista cultural e que sejam, que possam ser efetivamente acessadas, atualizadas, usadas por todo mundo.

A gente, há um tempo, participou de um projeto que não foi levado adiante por falta de captação, obtenção de verbas, que era um projeto de um site que pretendia dar às pessoas a possibilidade de fazer o cadastramento das

suas próprias obras – seja uma galeria, sejam músicos, compositores, sejam escritores. E, ao fazer isso, essas pessoas criariam, portanto, um grande banco de dados da cultura brasileira. Para isso funcionar era essencial que esse banco de dados trouxesse ferramentas muito fáceis de utilizar e que substituíssem com vantagens as ferramentas comerciais (por exemplo, de registro e cadastramento em banco de dados disponíveis). O grande problema é que para isso acontecer, a quantidade de esforço de desenvolvimento é efetivamente gigantesca. Seria uma experiência pioneira, uma experiência maravilhosa.

O que eu diria sobre um projeto desses no Brasil é que você tem quatro funções básicas para considerar dentro de qualquer atividade, que são: produção, registro, divulgação e discussão. Essas quatro facetas, essas quatro funções que fazem parte do desenvolvimento de qualquer projeto que relacione cultura e e-mail digital são ultracomplexas, e o mecanismo de cada uma precisa ser muito bem entendido, para fazer com que elas realmente funcionem. Existem muitos exemplos de sites, ferramentas e programas que lidam mais com um mundo do que com outro. Mas, no fundo, o ciclo todo é esse. Eu acho que, por exemplo, o *MySpace* e algumas ferramentas, alguns sites musicais que surgiram em torno do *MySpace*, eles entenderam que é preciso dar conta desse ciclo. Então você tem neles muitas ferramentas que estimulam a produção não só de música, mas às vezes de compêndios, de livros, shows. Eles estimulam a produção. Eles, com isso mesmo, estimulam registro, você tem grandes bases de dados. Eles são eles mesmos, quando bem montados, o centro da divulgação do que é produzido e têm as ferramentas necessárias e as comunidades, as pessoas envolvidas, a inclusão necessária para fazer com que as discussões aconteçam. Para mim, isso já é a grande base de um programa para a discussão desse assunto. Porque não é um campo de mercado, a gente está falando efetivamente de uma ação do Estado para promover coisas que o mercado, eventualmente, não teria como fazer. E aí, a hora que você aplica cada um dos princípios a cada um dos campos da cultura brasileira e a tudo aquilo que pode ser feito, aí realmente a realidade fica muito mais complexa.

Eu vejo que projetos megalomaníacos tendem a não dar muito certo, sobretudo dentro de um esquema, digamos, governamental, onde você tem muitas coisas a articular. Então é preciso considerar essa globalidade, mas eu acho que é impossível operar um projeto único que dê conta dessa globalidade.

Eu acho que a partir daí, a discussão é fazer um encontro disso com as características da cultura brasileira (daquilo o que se pretende) e, a partir daí, tirar as próprias conclusões daquilo o que é mais ou menos importante. É fragmentar isso para tentar achar o equilíbrio, não é?

Isso sobre o registro é muito importante. Porque se você pensar, por exemplo, os documentos brasileiros não foram ao mundo digital ainda, não é?

Sim, e isso é uma questão que passa pela vontade de disponibilização de conteúdo. Eu acho que aí tem um outro fato importante, que é, digamos assim, a manutenção de práticas acho que cada vez mais arcaicas, cada vez mais contraproducentes (no campo da cultura), muito vinculadas a uma ideia antiga de propriedade intelectual. Isso faz com que muita gente tenha efetivamente muito medo de colocar as coisas em público, muito medo de trocar coisas. E eu não tenho muita dúvida de que esse momento de conflito que a gente vive entre essas práticas ultraprotetoras, em termos do próprio acervo de direitos etc., é a expressão de um momento que vai passar. Talvez em menos de uma década, mas certamente em algumas décadas, a forma de produzir cultura, imagens, já vai ser produzida dentro de um meio totalmente diferente, e essas questões vão deixar de ter o peso que têm hoje. Essa ferramenta é muito nova. Ela coloca questões que a estrutura tradicional não consegue resolver, mas de quando em quando surgem respostas, e não demora muito para aparecer. Praticamente todo o mês aparece alguém; ou todo o dia, toda a semana aparece alguém que pensou um certo problema de uma maneira diferente e inverteu as regras do jogo. Alguém, por exemplo, que conseguiu aumentar as vendas do seu CDs, colocando o CD disponível de graça na internet.

Então, cada vez mais o próprio meio vai mostrando as formas pelas quais essa revolução vai deixando para trás essas antigas estruturas, sem o prejuízo de quem está por trás. A ideia da "cauda longa", ou ideias como, por exemplo, disponibilizar as coisas para que as pessoas possam ter é muito mais forte do que não fazer isso ou de procurar lutar contra isso. Isso eu não diria nem que é uma questão ideológica, eu diria que é uma característica estrutural do meio. O próprio meio digital é totalmente permeável. E sendo totalmente permeável, onde tudo pode ser copiado, é uma característica estrutural. Por isso mesmo eu acho que não dá para escapar disso. Não é uma questão de defender ou não o ponto de vista político, é uma questão de encarar essa estrutura e procurar usá-la da melhor forma possível.

E como você vê a contribuição brasileira a esse processo criativo global? No Brasil, as redes sociais já superaram o uso de e-mail. John Perry Barlow me disse uma vez que enviou os 100 convites que recebeu do Orkut para os amigos brasileiros, porque imaginava que o Brasil é potencialmente a sociedade em rede ideal, aquela que ao ter acesso à interconexão faria o melhor uso possível dela. O que você acha disso?

A questão é ultradifícil de responder. Porque, desse nível de frequência das comunidades você poderia deduzir daí várias coisas, sem conhecer muito o mundo real. Uma das hipóteses seria, por exemplo, a de que os brasileiros efetivamente são muito solitários e por isso se engajam nas comunidades virtuais. Porque efetivamente não conseguem construir relações de qualidade, relações de longo prazo, relações de amizade. Você pode supor também o oposto: que justamente por serem tão sociáveis e por serem tão abertos ao encontro e por valorizarem tanto isso na vida real é que isso acaba acontecendo na internet. Eu acho que todas essas hipóteses que tentam, digamos assim, depreender uma leitura do brasileiro (ou do povo brasileiro como um todo) a partir dessa frequência nas comunidades sociais são muito perigosas. Porque na verdade um dado não leva dedutivamente ao outro. A gente sabe de uma forma bastante intuitiva (e muita gente sabe, certamente, muito melhor do que eu) que existem certas características de sociabilidade que são realmente muito fortes no Brasil, de norte a sul. A afetividade, a proximidade ao encontro são características fortíssimas e acho que isso ser reflete na construção dessas redes. Mas, para mim, o que mais interessa nessa história é que, independente do meio (se ele é virtual, se ele é a internet, se ele é o computador, se ele é o e-mail ou se ele é o telefone – e ele é cada vez mais o celular também), o fato é que existe uma força muito grande no encontro, na comunicação. Isso é uma característica que tem que ser levada em consideração na hora de projetar ou pensar qualquer ferramenta para produção, registro, divulgação ou discussão de qualquer coisa. Ou seja, isso está de fato muito vinculado à ideia da formação de comunidades, porque tudo isso acontece em torno do encontro. Eu acho que a contribuição brasileira para isso é simplesmente estar muito aberta para isso.

Como você vê a questão do *design* gráfico no meio digital?

Eu diria que tem um exemplo muito bom para falar de qualidade de designer e interfaces no mundo digital que é a Apple. O Steve Jobs, num

discurso de formatura veiculado na internet, disse que, para ele, uma das contribuições mais fundamentais para a própria carreira foi o fato de ter participado de aulas e ter adquirido uma cultura tipográfica na universidade, e ter levado isso em consideração na hora de montar o primeiro sistema operacional dos computadores Macintosh. Então ele dá uma importância fundamental para coisas que até então estavam de fora do universo da computação. A estrutura era muito mais limitada. No fundo, isso é a ponta de um iceberg de uma maneira de encarar o *design* para esse meio. De uma forma que remonta à principal experiência do *design* nos anos 50, que foi a Escola de Ulm, na Alemanha. Se a gente pegar os produtos da Braun – toca discos, auto-falantes, rádio de pilhas, enfim, aqueles móveis que continham os eletrodomésticos – e a gente pegar os produtos da Apple hoje e colocar lado a lado, a coincidência é desconcertante. Não é só desconcertante do ponto de vista formal. Não é só porque existe um radinho da Brown que é idêntico à primeira versão do Ipod que eu vou considerar isso, digamos, uma alta coincidência formal. Na verdade, para mim existe aí um raciocínio que obriga a gente a mergulhar um pouquinho mais fundo num princípio que eu acho muito importante da Escola de Ulm, que para mim não só não morreu, como o sucesso da Apple (como marca, como empresa e como produto) só faz mostrar, mas que é inquietante, que é o nível de pertinência que esse raciocínio tinha, todo do cuidado com o usuário, pensado de uma forma muito abrangente e muito humanista. Uma das maiores qualidades e uma das maiores questões da Escola de Ulm é o fato de que ela buscava considerar o *design* de forma científica. Ela procurava entender aspectos fundamentais do homem de maneira científica para poder desenhar um mundo adequado para esse homem. Então a gente está falando de um homem que é universal, que não é particular. A gente está falando de um homem que tem características biológicas que condicionam a percepção, a ação e tudo aquilo que ele faz. Portanto, você está falando de um raciocínio de desenho que leva profundamente a reconsideração de um homem da concepção humanista clássica.

Isso acho que é um dado fundamental para entender aquilo que você tinha falado da qualidade das interfaces, do mundo do *design*, de como as coisas estão cada vez mais atentas para isso. Eu diria que as grandes interfaces e os grandes projetos visuais, digitais, são aqueles que, de uma certa maneira, levam em consideração esse aspecto. São aqueles que entendem de um jeito

mais profundo como que a gente percebe, entende, interage, faz, sente, lê, se comunica – sempre do ponto de vista humano, e não do meio, da máquina, do computador.

Esse discurso tem o perigo de se esvaziar rapidamente. Mas o fato é que cada vez mais você vê os exemplos concretos disso funcionando. Eu citei a Apple porque ela é um dos exemplos mais importantes da relação de objetos altamente complexos que, no entanto, são absolutamente desejados pelas pessoas – e isso não é à toa. Essa simplicidade faz parte disso. Então eu acho que existe uma democratização total ou quase total, uma boa democratização que ainda tem muito chão para andar, do acesso aos meio digitais, de forma que todo mundo pode ser *designer* – e na minha opinião todo mundo é *designer*, todo mundo quando faz projeto é *designer*. Você tem um aumento radical do acesso aos meios de produção digital visual, por exemplo, que transforma todo mundo potencialmente em *designer*. Eu não vejo a distinção corporativa da profissão como algo real, é muito mais, para mim, um jogo de retórica, uma discussão política que está mais distante da verdade mesmo, que é o fato de que a cultura do projeto ela é cada vez mais disseminada no planeta. Então, por um lado, você tem um aumento desse acesso, e as ferramentas são mais acessíveis, as pessoas conseguem produzir mais, as pessoas conseguem fazer coisas que antes não conseguiam, estavam fragmentadas na mão de especialistas, cujas especialidades foram embora, acabaram, desapareceram, não existem mais. E, por outro lado, a complexidade das questões embutidas aí nessa produção continua igual. Eu diria que o desenho de boas interfaces, de bons sites, de boas ferramentas depende de um conhecimento que é profundamente complexo.

Dessa forma, o que eu diria é que existe, talvez, uma consciência cada vez maior e um envolvimento das pessoas cada vez maior nessa atividade e, ao mesmo tempo, existe ainda uma complexidade que faz com que poucas sejam efetivamente capazes de pular a barreira do óbvio, do trivial, do confuso, do banal – e conseguir produzir produtos visuais, produtos mesmo de interfaces realmente relevantes. E eu acho que as coisas continuam sendo complexas. Uma das questões, para mim, mais fundamentais e que a gente acaba não discutindo muito (ou discute) que eu acho fundamental para o desenho de interfaces é a arquitetura da informação. A arquitetura da informação não é o desenho de um site, ela não é o desenho estrutural de um site. A arquitetura da informação é uma coisa bastante abstrata e que vem antes de

qualquer desenho. E existe uma cultura tipográfica, uma cultura visual, cujas questões, sobretudo as questões convencionais, que vem da história do desenvolvimento da escrita, que vem da história do livro e das publicações, da mecânica da leitura, estão mais ou menos dadas. Você tem alguns padrões convencionais que são já mais ou menos bem compartilhados e podem ser passados adiante de uma forma que eu não acho que é tão complexa. Mas tem outras questões que eu acho que são estruturais para você desenvolver isso e para mim estão ligadas sobretudo a essa ideia de arquitetura da informação e o *designers* de interface, que eu acho que viraram um componente necessário para que você possa fazer coisas relevantes.

Ou seja, para resumir, o aumento de acesso não diminuiu a complexidade das questões. Mas atualmente o *design* gráfico é tão importante quanto os fundamentos estruturais do *design* de interface e da arquitetura de informação. É um cenário bastante complexo.

E HÁ UMA DEMORA NESSE PROCESSO DE INDEXAÇÃO, NÃO? A PRÓPRIA INDEXAÇÃO DO LIVRO FOI UM PROCESSO DEMORADO, DE DÉCADAS... É UM POUCO ESSA FASE QUE ESTAMOS VIVENDO NA INTERNET.

Para contribuir para a discussão, eu diria o seguinte: do ponto de vista da evolução dos códigos, existe esse movimento. Ou seja, o movimento da criação e do estabelecimento de códigos compartilhados, cada vez mais populares, ao lado de outros privados (vendidos, e tal), que já construíram, na verdade, uma cultura muito forte no sentido de estabelecer certos padrões, ou de pelo menos criar as bases para você ir criando novos padrões em cima disso. É a cultura dos programadores. Esse é um aspecto.

Por outro lado, eu acho que os próprios meios de interação com os quais a gente lida hoje tem um mundo de transformações pela frente muito radical, no sentido mesmo de tender à desaparição física, de virar parte do corpo humano. Nesse longo caminho, eu acho que vão aparecer uma série de produtos, subprodutos, mutações, variações. As telas flexíveis devem começar a aparecer daqui a um, dois anos, no máximo. Elas vão mudar completamente a forma de interagir com imagem, a forma de expor as imagens, a forma de guardar essas imagens, de ler jornal – e essa é só uma das mutações que vão acontecer.

Então se do ponto de vista do código existe cada vez mais um discurso estruturado e compartilhado, do ponto de vista do uso e da interação existe um grande ponto de interrogação. É muito difícil imaginar que num mundo

de telas flexíveis ou num mundo de implantes corporais você vá conseguir, no meio dessa complexidade, começar a pensar em estabelecer algum padrão para isso. Então eu diria o seguinte: existe o estabelecimento, ele é muito mais rápido e é também muito mais descartável, no sentido de que em alguns anos provavelmente as formas mais estabelecidas de comunicação ou de projeto para os meios que a gente conhece já vão ser irrelevantes frente aos novos formatos e aos novos meios de comunicação. Isso está acontecendo, com a diminuição das telas, o uso cada vez mais forte dos celulares e dos dispositivos móveis.

O que poderia contribuir mais para essa discussão de desenvolvimento de ferramentas relevantes para o campo da cultura no meio digital é o fato de que, mais do que o estabelecimento de alguns formatos, de configurações mais estruturadas, ocorre um estabelecimento paulatino de comportamentos. Cada vez mais a gente sabe como as pessoas se comportam diante dessas interfaces, e isso é fundamental. A maneira de lidar com essas interfaces é muito mais fragmentada. Ela é estruturalmente fragmentada, é absolutamente impaciente – no sentido de que não pára, não é contemplativa. Quem lida com essas ferramentas está o tempo todo pulando de um lugar para o outro. É impaciente também porque tudo tem que acontecer rapidamente. As respostas precisam ser imediatas, portanto as informações têm que vir rapidamente. Do ponto de vista do uso, essas ferramentas trazem toda a necessidade da imediatez.

A capacidade de leitura dessas interfaces é muito maior do que a gente imagina; a capacidade de lidar com uma grande quantidade de informações num campo muito reduzido é gigantesca. Os sites mais populares de jornais e conteúdos são sites que acumulam informações de um jeito que o designer moderno tinha banido. No fundo, o que se estrutura são comportamentos. Levar em conta esses comportamentos é fundamental na hora de pensar essas interfaces e no desenvolvimento dessas ferramentas.

E COMO VOCÊ VÊ O *DESIGNER* COLABORATIVO?

Uma das consequências mais interessantes do desenvolvimento das possibilidades do trabalho em rede e do trabalho a distância, da colaboração virtual e da colaboração que não acontece em tempo real, enfim, descontinuada, é fazer com que você tenha um parâmetro muito claro de comparação para entender quais são as qualidades do encontro físico, real. O

que a gente está tendo agora, por exemplo. Para mim é uma consequência natural perceber o quanto é que esses encontros são indispensáveis. E aí eu diria que, não no sentido de diminuir a importância do trabalho colaborativo ou, por exemplo, da distribuição livre de código, ou do uso livre desses códigos, mas que essa distribuição, esse compartilhamento é fundamental, mas ele tem limites. E um claro limite disso é o fato de que o nosso encontro, e muito das nossas capacidades manuais, físicas, são incomparavelmente mais rápidas, mais eficazes, mais frutíferas, mais gratificantes do que o uso dessas ferramentas. Se a gente for pensar bem, abriram um mundo enorme de possibilidades, mas são tremendamente limitadas do ponto de vista dessa relação, digamos, cultural, atávica, que a gente tem com o mundo. A nossa forma de se apropriar das coisas, de falar com as pessoas, da rapidez, do gesto. Estávamos falando antes da entrevista da ironia que se perde no e-mail. Muita coisa se perde nesse meio, não é? Então, nesse sentido, eu não tenho dúvida de que esse meio tem uma potência e uma limitação. Tem uma diferença muito interessante entre a criação de um produto que é sólido porque é cultural (no sentido de ser compartilhado) e de um lampejo, que não precisa dessa solidez para acontecer, precisa mesmo é de um encontro, de uma fricção criativa aí, que acontece quando as pessoas estão juntas. Eu, pessoalmente, experimento isso muito aqui no trabalho porque eu fico muito fora, eu vou para outros lugares e a qualidade mesmo do encontro pessoal e do trabalho à distância é radicalmente diferente. Toda a tentativa de substituir um pelo outro por enquanto não se realizou, e não é essa a grande contribuição que essas redes têm para dar. É diferente. Elas não substituem o encontro, elas criam dinâmicas, não é?

gente
Então
digital
falando
cara
cinema
assim
coisa
comunicação
cultura
dentro
falar
fala
fica
hoje
Hoje
narrativa
mundo
porque
pessoas
ouvir
Risos
televisão
Twitter
vai
tempo
rádio
quer
vida
tudo
vive
viagem
ser
palavra
pessoa
sempre
ter
começou
coisas
computador
exemplo
grande
fazer
maior
história
grandes
internet
informação
Keaton
limite
homem
momento
dizer
chegar
discernimento
comedy
cuidado
caras
aí
acho
anos
audiência
aqui
acontecendo
Brasil
ainda
alguém
alguma
consegue
conhecimento
confusão
contar
disso
dessa
entender
faço
faz
falo
fazia
fez
histórias
impacto
larga
maneira
lidar
muita
livros
ouvindo
melhor
outro
nova
ouve
outra
manter
novidade
nesse
primeira
partículas
todo
rede
sabe
questão
trabalho
vez
tem
usa
velocidade
vezes
Shakespeare
Olhar
up
publicação
stand
vê
usar
YouTube
tradução
revolução
tecnológica
vídeo
vivo
todos
pode
taxista
Todas
pouco
Porque
nessa
professor
Olivetti
real
parar
mim
nova
física
livro
falo
Lua
Bic
barulho
capacidade
desde
conexão
atenção
avisar
esta
não

Marcelo Tas

apresentador

O QUE É CULTURA DIGITAL?

É uma expressão que está sendo usada momentaneamente só porque digital é uma palavra muito nova na nossa vida. Então estamos com essa obsessão de falar assim: cultura digital, TV digital, rádio digital, esparadrapo digital. Daqui a pouco a gente vai parar de falar nisso e falar só cultura, rádio, televisão, como de fato é. O digital já entrou na nossa vida, mesmo na de quem não sabe disso. Mesmo a minha avozinha, que tem quase 90 anos e mora numa cidadezinha do interior, ela já vive na cultura digital, mesmo que ela não navegue na internet, porque as contas dela, o supermercado, as notícias, a televisão analógica que ela assiste já são impregnados de cultura digital. Então já vivemos nessa nova plataforma, mas ainda não entendemos isso, então temos essa necessidade de falar, de reforçar o digital.

É UMA CORCUNDA TAXONÔMICA, NÃO? O DIGITAL É UMA CORCUNDA QUE VAI SER RETIRADA.

É, ainda estamos sob o impacto, na verdade. E realmente o impacto não é pequeno, é gigantesco, porque o digital significa velocidade, interatividade, compactação. Significa que a informação gigantesca que nos chega só é possível porque se descobriu várias formas de captação de imagem, de som, de

texto. Então vivemos brigando com os controles remotos, com as tomadas, que estão cheias de aparelhos pendurados. É uma fase de readaptação a isso tudo. Quando falo nós, falo de gente da minha idade, da minha geração. Os meus filhos, para eles nem é um assunto. Eles já nasceram assim, eles não possuem nenhum interesse em discutir isso. Quer dizer, eles talvez já estejam automaticamente dentro dessa conversa, mas para eles não faz muito sentido ficar debatendo, sei lá, o controle remoto ou até o computador. Tem uma maneira muito fácil de você identificar a idade de uma pessoa: é quantas vezes ela fala a palavra computador [Risos]. A molecada não fala computador porque computador, para elas, é igual eletricidade, é igual à escova de dente, à caneta Bic. Não é algo que chame atenção dela, porque faz parte do cotidiano.

Pegando como base na sua trajetória, sempre de investigação do limite do formato, de criação em cima da televisão. Como você demarca a entrada do digital na sua trajetória? Quando você começou a lidar com internet e perceber, por exemplo que é o twitteiro mais popular do Brasil?

[Risos] A diferença fundamental em relação ao início da minha vida profissional eu acho que se resume na palavra *publicação*. Eu descobri o vídeo. O início da minha vida profissional foi uma novidade tecnológica chamada vídeo. Apareceu a primeira câmera de vídeo, pesava 15 quilos, mas já era uma novidade, porque antes as câmeras só existiam dentro das emissoras de televisão. Então começamos a produzir vídeos e tínhamos onde publicar aqueles vídeos. A gente passou alguns anos até um canal de televisão ter coragem de publicar um vídeo da Olhar Eletrônico, nossa produtora. Hoje, a revolução digital permite que a gente pegue esse vídeo e publique imediatamente, até ao vivo se a gente quiser. Essa é uma mudança de paradigma gigantesca. A publicação não é mais privilégio de quem detém concessões de televisão, das gravadoras ou, enfim, de quem consegue prensar um DVD. Todos nós podemos ter uma pequena estação de TV, uma pequena editora, ou grande. Porque a audiência é grande também. Então, esse é o maior impacto que eu vivi. Quer dizer, eu vivi e vivo intensamente essa mudança, de alguém que se expressa através do audiovisual, do texto, das fotos e tal, que tinha limitações de publicação, para alguém que dentro dos veículos de comunicação, como eu vivo, também tem a possibilidade de ter o seu canal um pouco fora e um pouco dentro dos veículos, porque eu também convivo com grandes redes, que a gente pode chamar de mídias tradicionais, que é a televisão aberta, que

são os portais de internet que, para mim, já são uma mídia antiga também. Os portais de internet estão passando por uma transformação muito grande, porque eles já têm mais de 10 anos, então eles também estão tentando se virar nesse mundo que é muito dinâmico.

E quando surgiu o Olhar eletrônico, se já existisse o YouTube, seria diferente?

Claro. Agora, eu acho que cada coisa acontece dentro do seu tempo mesmo. Hoje tem várias manifestações por aí, vários tipos de Olhar Eletrônico. E a graça dessa brincadeira é que o limite é sempre a nossa capacidade de contar histórias. Isso nunca muda. No Olhar Eletrônico, os talentos que foram gerados ali, são enormes. Mas o nosso limite na época é o mesmo da molecada que está no YouTube, é um limite criativo, não é um limite tecnológico. Tem o exemplo do *Tapa na pantera*: os caras fizeram um curta, ficou algum tempo desconhecido e, *poom!*, de repente, milhões de pessoas viram o curta. Por que eles não produziram já outro, e outro, e outro? É o limite do artista, da criação.

A narrativa mudou? Houve o impasse da narrativa, nas novas tecnologias? A maneira de contar histórias foi alterada pela tecnologia?

Sempre é. Nós vivemos numa época em que somos muito pretensiosos! Falamos de novas tecnologias que se fosse a primeira vez que tivessem aparecido novas tecnologias! [Risos] Vai falar isso para o Buster Keaton. Ele foi um cara da nova tecnologia. Ele renovou totalmente a linguagem do cinema no início do século XX. Ele fez coisas que até hoje a gente está assimilando.

É. Até porque o cinema fugiu para outro lado depois. O cinema tem essa questão: o *primeiro cinema* é mais circense e depois passa a ser mais narrativo. Essa virada narrativa faz a domesticação do cinema, uma domesticação para uma narrativa burguesa do cinema, digamos assim. O *primeiro cinema* era mais anárquico mesmo. O Buster Keaton faz parte do cinema anárquico.

Isso é uma coisa interessante. Porque eu acredito que toda vez que há uma novidade tecnológica, você estimula a imaginação dos artistas. Então, na pintura, o Vermeer é um cara que fez 18 quadros e é tão importante quanto Picasso. Mas por quê? Porque ele descobriu a química de um azul, de um amarelo e criou uma luz que só o cinema mais tarde foi descobrir. Então o Vermeer, de certa maneira, é o inventor da luz no cinema, só que numa época que não tinha cinema. O Keaton também. Para mim, o Keaton inventou uma

narrativa não linear que até hoje estamos tentando decifrar. A importância do Buster Keaton não é como descobridor, desenvolvedor de câmeras de cinema, apesar de ter feito isso também. Mas são os filmes dele, assim como os do Chaplin. Eles fizeram obras que vão ficar para sempre na nossa imaginação, por conta da sua capacidade de contar histórias. *Seven Chances*, *Navigators*, *O General*, por exemplo são filmes do Keaton que tecnicamente são tão complexos como hoje você desenvolver Java, Flash e tal. Só que ele escondeu esse esforço de tecnologia para que ficasse só a história.

Parece que os autores dessa emergência de produção tecnológica acabam ficando no campo do domínio sobre o suporte.

A gente vive um deslumbramento com isso, e que é natural. Eu não estou aqui querendo crucifixar quem fica deslumbrado com isso, porque é fascinante, realmente, o que está acontecendo. Só que a gente tem que tomar cuidado para não ficar falando só da motocicleta. Inventou-se a motocicleta e a gente fica falando do pneu, do aro, do banquinho e não falar da viagem que a gente tem para fazer com a moto. A gente tem que tomar cuidado com isso para não pagar um mico histórico nessa virada. É como aquele cara que aponta para a lua e fica falando do dedo dele, e não da lua. [Risos] Então a gente tem que tomar muito cuidado com isso, porque é uma era muito especial, que é subestimada ou superestimada. A gente vive um pouco essa confusão.

É superestimada ou é subestimada?

As duas coisas. Ela é subestimada pelos preconceituosos. As pessoas antigas morrem de medo. Os jornalistas são um bom exemplo disso. Ficam falando: "Não, eu gostava da minha Olivetti, quando eu ficava lá na minha Olivetti escrevendo." Ou seja, confunde-se uma máquina de escrever com uma revolução na comunicação. Para ele, o computador é uma Olivetti com uma impressora que imprime depois. A Olivetti imprimia em tempo real, digamos assim. [Risos] E não vê o computador como um veículo de comunicação. E tem quem superestima, que acha que qualquer blogueiro é um gênio, qualquer um que tem Twitter é um gênio e dá voz, inclusive, para esses caras. Aparece alguém criticando: "Ah, o cara foi criticado no *Twitter*." Temos que ter cuidado para não perder a perspectiva de que nós estamos falando de pessoas que estão usando essas ferramentas, e não das ferramentas. [Risos] É como se a gente elogiasse um escritor porque ele usa a caneta Bic Cristal azul. Eu sou

apaixonado por canetas Bic. Eu tenho coleções de Bic. Mas por que eu tenho coleção? Porque eu gosto de entender que tudo aqui é ferramenta, e que não é porque eu vou usar esta daqui que a minha história de hoje vai ser melhor. Tudo vai depender da minha história, da história que eu tiver para contar. E confundem tudo. Não adianta se você tem essas máquinas todas e não sabe usar. É a confusão do homem com a máquina. Não se pode fazer essa confusão.

A MÍDIA TRADICIONAL ESTÁ SENDO BASTANTE ABALADA POR ISSO...

A mídia tradicional está muito confusa, a publicidade tradicional também. Todos nós estamos confusos, mas tem gente que está um pouquinho mais. Há uma confusão de como definir *audiência*. Existe uma maneira antiga de se descrever audiência. Claro, tem muita gente que aparece na televisão que tem um blog com muitas visitas. Isso não quer dizer que o blog tenha *relevância*, que para mim é uma palavra para colocarmos no lugar da *audiência* nesse mundo novo. E me parece que até o pessoal da publicidade, que já está começando a pisar nesse mundinho, está percebendo isso: que não basta mais ir ao *Google Analitics* e ver quem tem mais visita, porque não vai ter impacto nenhum a mensagem dele. Ele vai procurar quem tem mais relevância, persistência, permanência. Porque na internet é muito fácil você ganhar audiência de um dia para o outro, o duro é você manter. Eu tenho vivido isso muito com o meu Twitter, porque, por alguma razão estranha, eu virei o cara mais seguido no Twitter no Brasil. Quer dizer, eu estou há três anos no Twitter e agora o Twitter virou um assunto relevante, e agora eu estou bem colocado lá, com um trabalho de três anos. Mas não basta alguém ganhar um monte de seguidores no Twitter, não quer dizer que aquilo será mantido. Então eu tenho feito essas experiências. Tem muita gente chegando no Twitter, que fala assim: "Ô, Tas, me anuncia aí, pô, que eu tenho certeza que um monte de gente vai me seguir." Eu faço com o maior prazer, você entendeu? *Boom!* Num dia ele ganha 1.500 seguidores, mas não é fazer com que você tenha um *boom* de Ibope, como a gente pensava antigamente, que você vai manter aquilo.

A INTERNET TAMBÉM POSSIBILITA UMA TRANSPARÊNCIA, VOCÊ MOSTRAR O SEU TRABALHO, A SUA TRAJETÓRIA.

Isso é muito animador. E acho que a gente caminha, ou tem a chance de caminhar para um mundo de maior *discernimento*, palavra que todos nós devemos guardar no nosso coração. O discernimento é um produto bastante

precioso nessa era de gigantescas montanhas de informação. Sem ele, a gente fica navegando à deriva.

É possível construir esse discernimento? Tem que ter um esforço para isso ou vai vir naturalmente? A educação é uma questão séria nesse momento.

Depende de como as pessoas que planejam a educação vão tratar deste mundo novo. O professor chegava lá na sala de aula e fazia uma transmissão do seu conhecimento. Ele era dono do conhecimento e você fazia um download do que ele te trazia e na prova ele fazia um teste de memória para ver se você tinha decorado o que ele tinha te trazido. Hoje, se o professor achar que é proprietário do conhecimento ele está fora do mundo. A informação está totalmente disponível e nós vamos ter que encontrar esse discernimento em rede. O conhecimento vai ser produzido desse relacionamento do professor com seus alunos, que é a tarefa do professor desde tempos imemoriais: ser um produtor de *insights*, de fricções de mentes e corações. Qualquer um de nós, se for lembrar qual o seu professor preferido, fatalmente vai ser um cara que chegava na sala de aula e causava uma balbúrdia, que fazia irmos para casa inquietos. E que não é alguma coisa que estava no livro dele, é alguma coisa que você não sabia da sua vida. Todos os grandes educadores agem assim, do Paulo Freire aos japoneses que ensinam matemática. Você tem que provocar um movimento físico, emocional no interior da pessoa. O cenário digital é muito propício a isso, porque não precisamos mais carregar e decorar livros para cima e para baixo, está tudo na rede, o que sobra é o discernimento. Nós vamos tentar entender como a Guerra dos Emboabas foi ou não importante para entender o que está acontecendo com o Brasil, ou para entender o Brasil; ou o ciclo da cana-de-açúcar; ou a mineração; ou o fato do nosso país ter o nome de uma matéria-prima, que é uma coisa que a gente pensa muito pouco nisso. O nome do nosso país é a primeira matéria-prima que a gente arrancou e começou a destruir a natureza e mandar para o exterior. A gente continua fazendo a mesma coisa com a soja, com minério de ferro...

Você está no humor ao vivo nas segundas-feiras à noite no CQC, mas tem um trabalho seu que passou um pouco despercebido, é aquele trabalho que você fez sobre física quântica e televisão. O quanto que você vê nessa compressão do espaço-temporal uma característica da cultura contemporânea? E como é que isso altera a nossa própria percepção das frações do tempo, do espaço, da nossa vivência?

A física quântica já está na nossa vida cotidiana. A gente não sabe na verdade, mas quando você usa um celular, você está usando física quântica num grau de sofisticação que faz a viagem do homem à lua parecer uma viagem de jegue até a esquina. Só que a gente não sabe disso. A gente já vive no universo das partículas. Esse programa a que você está se referindo, quem fez a tradução mesmo dessa coisa fantástica que a gente já vive, é uma cientista brasileira, Cristina Abdala, que tem um livro que deveria ser obrigatório para todos os brasileiros, que é *O discreto charme das partículas elementares*. Ela conta para criança essas histórias e ela está no núcleo do Cern, no acelerador de partículas da Suíça. Ela tem uma consciência muito grande do momento especial que estamos vivendo. A gente vive um momento de extrema aceleração. Não é nem de alta velocidade, é que a aceleração continua crescendo. E talvez, assim, poucas pessoas conseguem traduzir isso como os cientistas, que estão próximos do estudo das partículas elementares, como é o caso da Cristina Abdala. Ela mostra o mundo assustador e fascinante que a gente já está vivendo. Ela falava de celular, ela falava de como funcionam essas células, dos softwares para isso tudo continuar funcionando. A gente usa um telefone celular, atualmente, com o maior desprezo por aquilo, esquece o que isso significou... e aí ela perguntava: "O que você acha que gastou mais pensamento, e cientistas e tempos de cérebro: a viagem do homem à Lua ou fazer esse telefone aqui funcionar?" Todo mundo fala que é a viagem do homem à Lua, mas a viagem do homem à Lua não é nada! É Newton, é física mecânica, são equações muito simples, lineares praticamente. Enquanto que hoje, a gente tem um robô em Marte mandando imagem em tempo real – e a gente dorme com um barulho desses! [Risos] Eu, às vezes, fico sem dormir para ouvir e ver algumas das imagens que estão chegando. Dá para ouvir os astronautas trabalharem. Eu às vezes ponho, como se estivesse sintonizando uma estação de rádio, fico ouvindo um russo lá parafusando uns troços lá na estação espacial e mostrando o planeta com uma câmera! E a gente fica falando do trânsito na Marginal. [Risos] É incrível o que está acontecendo. Está acontecendo uma transformação na ciência, na nossa capacidade de enxergar o universo. O maior telescópio do mundo fica aqui no Chile. E toda a semana ele tem uma imagem nova. É muita coisa. A gente só não pode perder a perspectiva das coisas essenciais.

E VOCÊ VÊ ISSO CHEGANDO JÁ NA CULTURA E NA COMUNICAÇÃO?

Vejo. Já está na nossa mente, mesmo que ainda não esteja na superfície. Mas todos nós já temos consciência dessa velocidade. Eu chego lá em Ituverava, na casa da minha avó Geralda, e a primeira coisa que eu faço é ouvir o que ela está achando do mundo. Ela, mesmo assistindo os mesmos programas de televisão que sempre assistiu, tem consciência dessa velocidade. Ela fala: "Olha, meu filho, como é que o pessoal vai fazer com tanto automóvel?" Eu falei: "Como assim?" Ela falou assim: "Ué! Vai chegar uma hora que vai começar a derramar automóvel para fora do mundo. Não tem mais onde colocar automóvel." [Risos]

O Eduardo Viveiros de Castro afirmou, e isso remete ao Marcuse, que o maior bem para o século XXI será o silêncio, a desconexão... como lidar com um barulho desses?

Bom, uma das maneiras de lidar é a viagem interior. Essa necessidade da gente se olhar internamente, ela será cada vez mais premente, mais necessária, para que você consiga manter alguma sanidade. É possível você acessar o silêncio? É. Você consegue acalmar a sua mente, tem várias técnicas para isso – e nenhuma delas é esotérica, mas exigem que você preste atenção na sua respiração, na sua saúde. A gente vive um momento do mundo muito engraçado, que as pessoas estão com dor nas costas, no braço. O cara não consegue levantar o braço, de tanto que ele usa o mouse, mas ele não quer ouvir isso, não quer ouvir esse sinal que o corpo está dando para ele. Ou as pessoas estão obesas. Tem gente que não consegue mais passar na porta. Aí, na hora que ela não passa na porta, ela vai ao médico. O cara não está ouvindo o seu próprio corpo. Eu acho que esse é um convite que está aí, para essa nossa era digital. Queiramos ou não, nós vamos ter que encarar essa balança, cuidar disso. A gente vai ao médico do ouvido, ele vai falar assim: "Olha, esse ruído aí é um ruído que está mais dentro da sua cabeça do que aqui fora" Aí você vai ter que... "mas dentro da minha cabeça?" Essa aceleração enorme, cada vez a banda larga vai ficando mais larga, mais larga, mais larga. Eu acredito que a única coisa que dá para prever é que nós queremos cada vez mais chegar no momento presente. A gente quer chegar no ao vivo absoluto. [Risos] O que nos interessa é isso: é essa conexão interativa com todo mundo, com tudo o que já foi produzido, em tempo real. Talvez com isso consigamos uma conexão com nós mesmos. No fundo eu acho que é isso que está acontecendo: a gente quer chegar mais próximo de nós mesmos. Por isso que a gente tem tantos amigos virtuais. É só um mero pretexto para você se conhecer melhor.

É, EU ESTAVA BRINCANDO QUE EU VOU POR TAG NOS LIVROS E FAZER UM LIVRO DE TAGS – EU VOU ME DESCOBRIR.

É. No fundo, você quer se conhecer – o que é maravilhoso, porque é o que a gente sempre quis, desde o dia em que dois macacos sentaram na fogueira e um levantou, começou a contar uma história e o outro começou a ouvir. Esse é o princípio da comunicação: você falar e o outro ouvir. Só que depois que aconteceu isso, começou a parar de ouvir cada vez mais! [Riso] A televisão é isso. A televisão é um veículo que só fala, ela não ouve nada! O jornal também, a revista também só fala. O máximo que ela ouve é uma publicação de uma carta de leitor, mal publicada geralmente. Agora, a evolução digital inverteu isso. Você tem que ouvir...

NA REVOLUÇÃO DIGITAL TODO MUNDO FALA.

Está todo mundo falando, como sempre. A maioria das pessoas continua só falando e não ouvindo. Mas as pessoas que começam a se destacar no meio desse barulho são as que ouvem. Essa é uma diferença muito grande. Tem muita gente que me pergunta: "Você fica respondendo e-mail de telespectador?" Tem gente que me faz essa pergunta. Eu falo: "Escuta, essa é a minha profissão." As pessoas usam a palavra *gastar*. "Você gasta tempo respondendo e-mail?" Eu falo: "Se eu não faço isso eu não consigo me comunicar, porque é outra obviedade da comunicação: que o quê eu comunico não é o que eu falo, mas é o que a pessoa ouve." As pessoas ouvem coisas muito diferentes daquilo que eu acho que eu estou falando, então escuto a pessoa, porque só aí entendo o que estou comunicando. Ou faço isso ou falo sozinho. Eu conheço dezenas, para não chegar a centenas, de colunistas que ficam falando, e eles não sabem que as pessoas estão ouvindo outra coisa. E o colunista passa uma carreira inteira achando que arrasou. [Risos] Publica aquele livro com todas as colunas e... as pessoas ouviram uma outra coisa! Hoje existe a chance de poder receber de volta, em tempo real o que você está falando. O Twitter permite muito isso. Você diz e tem uma volta muito rápida dessa onda que você disparou.

MAS ISSO MUDA A NARRATIVA, A NARRATIVA FICA MAIS ABERTA EM REDE.

A narrativa muda o tempo todo desde sempre. Shakespeare, Bashô, Millôr, todos são grandes twitteiros. O Millôr não tem um Twitter, mas ele tem, sempre teve Twitter. Ele fala em 140 caracteres como ninguém. Temos que parar

de confundir a ferramenta com o autor da comunicação. Não é só quem usa Twitter que entende a linguagem do Twitter, mas os poetas, as pessoas que têm capacidade de síntese e os grandes mancheteiros de jornal. Tem às vezes grandes hai-cais em manchete de jornal de esporte. No Brasil, na Argentina tem mancheteiros brilhantes. A linguagem sempre foi alterada. O Shakespeare não teve uma peça publicada, morreu sem publicar. Ele escrevia junto com os atores nos ensaios, testando. Isso é muito parecido com o blog – você põe um *post*, aí os caras comentam. O Shakespeare foi um cara digital. No final, depois que ele já era o Shakespeare, alguém foi lá e juntou o diálogo, pegou os papéis com os atores e transcreveu as peças, depois de prontas. E hoje, entendemos ele como aquela coleção das peças, mas não foi assim. Ele foi muito mais não-linear do que isso.

Em uma entrevista, o Jorge Luis Borges fala que temos uma tendência a achar que os grandes contos anônimos são menos trabalhados, menos autorais. Ele fala: "Ao contrário. Um conto autoral tem um autor, um conto anônimo teve 100 pessoas que trouxeram uma síntese do que comunicava o melhor." Essa quebra da autoria mexe na narrativa no sentido de transformar a narrativa, e com mais comunicação.

Exatamente. Não é só autoria coletiva, pode ser autoria de uma pessoa, pode ser de um indivíduo que saiba usar. Que saiba ouvir. Que dê valor à sabedoria coletiva, essa que não é nenhuma novidade. O Sócrates fala, Platão também, falam do filósofo na praça conversando. Os diálogos do Platão. A gente já fala disso há muitos milênios e tem gente que valoriza isso. Hoje nós temos as ferramentas ideais para isso. Mas não é por isso que não tem mais autor.

Uma das coisas que me chama muita atenção nesse sucesso seu e dos seus parceiros de CQC, dos cinco twitteiros. Eles fazem parte desse movimento do *stand up comedy*, e aprenderam a fazer *stand up comedy* pelo YouTube, vendo inclusive o circuito internacional. E depois esses caras conseguiram ter projeção justamente no *YouTube*, e foram reconhecidos, e ainda têm uma relação muito forte com a rede.

Para mim, *stand up comedy* está na origem da comunicação. Aquele macaco, que levantou e falou para o outro fez um *stand up comedy*. Isso atrair interesse hoje revela o quanto estamos tendo que voltar para o primordial, para o elementar, que é uma pessoa contando uma história para a outra.

Então é muito mais que um fenômeno de uma coisa dos Estados Unidos. As redes hoje foram se atritando, se atritando e se atritando e descobriram a comunicação essencial – um cara contando uma história para um cara, sem cenário, sem nada. Usando a palavra, que é outra coisa muito desacreditada. Mas você vê essa geração digital lendo muito, escrevendo muito, traduzindo muito. Eu conheço fóruns de tradução coletiva que têm traduções muito melhores do que as traduções das editoras. Por exemplo, de Harry Porter, eles têm uma crítica à tradução brasileira e a tradução deles é muito melhor mesmo, aponta erros, inclusive factuais. Então é uma geração muito exigente.

Sobre a internet, a TV digital e a informação comum – aquela informação que você troca com o taxista quando você pega um táxi. "E aí, você viu o jogo do São Paulo ontem?" "Não, não. Eu estava vendo o jogo do futebol italiano." Você tem uma situação dessa. Como lidar com isso? Como é que você vê essa questão?

Não precisa lidar, porque a casa já caiu! [Risos] Esse mundo que você descreveu, já acabou. O taxista ouve rádio. O rádio está totalmente contaminado pelo mundo digital. Então o taxista vive o dia inteiro navegando na internet, mesmo que ele não tenha conexão dentro do carro. O cara comenta coisas sofisticadíssimas. O taxista lia o Notícias Populares e ouvia o rádio. Então ficava restrito a um cantinho do mundo que era reservado para ele, que eram os crimes, a coisa policial. Tanto que papo com taxista, geralmente, era sobre isso – violência e coisas do tipo. Hoje o taxista fala de crise, da Bolsa, do presidente do Paraguai que teve não sei quantos filhos! Isso não chegava antes na editoria dele. Ou ele fala do futebol inglês, ele fala que o Robinho saiu com uma mulher na Espanha (o Robinho saiu com uma mulher esta noite e ele ficou sabendo de manhã, na hora que começou a trabalhar). Então a gente já vive imerso nesta gelatina de informação, e cada pessoa tem o seu filtro, sua maneira de se relacionar com isso. Tem gente que pega isso tudo e transforma num grande barulho e tem gente que procura selecionar o que quer ouvir, tem gente que descobre livros, tem gente que escreve livros... agora, que nós todos estamos no mesmo barco digital, isso eu não tenho a menor dúvida. Mesmo aquele caboclo, que está lá no meio do rio Arapium, que fica a quatro dias de barco de Santarém. O caboclo faz de tudo lá, menos gelo, aí as notícias chegavam para ele junto com o gelo no barco, igualmente geladas. Hoje em dia, ao longo dessa viagem, você tem pontos de energia solar, você tem gente que já navega na internet por rádio, por satélite.

Wikipédia
conhecimento
cultura
artigo
ciência
gente
digital
pessoas
questão
revistas
sobre
revisão
ser
vai
internet
nesse
pares
pesquisadores
meritocracia
exemplo
identidade
hoje
Então
especialistas
dessa
artigos
cada
autor
área
acesso
abertas
advento
aberta
agora
âmbito
ampla
antes
ali
agências
Burundi
Britânica
certa
comunidade
campo
coisa
disso
coletiva
coletivo
determinado
Existe
difícil
ganha
existe
estudos
maneira
especial
grande
menos
outras
Hoje
inteligência
outro
mil
medida
interessante
número
qualidade
série
público
publicação
relação
sentido
pouco
temas
sistema
verbete
vez
saber
ter
sociedade
tende
verbetes
todos
vai
tempo
qualquer
Sim
processo
porque
justamente
onde
paralelamente
resultados
publicar
poderia
Nature
informação
forma
impacto
dois
fica
complicada
família
grupo
ideia
importante
conceitual
construído
crescente
dinheiro
comentários
circulação
determinados
experimento
claro
áreas
blogs
colecionador
algumas
artigo
livro
parte
PLOS
política
meio
novo
nação
poder
nível
produção
risco
validação
volume
todo
selos
temas
sentido
relação
publicação
pouco
sobre
revistas
ser
revisão
questão
pessoas
qualidade
número
pesquisadores
pares
medida
interessante
internet
nesse
meritocracia

Bernardo Esteves

editor da Ciência Hoje Online

Como você vê o impacto da cultura digital?

Essa é uma questão capciosa, porque estamos muito no olho do furacão, falta o recuo histórico para podermos falar. Eu vejo que a gente está numa mudança de paradigma. Isso que a gente convencionou chamar de cultura digital veio modificar profundamente, na essência, alguns conceitos que estavam bastante cristalizados na nossa sociedade, por pelo menos um ou dois séculos. O texto, o leitor, o autor, a leitura, todos os processos de produção, circulação e aquisição de conhecimento estão mudando estruturalmente com o advento das tecnologias digitais. Por conta disso, estando nos olhos do furacão, é muito difícil ter uma noção muito clara de como será a nossa cultura em dez, quinze anos. E isso é muito instigante. Qualquer previsão, qualquer veredicto muito determinante nesse momento sobre a cultura digital corre o risco de caducar muito rapidamente. Mas já existem algumas demarcações que ajudam a pensar como serão os paradigmas dessas mudanças. As pessoas estão reaprendendo a negociar, reaprendendo a construir conhecimento, a lidar com o outro. A alteridade ganha uma dimensão nova com a cultura digital. À medida que a tecnologia possibilita uma troca de ideias e compartilhamento de saberes, a relação com o outro ganha nova força. Essa relação era teoricamente possível no passado, mas de forma muito mais lenta

e difícil. Na realidade, o grande salto é o da rapidez, da instantaneidade. Porque, se a gente for ver, o hipertexto não é novo, o IC em determinadas esferas, em determinados contextos já acontecia também.

Você falou da alteridade. A alteridade pressupõe identidade, que é uma questão complicada nesse momento, porque ela tende, como tudo, a virar processo...

Essa é uma questão complicada. Eu tendo a acreditar que na internet a identidade ganha força, na medida em que as pessoas podem levar muito mais adiante pequenos aspectos formadores da sua identidade. Se você fosse um colecionador de selos do Burundi, em 1960, você teria uma série de problemas para ser identificado como tal. Hoje em dia você tem fóruns de colecionadores de selos do Burundi. Enfim, não conheço nenhum [Risos], mas eu tenho certeza de que se eu fosse colecionador de selos do Burundi, muito facilmente entraria em contato com meus pares, trocaria experiências e contato com essas pessoas. Isso de certa maneira é um aspecto que reforça a identidade.

Um outro lado dessa questão da identidade, que tem muito a ver com o ambiente científico, é a questão da reputação e da possibilidade que a rede cria de estabelecer alguns elementos de uma meritocracia, já que todo mundo está interconectado. Como é que você vê isso, inclusive dentro do contexto da Wikipédia, no campo dessa formação de conhecimento colaborativo?

Em especial a Wikipédia tem uma meritocracia toda própria. Eles têm uma hierarquia. Tem os editores, com graus diferentes de poder de edição, publicação e veto de artigos, que é puramente baseado no grau de participação que eles têm. Muita gente carimba esse modelo, essa hierarquia da Wikipédia como meritocracia. Quanto mais eu edito, mais eu tenho poderes ali. De modo geral, a inteligência em nuvem é uma maneira de premiar, dar mérito às pessoas que são vistas pelo coletivo como dignos de nota. Existe uma preocupação crescente na questão de como conter o lixo virtual. Não apenas o spam, mas o lixo conceitual, que povoa a caixa de comentários de blog e outras formas da internet. Uma das alternativas mais fortes nesse sentido parte da ideia da inteligência coletiva, da meritocracia, da descentralização da moderação para pessoas que criaram uma relação especial com aquele espaço. É uma manifestação interessante dessa inteligência coletiva. É uma experiência que no âmbito político a gente não poderia ter, senão em círculos muito

restritos. E a grande esperança é haver uma ampliação desse tipo de recurso para uma esfera política mais ampla mesmo, no âmbito decisório civil, social, para podermos agir não só como internautas, mas como cidadãos. A tecnologia está caminhando nesse sentido, resta saber se a gente vai se apropriar dela dessa forma. Isso é uma aposta.

E a ciência, como tem tratado essa questão?

Na ciência, em especial, a gente tem uma manifestação muito interessante disso, e que foi trazida à tona com o advento da cultura digital, que é uma ameaça a um sistema muito antigo de validação do conhecimento científico, que é a revisão por pares, uma coisa que está aí há mais de um século, consolidada há pelo menos um século e meio, eu diria. E não havia antes. Hoje em dia se você tem um resultado novo, se você tem um conhecimento original a ser comunicado à comunidade científica, é preciso redigir um artigo, submeter a uma revista reconhecida como relevante no seu campo, e esse artigo é entregue a especialistas naquela área que avaliam a sua relevância. Só que, obviamente, como qualquer relação humana, esse processo passa por influências que vão muito além da pura análise isenta da qualidade cientifica daquele trabalho. A revisão por pares é um sistema que está aí, e está muito sólido, sofre uma série de críticas, mas até agora não encontrou nada que possa ser melhor do que ela para validar a qualidade do conhecimento científico gerado pelos pesquisadores. E de repente surge uma proposta alternativa a isso, justamente por conta da livre circulação de conhecimento permitida pela internet. Existe, por exemplo, em especial no meio das ciências exatas, uma iniciativa chamada arXIv, que é um repositório de artigos onde os pesquisadores publicam paralelamente ao processo de revisão por pares. Então, um físico que tenha um resultado para comunicar, pode submetê-lo à revisão de especialistas da sua área num determinado periódico de grande importância, mas paralelamente pode postá-lo no arXIv sem qualquer mediação. E a própria comunidade de físicos, à medida que vai lendo e comentando nesse repositório, vai qualificando esse artigo. Então, assim, o número de downloads, o número de comentários e a qualidade dos comentários funcionam como uma revisão por pares muito mais orgânica, mais aberta, do que a revisão formal, estrita, supostamente cega dos periódicos, em que o artigo é dado para dois, três avaliadores que supostamente não sabem quem é o autor. Só que em determinados campos você tem quatro, cinco especialistas

que entendem aquele aparte conceitual. Então a coisa fica entre aquela panela, restrita. Na medida em que se escapa desse mecanismo, se cria um sistema em que justamente a meritocracia digital atua, e se tem a validação do trabalho por um circuito independente.

.

O saber científico sempre foi coletivo...

Sim. É uma noção muito clara e que vigora há muito tempo que a ciência é um conhecimento coletivamente construído. Essa noção de que o que está sendo feito agora só foi permitido porque centenas, milhares de outras pessoas ajuntaram pequenas peças de determinado quebra-cabeça. E a cultura digital traz isso de novo para o âmbito da cultura e da comunicação. A Wikipédia é isso. Existem estudos que mostram que há uma correlação muito forte entre a qualidade do verbete e o número de pessoas envolvidas na sua edição. Então, enfim, estudos que se você adotar, por exemplo, um critério como, enfim, artigos que foram eleitos por aquela comunidade que tem aquela meritocracia que a gente discutiu mais cedo, em função da participação de cada usuário eles ganham mais poder de voto nas questões internas. Quanto menos autoral e mais coletivo, melhor costuma ser o artigo. Existe um ditado popular que diz "muitos cozinheiros estragam o guisado". Na internet é o contrário: muitos cozinheiros melhoram a qualidade do guisado.

E a questão da responsabilidade sobre a informação? Não há um risco aí?

Existir, existe. Obviamente, na medida em que se abre para todos, se abre também para os usuários corporativos. Há relatos de usuários corporativos que tão aí justamente editando pesadamente artigos. Mas existe a vigília de pessoas interessadas em determinado artigo, que são uma ferramenta de controle. Sobretudo em temas polêmicos, como transgênico, por exemplo. Então, sobretudo os temas de grande interesse na esfera pública, onde muita gente se preocupa e participa do debate, o texto tende a ter maior qualidade. Até porque os diversos lados da questão estarão contemplados. Nós nos acostumamos a trabalhar com dois lados, a favor e contra, que era um tipo de pensamento do *broadcast*, mas cada vez está ficando mais claro que existem diversas nuances para cada questão.

A *Nature* fez um estudo seminal sobre a Wikipédia, sobre os verbetes em inglês, que são muito citados, muito criticados também, comparando com verbetes de ciências da Enciclopédia Britânica, através do sistema da revisão

por pares. O time de revisão da *Nature* encaminhou 50 verbetes, sem que se soubessem quais eram da Britânica, quais eram da Wikipédia, para especialistas daquelas áreas específicas e constatou que o número de erros factuais era muito parecido nas duas. Com o acréscimo interessante que os erros apontados puderam ser corrigidos imediatamente pela Wikipédia, e na Britânica o processo é muito mais lento. A *Nature* soltou um editorial dizendo que os pesquisadores em vez de demonizar a Wikipédia deveriam mais é criar o hábito de ir lá e trabalhar e editar os artigos da área deles.

Outra inovação importante para o saber científico possibilitada com o advento da internet é a discussão por cientistas do mundo inteiro de determinada área de etapas preliminares da construção do conhecimento. Antes, a comunicação dos resultados só era disponibilizada a público num artigo redigido semanas ou meses depois da conclusão do experimento. E hoje existe um número crescente de pesquisadores com blogs onde disponibilizam resultados intrigantes no laboratório na véspera, permitindo uma análise ampla. Está se dando visibilidade a uma série de coisas que antes ficavam escondidas. Resultados errados, por exemplo. Os artigos tendem a apresentar o que deu certo, o experimento que funcionou. De repente, instâncias como blogs, fóruns de discussão, permitem ver o conhecimento sendo construído, não é preciso esperar o produto final. E surge, durante o processo, uma intervenção da inteligência coletiva e da produção coletiva de conhecimento. Isso é muito rico.

E a questão do acesso à informação científica, porque antes as assinaturas das revistas eram muito caras...

Sim, existe hoje uma coisa análoga ao software livre, que é o estímulo a revistas abertas. Nos EUA, a Fundação Nacional de Ciência, que financia um volume considerável de pesquisas dos Estados Unidos, há pouco tempo determinou que todo o conhecimento gerado a partir dos estudos financiados por ela teria que ser veiculado em revistas abertas. Até pouco tempo atrás, não havia muitas revistas de grande impacto no meio científico que fossem abertas. Muito recentemente, houve a criação de uma família de revistas que foi paradigmática, nesse sentido de liberdade de acesso ao conhecimento, pelo grupo PLOS – *Public Library Of Science*. São revistas que invertem totalmente o circuito normal de publicação, onde o cientista que escreve o artigo submete à publicação, o artigo é publicado e assinantes (institucionais ou

individuais) pagam por essas revistas. Nas revistas do grupo PLOS é o contrário: o pesquisador paga para publicar. Então eu sou cientista, eu quero publicar ali, eu boto dinheiro. São muito poucos os pesquisadores que fazem ciência com investimento próprio, então se ele já vai pedir um financiamento de R$ 20 mil, R$ 50 mil, R$ 100 mil para agências fomentadoras, é só botar mais R$ 5 mil para publicar o artigo. Isso, no final das contas, vai ser irrelevante diante do volume de dinheiro que ele vai precisar para a pesquisa. Essa família de revistas fez um movimento importante para romper com essa lógica um pouco perversa do acesso restrito à informação, fossem financiadas justamente pelos cientistas, ou em última instância pelas agências financiadoras, e disponibilizar o conteúdo de forma aberta.

Em outras palavras, a Wikipédia poderia ser um excelente instrumento nessa interface entre academia e sociedade, que é tão frágil hoje.

Exatamente. Existe outro exemplo muito interessante, de um periódico que condiciona a publicação de artigos à redação de um verbete da Wikipédia sobre aquela contribuição específica. Para se efetivar a publicação na revista, é necessária a disponibilização para o público leigo na Wikipédia dos dados novos que o artigo traz. No Brasil isso também poderia ser feito. Se no contrato com as agências fomentadoras cada bolsista precisasse escrever um verbete sobre o tema da sua pesquisa, por exemplo, a contribuição para a sociedade seria imensa.

E cada vez fica mais claro para a sociedade a importância da ciência.

A ciência sempre foi um pouco tabu para algumas pessoas. Um tema visto como difícil, hermético, conceitualmente árido. Mas cada vez mais ciência é parte da cidadania. Hoje você precisa entender coisas básicas de ciência para poder se manifestar sobre as questões. Você precisa saber qual a posição do seu deputado sobre transgênico, célula tronco, todos esses temas. Não tem como se posicionar politicamente sem ter um domínio de conceitos dessa área e de várias áreas. A ciência perpassa cada vez mais a política. A cultura digital, a internet, a facilidade de acesso ao conhecimento tende a proporcionar um reatamento entre essas dimensões que, no fundo, não deveriam nunca ter se divorciado. Ciência é cultura. A ciência é um campo de conhecimento filiado, de certa maneira, a essa coisa grande que é o corpo cultural. E a cultura digital nos disponibiliza as ferramentas, as condições para promover essa reconciliação.

A matemática, com o digital, fica imprescindível para a vida...

De certa maneira a gente tem um aumento de caixas pretas a serem abertas e que dependem de conhecimento técnico. Mas houve, ao menos, uma socialização da chave.

São os *Commons*...

Sim. E veja, hoje as pessoas falam em *commons*, em propriedade aberta, em saber imaterial. Essa é a reflexão central da cultura digital. Quando eu falei de ruptura de paradigma no começo, esse é o ponto. Houve uma quebra da ideia de um conhecimento, um autor, dessa relação muito unívoca que a gente tinha até agora. Quando se começa a ler sobre a história da autoria, você se toca que esse autor que a gente tem hoje, ou que a gente tinha até anteontem, é uma construção recente. Está nele um pouco do advento do capitalismo, da Revolução Comercial, da possibilidade de se atribuir um valor comercial a uma ideia, a uma obra. A gente tem ali a imprensa de Gutenberg, que permite a disseminação, a multiplicação daquele suporte material. Você tem a combinação disso tudo que se cristaliza numa coisa que é historicamente construída. E a gente está começando a reconstruir isso. Que autor vai surgir disso? Essa é uma perspectiva que me fascina muito pensar.

memória digital /

Nas fases de grande mudança, o primeiro trabalho é rever o que pensamos. Isso não significa jogar fora tudo o que fizemos, mas retomar, partindo de como o mundo é em cada lugar. Sem isso, planejar é um vôo cego, com todas as suas consequências.
Milton Santos, 1994

Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa duma Província ocupava uma Cidade inteira, e o mapa do Império uma Província inteira. Com o tempo esses Mapas Desmedidos não bastaram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o Tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos Dedicadas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes decidiram que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedades entregaram-no às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa habitadas por Animais e Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.
Jorge Luis Borges, 1935

Meu tempo é quando.
Vinicius de Moraes, 1955

Bom
acessar
acesso
absolutamente
capacidade
agora
atividade
alguma
aquele
aqui
atenção
ciberespaço
ali
cinema
ambiente
conectada
coisas
cada
comecei
água
criação
antes
computadores
aí
CNN
disponível
comunicação
coisa
dia
existe
efêmera
exemplo
Então
espaço
dessa
diferentes
especialistas
álbum
Estado
então
digital
filme
fazendo
digitalização
cultura
existir
experiências
físico
fazer
fotos
formas
fotógrafo
foto
Hoje
filtragem
maneira
imediatamente
importante
experiência
linguagens
fala
forma
grande
lógico
memória
hoje
formatos
gente
existentes
Gmail
life
jornalismo
horas
havia
material
história
papiros
nesse
lado
menos
novos
momento
manhã
necessidade
nisso
possibilidade
partir
mundo
manipulação
mesma
notícias
mostrar
pessoa
internet
pé
jornal
processo
outro
poder
Paulo
parte
próprias
pessoas
porque
profissionais
possível
personalizar
seleção
posso
onde
primeira
portanto
outra
sentido
todos
questão
sempre
situação
site
tudo
tela
pode
real
ser
tão
talvez
tecnologia
suporte
repente
tecnologias
tem
tipo
vai
relação
social
ver
qualquer
ter
sobre
tempo
vivemos
vez
redes
vão
velocidade
vida
texto
todo
vou

Marcos Palacios

sociólogo da comunicação

O que é cultura digital?

Esse termo surgiu para fazer uma separação entre a cultura até então existente e algo que estava emergindo, que era o digital. Nos primeiros artigos sobre a cultura digital era muito comum se usar a expressão *real life* para se referir ao mundo das coisas sólidas, em contraposição a esse outro mundo, que seria o mundo virtual. Essa separação inicial vai perdendo sentido à medida que o digital vai se entranhando nas coisas, as tecnologias digitais vão se naturalizando na vida das pessoas. Ninguém hoje mais fala em *real life*. O digital virou parte do *real life*. Mesmo os excluídos vivem num mundo de tecnologias digitais. A pessoa passa a usar um cartão de banco para receber a sua aposentadoria rural, isso é parte da digitalização do mundo. Códigos numéricos, redes complexas são acionados cada vez que uma operação dessa é realizada. É um digital que se transfere a todos esses equipamentos coletivos que nós utilizamos como parte do nosso dia-a-dia.

Sobre a naturalização: existem transformações, conflitos muito fortes vão se tecendo, e parecem não existentes para as próprias pessoas que estão atuando na mídia digital. Isso é uma armadilha?

Isso acontece com qualquer tecnologia e qualquer processo da vida social. Se não fosse assim, não haveria necessidade da reflexão sobre esses processos por especialistas, que levantam questões. O desvelamento do real é a função da atividade científica, dessa atividade do pensamento. Marx disse: "Se a realidade fosse transparente, não haveria necessidade de ciência". A realidade acaba sendo como a água para o peixe, ou seja, aquilo o que o peixe menos sabe é sobre a água, porque ele está absolutamente imerso, dentro do elemento água. A questão é a fuga do aquário. Como é que é possível a gente produzir o que McLuhan vai chamar de contra-ambiências? A ciência é uma das formas de contra-ambiência, a consciência humana é uma contra-ambiência, mas ela tende a ser normalmente envolvida por esse oceano de água no qual nós vivemos. E isso é um processo que não tem nada de determinístico, é aberto à deliberação humana, à contradição, ao conflito, ao choque de interesses. A tecnologia não é de modo algum neutra. A tecnologia existe na conflituosa relação de sua própria ação, em cada momento social.

Chegaremos a um momento em que não vai mais ser necessário falar em ciberespaço? Vamos ter em vez disso simplesmente um espaço, um espaço fluido?

Cada vez menos é necessário se falar em ciberespaço. Na sala de aula, eu estou em contato físico com os estudantes, mas ao mesmo tempo estou usando uma tela de projeção conectada. Portanto, estamos nos apropriando de elementos que estão absolutamente incorporados àquele ambiente físico e que são coisas que estão no chamado ciberespaço. Não causa nenhum estranhamento que eu esteja falando de alguma coisa e de repente jogue uma imagem e mostre um elemento qualquer nesse debate que está em algum outro lugar e que eu trago através dessas redes. Essas fronteiras deixam de existir. Não falo: "Bom, agora eu vou parar e vou entrar na internet." A internet está o tempo todo. As pessoas têm os seus computadores e esses computadores são máquinas que estão ligadas 24 horas por dia. Da mesma maneira que eu consultava um dicionário, eu consulto hoje a internet. Ao mesmo tempo, minha mãe fala comigo no Skype.

A cultura digital causou terremotos dentro da arte das mídias tradicionais. Para os não especialistas isso está se naturalizando, mas essas áreas ainda estão com dificuldade de se encontrar nesse novo ambiente, não?

A digitalização vai possibilitar a contração da informação em núcleos absolutamente compactos e, portanto, de fácil difusão. Essa revolução traz a necessidade de criação de linguagens. Por um lado isso afeta muito a arte. A internet pode ser pensada como um espaço para onde se transpõe certos formatos já existentes: ver um vídeo tradicional a partir de um site. Outra coisa é a criação de linguagens próprias aos meios. O primeiro momento é sempre um momento de transposição, depois começa o movimento de criação de linguagens próprias para os novos suportes, cada um exige uma linguagem diferente. A tela de um celular hoje é um suporte midiático que exige linguagens específicas para o seu funcionamento. Os vídeos que recebemos hoje no celular são feitos para televisão, mas isso está mudando muito rapidamente. Isso leva à busca, à pesquisa de novos formatos. Então é preciso desenvolver linguagens próprias para cada um desses suportes. Isso é um dado da questão. Sempre que se fala de novas tecnologias, chegamos em discussões do tipo: "Bom, isso vai fazer com que então tal forma desapareça" ou: "Como agora tudo é digitalizado, não vai existir mais jornal impresso, não vai existir mais o filme tradicional." Essas discussões são em grande medida ociosas, no sentido que nós sabemos que uma outra tendência absolutamente histórica é a convivência de diferentes formatos expressivos, midiáticos ou não midiáticos. Que o que ocorre em grande medida em situações de transformações como a que estamos vivendo são recombinações, estabelecimento de novas relações de diferentes formatos expressivos, muito mais do que desaparecimento. Por outro lado, essas formas já existentes também são digitalizáveis. Essa é uma peculiaridade da tecnologia digital: ela existe enquanto presente, mas também tem a característica de se projetar para trás. As formas anteriores expressivas, as formas culturais e os produtos culturais são também digitalizáveis e digitalizados. Hoje ninguém precisa ir ao Museu do Cairo para consultar a coleção de papiros, que eram coisas que só estavam lá e só podiam ser tocadas por certos especialistas, ou estavam em algumas publicações que reproduziam fotografias. Hoje você vai à internet e acessa os papiros. É essa capacidade dessa tecnologia de se projetar para trás. O que isso provoca de impacto sobre a cultura anterior? Mudam os modelos de negócio associados a direitos autorais: O que é o uso *fair use*, o "uso justo" de um material que tem um copyright? Um jornal, por exemplo, se não for viabilizado comercialmente não vai existir, mas vai ter que existir de alguma outra forma. Tudo isso está em discussão gerando fortíssimas batalhas judi-

ciais, porque nós estamos basicamente tratando de legislações que são legislações do século XIX, XVIII, para tratar de produtos que são inteiramente novos. Elas não podem servir mais para esse tipo de produto. Tudo isso tem a ver com uma dimensão política de todos esses processos.

Quais são os desafios que o senhor enxerga em relação ao processo da digitalização desse universo?

Quando eu falo dos papiros, estou ressaltando aqui um aspecto positivo dessa história. Ter os papiros digitalizados e, portanto, acessíveis massivamente, é também uma forma de preservar esses papiros, no sentido de que eles vão ser objeto de menos manipulação, que seria destrutiva para eles. Isso é uma coisa positiva, há uma preservação do suporte físico dessa memória escrita, ao mesmo tempo em que há uma massificação da possibilidade de acesso a esse conteúdo. A velocidade desse processo muda de acordo com a consciência da sua importância. Evidentemente há também a preocupação com formas de preservação. Como garanto que essa memória digitalizada se preserve? Isso foi gravado em que tipo de suporte e para servir em que tipo de máquina? A maioria dos computadores por aí já não leem disquete, por exemplo. Os disquetes que estão aqui pela sala são usados para funcionar como porta-copo, para não manchar a mesa. É uma ótima apropriação da tecnologia. É bonito como porta-copo, tem várias cores. Mas existe ai um problema de memória. Sou especialista em arquivologia. Num encontro, fiz um desafio: projetei uma tela que era a homepage do jornal *O Estado de São Paulo* do dia anterior, e disse: "Como é que vocês pensam que isso pode ser preservado, enquanto um elemento, um material de arquivo?" E comecei a mostrar outras telas, que eram da mesma home do *O Estado de São Paulo* do dia anterior, mas em horários diferentes. Eu disse: "Essa foi capturada às 7h da manhã. Essa é das 9h, essa é a das 11h essa, é a da 13h." A página foi se modificando durante o dia, a manchete às 7 horas da manhã, às 6 horas da tarde era uma chamada no pé da página. Isso levantou uma grande discussão. Hoje, os grandes jornais do mundo, nas suas versões *on-line*, eles têm atualização contínua, 24 horas, sete dias por semana. Como preservar isso? Se tentarmos recuperar material fazendo buscas, acessaremos o arquivo digital e recuperaremos as informações. Em grande número dos jornais, o texto é recuperável mas não as imagens, vídeos, infográficos que estavam associadas àquele texto. Mesmo nos casos mais sofisticados, onde se recupera o

texto com tudo que estava junto a ele, você não recupera o contexto em que aquilo estava, que é outra coisa fundamental. Não sabemos se a matéria teve importância de manchete, por quanto tempo isso ocorreu, ou se foi um pé de página. Isso se perde, e é uma perda em termos de memória, de recuperação da informação que deveria ser guardada e arquivada do jeito a possibilitar o máximo de fidelidade na sua recuperação. Há um critério de efemeridade. É lógico que não há soluções, que não há respostas para essa questão. Acabamos caindo naquela história do Borges, do mapa dos mapas. Vamos cartografar um por um. Isso que a gente está chamando de lixo ciberespacial, em termos técnicos, é o que a gente chamaria de efêmera. São aquelas coisas que são produzidas para ter uma duração efêmera realmente. Mas hoje se percebe que a efêmera é uma memória importante. Você tem colecionadores, felizmente, que guardaram esses volantes de rua, colecionadores que guardaram cartazes de cinema, de teatro, cartazes de circo e isso ficou como coleções. Está acontecendo que grande parte disso agora acontece na internet, e você tem uma efêmera que fica por aí, mas que tão pouco é classificada.

As pessoas acham que se incluíram como produtores de cultura com a internet, não é tão simples assim.

Não. Esse material que está na internet é instável. Os links dos artigos que escrevi há oito anos provavelmente estão quebrados. Quando eu me levantei, eu fui ao computador para fazer a minha primeira vistoria de e-mails, para ver se havia alguma coisa urgente a ser tratada. Abri o Gmail e veio uma mensagem dizendo: "Sua conta está temporariamente sem acesso". Eu digo: "Ave Maria!" Um tempo depois voltou a mesma mensagem, com um complemento: "Erro número 64". Eu falei: "Bom, então deixa eu ver na central o que é". Lá havia muitas mensagens preocupantes, de gente que dizia: "Eu já estou há dois dias sem poder acessar a minha conta no Gmail." Aí eu comecei a pensar nisso: E se perdeu tudo aquilo o que está lá? E se apagou? É uma coisa que eu não tenho nenhum controle. Eu estou usando um serviço do Gmail que me ofereceram, onde tenho todo aquele espaço. E de repente se tudo isso some? E tudo o que eu tenho guardado ali, toda a minha correspondência atual, a minha vida acadêmica que está se processando por ali? Felizmente, depois de cinco minutos, a coisa se normalizou. Mas isso me deu aquela quebra da naturalização. Quando isso acorreu comecei a pensar no Gmail, e

em todas as relações de poder, monopólio etc. Tudo isso começa a vir para sua cabeça imediatamente quando há uma falha.

Sabe de algum país que tenha se lançado a enfrentar isso? E como indexar?

O que é indexar? E quem é que faz a filtragem e a seleção? Quem é que decide? No âmbito global e até doméstico, que fotos eu guardo? Isso são mudanças de hábitos do cotidiano e de hábitos profissionais. O fotógrafo, com o digital, não tem mais limites para bater a foto. O que entra é o processo de seleção, que significa apagamento, na verdade. Por exemplo, quando houve o caso famoso do [Bill] Clinton com a estagiária, a primeira vez que ela foi identificada foi numa foto dessas de acaso. O fotógrafo tinha feito fotos no gabinete do Clinton que aparecia a mulher, de relance, numa foto que não tinha apagado e que ele teria apagado se fosse digital.

O digital nesse sentido também fortalece a ideia de gênio, porque o fotógrafo só vai mostrar a sua infalibilidade.

O modo de produzir mudou: não existe mais um manuscrito, que eu altero, que eu rabisco e depois eu, talvez, a partir de um manuscrito datilografe e depois corrija no datilografado para, finalmente, mandar aquilo para a editora. Antigamente, saía com uma máquina Kodak, tinha 36 fotos ali para fazer as fotos da viagem, ou 72 fotos, porque você levava um rolinho a mais. Algumas iam ficar péssimas, mas era possível aproveitar 40 fotos da viagem que você ia colocar num álbum e mostrar para seus amigos quando eles fossem o visitar. Hoje, são tantas fotos que você nunca mais vai ver e nem mostrar. Então mudou aí a relação com a memória (a memória particular, familiar), com o compartilhamento dessa memória nesse círculo próximo da família. Já pensei nisso. Falei: "vamos fazer uma seleção de 30 fotos e imprimir e pôr num álbum e poder ter uma memória". É capaz de nem conseguirmos mais comprar álbum de fotografia a essas alturas.

Determinados tipos de documento deterioram mais com a manipulação, nem estão mais acessíveis porque a manipulação iria destruí-los, nesse caso a digitalização é benéfica. Mas a experiência de contemplação é alterada.

Isso é uma questão mais geral ao que diz respeito às formas da experiência e da vivência no mundo. Há grande diferença entre acessar um papiro numa tela e ver o papiro original, uma diferença sensorial, e até de você ver,

de você tocar num papiro que tem 3 mil, 5 mil anos de idade. É lógico que as experiências são diferentes e não são, de nenhuma maneira, intercambiáveis. Entrar no site do Museu da Língua Portuguesa e conhecer o site, de nenhuma maneira, substitui a ida ao Museu e percorrê-lo fisicamente. Agora, por outro lado, o fato dele estar na rede e permitir uma visita virtual é fantástico. E funciona também como uma forma de motivação. Mas é como ler *O nome da rosa* e ver o filme *O nome da rosa*. São duas experiências totalmente diferentes. A mesma coisa com o cinema: ainda que você baixe, coloque na sua casa num *home teather* de melhor qualidade, num telão imenso, o filme não é a mesma coisa, porque existe uma experiência, que é a experiência social de estar no cinema compartilhando aquilo, há uma magia nisso.

Agora, para tudo isso, é necessário uma banda larga. Não há a criação de uma elite digital nesse sentido?

Sim. Quando você acessa o *New York Times*, imediatamente ele pergunta qual é a velocidade da sua conexão. Há um determinado tipo de infografia inacessível com menos de 1 giga de capacidade de conexão, com um infográfico supersofisticado, todo interativo, ou um infográfico estático, se você tiver uma velocidade baixa. E existe a possibilidade de se criar redes exclusivas, de altíssima velocidade, onde nem todos teriam acesso. É uma internet fechada. Há reações a isso, posicionamentos políticos pela universalidade do acesso a todos os conteúdos disponíveis. Ainda que exista a universalização e não existam restrições de acesso aos arquivos, há restrição prática, de nem todos terem a velocidade suficiente para baixá-los. É a exclusão dos incluídos ou dos semi-incluídos. Quer dizer, eu sou incluído, mas eu sou incluído em baixa velocidade, em banda estreita.

Todos podem se expressar pelo blog, mas só alguns têm direito a serem lembrados. A internet passa uma ideia de democratização e de socialização do conhecimento que não é tão real assim.

É real porque é a primeira vez que um sistema de comunicação oferece para você ao mesmo tempo a possibilidade de produzir e circular, mas ninguém circula nada, só disponibiliza. A internet é uma mídia de acesso e não de difusão. Você não difunde, você disponibiliza, as pessoas acessam. Eu prefiro chamar a internet de um ambiente de comunicação do que de um meio de comunicação. A capacidade de mobilizar acessos é outra história. É possí-

vel circular, ser acessado por qualquer um que conheça aquele endereço, que chegue àquele endereço e que tenha interesse em acessar. É a questão da economia da atenção. A Reforma Protestante se dá porque a informação era escassa. A reivindicação era a Bíblia ser traduzida, todos queriam ter acesso na língua nativa. Hoje nós temos uma situação inversa: temos superabundância de informação e, portanto, uma nova forma de economia da atenção: "O que é que eu vou consumir? O que é que eu tenho condições, atenção disponível, possível, para consumir?" Isso significa que são cada vez mais importantes os instrumentos de filtragem, de seleção. Dizem: "o jornalista vai desaparecer". Como? Se você está numa situação em que cada vez mais é importante que você tenha pessoas que sejam capazes de organizar essa informação, de indicar corredores pelos quais você pode recuperar uma informação. Toda a informação está disponível. O que vai acontecer? A cada dia eu vou levantar e vou ser o editor-chefe de mim mesmo, recolher essa informação toda para me informar?

Quem tem tempo para isso?

Não tem como! Nós vivemos o tempo todo conectados. Nós vivemos fazendo isso como uma forma de vida, digo isso aos especialistas. As pessoas em geral não são profissionais da área. Tomemos um dentista. Eu sempre costumo dizer, porque eu tenho um irmão dentista que é uma pessoa conectada, ele se interessou por internet antes dela ser comercial. Quando a internet passou a ser comercial, imediatamente ele se conectou e é uma pessoa conectada. Ele trabalha a maior parte do seu dia, de pé ou sentado numa banqueta, fazendo próteses e obturações e cirurgias. Ele tem um tempo muito limitado para acessar: entre uma consulta e outra, quando o paciente não vem, em casa de noite talvez um tempinho, de manhã, antes de ir para o consultório. É isso. E, é lógico, ele tem que fazer uma extrema seleção de como utilizar aquele tempo que ele tem disponível na internet, que é talvez uma hora por dia. Diferente de nós, que ficamos 12 horas por dia fazendo isso. Então eu sempre chamo atenção dos colegas para não universalizar a forma como usam a internet. É exceção.

É uma questão nova.

Quando se começou a discutir jornalismo na internet, uma das linhas de discussão era justamente essa questão da personalização da informação. O

sentido de comunidade que o jornal vinha historicamente criando desaparece. As comunidades imaginadas do Benedict Anderson. Se eu personalizar cada vez mais essa informação jornalística eu começo a só receber as notícias que me interessam? Por que critério de filtragem? E de repente morre o presidente da República eu não fico sabendo por que eu não coloquei política nacional como uma das minhas prioridades. Tanto que a CNN fez experiências de personalização, hoje saíram dessa. Mas eles faziam o seguinte: "Você pode personalizar à vontade, mas existirá uma parte aqui que é das notícias que a CNN acha que você tem que tomar conhecimento hoje." Então aqui você podia personalizar, e havia um espaço ali que era da CNN, dizendo o que eles consideravam ser as grandes notícias do dia.

Sob o risco, inclusive, de perder a sua função.

Função de filtro e hierarquização da informação que tem. Não desaparece o jornalismo porque mesmo com essa abundância de informação, há necessidade de filtrar, hierarquizar e contextualizar. Acho que são três elementos aí que são fundamentais da atividade jornalística. O jornalismo que não fizer isso é o jornalismo que vai desaparecer. Esse tipo de produção de conhecimento vai persistir e ficar mais importante na situação de super abundância. A cada manhã eu posso me reportar a sites onde profissionais fazem isso para mim, então eu vou a site do *O Estado de São Paulo*, ao site da *Folha de São Paulo*, ao site do *New York Times*, ao site do *El Clarin*, ao site do *El Publico*. Claro, agora com uma facilidade enorme, que eu não tinha antes, de transitar por todos esses espaços de profissionais de diferentes países e diferentes ideologias, inclinações políticas etc. A partir daí, eu posso navegar à vontade e buscar o tipo de informação que eu bem entender e aprofundar o tipo de informação, mas eu tenho uma cartografia básica ali que me foi dada. Além d'*O Estadão*, o *Le Monde* ou *Le Fígaro*, eu posso incluir também um jornal da esquerda radical, um jornal comunitário, feito na minha cidade etc. etc. Há um acréscimo aí, não uma subtração.

acessível
acesso
Canal
ação
algumas
bastante
artigo
para
área
áreas
apenas
Biblioteca
ali
depositar
biblioteca
cada
coisa
científicos
conteúdos
anos
Brasil
bem
cultural
ainda
Ciência
dar
defendidas
comunicação
blogs
colocar
conhecimento
dentro
Digital
comunidade
conjunto
digitalização
deste
cultura
cinco
então
estabelece
dessas
criar
dados
da
Hoje
disseminação
definir
digitalizar
desta
estratégia
ferramenta
dissertações
digital
ferramentas
institucional
existem
mesma
Dissertações
idiomas
faz
instituição
fazer
forma
IBICT
ideia
falta
interpropriedade
fomento
linguagem
depósito
estar
material
importância
nível
interface
hoje
instituições
momento
nessa
onde
grande
impacto
muitas
metadados
interoperabilidade
internet
pesquisadores
livre
modelo
língua
outras
pacote
parte
público
poder
programa
partir
precisa
pesquisa
maior
outros
pesquisador
pesquisas
periódicos
produção
pacotes
porque
país
portuguesa
qualquer
política
projeto
padrões
questão
revistas
trabalho
trabalhar
mundo
teses
ser
ter
quais
repositório
universidades
Unicamp
sendo
software
pode
todo
Talvez
tecnológica
totalmente
utiliza
via
tecnologia
todos
Teses
vários
vai
universidade
revista
repositórios
visibilidade

Hélio Kuramoto

coordenador geral de projetos especiais - IBICT [Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia]

Como o senhor avalia o impacto que o digital opera na cultura e consequentemente na ciência?

A tecnologia da comunicação e da informação e todo este conjunto que dá suporte à internet maximizam a visibilidade do objeto digital. Isso é um impacto na concepção de acessibilidade ao saber, da memória e do conhecimento da sociedade. As pessoas se assustam com isso. Quando começamos a implantar a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, havia medo de plágio por parte dos acadêmicos e eu dizia que certamente poderia ser plagiado, mas com muito mais certeza o plágio seria descoberto mais rapidamente. Tendo o trabalho apenas na prateleira, se houver plágio deste trabalho, somente será descoberto se alguém for até aquela prateleira. Se estiver na internet, vários interlocutores acessarão o trabalho: lendo, fazendo citações. Quando o trabalho está na internet, está registrado, tem a data de publicação. Se qualquer coisa parecida vier a aparecer na internet, esta coisa é plagiada. Existem softwares para detecção de plágios. Mais do que dar insegurança àquilo que está ali registrado, publicar o trabalho na internet propicia maior segurança e confiabilidade. Agora você precisa convencer os pesquisadores a depositar no repositório. O maior problema é mesmo de gerenciamento de interoperabilidade humana de você

sensibilizar o pesquisador ou as instituições específicas para a importância daquilo ali. O que acontece é que muitas vezes, como aconteceu nas universidades, tinha departamentos que não queriam fazer depósito das teses e dissertações porque era uma auto-exposição do seu trabalho, então se os seus trabalhos não são bons eles não vão ficar bem na fita.

Mas para as pessoas sérias é uma ferramenta excelente.

Não dá pra se trabalhar sem fazer upgrade nas suas atividades profissionais. A internet dá um potencial enorme de criar e oferecer serviços de melhor qualidade, mas a saída é descentralizar tudo. Já existem mecanismos que propiciam a interpropriedade tecnológica. A ideia é estimular que cada Universidade crie seu repositório, que fique trabalhando somente como um elemento integrador e facilitador, e dessa forma fornecer ao público a informação científica.

A ciência se reconecta com a cultura, se recoloca de forma interoperável. Isso também seria interpropriedade?

Quando se disponibiliza essa tecnologia, várias possibilidades acontecem e a interpropriedade deve permear outros níveis. A cultura e a ciência formam então uma conexão. Talvez isso não esteja claro hoje, mas como todo esse acervo cultural estará disponível na rede e dependerá da tecnologia e da ciência para isso, é a ciência que vai dar suporte à disseminação destes objetos. O que não para por aí. O que principalmente falta hoje é a interpropriedade humana, as pessoas não conversam, dirigentes não conversam com outros dirigentes. Tem um mal entendido entre as pessoas, eu vejo isso no Governo, existem organizações no Governo que competem entre si, inclusive tendo atuações em áreas que são de competências de outras instituições. Isso é o lado perverso da tecnologia: vence quem tem mais recurso, mais poder. E para isso não existe uma política, falta uma política para definir como atuar, delimitar estas áreas de atuação, criar uma interface para essa atuação. Porque a interface vai existir em todos os níveis, existe dentro da tecnologia, no campo das ideias, nas relações humanas.

Existe um reconhecimento desta passagem, da importância de trabalhar a informação e preparar-se para as pessoas acessarem o conhecimento?

O cenário é muito mais promissor para a interação informacional das pessoas do que há cinco anos. Os programas de uso dessas tecnologias visavam mais vendas, mas estas tecnologias de nada valem se não tiverem algo circulando ali. Ou seja, informação. Há cinco anos a informação não tinha a menor importância. Hoje, seja no âmbito governamental ou comercial, o cenário está mudando. As pessoas já conseguem perceber a importância da informação no dia-a-dia. Talvez se a informação tivesse sido privilegiada desde o começo desse processo, o Brasil estaria melhor posicionado no que tange a produção de conteúdos em língua portuguesa. Em 2002, a participação da língua portuguesa na Internet era de 2%. Melhoramos em relação aos 2%, mas ainda tem um potencial muito grande. Toda a produção científica que não está disponível na internet, e ainda mais na área cultural.

Mas isso exige ferramentas, como estão as ferramentas brasileiras para a disponibilização desses conteúdos?

Eu creio que o Brasil esteja bem, tivemos um progresso razoável na questão de software, muito dos nossos pacotes de software são exportados. Mas ainda assim, muitas ferramentas e softwares nós trazemos de fora. São poucas as ferramentas brasileiras nessa área de repositório. A Unicamp tem um bom software para a criação de repositórios institucionais, que foi utilizado para a construção da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, mas é pouco divulgado. O IBICT começou a divulgar estes pacotes em 2000, quando começamos a fazer prospecção tecnológica, identificar pacotes de software que tivessem essa habilidade para tratamento da informação científica. Foi quando agente identificou o modelo *open archives*, arquivos abertos, e esse modelo define alguns padrões para manter a interoperabilidade entre os vários sistemas de informação. A partir deste momento nós fizemos a implantação da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações utilizando todos estes padrões e desenvolvemos um pacote chamado TED, que é um pacote para a construção de portfólios digitais de teses e dissertações. Esse pacote de software é utilizado hoje por cerca de 70 universidades. Cinco outras universidades utilizam pacotes de software diferenciado, Unicamp utilizava Knowhow, andaram trocando de software, a USP utiliza um outro software que é customizado a partir de um software desenvolvido pela NDLTD, a Networked Digital Library of Theses and Dissertations, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul utili-

za os dSpace, a UFMG parece estar usando o dSpace também e a PUC utiliza uma solução própria desenvolvida pela Ana Pavani. A vantagem desse modelo é que não se coloca a camisa de força de todas as instituições utilizarem o mesmo pacote de software, por conta dos padrões de interoperabilidade, de sucção do objeto que é o MTD-BR – Padrão Brasileiro de Metadados de Teses e Dissertações – e o protocolo de comunicação do OIPMH. Este protocolo de comunicação permite à instituição provedora de dados expor os metadados de suas teses e dissertações e do lado do serviço, o IBICT faz a coleta dos metadados destas instituições. Nós fazemos uma visita diária de forma automática em cada uma das 82 universidades. É como um robô que fosse verificando em cada universidade quais foram as teses que foram defendidas. E os metadados dessas dissertações são coletados. É um modelo que eu considero bastante leve e não sobrecarrega, porque as teses, os textos integrais ficam nas pontas, nos provedores de dados. Então você compartilha toda a necessidade de hardware com as instituições que mantém os repositórios.

O desafio está neste acordo.

Sim, as universidades têm que seguir esse padrão e eventualmente há resistência, porque muitas vezes a universidade tem sua política, muitas vezes não têm interesse de criar outro banco de dados que seja compatível com o nosso.

Esse padrão, se aplicado em outros tipos de gestão de acervos, pode trazer inúmeros benefícios.

Esse mesmo padrão de interoperabilidade pode ser aplicado em qualquer sistema, em qualquer acervo, em qualquer biblioteca digital. É um padrão livre. Essa é a nossa filosofia de dar maior visibilidade à informação, trabalhar com o acesso livre, possibilitando disseminar esse conjunto de informação, inclusive para os países estrangeiros.

E a barreira da língua portuguesa? Como têm visto a questão da disseminação deste conhecimento brasileiro?

Os metadados são colocados em português e inglês na maioria das universidades. O idioma é uma barreira. As universidades desses países têm departamentos de estudos de temas brasileiros, sobre o que o país produz,

tem assessoria para essa questão, mas a língua é um problema. Uma solução que nós estávamos vislumbrando é por uma fundação chamada UNL – University Network Language –, que é ligada a ONU, que está desenvolvendo uma ferramenta multilíngue para acessar um site em língua estrangeira. Essa ferramenta traduz para a língua do país de onde se acessa o site, como se fosse uma transliteração. Você tem uma linguagem intermediária. O conteúdo é traduzido em todos os idiomas que tenham esta interface. Isso está sendo testado na Biblioteca de Alexandria, e o IBICT fez um convênio para desenvolver a parte portuguesa desta interface. Assim poderemos no futuro traduzir o conteúdo de língua portuguesa para diversos idiomas e também outros idiomas para o português. Fizeram testes com a Carta dos Direitos Humanos na UNESCO e parece que funcionou muito bem. Estamos trabalhando juntos para conseguirmos fazer a preparação de todos os termos da língua portuguesa, traduzindo para este idioma intermediário e quando isto estiver disponível você poderá pesquisar em árabe o que está em português. Essa é a ideia que vem sendo trabalhada no exterior, e que é ainda cercada de muito ceticismo, porque é realmente uma coisa utópica.

Esta linguagem seria uma linguagem universal, um esperanto de máquinas? Uma linguagem que se converte?

Eu não conheço esta linguagem, é uma linguagem que você não traduz palavra por palavra mas um termo que é um conjunto de palavras, que tem seu correspondente nessa linguagem, de forma digital, e da mesma forma essa linguagem intermediária tem a tradução para outros idiomas. É alguma coisa como o esperanto. Eles chegaram a fazer algumas experiências, inclusive quem é o presidente desta fundação é um brasileiro, o professor Tarcísio Della Senta. Entrevistá-lo seria uma forma de dar visibilidade aos conteúdos científicos mas também culturais.

Qual é o desafio para que esta ferramenta chegue às outras áreas da cultura, chegue às escolas?

Tem que haver uma instituição âncora para fazer isto. No mundo todo apenas França, Cuba e Rússia têm instituições como a nossa. Não sei se a mesma coisa poderia ser criada no Ministério da Cultura, capitanear essas iniciativas, definir padrões para a área cultural, definir um modelo de registro e disseminação de materiais culturais. Certamente seria um caminho.

Vocês tem experiências assim, poderiam auxiliar nisto?

Podemos auxiliar nisto. O IBICT surgiu com IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – e nessa época, em 1954, surgiu exatamente para fomentar o desenvolvimento científico no país. Com base na formação científica brasileira se criou um produto chamado Bibliografias Especializadas Brasileiras. Estas bibliografias eram documentos impressos, onde eram registrados os resultados das pesquisas brasileiras, e esse modelo era centralizado. O IBICT coletava essas informações de forma totalmente manual. Até os anos 1980 não tínhamos internet, e tudo era feito via correio. Hoje a criação de uma plataforma tecnológica para acolher e hospedar estes acervos é o modelo que é aplicável em qualquer área do conhecimento.

Você mencionou o acesso livre, quais são os elementos desta ação?

O acesso livre é o resultado da crise dos periódicos científicos. Existe um indicador econômico nos Estados Unidos, que de 1986 a 2006, enquanto o índice de preços ao consumidor subiu 76%, as despesas das bibliotecas universitárias americanas com periódicos cresceu em torno de 200%. Isso dificultou aos pesquisadores o acesso à informação, que é um sumo crucial para o desenvolvimento da pesquisa. Você não faz pesquisa do zero. Exatamente para evitar o retrabalho, os pesquisadores de várias partes do mundo se reuniram e defiram duas estratégias básicas para promover o acesso à informação: uma estratégia é a chamada "via dourada". Ela estabelece que os pesquisadores publiquem preferencialmente em revistas de acesso livre, para que as informações sejam trocadas, sejam acessíveis livremente. E nessa ação também existe a recomendação que os assuntos periódicos sejam convertidos de assuntos de acesso restrito comercial para de acesso livre. Eles propõem um modelo das cadeias de rádio e televisão, onde as instituições, os editores científicos paguem por uma produção e esta produção só seja divulgada se acessada livremente. É como faz a Globo, ela produz suas novelas e todo mundo assiste as novelas gratuitamente. Muitas revistas adotaram um modelo em que o pesquisador paga se o artigo dele for selecionado e for publicado para que seja acessível livremente. E quem paga é a agência de fomento que patrocinou aquela pesquisa. A outra estratégia é a "via verde", que propõe que cada universidade, cada centro de pesquisa tenha seu repositório institucional, e aliado a este repositório te-

nha uma política institucional da informação. Essa política praticamente define critérios de alimentação deste repositório e torna obrigatório ao pesquisador da universidade ou da instituição de pesquisa o depósito de uma cópia de seu artigo em uma revista de publicação científica. Portanto, aquele conteúdo já está no domínio público. Não há problemas de patente de segurança da informação, porque ela já está livre, já foi publicada numa revista. O autor, tão logo ele saiba que o artigo será publicado, deve depositar uma cópia no repositório. Sessenta e três por cento dos editores já permitem que um artigo publicado em sua revista seja depositado em um repositório institucional. Espero que toda esta publicação científica global logo esteja disponibilizada para acesso livre.

No Brasil, dentro do IBICT, as teses anteriores são digitalizadas e disponibilizadas ou a produção nova?

O nosso projeto privilegia as teses que estão sendo defendidas, nós não temos uma ação de digitalização do passado, mas deixamos para cada universidade esta tarefa. A Unicamp, por exemplo, digitalizou, se não totalmente, quase que totalmente, cerca de 20.000 teses e dissertações anteriores. Mas a maioria das instituições está pondo as teses e dissertações que estão sendo defendidas no momento. Não há nenhum programa para digitalizar esse material retrospectivo. Isso seria interessante, falta no país uma ação deliberada de financiamento, de fomento de projetos de informação, de digitalizar, de hospedagem e disseminar a informação, seja ela cultural ou científica.

O IBICT pensa em uma interface mais ampla deste material? Há programas que pensam na disseminação da informação?

Nós não temos nenhum projeto de divulgação científica amplo. Existe um produto chamado Canal Ciência, que foi idealizado em 2002, onde nós tentamos fazer uma tradução à linguagem científica menos hermética. Traduzimos para que o cidadão possa entender. Uma das formas de fazer isto é ampliar a atuação do Canal Ciência. Nós teríamos que criar uma equipe de jornalistas científicos para poder ler as pesquisas e propor um novo texto dentro dessa linguagem de fácil entendimento ao cidadão comum. Ter programas que pudessem levar ao público os avanços da ciência. Talvez um programa de Talk Show, fazer entrevistas com pesquisadores, seria de grande ajuda para

mostrar quais são os benefícios e quais são as dificuldades da ciência. Hoje, com o que nós já temos em termos de tecnologia, conseguimos facilmente produzir um programa de Web TV.

Nessa missão anterior, que vem dos anos 1950, isto não estaria projetado na figura do IBICT? De ser esta agência da informação?

Na época do IBBD, foi transformada em IBICT, tinha na proposta inicial a figura do instituto como uma organização para contribuir com a formulação de políticas na área de informação científica, só que nós nunca tivemos uma política de informação no país. Teremos em breve. No contexto dessa estratégia da Via Verde nós articulamos junto à Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara um projeto de Lei que chama PL1120/2007 – o primeiro artigo estabelece que cada universidade deva desenvolver seu repositório institucional, tornando obrigatório o depósito dos trabalhos publicados em revistas científicas; o segundo artigo estabelece que o Ministério de Ciências e Tecnologia crie um comitê de alto nível para discussão de política de acesso à informação científica. O acesso livre não é uma ação que envolve apenas o pesquisador e a universidade, existem vários segmentos da comunidade científica que devem contribuir para isto. O pesquisador tem que ser estimulado a depositar a cópia do seu trabalho, tem que ser sensibilizado. No momento da concessão do auxílio, as agências de fomento poderiam estabelecer em contrato que o resultado daquela pesquisa teria que estar depositado. Não basta criar os depositórios, criar tecnologia, é preciso criar todo o conjunto de camadas de interoperabilidade que envolvam instituições e pessoas.

Os pesquisadores dessas instituições fomentadoras poderiam também criar um *paper* em linguagem mais acessível do seu próprio trabalho.

Eu não havia pensado nisso, boa ideia. Talvez se a pesquisa tivesse uma assessoria de comunicação que pudesse elaborar algo para ser vinculado, seja no Canal Ciência, no Canal Futura, ou na própria internet. Hoje mecanismos tecnológicos não faltam, são abundantes e existem diversas formas de livre acesso, de fonte aberta. O que falta mesmo é articular essas ideias. Talvez isso possa ser parte de uma política de informação.

Parece estar faltando um pacto digital no Brasil, um pacto amplo que toque estes setores todos. A informação transita em todas estas áreas.

Sim, a ideia do pacto é muito bem-vinda. Pode-se quebrar uma série de barreiras se há um instrumento que estabelece determinadas ações visando uma maior acessibilidade a nível de Governo. É possível gerar uma série de indicadores que serão úteis na formação de políticas no planejamento da ciência no país.

A sociedade brasileira sempre trabalhou com restrição do saber. No livre acesso, há uma quebra cultural em cima disso, a ideia colaborativa.

Colaborativa. Até a Web 2.0, que veio com esta ideia de colaboração, liberta todo o processo de pesquisa. Lá fora, com o *open data*, o pesquisador disponibiliza os dados brutos que ele coletou para a comunidade, para que se possa cruzar esses dados e reproduzir a mesma pesquisa e ver quais foram os resultados. Isso elimina a possibilidade de fraudes e o retrabalho. Muitas pesquisar são financiadas pelas agências fomentadoras, que eventualmente levam à coleta dos mesmos conjuntos de dados. Em função disto surgiram os Grids para você poder compartilhar os dados em nível global e surge o termo *E-Science*. É uma nova forma de fazer ciência. Já ouvi reitores dizendo: "eu não vou implantar o acesso livre aqui porque eu não vou colocar meus pesquisadores contra a parede". Algumas revistas realmente não liberaram o depósito de artigos publicados, mas a política de informação que nós propomos sempre resguarda aqueles trabalhos que estão embargados. Qual o impacto do acesso livre no país? O que ele vai desencadear? Ele pode desencadear movimentos no âmbito governamental, ele vai ajudar essas agências a terem um controle melhor daquilo que estão financiando. Poderemos identificar o que a universidade faz hoje. O que a USP faz hoje? O que ela desenvolve? Qual pesquisa ela desenvolve? Só ensina? Nós não sabemos.

Qual o investimento para você montar uma biblioteca digital hoje?

Você tem que comprar um servidor, um micro computador novo com 300 Gb de disco, portanto você pode formar uma biblioteca digital a qualquer momento. Com cinco mil reais é possível montar uma biblioteca digital de porte razoável. Se você está dentro de uma organização pública, você já tem a conexão com a RNP, se você não está, já contrata qualquer concessionária pública a um custo muito baixo. O grande impacto que você vai ter é contar com pessoas, com técnicos para poder digitalizar ou entrar com os documen-

tos, um instrumento para digitalização é muito barato. Evidentemente que se você for trabalhar com obras raras, o custo de digitalização é muito mais caro. Você vai ter que ter um equipamento de maior tecnologia. Na Universidade Federal de Minas Gerais, eu ensinei um estudante de biblioteconomia a trabalhar com o *Greenstone*, que tem sido recomendado pela UNESCO. Evidentemente que para fazer determinadas coisas você precisa de um técnico em informática. Mas esse programa já tem um padrão de metadados definidos, você pode definir um padrão seu específico de descrição de fotografias, pode colocar fotografia colorida ou preto e branco, tamanho, nome do fotógrafo, estilo, fazer um resumo, e você mesmo pode entrar com estes dados, digitalizar fotografias e fazer o *upload*, então o investimento grande é com pessoas. Ele tem uma lista de discussão de problemas, tem uma comunidade do mundo todo que responde para você. Basta ter boa vontade e algumas pessoas para ajudar seja na digitalização, seja na catalogação do material, para algumas pessoas isso está banalizando a questão da biblioteca digital, talvez até seja. Porque um dia deste eu disse que era muito fácil criar repositórios institucionais, eu falo isto em função do que era antes, antes eu tinha que comprar um Oracle, um servidor parrudo, hoje não precisa disto.

Além de estar aqui no IBICT, você é um blogueiro bastante reconhecido...

Essas tecnologias não só possibilitaram uma maior disseminação das nossas pesquisas, das nossas ideias, principalmente elas permitiram que as pessoas pudessem se exprimir, pudessem até colocar suas angústias em um canal de informação que é acessível. Hoje de forma bastante ampla, não só no país mais também no exterior. O Blog é uma dessas ferramentas e traz também esta possibilidade você referenciar outros blogs, criando uma rede. É um canal de comunicação excelente. Me preocupo em colocar a comunidade a par dos acontecimentos, só que isso é um trabalho bastante árduo, porque realizo nas minhas horas de folga. Sou um blogueiro individual e tenho vários colegas que tem blogs em Portugal, e eles possuem uma equipe de redatores e colaboradores.

Então já não deveriam existir bolsas para blogueiros? A partir do momento que um blogueiro vira uma ferramenta importante da informação não deveria se institucionalizar e criar uma forma de sustentabilidade?

Ter uma política de fomento a blogs seria interessante até para se estruturar. Um blog deveria ter uma maior estrutura, porque passou a ser de utilidade pública. Nesse caso, isso entra dentro daquele contexto de que a informação não tem hoje nenhum instrumento de fomento. Um blog que é de interesse público naturalmente é um potencial candidato a ter fomento.

acesso
artigo
atividades
cientistas
adquiridas
banco
ainda
bom
bem
aqui
Brasil
artigos
acho
começou
começa
aparecem
Antes
começa
científicos
cientista
-ciência
desse
cérebro
bibliotecas
descobre
criar
cria
digitalização
disponíveis
coisas
condições
cultura
coisa
dados
divulgação
difícil
continua
defasagem
digital
disponibilizar
existia
expandir
existe
dentro
fácil
Então
complementar
enorme
exemplo
inclusive
então
fazer
falta
impacto
época
ideia
importante
democrática
jornalista
meio
material
hora
literatura
leitor
doenças
mostrar
editoras
hoje
internet
informação
interpretação
mãos
manter
nessa
novos
nada
laboratório
lado
justamente
ler
pode
mesma
neurociência
outras
publicações
pessoas
Museu
pergunta
pesquisa
política
originais
original
nova
recentes
números
precisa
permite
parte
pessoa
produção
mundo
porque
vê
resultado
remunerado
processo
resultados
questão
rede
pensar
sobre
realmente
quer
problemas
revistas
Wikipédia
público
preciso
recursos
surgimento
tão
vida
todos
sociedade
sobretudo
saber
vai
soluções
ter
ser
tempo
trabalho
todo

Suzana Herculano-Houzel

Neurocientista do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ e elaboradora do site www.crebronosso.bio.br

Como você vê o impacto do digital na cultura e na ciência?

O impacto é enorme, eu noto isso nos dias que a rede cai no laboratório e todo mundo fica meio perdido. Temos que se reajustar à realidade do não-digital, de não ter mais o acesso à rede. E daí que a gente se lembra que existia vida, existia trabalho antes da internet. Mas atualmente a gente se habituou a trabalhar com acesso a informação imediata e a um banco vastíssimo de dados e de novas informações que aparecem a todo instante. É muito enriquecedor e é também enlouquecedor. Se você não se controlar, é muito fácil ficar ansioso querendo pegar e ler imediatamente todos os artigos que acabam de aparecer na sua tela. É preciso ter muita disciplina para continuar focado, porque o tempo enxugou. Antes a gente tinha que ir para a biblioteca, havia o tempo de se locomover, de localizar o artigo. Entre a informação da existência de um artigo e o acesso a esse artigo existia um tempo de ao menos algumas horas. E agora é imediato. Além disso, existem duas coisas diferentes. Uma é o acesso à informação, é o artigo que aparece instantaneamente na minha tela. Outra coisa totalmente diferente é o tempo para digerir aquela informação, para ler aquilo, refletir. Esse tempo continua o mesmo. Então a gente cria uma defasagem muito rápida entre a quantidade de informações que seriam relevantes e que es-

tão disponíveis e o que você consegue de fato ler. Esse foi um processo enriquecedor, porque você não precisa mais esperar a chegada da informação, mas é também potencialmente enlouquecedor, porque você tem justamente informação demais disponível pedindo para ser lida e processada, e a gente continua com a mesma velocidade de processamento.

Um dos perigos desse processo é a eterna deriva, de você sempre perder a meta das suas pesquisas nessa quantidade de informação...

Sim. Hoje, mais do que nunca, você precisa ter o seu projeto muito bem delineado desde o começo. O escopo do que você quer estudar, qual é a sua questão, a sua abordagem. Tudo isso precisa estar muito bem fechado. É claro que conforme você vai buscando informações relacionadas vão-se abrindo possíveis caminhos laterais. O que é muito interessante, porque deles é que aparecerão os projetos novos, as novas pesquisas, as novas questões. Só que você precisa manter suas prioridades muito bem definidas para saber que isso aqui é interessante e merece ser guardado, está aqui nessa nova pasta, mas que agora a prioridade é outra. Temos que aprender a saber deixar as coisas para depois, porque a internet nos joga no perigo muito sério da instantaneidade.

Você sente que diminuiu a defasagem entre o Brasil e paises desenvolvidos na pesquisa científica, depois do surgimento das novas mídias?

Olha, eu diria que nós somos privilegiados no Brasil. O Portal de Periódicos da CAPES nos permite o acesso imediato a uma cultura científica riquíssima, ainda mais que hoje em dia as editoras científicas todas já tiveram tempo de expandir seus bancos de dados, já possuem artigos das décadas de 1980 e 1990 digitalizados. Então, em termos de acesso à informação da cultura científica de modo geral nós estamos no topo do Primeiro Mundo, porque várias universidades norte-americanas, por exemplo, não possuem um acesso tão rico e tão fácil como nós temos aqui. Inclusive sem senha nem nada. Isso é realmente fabuloso.

E em relação aos equipamentos científicos?

Eu posso comparar com quando eu fazia iniciação científica. Eu não tenho hoje as queixas que a minha orientadora tinha. Na época a gente até conseguia dinheiro para comprar equipamento, mas para comprar o básico, o ma-

terial de manutenção do laboratório, os reagentes e tudo mais, era muito difícil. E eu tenho a impressão que como um todo os recursos eram muito mais limitados. A gente hoje não está na situação ideal, ainda falta material, falta recurso, mas o acesso é muito mais fácil e temos recursos suficientes para fazer um trabalho que pode competir, sim, na mesma altura de vários estrangeiros.

Os recursos físicos e bibliográficos...

Sim. Mas tem uma questão aí, que é até agravada com o acesso digital às informações, que é a preferência por publicações mais recentes. Quando se dependia de publicação em papel já existia uma tendência dos cientistas, sobretudo os mais jovens, de desprezarem, de ignorarem a literatura mais antiga, as fontes originais. Muita gente cita artigos que nunca leu, só porque uma terceira pessoa mencionou. E como os artigos que estão disponíveis na internet são os mais recentes, há o perigo de focar os jovens na literatura imediata, sem ter uma preocupação de ler a literatura básica da área.

Então a digitalização e a disponibilização das bibliotecas seria uma questão fundamental nesse momento...

Na hora que chegarmos ao ponto de termos os acervos completos das bibliotecas acessíveis no computador, aí nós teremos condições de consertar esse problema que é a falta de visão histórica, a falta até de conhecimento da literatura original, que causa tantos problemas de citações erradas, que geram mitos dentro da própria ciência. A história de que teríamos 100 bilhões de neurônios dentro do cérebro humano é um exemplo disso. Ninguém jamais disse isso. Não existe a citação original, não se encontra, mas virou aquela história do telefone sem fio. E ninguém jamais se deu ao trabalho de ir atrás do original, ou então saberia que não era nada daquilo que falavam. Esse é um problema para a ciência. A gente precisa ter acesso às bases, a estes trabalhos originais.

Esta é uma questão brasileira? Ou você vê também isto nas bibliotecas estrangeiras? Existe lá fora uma política mais ostensiva de digitalização de acervos?

Eu acho que isso não depende da política brasileira. Os artigos que a gente consulta estão nas mãos das editoras de periódicos científicos, então caberia a elas disponibilizar esse acervo. Isso pode inclusive ser remunerado.

O importante é existir esse acesso. Já aconteceu várias vezes eu pagar de bom grado 30 dólares para ter acesso naquele instante a um artigo que eu precisava. Eu acho razoável que tenha um preço. A gente pode até questionar o valor, mas há um investimento das editoras nessa digitalização que precisa ser remunerado.

A questão da remuneração na internet é um assunto ainda por aberto...

É. Mas o bacana é que aparecem soluções novas por causa de problemas novos. Então, você compra créditos de *PayPal* de 30 dólares, e vai baixando os seus centavos em artigos aos pouquinhos... Eu acho muito interessante, você vê como as coisas aparecem e que não existe solução perfeita, definitiva. Quando se muda a maneira de usar as coisas, se criam problemas novos e soluções novas. Então por definição nada é perfeito.

Com o surgimento das novas tecnologias, houve o aparecimento de novas publicações e uma mudança das revistas científica de referência?

Houve sim o surgimento de novas revistas, mas leva um bom tempo para que essas revistas se tornem expressivas. Por isso, as revistas líderes continuam sendo as mesmas. Essa facilidade em se criar novas revistas cumpre um papel importante, porque a comunidade científica está crescendo no mundo, portanto também a produção, e é importante existirem mais espaços para publicação desses resultados.

Como foi que surgiu o site ocerebronossodecadadia.com?

Surgiu de forma independente. Só muito recentemente eu recebi financiamento das agências para fazer divulgação científica, para manter o site, para expandir o serviço do site. Mas de 2000 até 2008, era produção caseira mesmo. O site começou em 2000 e era inclusive bio.br. Ele começou como uma maneira de complementar as atividades da divulgação científica que eu tinha na época no Museu da Vida, na Fundação Oswaldo Cruz, pensando atividades para o público experimentar neurociências com as próprias mãos. Eu queria criar uma maneira de complementar aquilo com informações recentes e mostrar, sobretudo, que a ciência ou a neurociência específica não era interessante só quando ela entende doenças e cria curas. A pergunta mais temida para um aspirante a cientista é quando você conhece alguém ou tem que responder para a família "qual a doença que você estuda?" Ciên-

cia é tão mais que só tratar de doenças. Claro que o lado de quando o cérebro não funciona é muito importante, mas tem todo o resto, os 99% do tempo que o cérebro funciona direito... E a ideia justamente era falar desse lado, complementar a informação falando da chamada neurociência da vida cotidiana.

E como foi esse impacto? Como você viu o crescimento de leitores no site, que é pioneiro no Brasil?

Existia na época o Cérebro e Mente, que era uma revista eletrônica da Unicamp. Eram artigos muito grandes sobre neurociência de um modo mais geral e não era a coisa ágil que eu queria. Meu site tem este lado de notícia mesmo, da coisa que eu acho que é muito empolgante, que é mostrar o lado do fazer ciência, como você parte de uma pergunta, aborda aquela pergunta e chega ao resultado, que cria mais uma dezena de outras perguntas e assim a coisa se autoalimenta e se perpetua. E alimenta inclusive, daí algo interessante, a curiosidade do leitor, porque a hora que o leitor descobre que pode entender aquilo e que aquilo diz respeito à sua vida, ele se apaixona e começa a acompanhar.

Atualmente tem-se discutido a abertura dos dados de pesquisa, e não apenas do resultado, para o público. Como você vê isso?

É uma faca de dois gumes. Isto tem que ser feito com cuidado. Algumas informações dependem um pouco das circunstâncias em que elas foram adquiridas. Tem a questão de ambigüidade, de interpretação, de contexto, e essa informação pode realmente ser muito útil uma vez que ela fique disponível. Mas é perigoso se disponibilizar números crus, conseguidos em condições específicas. É por isso que a ciência precisa ser feita por pessoas, e não por computadores. Não importam só os dados, mas o contexto em que eles foram conseguidos. Você precisa ter uma pessoa que consiga pensar em todas as condições em que aquele experimento foi feito. Se não, essas informações podem virar uma armadilha. Elas podem ser interpretadas de maneira incorreta, serem usadas em análises futuras de uma maneira que não era de fato permitida pela forma que foram adquiridas.

Então, uma política institucional de abertura de dados de pesquisa é perigosa?

Antes de mais nada isso não faria sentido porque iria criar um mundo de informações efetivamente inúteis para a maioria das pessoas. A informação seria o correspondente a eu disponibilizar todos os números que estão nos meus protocolos dos experimentos do meu laboratório, não faz sentido. É preciso uma intimidade com uma informação desse nível. Então entre o dado cru, produto do laboratório, e o leitor final acredito ser preciso a figura do investigador, que é a pessoa que você espera que justamente interprete aqueles dados adequadamente. Uma parte importante que a gente aprende no fazer ciência para o laboratório, é que existe uma diferença enorme entre o que é resultado, que são esses números, e o que é interpretação de resultados, o que aquilo quer dizer. O que é importante é a disponibilização aberta dos resultados.

Como você vê as novas interfaces que são criadas entre ciência e sociedade com a cultura digital?

A Wikipédia, por exemplo, é uma ferramenta. Ela permite que você encontre as coisas mais incrivelmente específicas e que podem ser muito úteis. Quando estou fazendo uma revisão técnica de um artigo científico, por exemplo, a Wikipédia é um bom lugar para checar números específicos. Tem muita informação ali dentro que aponta já para conceitos, para ideias que são tão incrivelmente especializadas, que é muito difícil você encontrar em outro lugar. Ao mesmo tempo, eu não acho necessariamente uma boa ideia você transformar a construção da informação em uma coisa inteiramente democrática. É complicado você dar acesso a um não-cientista para escrever um verbete sobre a definição de um termo de ciência dura. É preciso uma regulação, para não se criar uma cultura de erros num espaço que vai ser usado como banco de dados para construção das informações de crianças que estão aprendendo.

Ao mesmo tempo, você ter essa mídia nova realmente democrática, a qual todo mundo tem acesso, permite que por exemplo eu tenha o meu site de informação científica. Quando eu trabalhava na Fiocruz eles estavam criando um site para o Museu da Vida, e eu sugeri a criação de uma sessão sobre neurociência e foi vetado. E então eu decidi criar o meu próprio site. Isso seria impossível antes. E é muito importante para a divulgação científica, voltar a dar vozes aos próprios cientistas. Criar essa interface com a sociedade. Que era o que a gente sabia fazer no começo. Antes das guerras do século XX, o

cientista era um comunicador. Depois, se criou um intermediário, que era o jornalista científico. Mas hoje, com a multiplicação de informação, fica cada vez mais difícil um jornalista dar conta de tal gama de assuntos. Então essa possibilidade de ter o acesso direto, que surgiu com o digital, é muito interessante. Até dez anos atrás, eram poucos os cientistas contemporâneos que eram conhecidos do grande público. E uma coisa muito importante do surgimento do digital é exatamente esse diálogo com a sociedade, e o retorno que isso traz. Porque os cientistas eram fechados nos laboratórios, o público nas suas casas, no máximo um jornal no meio do caminho com necessariamente um jornalista como interlocutor. O blog, a Wikipédia, de uma hora para a outra permite que se escreva, do laboratório, sobre as atividades do dia-a-dia da investigação científica. E isso é um processo realmente de mão dupla, porque quando você começa a fazer o seu trabalho de pesquisa dentro do laboratório, você tem o seu ponto de vista, as suas razões para achar aquilo interessante. E na hora que você começa a falar sobre isso para outras pessoas é que você descobre, pelos comentários delas, pelas dúvidas, pelas críticas até, a relevância do que você está fazendo. É aí que você nota que é preciso justificar as suas atividades, e constata que a ciência é de todo mundo. O bacana é justamente pensar na internet como mais um mecanismo, mais um canal de disponibilizar essa informação que é relevante para as pessoas.

cultura digital.br /

Dizem que em alguma parte
Parece que no Brasil
Existe um homem feliz
Vladimir Maiacóvski, 1913

Contra a cultura "messiânica", repressiva, fundada na autoridade paterna, na propriedade privada e no Estado, Oswald de Andrade advogava a cultura "antropofágica", correspondente à sociedade matriarcal e sem classes, ou sem Estado, que deveria surgir, com o progresso tecnológico, para a devolução do homem à liberdade original, numa nova Idade de Ouro. Conotação importante derivada do conceito de "antropofagia" oswaldiano é a ideia da "devoração cultural" das técnicas e informações dos países superdesenvolvidos, para reelaborá-las com autonomia, convertendo-as em "produto de exportação" (da mesma forma que o antropófago devorava o inimigo para adquirir as suas qualidades). Atitude crítica, posta em prática por Oswald, que se alimentou da cultura europeia para gerar suas próprias e desconcertantes criações, contestadoras dessa mesma cultura.
Augusto de Campos, 1976

cuide-se milorde porque o mulato baião
smoka-se todo na estética do arrastão
Tom Zé, 1998

cultura
culturas digital
gente
mundo
natural
noção
outra
outro
porque
pode
questão
tecnologia
virtual
vai
ser
sociedade
tempo
vez
tradicional
todos
tecnologias
potências
perspectiva
processo
relação
Porque
realidade
terra
yanomami
vista
ver
seguinte
tecnológico
sentido
Portanto
outras
todo
ponto
preservação
sensação
pensamento
partir
maior
maneira
moderna
moderno
homem
exemplo
informação
inclusive
entendimento
dimensão
dessa
cada
cultural
acho
aceleração
aqui
ali
anos
considerar
cibernética
Brasil
disso
coisa
conta
diferença
desse
começa
digamos
evolução
fala
existe
fazendo
justamente
falando
grupo
modo
mesma
indígenas
junto
outros
nessa
importante
metafísico
populações
quando
possível
ter
plásticas
relação
progresso
século
transformação
própria
sentido
potencial
valor
tudo
tem
tradicionais
Então
diferente
dois
claro
forma
experiência
indio
gerações
impacto
dizer
brasileira
chamada
conhecimento
cinema
artes
apenas
área
ano
ainda
sabe
trata
vê
resolução
termo
processos
sobre
prefiro
verdade
desenvolver
estágio
faz
fez
fazer
formidável
imagine
ideia
perder
poderia
propagam
pessoas
ocidental
mundo
imaginar
indar
la
mais

Laymert Garcia dos Santos
sociólogo

Como você vê o impacto da cultura digital?

O impacto do digital na cultura é imenso, e as pessoas não têm muita noção do que isso significa, porque as pessoas pensam que a cultura pode ser a mesma no mundo digital, ou que a cultura pode ser a mesma, você digitalizando a cultura, levando-a, digamos, para o mundo digital, traduzindo para o mundo digital. Na minha perspectiva, é outra história, porque não se trata só de uma digitalização da cultura, mas da criação de uma outra cultura, com outros referenciais, com uma outra cientificidade operatória (ou seja, uma outra maneira, um outro conceito de cultura) e uma outra maneira de conceber o que deve ser considerado ou não cultura e de como é que você olha as outras culturas, que não são a cultura de um cibernético. Eu prefiro chamar cultura cibernética do que cultura só digital. Inclusive porque eu considero que essa cultura cibernética trata a cultura moderna como uma cultura tradicional, apagando a fronteira que existia aqui entre o tradicional e o moderno (as chamadas culturas tradicionais e a cultura moderna). E, ao tratar a cultura moderna como também sendo de um outro tempo, como cultura tradicional, ela permite uma reavaliação completa das outras culturas com relação ao moderno, e da moderna e das tradicionais com relação a essa

cibercultura. Então é uma questão muito maior do que só uma utilização, uma tradução ou transposição do que é cultura para o mundo digital ou, enfim, para a chamada realidade virtual. É muito mais do que isso. É uma reconfiguração da própria noção de cultura e da noção de conhecimento, inclusive, que está junto com a noção de cultura. Foucault percebeu que talvez a gente esteja indo para uma formação outra, esteja entrando numa outra formação histórica e que há uma transformação de fundo no campo da vida, do trabalho e da linguagem. Que são os três campos fundamentais para mostrar que nós estamos caminhando para uma outra configuração. Hemínio Martines, um sociólogo da tecnologia português, que era professor em Oxford, um erudito que realmente acompanha o processo de evolução, fez um mapeamento, depois da virada cibernética, do que é que se cibernetizou, e fala da física à teologia. Quer dizer, passa de todo o campo das ciências chamadas duras, para ciências humanas, para filosofia, para os estudos de linguagem, para a teologia – o que dá uma ideia da reconfiguração, do próprio modo de entender o mundo, o entendimento do humano. Portanto, toda a cultura está passando por esse processo de transformação. E o modo como isso é pensado é diferente do que o modo tanto de como essas questões eram pensadas nas culturas tradicionais, quanto na cultura moderna.

Você prefere o termo cibercultura à cultura digital?

Quando você fala cultura digital,está falando só da dimensão novas mídias e está falando, digamos, dos processos de digitalização da cultura. Como eu acho que é mais amplo, eu prefiro cultura cibernética, porque esse termo abrange, até do ponto de vista conceitual, não só os processos todos, mas a transformação da forma que lidamos com eles. Nesse sentido eu prefiro a expressão cibernética ao invés de digital. De qualquer forma, o termo cultura digital já pegou, portanto ele é um elo importante. Mas você pode dar uma consistência maior para esse conceito e fazer entrar nele a dimensão de conhecimento que o referencial é outro, o pensamento é outro e o modo de pensar a cultura é outro. O que estamos vivendo não é um prolongamento do que ocorria antes. No meu entendimento, pelo menos, não é. Há uma ruptura.

Em outra entrevista, você lembrou da importância de repensar as culturas indígenas, pela sua capacidade de nos mostrar outros virtuais. Podia aprofundar um pouco essa questão?

Eu posso dar um exemplo disso, que é um caso muito concreto. O que a vida cibernética trouxe? Ela trouxe a noção de informação. O que é a informação? Informação é a terceira dimensão da matéria, junto com a massa e a energia. Portanto, quando a informação começa a ser central na elaboração e até na própria definição do que é o real, o entendimento a partir dessa noção de informação (que é a diferença que faz a diferença), ao ser central na cultura contemporânea, é necessário começar a ver também as outras culturas a partir dessa noção. Se você começa a ver as suas culturas a partir dessa noção, você começa a notar o seguinte: a alta tecnologia lida com atualizações do virtual, de potências virtuais (ou potências do virtual, da dimensão virtual da realidade), não da realidade virtual, mas da dimensão virtual da realidade, e ao lidar com essas potências, ela atualiza um determinado número de potências de uma determinada maneira. Os yanomami, eles atualizam essas potências de outro modo, porque eles escolheram uma outra via, que a gente pode considerar como outras tecnologias de acesso ao novo virtual e de atualização desse mundo virtual. Se você conversa, por exemplo, com um antropólogo, como o Bruce Albert, que acompanha e discute filosofia com o Davi Yanomami, ele vai dizer para você o seguinte: "A questão do xamanismo é uma questão de resolução audiovisual, é uma questão de resolução de imagem e de som." Eles têm tecnologias específicas extremamente avançadas, altamente sofisticadas de resolução de imagem e de som, que passam pelos processos xamanístico que nós não conhecemos. Então, colocar os yanomami em diálogo, por exemplo, com quem está pensando a alta tecnologia, poderia ser uma grande contribuição. Considerando a cultura deles tão importante quanto a nossa, mas que tenham escolhido uma outra via que a nossa para esse acesso ao virtual. O interessante é você ver os pontos de contato entre quais são as maneiras de você, digamos, encontrar resolução de imagens e sons na nossa cultura e na cultura deles. Isso só é possível se começarmos a considerar a cultura deles sob um outro prisma e tentar entrar em contato com ela a partir de uma perspectiva da qual ela também é interessante para o nosso desenvolvimento. E os yanomami também querem falar no celular, tirar foto digital, gravar. Então ele também tem um interesse em conversar com a gente a respeito desse outro lado, dessa outra tecnologia. Isso é possível justamente porque nós não estamos mais no terreno moderno.

O Eduardo Viveiros de Castro fala que "o mundo metafísico ocidental é o oposto ao mundo metafísico indígena. O nosso mundo metafísico é o da solidão, quer dizer, o do isolamento (é um mundo vazio), e o deles o da superpopulação". Certa vez, num debate com ele, falamos que a partir do aparecimento da cultura digital, da troca do produto pelo processo e dessa superpopulação virtual dos contatos, por *MSN*, *Orkut*, celular, *Twitter*, se nós não estamos nos transformando em índio. E ele respondeu: "Sim, só que no pesadelo dos índios".

Para mim a questão é um pouco diferente: se a gente considerar a avalanche tecnológica, que é um termo já cunhado e entendido pelos especialistas em função da aceleração tecnológica, a mudança é cada vez mais brutal. Se você pega a Lei de Moore, que faz mais de 40 anos que está acontecendo, de que a cada ano e meio dobra a capacidade de tecnologia, isso traz uma evolução brutal. A tendência parece que é continuar assim. Conheci há dois anos um grego, Konstantinos Karachalios, que fez a seguinte observação: "Se você considerar o progresso tecnológico realizado no ano 2000 como uma 'unidade de tempo tecnológico', então calcula-se que o século XX teve, ao todo, 16 dessas unidades. Todo o século XX é equivalente a apenas 16 anos do progresso tecnológico medido pelo ano 2000; isto é, em termos tecnológicos o século todo poderia ser comprimido em apenas 16 anos, com desenvolvimentos cada vez mais concentrados em seu final. Levando em conta esse efeito de aceleração, você poderia imaginar quantas unidades de tempo tecnológico nós e nossos filhos vamos experienciar (e ter de enfrentar) durante o século XXI? Aparentemente, haverá mais do que 100, mas você pode imaginar quanto? Bem, se você simplesmente extrapolar a tendência atual, assumindo que não ocorrerão desastres em larga escala e a longo prazo, pode ser que tenhamos que lidar com um progresso tecnológico equivalente a 25 mil anos (baseado na tecnologia do ano 2000) dentro de duas gerações. Mesmo que você considere 'apenas' mil anos, teremos que enfrentar desafios semelhantes aos que a maioria das populações da África ainda está enfrentando, populações que foram catapultadas da idade da pedra ou do ferro na modernidade, dentro de 2 ou 3 gerações." Calcule qual é a taxa de aceleração. Quem vai aguentar o impacto dessa compressão do tempo? O que significa isso? Significa que nós somos neoprimitivos com relação à própria sociedade que a gente está vivendo. E é aí que a gente se encontra com os yanomami. É uma noção que a gente inclusive precisa aprender com esses outros povos. Como é que eles também lidam, quando eles fazem a relação

entre a evolução deles com a nossa evolução? Porque eles também lidam com temporalidades muito diferentes, só que com uma diferença: no caso deles, eles têm que lidar com a temporalidade da outra sociedade; a sociedade não é a deles.

Portanto, eles podem respirar de vez em quando, a gente não.

E com essa aceleração não é possível qualquer tipo de decantação da experiência. Qual é a cientificidade operatória deste novo mundo que está por vir? É recombinação. Mas a lógica da recombinação, segundo o quê ela impera? Não é mais o critério moderno, é tudo processual. Portanto, não haverá mais espectador, porque está todo mundo envolvido no processo, com diferentes graus de inserção, com relação à tecnologia. A experiência não conta mais, o sujeito mais velho não tem nada para ensinar para o mais jovem porque a experiência acumulada não conta mais. Porque se você não estiver fazendo um upgrade permanente do seu conhecimento, e das suas ferramentas, você perde o pé desse processo.

Existe então uma contribuição brasileira para este cenário?

O meu maior problema com o Brasil é que existe uma riqueza enorme e há um déficit de pensamento sobre o potencial dessa cultura nessa nova configuração que a gente vive e, sobretudo, no novo papel que esse país assume nessa redistribuição geopolítica pós-derretimento dos mercados. A chamada inteligência brasileira, com raras exceções, ainda não percebeu a mudança evidente que está ocorrendo. E nem as possibilidades que estão se abrindo – e isso eu acho gravíssimo do ponto de vista da política. A diferença com relação ao primeiro mundo vai ser a possibilidade de engatar com a cultura daqui, junto com essa tecnologia, fazendo uma outra coisa, que não aquilo que o centro, digamos, que o mundo euro-americano fez. Os chineses estão fazendo isso, é o que os indianos estão fazendo, é o que, de certo modo, é cobrado de nós, mas não existe pensamento sobre isso aqui. Os chineses fizeram o movimento da cultura tecnocientífica euroamericana, apropriou-se daquilo e, ao mesmo tempo, engatou aquilo com a cultura do tradicional que ele tem. E ele joga nos dois tabuleiros. Os indianos fazem a mesma coisa. Como o Brasil nem reconhece que tem uma cultura brasileira que não seja aquela que espelha o ocidente, não pode dar ainda esse passo.

E não só culturas outras, mas tecnologias outras também.

Se você começa a revalorizar e reconhecer que existem tecnologias outras, que são interessantíssimas do ponto de vista de uma perspectiva da informação. Se você considerar nessa perspectiva, o valor dessas culturas indígenas, por exemplo, começa a ser fabuloso. A questão volta para a noção que a gente tinha do que é arcaico e do que é moderno. Tem que ser repensada, na verdade, porque nós não queremos supor que esses povos são idiotas e que eles ficaram 3 mil anos parados no tempo. É claro que eles desenvolveram uma outra coisa, que não é o caminho que a gente tomou. Mas você chega para os xavantes, eles falam: "O avião foi a gente que inventou, só que a gente não desenvolveu." Porque no entendimento deles não era necessário o desenvolvimento. O xavante fala isso, o yanomami fala isso a respeito de máquina, o outro povo vai falar várias coisas parecidas. Você vai sair do Brasil, você vai encontrar mais ou menos esse mesmo tipo de pensamento. Então se eles não estavam interessados em se desenvolver, eles estavam interessados em quê? Eu tenho uma suspeita, uma intuição de que tem dois movimentos: tem esse movimento de você ir para o mundo, para a dimensão virtual da realidade e voltar para atualização, que é o mundo, digamos, no qual se concretiza as potências desse virtual. E tem outro que é simplesmente mergulhar no virtual. Eu não tenho base nenhuma para afirmar isso cientificamente, mas eu tenho a impressão de que a fissura do ocidente é trazer das potências do virtual, concretizar a potência virtual e trazer de lá para cá. E a fissura dos xamãs é o contrário: é ir cada vez mais fundo para o virtual.

E a questão da posse sobre esses conhecimentos? De quem é, quem precisa ser protegido nesse sentido? Os índios, o Brasil, o mundo?

Eu acho que o Estado tem um papel fundamental nessa história, sobretudo porque a sociedade não se deu conta disso. E nesse sentido foi muito importante o entendimento que o Gilberto Gil tinha disso. O Gil é uma pessoa que tem um entendimento muito amplo de cultura, no qual cabiam essas certas articulações e passagens, digamos, da chamada cultura popular e das culturas tradicionais, até essa outra ponta. O que é raríssimo no Brasil. Tanto é raríssimo, que eu tenho a sensação de que isso não foi entendido pela intelectualidade brasileira o tanto que merecia ser. E o fato de uma pessoa como ele ter estado na frente do Ministério tentando implantar essa estratégia, eu acho importantíssimo. Acredito que o desafio hoje, a minha maior

preocupação é que se abram oportunidades para nós, do ponto de vista de cultura, no plano internacional, e pode ser que a gente perca essa oportunidade. Porque a sociedade brasileira não sacou nem que se abriu essa possibilidade. Se você não sabe nem que abriu, como é que você vai aproveitar uma oportunidade que está aí, que está passando debaixo do teu nariz? Eu acho que a discussão disso passa justamente por um entendimento de que a gente tem um potencial para desenvolver tecnologia. Você tem algumas pessoas trabalhando, inclusive nas artes plásticas, discutindo questão de software. Mas eu tenho um aluno de doutorado que quer fazer uma tese, que é o seguinte: "Por que os trabalhos de arte e tecnologia são, em geral, pobres, no sentido artístico, quando eles usam as novas tecnologias?" Porque eles, na verdade, têm uma ideia que aplicam. Mas aquilo que é fundamental num trabalho de arte, numa obra de arte, que é a sensação, não está lá. A sensação está ausente. E por que a sensação está ausente? Porque os caras não sabem conciliar a relação com os aparelhos de maneira que você trabalhe a dimensão da sensação também.

Você se especializa em uma linguagem e esquece a outra.

No Brasil, se você é da área de artes plásticas, você não vai a concerto, se você é da área de cinema, você não vai a teatro. É tudo compartimentado, num mundo que não comporta mais isso. Você vê a discussão aqui e em São Paulo, que inclusive está ganhando novamente, para espanto meu, uma espécie de regressão formalista, que está começando a pintar na área de artes plásticas, que eu acho gravíssima. Na regressão formalista, você vai discutir o quê? Suporte. Numa era que já explodiram todos os suportes... o pessoal do cinema está defendendo o cinema contra a videoarte. Não faz sentido, num momento que está todo mundo tentando ver justamente as conexões transversais, você está defendendo o seu território, que é território disciplinar, que já morreu no moderno.

Quando se repensa o direito autoral, quando você repensa essas questões todas, como conseguir ao mesmo tempo incentivar e preservar as tecnologias existentes que hoje são importantes?

É preciso ter a noção de preservação, que é diferente de conservação. Até para o meio ambiente, é a mesma coisa, assim como para a cultura. No meio ambiente, por exemplo, preservação não é preservar, só. Preservação é você

ver o que há de valor ali. E não se trata de congelar aquilo, mas de permitir que, em função do valor específico e imanente que aquilo tem, possa continuar se desdobrando. Para aquilo poder se desenvolver ou se desdobrar (inclusive em direções que a gente nem sabe quais são), é claro que contaminados pelo que está acontecendo no mundo. Porque eles não estão isolados do mundo, então vai ter uma hibridação, vai ter mesmo contaminação. Mas não é isso que é grave. Uma cultura tradicional não pode ficar congelada no que ela é. Mas nem eles estão pedindo para ficar congelados. O que eles não querem é que você chegue com a sua cultura e coloque uma pedra em cima de tudo que estão fazendo. Mas não existe só essa alternativa: ou você deixa essas culturas intocadas ou você perverte essas culturas. E aí sim, se você está falando de uma política de Estado, você está falando da necessidade de abrir canais para que o potencial que essas culturas têm (que elas desenvolveram por elas próprias), e que o Estado pode ajudar, que outros setores possam ajudar para que continuem produzindo diferenças. Porque quanto mais diferenças produzir, melhor (e melhor do ponto de vista da cultura como um todo, e não só daquele grupo). É absurdo a gente pensar, por exemplo, que você de certa forma preserva um grupo, e que o benefício dessa preservação é do grupo. É claro que ele é do grupo, a preservação de uma cultura tradicional é importante para todos. Até porque ninguém sabe do que vai poder precisar no futuro para a construção do futuro. Nós vamos estar com uma diversidade cada vez maior, porque o mundo está ficando cada vez mais complexo.

Oswald de Andrade falava do homem natural como tese, o homem ocidental como antítese e o homem natural tecnizado, como síntese...

Eu não endossaria essa perspectiva justamente porque eu acho que não tem natural de um lado e cultural-artificial do outro. Para mim, de todos os lados têm natural e cultural. Até a Amazônia não é puramente natural, e cada vez mais os arqueólogos estão dizendo que é coisa de índio, é terra produzida. É uma concepção de jardim, na verdade. Você sobe o rio Solimões, vê no barranco do rio que ali é uma passagem; tem um estrato. Abaixo do nível da superfície do barranco, você vê um pedaço do que eles chamam de terra preta de índio, muitas vezes, porque é cheio de caco de cerâmica. Aquilo foi produzido por gerações anteriores de populações indígenas, que estavam ali e que deram um *up* naquela terra, porque eles sabiam que aquela terra era pobre do ponto de vista só natural. Aquela floresta ali foi produzida. E se você for

perguntar para o yanomami o que é terra para ele, a concepção dele de terra vai ser floresta. E nisso cabe: a sociedade dos homens, a sociedade dos animais todos, a sociedade dos espíritos e cabe tudo aquilo que a gente chama de mundo físico e que para eles não é só físico. Portanto, aquilo é cultural também, não é natural. Não há um homem natural, um indígena que seria o homem natural, em contraposição a nós, que seríamos um homem cultural. E depois se tentaria fazer uma síntese, somando o natural com o cultural, mas que eles façam em termos opostos. Não. Tem natural cultural lá, tem natural cultural aqui e onde existe o humano existe natural-cultural. Inclusive no digital.

aconteceu
campos
ainda
concreta
campo
aqui
brasileiro
Bis
ali
acho
Brasília
arroba
certeza
agora
conseguimos
ágora
assim
atual
base
caminho
chama
capacidade
cara
Brasil
classe
coisa
Freyre
classes
computador
disse
desejo
dessas
cultura
democracia
candomblé
diferenças
disso
futuro
cria
certo
duas
educação
Então
favela
cultural
difícil
criação
coisas
digital
dizia
inclusão
futuro
Dumont
fazer
formas
informações
hoje
estranho
fato
Marx
globalização
econômica
horizonte
grande
gente
medo
invenção
época
lá
latim
nisso
humanidade
mágicas
livro
internet
nostalgia
mim
lugar
nesse
Obama
nova
futebol
momento
nação
plano
lidar
onde
linguagem
Paraisópolis
informática
mudança
milhões
novas
original
poetas
mundo
palavra
nuvens
penso
nunca
país
originais
pensamento
pessoas
pode
Orkut
pensar
social
opressão
sei
Santos
Porque
partir
poesia
porque
população
precisa
tudo
possível
povo
todo
questão
realizando
promover
planeta
produz
todos
qualquer
Quais
resolver
tempo
sabia
possibilidade
transparência
várzea
saber
produzindo
reproduzem
transformações
vejo
sobre
quanto
recursos
Rússia
vai
ter
tem
vê

Antonio Risério

antropólogo e poeta

Como você vê o impacto da cultura digital no Brasil?

Eu vou assumir uma posição arcaica nesse debate, mas que acho necessária. Tem uma questão séria sobre isso que é o fato de que nós temos hoje uma possibilidade de ter internet em todos os lugares, mas que isso não pode escamotear outros conflitos. É preciso explicitar as diferenças de classe no Brasil. Nada vai acontecer de inclusão digital no Brasil se não tiver de fato inclusão social. Eu tenho que deixar um pouco as minhas fantasias de lado e me perguntar o seguinte: onde é que está quem trava esse caminho? O que trava esse caminho é a brutal diferença de classes que a gente tem no país. Enquanto essa diferença não estiver superada, só teremos um pensamento de ponta aqui porque o Brasil é um país estranho. O Brasil tanto produz os melhores pilotos de Fórmula 1 quanto tem um trânsito atravancado. Tanto produz um Ronaldinho quanto às vezes não tem nem lugares onde a garotada jogue bola. A gente não tem mais os campos de várzea. E pensar em campos de várzea não é pensar na coisa atrasada não. A gente precisa dos campos de várzea para ter os brilhos internacionais do futebol, assim como a gente precisa desses campos de várzea também na informática. Sem isso, inclusão digital é uma mentira. O Brasil tem um drama. Nós somos um país periférico e, ao mesmo tempo, nós somos um pólo produtor de informações originais

para o mundo. Produzimos isso no futebol, na bossa nova, na poesia concreta, em Brasília. Você vê, todos os arquitetos do mundo têm que acabar discutindo Brasília. O que há de fato em Brasília, ou na poesia concreta ou na bossa nova? É informação original. Nós conseguimos produzir informações originais para o planeta, agora, não conseguimos resolver as nossas questões mais básicas. O Brasil é um país de Brasília e de Paraisópolis – aquela favela encravada no Morumbi, lá em São Paulo. E onde é que está se produzindo a coisa mais original? Não é no Morumbi, é em Paraisópolis. Então eu tenho que dar para Paraisópolis condições de transcendência da subcidadania.

E a cultura digital não ajuda nisso, não é um instrumento para isso?

É sim, mas desde que seja trabalhada a partir disso, sem medo do conflito, sem medo da discussão de classes. Um país que consegue juntar as diferenças, judeus com muçulmanos, entre japoneses e candomblé, esse país não vai conseguir resolver os seus conflitos básicos, que são de classe? Não é de cor, não é de pele. É de educação! E na educação é que vai entrar a coisa digital. Não adianta apenas ensinar como passa um email ou entra no *Orkut*, é preciso ter na favela a possibilidade de produzir esse pensamento original brasileiro. Como é que a gente cria isso? Como é que a ente inventa programas? Como é que a gente cria informações originais para o mundo? Esse é o processo educacional. Porque, em primeiro lugar, eu tenho que saber como é ler, escrever e contar. Nisso o Darcy Ribeiro estava certo.

A linguagem digital traz essa questão de forma muito séria.

Isso eu acho um erro, inclusive, dos intelectuais brasileiros. Quando eu fui fazer o Museu da Língua Portuguesa, Marilena Chauí, que é uma pessoa que eu admiro muito, tinha um erro fundamental. Ela dizia: "O computador está fazendo as pessoas não saberem a escrever." É ao contrário. Quando minha sobrinha tem que mandar um e-mail para mim, ela capricha no que ela está escrevendo. Agora, a gente não pode entrar nessa gaiatisse de "de qualquer modo que as pessoas escrevam está certo." Não está. Isso não é democracia, isso é aceitar a opressão cultural. Marx ensina isso muito bem essa questão. Por que Marx era um leitor de Shakespeare e de Dostoievsky? Por que ele era ligado na cultura superior? Porque ele sabia que a cultura feita naquele momento, pelo proletariado, era cultura que expressava só opressão cultural e ignorância. É ao contrário. Eu tenho que ter todo mundo lendo Camões, eu

tenho que ter todo mundo lendo Sá de Miranda, eu tenho que ter todo mundo conhecendo Fernando Pessoa. Qual é a linguagem da internet? Delete. Isso é latim, é deletar. O que a gente chama de arroba é um escândalo! Aquilo é uma abreviação dos monges medievais, que chama *ad domus*, o endereço. Por que arroba? Por que peso de boi? A linguagem da internet, quando ela é traduzida no computador para a gente, ela é basicamente latim. Eu não sei lidar com computador porque eu falo inglês, não. Eu sei lidar com o computador porque eu sei latim. As pessoas têm que saber isso: tem que saber que o latim é a base da linguagem da informática. Na hora que você tem que ter uma linguagem que fale de fato do conhecimento, eles recorrem ao grego ou ao latim.

Dez anos atrás, você lançou um livro pioneiro no Brasil sobre poesia no contexto digital. Como você vê o desdobramento dessas pesquisas nesse período?

Nesse livro, *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*, eu queria falar da criação textual *high-tech*, da escrita multimídia, a partir de alguns pontos básicos. Do reconhecimento de que o ambiente tecnológico afeta profundamente o fazer estético. Ao provocar transformações na dimensão simbólica da existência, a criação tecnológica vai provocar transformações, também, no campo das formas artísticas. Principalmente, quando a transformação diz respeito às próprias tecnologias da mente ou do espírito, como a escrita, a impressão, a computação. A criação verbal vive em universos distintos, se ocorre no horizonte da oralidade primária, no mundo da quirografia, no da tipografia ou no dos signos eletrônicos. O João Cabral e o *cummings*, por exemplo, são poetas tipicamente tipográficos, poetas da palavra que se produz no mundo urbano-industrial. Augusto de Campos veio da palavra industrial à holografia e à palavra informática. O Arnaldo Antunes se situa no mundo digital. Analisei, então, em termos estéticos e antropológicos, estas realidades e suas formas textuais específicas. Mas aproveitei, também, para discutir temas próximos ou envolventes, como a "cultura universal", as relações entre poesia e publicidade, as diferenças entre poetas concretos e *beatniks*, a tentativa de embaralhar fronteiras entre o erudito e o não-erudito, entre verbal e visual, etc. Mas, no plano crítico-teórico, ensaístico, não tenho acompanhado o que se vem produzindo sobre o assunto. É muito difícil, para mim, acompanhar sistematicamente um determinado tema. Não sou especialista em nada e me interesso por um número excessivo de assuntos. Para lembrar

uma expressão do Haroldo de Campos, sou "um desespecialista em fragmentos". No plano da criação, vejo coisas bem interessantes, aqui e ali. De qualquer forma, as coisas mudaram muito de lá para cá. Quando escrevi meu livro, o João Bandeira disse que, em vez de engrossar o caldo da regra, eu tinha ficado do lado da exceção. Hoje, a própria Petrobrás resolveu criar, em seu programa de financiamento à cultura, uma linha destinada exclusivamente à cultura digital. É a consagração pelo *establishment*. E hoje há muita gente trabalhando nesse campo, pessoas que já vão nascendo nisso. E essa quantidade pode gerar coisas novas. Outro dia, numa entrevista, o Vinton Cerf, que carrega consigo o título de "pai da internet", comentou que, com quase um bilhão e trezentos milhões de usuários – o equivalente a cerca de 20% da população mundial –, a internet passa por novas experiências diariamente. Vamos ver o que virá disso tudo.

Como você vê a questão da democracia digital?

É um termo perfeito, pelo seguinte: o fundamento clássico do pensamento democrático é a ágora grega. A ágora é uma praça, onde tinha o mercado. O que é a ágora possível agora? É aquela onde todo mundo circula. Rousseau dizia que era impossível ter uma democracia além de uma aldeia onde as pessoas se reconhecessem cara a cara. Mas você tem a ágora na internet – e elas se reconhecem por quê? Porque tem o *Orkut*. E você vê cara a cara com quem está conversando. O *Orkut* é a ágora atual. O *Orkut*... eu até brinco com isso, a gente passou do ocultismo para o orkutismo. Porque agora tudo é explícito. E quem bota seu nome no Orkut é devassado por milhões de pessoas. Agora, como é que a gente usa esses instrumentos politicamente? Onde é que a internet entra nisso? Porque ela pode fazer a vigilância.

A transparência.

A gente pode falar em transparência, mas com um cuidado antropológico. A chave do poder é o segredo. Eu tenho que transformar ele na coisa mais visível o possível, mas sabendo que as grandes cisões se dão dentro do segredo. Isso é assim no candomblé, isso é assim no Vaticano, isso é assim na Casa Branca. Barack Obama pode ter o discurso mais transparente possível para o mundo, mas há um momento da decisão ali. Esse momento da decisão, que é interno, Barack Obama só vai conversar com duas ou três pessoas. O que eu tenho é que aproveitar essa ferramenta para tentar reinventar o mundo.

Repactuar o mundo...

Quais são as lógicas do mercado, que faliram todas? Quais são as novas lógicas que eu tenho que propor? Isso é uma discussão na internet. Mas isso é complicado, tem que se pensar uma pergunta anterior a isso. Qual seria o lugar do 14 Bis, de Santos Dumont, em relação aos discursos sobre caráter e ideologia nacionais naquela época? O lugar era nenhum! Santos Dumont sabia que era um corpo estranho no horizonte mental brasileiro. Naquela época, Euclides da Cunha dizia que o sério da nacionalidade estava no sertão, nunca nas nuvens, realizando um desejo nivelar da humanidade, nunca nas nuvens, realizando uma mudança radical, sociológica, política e econômica no planeta. Nós temos medo da invenção? Não. Santos Dumont foi lá e fez. Em 1906, no dia 28 de outubro, o 14 Bis decolou. Um prodígio de estética, funcionalidade, *design*. A invenção não trai o povo, a invenção é um acréscimo, aviva um traço ideológico às vezes que não existia. Eu acho assim: Santos Dumont, a meio caminho entre os balões esféricos do padre Bartolomeu de Gusmão (em Cachoeira do Paraguaçu, no século XVIII) e entre os jatos vendidos pela Embraer no mundo inteiro, ali realizou um desejo da humanidade, e ali o Brasil se afirma pela invenção. O 14 Bis e a poesia concreta são marcos inaugurais de uma nação se afirmando. Brasília faz parte da nossa identidade tanto quanto Ouro Preto. E você tem o que, hoje, a internet? Eu quero um Brasil produzindo informações de ponta na internet. Mas, ao mesmo tempo, temos que resolver a questão central brasileira, que é a divisão de classes brutal que a gente tem nesse país. O Jessé de Souza está certíssimo. A capacidade de concentração de um aluno na sala de aula é um privilégio de classe. Porque para você ter a capacidade de concentração na sala de aula... você tem um pai que lê jornal? Você tem uma mãe que desenha? Aquelas pessoas estão ali dizendo exemplarmente para você, não é linguisticamente, é pelo comportamento como é que ela se concentra. E aqueles meninos da favela não se concentram por quê? Então a capacidade de se concentrar educacionalmente é um privilégio de classe. É assim que as classes se reproduzem, porque as classes não se reproduzem por uma questão material, as classes se reproduzem no plano simbólico.

Mesmo com toda essa angústia, você já escreveu que "o Brasil é, para mim, signo de um renascimento, perspectiva de um projeto civilizatório".

O Brasil tem sido, até aqui, uma promessa ao mesmo tempo fascinante e cruel. É claro que já deixamos de ser aquele "país do futuro" do Stefan Zweig. Somos o país em seu presente, realizado e se realizando. Mas há uma insistência brasileira no futuro. O país já aconteceu, mas tem certeza de que vai acontecer muito mais. O país já é, mas tem certeza de que vai ser ainda mais. É uma coisa que, ao mesmo tempo, intriga e apaixona. Veja que diversos estudiosos afirmam que todos os povos e culturas carregam o sentimento de ter experimentado uma idade de ouro, real ou mítica, em seu passado. Idades que falam de um poderio que se arruinou, de um antigo esplendor cultural, de uma época moralmente superior, de alguma placidez ancestral para sempre perdida. Ao Brasil, a tese não se aplica. O Brasil parece sempre mais profundamente voltado para uma realização futura do que para um cultivo nostálgico do que perdeu. É verdade que Joaquim Nabuco explicitou uma nostalgia, ao tratar o reinado de Pedro II como a Grande Era Brasileira. Muito já se falou, também, da nostalgia de Gilberto Freyre, idealizando o mundo patriarcal de nossa Idade do Açúcar. E sabemos do fascínio de Oswald de Andrade pela sociedade tupinambá. Mas Nabuco foi, sobretudo, o grande líder abolicionista, planejando futuros. O pensamento essencial de Freyre visa em cheio ao futuro. E Oswald projetava a fantasia mitopoética do "matriarcado de Pindorama" num horizonte radicalmente moderno. Por não ter desempenhado ainda, na história, o grande papel ou a grande missão que prometeu a si mesmo, o Brasil não é um país marcado por nenhuma funda nostalgia. Crê que vai se afirmar adiante. Sempre. Alain Touraine observou que o Brasil tem capacidade de agir como sujeito político, de mobilizar forças e recursos – tem gana de agir como nação e pode vir a ter uma posição mais importante, no mundo, do que a da União Europeia. Também vejo assim. E penso que somos um país e um povo portadores de uma mensagem de alcance planetário. Mas ainda não temos autoridade moral para enunciar planetariamente esta mensagem. Não por conta de uma fragilidade econômica, mas em consequência de nosso atraso social. Além disso, evidentemente, há o rolo compressor de uma globalização Made in USA. Mesmo aqui, no entanto, há margem de manobra, terreno para negociar, espaço para novas respostas e inovações. Concordo com os que consideram que a resistência ao modelo vigente de globalização e sua futura reforma podem encontrar um campo mais fértil e uma possibilidade mais efetiva de realização entre os países continentais em desenvolvimento, que a mídia internacional agrupa sob a sigla Bric –

Brasil, Rússia, Índia e China. São países que, como disse o já citado Roberto Mangabeira, combinam em si os recursos práticos e espirituais com que se imaginar como mundos diferentes. Todos têm seus dramas e descompassos, ninguém ignora. A Rússia não superou seus maiores problemas. A China se ressente de coisas como a herança terrível da "revolução cultural" maoísta, o massacre de jovens na Praça da Paz Celestial, a situação atual de seu campesinato, o regime de partido único, um sistema de trabalho praticamente escravista em suas fábricas, como se vê na Heilam, em Jiangying, perto de Xangai, para dar somente um exemplo. E conta, em seu vastíssimo território, com mais de cinquenta grupos étnicos. São minorias étnicas que plantam arroz nas montanhas. E os chineses, quando podem, fazem lamentáveis cirurgias plásticas, para remover de seus olhos a prega asiática. A miséria da Índia é alarmante – e é fato que uma parte poderosa daquele país, que podemos simbolizar em Bangalore, anseia por fazê-lo uma subsidiária dos EUA. Mas todos eles têm articulado mudanças, encarado aqui e ali o modelo atual da globalização. Nós estamos no campo dessas dissidências viáveis – e não no campo de Cuba, do fundamentalismo islâmico ou de Israel, quase transformado numa base militar estadunidense no Oriente Médio, como disse Chomsky. Mas não há truque para nos disfarçar perante o mundo, nem capaz de enganar a nós mesmos. Somos uma das maiores economias do mundo, mas temos um povo roto e esfarrapado. Soubemos construir espaços generosos de convívio e entrelaçamento raciais, mas os negromestiços permanecem, em sua maioria, no porão da sociedade. Enfim, somos o país dos encontros mais abertos e dos clubes mais fechados. A maioria de nossa população se vê barrada no baile. Então, penso as duas coisas. Acho que o Brasil pode se apresentar como novidade planetária, pré-configurando um novo projeto civilizacional, mas precisa se resolver como povo e nação.

E como fazer isso?

O Brasil tem que aprender a incorporar e a introjetar o que é difícil para ele. Essa é que é a mudança. Não é solução mágica, é introjetar a questão difícil. Isso eu acho que é a coisa básica que a gente tem a fazer: eu tenho que saber lidar com a dificuldade. No Brasil, tudo é mágico: soluções mágicas, saídas mágicas, o povo é mágico, o povo resolve. Não. Eu tenho que saber lidar com o difícil. É assim que a gente tem que transformar esse país: sabendo lidar com o difícil.

acessibilidade
antes
atualidade
algumaassim
abafam
amplo
agora
aí
aproxima
Agora
ainda
capacidade
ciência
campos
contemporâneo
aqui
Brother
Alemanha
arte
chama
conceito
Big
causa
área
começa
definitiva
atual
Brasil
campo
crise
coisa
conhecimento
especialista
cultura
consome
existe
fase
contracultura
disse
coisas
digital
diga
exercício
direitos
educação
desejo
cultural
disso
configuração
Então
determinada
então
existir
impacto
hoje
estabelecer
identidade
diversidade
fazer
faz
gente
dizia
dentro
necessidade
humanidade
parece
grande
inteligências
facilidades
forma
humana
inundação
lado
fica
humano
indiferenciação
ideia
nada
modo
idéias
nova
medida
manter
mundo
nesta
pessoas
muita
pode
outro
poderes
Política
permanente
própria
porque
pensando
Porque
pensa
pode
propor
novo
questão
rever
país
produto
relação
sendo
possibilidade
tecnologia
tomam
Quais
produz
qualquer
técnica
toda
sempre
proveito
política
ser
sistema
seres
riqueza
usopia
traduzir
vai
sociedade
valores
utopia
trágico
usos
Tudo
virou
todos
virtualidade
simbólicas
universal
valor
tudo
vê
virtual
todas
trabalhar
vive
vez
viver
vida

Gilberto Gil

músico e compositor, ex-Ministro da Cultura

Como o senhor vê o impacto do digital na cultura?

Todo campo cultural, as dimensões simbólicas, as construções das subjetividades que são base da vida cultural, as linguagens expressividades individuais e coletivas, todas essas coisas são afetadas pela vida digital, por causa do aumento considerável da acessibilidade, as trocas simbólicas que o mundo digital oferece. É um novo mundo, por causa especialmente da acessibilidade e da velocidade, da generalização de usos e penetração desses usos em esferas antes assumidas por poucos grupos. Especialistas que dominavam determinada área deixaram de monopolizar aquele domínio. Surge a questão da multicapacitação, das multiutilizações, de tudo que o mundo digital proporciona, que é um mundo que socializou também todas as ferramentas, que agilizou as inteligências funcionais, que é como as inteligências entram em função no diálogo com a instrumentalidade. Tudo isso está extraordinariamente impactado, afetado pela digitalidade. É como se a gente tivesse passado para uma nova cultura. Tudo ficou muito rápido e muito amplo.

Como você vê isso no campo específico das artes?

O que ainda impede uma inundação definitiva do mundo da música, da cultura, das atividades culturais na sociedade, por essa indiferenciação de agentes, de quem consome produz e quem produz consome, ainda é a questão da remuneração, do produto, da permanência da necessidade de configuração do bem cultural, do serviço cultural, ainda em termos de bens e serviços. Tem sido assim por toda a vida capitalista, toda a vida produtiva da nossa sociedade, e pode ser que agora isso se transforme do ponto de vista autoral. Essa inundação tecnológica é inevitável, e o que acontecerá com isso ainda dependerá de como o sistema vai reagir. O sistema ainda vive da possibilidade de remunerar e ser remunerado, os empreendimentos são todos baseados nesta dupla função, e o sistema vai lutar muito fortemente para manter a possibilidade da dimensão negocial da vida. Enquanto isto existir, vai haver sempre uma tentativa de refreamento dessa inundação. Mas o mundo digital aproxima muito virtualidade e atualidade, fica tudo muito confundido, e é difícil de conter essa inundação.

E a política no digital?

A política vai a reboque dos desejo social, do desejo sistêmicos, de manter os negócios, manter a capacidade de negociar, manter direitos, manter remuneração, manter lucros. A medida em que a sociedade deseja que essa coisa seja mantida em vários níveis ou que seja desmantelada, a política vai respondendo aos estímulos. Política é um instrumento do exercício dos direitos legítimos ou de alguma forma reivindicados por alguém ou por um grupo. Ela não tem vida própria. Política é para uma finalidade humana qualquer que é pré-estabelecida antes da política. Ela só existe para negociar posições, ideias, diferenças, poderes. Enfim, política é só pra isto. A política é o que nós queremos fazer das coisas. Quais são os atores dentro dessa coisa toda, quem defende o que, a política vai sempre estar a serviço de alguma causa, defendida sempre por alguém. Vai aumentar consideravelmente o número das pessoas que querem gratuidade, a política vai ter que levar isto em consideração. Agora, se ocorrer o contrário, a política também fica mais convencional.

E o impacto disso nas diversas relações, com produtores, com intermediários?

Os intermediários de todos os tipos passam a ser questionados, a ser desafiados nas suas maneiras de fazer. É aquilo que eu falei no começo, quem

é de uma determinada área, é especialista em um determinado campo de atividade humana, passa a ter condições de conhecer e trabalhar em outro campo, então começa a questionar um especialista daquele campo e também passará a ser questionado na sua especialidade, naquele campo em que ele é. E fica ampla a possibilidade de que muita gente possa fazer muita coisa. É uma tendência que a juventude do mundo todo está percebendo, no sentido de não se conformar mais com as restrições das especialidades, se formar em alguma coisa, de trabalhar num determinado setor. Os meninos hoje, sejam pobres, de classe média ou ricos, todos eles já estão pensando no "multi emprego".

O QUE ESTÁ SENDO QUESTIONADO É O INTERMEDIÁRIO QUE NÃO AGREGA VALOR, AQUELE QUE CRIAVA DIFICULDADES PARA VENDER FACILIDADES...

Porque a própria formação do valor começa a mudar. Agora isso é quebrado, não tem a possibilidade, já está na mão de quem precisa ser abastecido, as facilidades se encontram à disposição amplamente, e isso é uma das coisas que dimensão digital possibilitou, é o que a gente chama de acesso genérico.

E SE FORTALECE ESSA POSSIBILIDADE, QUE VOCÊ SEMPRE TRABALHOU NA SUA OBRA, DE REAPROXIMAÇÃO DA ARTE E DA CIÊNCIA.

O mundo digital parece aproximar definitivamente essas áreas. Aquilo que eu disse do virtual e do atual, a possibilidade atualizante desse mundo é impressionante, vai para além do romantismo ou da contracultura, possibilitando que indivíduos e coletivos possam fazer esse exercício da criatividade. E isso é fascinante, sempre me moveu e à minha obra. O fato de que esta é uma das características do existir humano, ele existe para tocar as coisas, para deixar que novidades surjam e surpreendam e lhe apavorem e lhe confundam. A vida é assim e a vida é para isso... essa é a substância do mistério que interessa, é o fato de se viver em suspensão permanente, não há preenchimento definitivo do significado de viver, tem sempre alguma coisa para ser alcançada. Então o que parece propor um novo alcance, e desafiar uma medida já estabelecida, tudo que aponta para isso me interessa. O modo de desdobramento permanente da vida. É assim que as coisas se desdobram, então toda a vez que aparece uma dobra nova é interessante, porque aquilo prenuncia um novo desdobramento, uma nova técnica, uma nova forma de exer-

cício do poder. Às vezes as pessoas me perguntam: "Mas você faz estas coisas pensando em você? Seu negócio? Seu trabalho?" Eu não penso nada disso, penso em mim. Penso na vida... e às vezes não é nem na vida humana... como é o dar e receber mutuamente entre os seres vivos todos. Eu trabalho para o conhecimento, eu faço as coisas para o conhecimento maior de tudo, não é para o proveito, o proveito é um subproduto. É claro que existe um proveito de tudo que se faz, porque nós vivemos nesta relação de troca com o natural, nós nos nutrimos dele, é a questão da vida enquanto duração periódica de um determinada configuração.

Nesse sentido, a ciência, a arte e a religião precisam ser repensados?

Você tem hoje uma acessibilidade ampla a todos estes campos de conhecimentos, que leva a que os confinamentos em cada um desses campos passem a ser impossíveis. Essas fronteiras estão sendo borradas e aí é como você diz, quem está dentro do campo da religião tem que rever os seus valores, quem está dentro do campo da ciência tem que rever os seus valores, quem está dentro do campo da arte tem que rever seus valores, porque ninguém está mais dentro de nada. Não há mais o lado de dentro, ou não há o lado de fora, ou você tem que juntar os dois. Há quem diga "não existe nada do lado de fora, tudo está contido" e há quem diga "não há nada do lado de dentro, está tudo aberto"...

Parece que a tecnologia vem dizer mais da nossa condição originária para nós mesmos...

Porque ela é o que? A *techné*. A tecnologia é a concepção que o homem foi fazendo da sua própria extensão, ele foi admitindo deixar-se entender pela técnica, então ele passa a se ver melhor. Ele vê o seu próprio código genético, ouve a sua própria voz, vê o seu interior, as bactérias que lhe consome, os estafilococos que lhe intoxicam. Ele vê, ele vê, ele vê. Tudo conspira em prol do conhecimento.

E a contracultura?

A contracultura, o movimento hippie teve uma capacidade importante de prenunciar essa desindividualização interessada, as individualidades e interesses acoplados. Os *hippies* pregavam isso, comunidade, indiferenciação do elemento humano, o de fora e o dentro, todas essas coisas. Os *hippies* incor-

poraram isso em atitudes, em atos, em maneiras de ver, a vida, de propor, foram prenunciadores de tudo o que estamos vivendo. Esse valor admitido, a beleza da diversidade, do conceito, finalmente a possibilidade de conceituar a diversidade que se deu recentemente é fruto deles. Hoje não é mais o pequeno recanto que reivindica sua sucessão ao universal, é o universal que chama o local para que ele venha... é diferente, é uma regência do universal, universal não é mais partes disso ou daquilo, não são coisas que se tornam universais pela admissão de um valor, tudo tem valor amplo.

É UMA APODERAÇÃO DO UNIVERSAL?

É um modo de traduzir um pouco aquilo que o Milton Campos chamava de fase popular da história. Ele dizia que a história havia entrado em um momento em que a grande riqueza é a humanidade. A grande coisa que ainda pode guardar valor é o humano, o ser humano. Isso seria uma fase popular. Outra forma de traduzir isto é o conceito de multidão, que também vem nesta mesma direção, o conceito de comum. Então você está com uma série de conceitos que pareciam distantes, remotos, elitistas ou herméticos e de repente estão ali, ficam visíveis a luz do dia e se tornam atualidade. Isso é muito desafiador, e aí é que entra a grande capacidade de operar, de lidar com isso que é o conjunto da humanidade.

A POLÍTICA REAL.

Todo mundo está entendendo, o único pote onde a gente tem que derramar é o pote do conhecimento, do grande conhecimento geral. Cultura é isso. São coisas muito interessantes, que dão uma ideia de uma nova forma de sociedade humana se configurando, para lá de utopia. Porque não é mais utopia, isso é "usopia"...

A USOPIA DIGITAL PROVOCA UMA ACELERAÇÃO TÃO GRANDE QUE AS UTOPIAS ESTÃO SENDO ATROPELADAS....

Passam a ser usos. As ideias estão muito próximas, a tecnologia aproxima o virtual do atual, aquilo que era virtual já está sendo. Então a gente tem que correr atrás para alcançar a virtualidade, ela ganha sua atualização mais rápido do que nós, do que o nosso próprio desejo de querer... Por isso mesmo a produção entendeu que o seu grande produto é o conhecimento. Não é mais a riqueza material, é a riqueza imaterial...

Agora, essa transparência pode causar uma sociedade do conhecimento, mas também há o risco de uma sociedade do controle.

Isso aí é a política. Aí foi o que eu disse antes, é a própria sociedade humana que vai estabelecer, vai dizer o que é que ela quer que a política estabeleça como constituição. Quais são os direitos, o que é que é direito e o que é que é dever, e estabelecer parâmetros para o exercício dos poderes.

O Jorge Mautner disse que a própria sociedade irá demandar um *Big Brother*...

Não tenho muita certeza disso não, porque essa necessidade que o *Big Brother* iria suprir nos seres humanos, as necessidades de segurança de um pai, de um guia, isso também está se diluindo. Todas as instituições disciplinares, que foram criadas para encarnar o ideal disciplinar, a escola por exemplo, estão em crise. As pessoas falam em crise na educação brasileira, a educação está em crise muito pior na Alemanha, nos EUA ou qualquer outro lugar do que no Brasil. Eu sempre repito isso, uma vez eu estive, quando era vereador em Salvador, com o ministro da Educação da Alemanha e ele disse assim: "Vocês aqui no Brasil ainda são felizes, vocês ainda precisam abrir escolas, nós na Alemanha já estamos fechando" (risos).

Como você vê essa relação particular do Brasil com a cultura digital? Essa capacidade adaptativa que nós temos para esse mundo?

Você tem uma marca, semântica, conceitual que pode servir de referencia para a compreensão disso que é a antropofagia, essa capacidade de fusão e absorção que virou uma marca desde Oswald de Andrade, passando pela Tropicália. E hoje tem um brasilificação do mundo, do modo de querer ser trágico da maneira que o Brasil é, ser alegre e triste ao mesmo tempo. Tristes trópicos e alegria carnavália. Essa capacidade talvez antecipada aqui no Brasil de viver o trágico pós-moderno contemporâneo. O Brasil é isso, um modo de ser que é adequado ao homem contemporâneo que vive universalmente. E isso era ridicularizado por todos que advogavam ainda uma modernidade para o Brasil, uma configuração mais definitiva do Brasil como um país moderno, com uma identidade nacional muito clara. Mas hoje não dá mais para negar que o Brasil nasceu para ser uma universalidade, não nasceu para ser uma nacionalidade. Essa era a critica básica que certos setores que queriam que o Brasil fosse uma potência tal qual as potencias sempre foram. A ideia de potência ligada a uma identidade, a uma materialidade

instrumentalizável. E o Brasil é uma virtualidade. Como hoje a virtualidade está no plano da própria atualidade, o Brasil virou uma atualidade. Não como país, mas como mundo. É uma coisa simples... teve a China, teve a Grécia, agora tem o Brasil...

Equipe livro Cultura Digital.br

Organização
Rodrigo Savazoni
Sergio Cohn

Samplers (trechos escolhidos)
Sérgio Amadeu da Silveira
Sergio Cohn

Coordenação das Entrevistas
Rodrigo Savazoni
Sergio Cohn

Participantes das Entrevistas
Alvaro Malaguti, Claudio Prado, Heyk Pimenta, José Murilo Jr., Marco Nalesso, Marcus Vinicius R. Mannarino, Tiago Rangel, Rodrigo Savazoni e Sergio Cohn

Transcrição das entrevistas
Vendor e Transcreve

Edição final das entrevistas, projeto gráfico e capa
Sergio Cohn

As Nuvens de Palavras foram produzidas com o Wordle (http://www.wordle.net)

Equipe Azougue
Giselle Andrade, Heyk Pimenta, Ingrid Vieira, Karina Lopes e Natalia Doyle

Equipe Rede Social

Coordenação
José Murilo Jr. (Ministério da Cultura)
Rodrigo Savazoni (FLi Multimídia)

Equipe de Desenvolvimento Web (Xemelê)
Guilherme Aguiar – Coordenador de Interface e Integração de Serviços
Marcelo Mesquita – Coordenador de Suporte e Aplicações
Fabiano Rangel Cidade – Designer de Interface

Gerência de Cultura Digital
Alcione Carolina

Equipe de gestão de rede (FLi Multimídia)
Caru Schwingel – Gestora de Redes
Bianca Santana – Redatora
Marco Nalesso – Estagiário
Tiago Rangel – Estagiário

Curadores da rede
Cicero Inacio da Silva – Curador de Arte e Tecnologia Digital
André Deak – Curador de Comunicação Digital
Oona Castro – Curador de Economia da Cultura Digital
Diogo Moyses – Curador de Infra-estrutura para a Cultura Digital
Carlos Seabra – Curador de Memória Digital

A CULTURA DIGITAL ESTÁ TRANSFORMANDO EM PROFUNDIDADE TODOS OS FAZERES E SABERES DA HUMANIDADE, E O BRASIL DESEMPENHA PAPEL CENTRAL NESSE PROCESSO. COMO JÁ DISSE RICHARD BARBROOK, UM DOS MAIORES ESPECIALISTAS NA ÁREA, O BRASIL COLOCOU "PELA PRIMEIRA VEZ O HEMISFÉRIO SUL EM POSIÇÃO CENTRAL NO DEBATE SOBRE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS". CULTURA DIGITAL.BR, AO DAR VOZ PARA IMPORTANTES BRASILEIROS EM ATUAÇÃO NA ÁREA, SOBRE TEMAS COMO POLÍTICA, ECONOMIA, ESTRUTURA, ARTE, COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA NO CONTEXTO DIGITAL, SE TORNA UM LIVRO IMPRESCINDÍVEL PARA TODOS AQUELES QUE DESEJAM PENSAR ATIVAMENTE AS QUESTÕES E POTENCIALIDADES DO NOSSO TEMPO.

978-85-7920-008-3
9 788579 200083

CULTURA DIGITAL
FÓRUM DA CULTURA DIGITAL BRASILEIRA

RNP
REDE NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA

Ministério da Ciência e Tecnologia

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Ministério da Cultura